

TECENDO HISTÓRIAS DE VIDA

VOLUME 1

DIVERSIDADE CULTURAL E INCLUSÃO SOCIAL



ORGANIZADORAS
ROSEMARI LORENZ MARTINS
JULIANA BOHN BERNARDES
SUZANA SCHUQUEL DE MOURA
GABRIELA GOMES MAKEWITZ



DIVERSIDADE E INCLUSÃO SOCIAL

Tecendo histórias de vida

Volume 1





AVALIAÇÃO, PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram avaliados por pares e indicados para publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Alice Gabriela Benevides CRB-1/318548

| | |
|--------------|--|
| E26 1.ed. | Diversidade e inclusão social: tecendo histórias de vida. – Volume 1. [livro eletrônico] / [Orgs.] Rosemari Lorenz Martins. [et al.]. – 1. ed. – Curitiba-PR, Editora Bagai, 2024, 273p. Disponível em www.editorabagai.com.br Outras organizadoras: Juliana Bohn, Suzana Schuquel de Moura, Gabriela Gomes Makewitz. Bibliografia. ISBN: 978-65-5368-516-1 1. Memoriais acadêmicos. 2. Diversidade Cultural. 3. Inclusão Social. I. Martins, Rosemari Lorenz. II. Bohn, Juliana. III. Moura, Suzana Schuquel de. IV. Makewitz, Gabriela Gomes. |
|--------------|--|

05-2024/99

CDD 370

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação: Diversidade Cultural; Inclusão Social. 370



<https://doi.org/10.37008/978-65-5368-516-1.11.12.24>

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização prévia da Editora BAGAI por qualquer processo, meio ou forma, especialmente por sistemas gráficos (impressão), fonográficos, microfilmicos, fotográficos, videográficos, reprográficos, entre outros. A violação dos direitos autorais é passível de punição como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal) com pena de multa e prisão, busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610 de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Este livro foi composto pela Editora Bagai.



www.editorabagai.com.br



[/editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)



[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)



[contato@editorabagai.com.br](mailto: contato@editorabagai.com.br)

Rosemari Lorenz Martins
Juliana Bohn
Suzana Schuquel de Moura
Gabriela Gomes Makewitz
Organizadoras

DIVERSIDADE E INCLUSÃO SOCIAL

Tecendo histórias de vida

Volume 1



| | |
|--|--|
| <i>Editor-Chefe</i> | Prof. Dr. Cleber Bianchessi |
| <i>Revisão</i> | Os autores |
| <i>Capa</i> | As Organizadoras |
| <i>Diagramação & Adequação da Capa</i> | Luciano Popadiuk |
| <i>Conselho Editorial</i> | |
| | Dr. Adilson Tadeu Basquerote – UNIDAVI |
| | Dr. Anderson Luiz Tedesco – UNOESC |
| | Dra. Andréia Cristina Marques de Araújo - CESUPA |
| | Dra. Andréia de Bem Machado – UFC |
| | Dra. Andressa Grazielle Brandt – IFC - UFSC |
| | Dr. Antonio Xavier Tomo - UPM - MOÇAMBIQUE |
| | Dra. Camila Cunico – UFPPB |
| | Dr. Carlos Alberto Ferreira – UTAD - PORTUGAL |
| | Dr. Carlos Luís Pereira – UFES |
| | Dr. Claudio Borges – UNIPIAGET – CABO VERDE |
| | Dr. Cleidone Jacinto de Freitas – UFMS |
| | Dra. Clélia Peretti - PUCPR |
| | Dra. Daniela Mendes V da Silva – SEEDUCRJ |
| | Dr. Deivid Alex dos Santos - UEL |
| | Dra. Denise Rocha – UFU |
| | Dra. Elisa Maria Pinheiro de Souza – UEPA |
| | Dra. Elisângela Rosemeri Martins – UESC |
| | Dra. Elnora Maria Gondim Machado Lima - UFPI |
| | Dr. Ernane Rosa Martins – IFG |
| | Dra. Flavia Gaze Bonfim – UFF |
| | Dr. Francisco Javier Cortazar Rodríguez - Universidad Guadalajara – MÉXICO |
| | Dr. Francisco Odécio Sales - IFCE |
| | Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes – UENP |
| | Dr. Hélder Rodrigues Maianga - ISCED-HUILA - ANGOLA |
| | Dr. Helio Rosa Camilo – UFAC |
| | Dra. Helisamara Mota Guedes – UFVJM |
| | Dr. Humberto Costa – UFPR |
| | Dra. Isabel Maria Esteves da Silva Ferreira – IPPortalegre - PORTUGAL |
| | Dr. João Hilton Sayeg de Siqueira – PUC-SP |
| | Dr. João Paulo Roberti Junior – UFRR |
| | Dr. Joao Roberto de Souza Silva - UPM |
| | Dr. Jorge Carvalho Brandão – UFC |
| | Dr. Jose Manuel Salum Tome, PhD – UCT - Chile |
| | Dr. Juan Elígio López García – UCF-CUBA |
| | Dr. Juan Martín Ceballos Almeraya - CUIM-MÉXICO |
| | Dr. Juliano Milton Kruger - IFAM |
| | Dra. Karina de Araújo Dias – SME/PMF |
| | Dra. Larissa Warnauv – UNINTER |
| | Dr. Lucas Lenin Resende de Assis - UFLA |
| | Dr. Luciano Luz Gonzaga – SEEDUCRJ |
| | Dra. Luísa Maria Serrano de Carvalho - Instituto Politécnico de Portalegre/CIEP-UE - POR |
| | Dr. Lui M B Rocha Menezes - IFTM |
| | Dr. Magno Alexon Bezerra Seabra - UFPB |
| | Dr. Marcel Lohmann – UEL |
| | Dr. Márcio de Oliveira – UFAM |
| | Dr. Marcos A. da Silveira – UFPR |
| | Dra. María Caridad Bestard González – UCF-CUBA |
| | Dra. Maria Lucia Costa de Moura – UNIP |
| | Dra. Marta Alexandra Gonçalves Nogueira - IPLEIRIA - PORTUGAL |
| | Dra. Nadja Regina Sousa Magalhães - FOPPE-UFSC/UFPel |
| | Dr. Nicola Andrián - Associação EnARS, ITÁLIA |
| | Dra. Patrícia de Oliveira - IF-BAIANO |
| | Dr. Paulo Roberto Barbosa – FATEC-SP |
| | Dr. Porfirio Pinto – CIDH - PORTUGAL |
| | Dr. Rogério Makino – UNEMAT |
| | Dr. Reiner Hildebrandt-Stramann - Technische Universität Braunschweig - ALEMANHA |
| | Dr. Reginaldo Peixoto – UEMS |
| | Dr. Ricardo Cauíca Ferreira - UNITEL - ANGOLA |
| | Dr. Ronald Ferreira Maganhotto – UNICENTRO |
| | Dra. Rozane Zaiomz - SME/SEED |
| | Dr. Stelio João Rodrigues - UNIVERSIDAD DE LA HABANA - CUBA |
| | Dra. Sueli da Silva Aquino - FIPAR |
| | Dr. Tiago Tendai Chingore - UNILICUNGO – MOÇAMBIQUE |
| | Dr. Thiago Perez Bernardes de Moraes – UNIANDRADE/UK-ARGENTINA |
| | Dr. Tomas Raúl Gómez Hernández – UCLV e CUM – CUBA |
| | Dra. Vanessa Freitag de Araújo – UEM |
| | Dr. Walmir Fernandes Pereira – FLSHEP - FRANÇA |
| | Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT |
| | Dra. Yoissell López Bestard- SEDUCRS |

APRESENTAÇÃO

Para que se escreve um memorial? De forma simples, podemos dizer que a escrita tem o objetivo de evocar memórias, porém, esta produção vai muito além.

Através de suas escritas, os autores articularam de forma brilhante suas histórias, contando como se constituíram como as pessoas que são hoje e como, a partir disso, atuam como profissionais e pesquisadores e pesquisadoras.

Os textos aqui publicados tratam de temáticas relacionadas à área de diversidade cultural e inclusão social, escopo do programa de pós-graduação do qual os autores e as autoras fazem parte, como mestrandos e mestrandas e doutorandos e doutorandas.

Este livro é para aqueles que procuram se inspirar, construir novos caminhos e olhares sobre o mundo e o outro. Bem-vind@s às sagas particulares de mestrandos e mestrandas e doutorandos e doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, da Universidade Feevale.

Viaje pelas diferentes formações, experiências e trajetórias de todos e todas que fazem parte deste livro.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1. MEMÓRIAS DE UMA PEQUENA, MAS GRANDE FIGURA..... | 9 |
| Suzana Schuquel de Moura | |
| 2. POLÍTICAS PÚBLICAS E ACESSO À JUSTIÇA PARA O TRATAMENTO CONSENSUAL DE CONFLITOS – MEMORIAL..... | 21 |
| Alfredo Fuchs | |
| 3. MEMORIAL – NARRANDO, REFLETINDO E TECENDO HISTÓRIAS | 31 |
| Gabriela Gomes Makewitz | |
| 4. DAS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA A VIDA ADULTA: RESGATANDO O BRINCAR QUE ESTAVA ADORMECIDO | 37 |
| Juliana Vargas Silva | |
| 5. “EU EXISTO!”: A DIVERSIDADE NA VIDA E A NA LITERATURA! 45 | |
| Márcia Tatiana Funke Dieter | |
| 6. PELA EDUCAÇÃO INCLUSIVA | 57 |
| Flaviane Oliveira Scheffel | |
| 7. MEMORIAL ACADÊMICO | 63 |
| Marliese Christine Simador Godoflite | |
| 8. ECORRECREAÇÃO: O PONTO ZERO DA PROPOSTA METODOLÓGICA..... | 69 |
| Marlon Luis Lucchini | |
| 9. MEMORIAL ACADÊMICO | 95 |
| Andrea Varisco Dani | |
| 10 .MEMORIAL ACADÊMICO – MINHA JORNADA COMO PERSONAGEM PRINCIPAL..... | 101 |
| Cauã Picetti | |
| 11. LINGUAGENS E TECNOLOGIAS A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE: CONTRIBUIÇÕES PARA O FORTALECIMENTO DO SUS... 107 | |
| Fernanda Crestina Leitenski Delela | |
| 12. O ENSINO COMO EXPOENTE EM MUDAR VIDAS..... | 111 |
| Ígor de Oliveira Lopes | |

| | |
|---|------------|
| 13. OS PRIMEIROS PASSOS DA PRIMEIRA: PENSAR DIVERSIDADE CULTURAL E INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DE RECURSOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS..... | 117 |
| Deise Cláudiane Rodrigues Antunes | |
| 14. MEMORIAL: A CUMPLICIDADE DO OLHAR QUE SE CRUZA.... | 123 |
| Alisson Roberto Brum | |
| 15. MEMORIAL – EM BUSCA DA EXCELÊNCIA EM QUIROPRAXIA | 141 |
| Caroline Fagundes | |
| 16. MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS | 145 |
| Cláudiana Pereira | |
| 17. MEMORIAL: COMO ME TORNEI PESQUISADORA | 153 |
| Patrícia Modesto da Silva | |
| 18. MEMÓRIAS IMPREVISTAS DE UM PROFESSOR PESQUISADOR | 163 |
| Paulo Ricardo dos Santos | |
| 19. CAMINHO TECIDO EM TEMPOS E ESPAÇOS PERCORRIDOS.. | 175 |
| Marilene de Fátima Pacheco dos Santos | |
| 20. A VIDA EM MOVIMENTO: CAMINHOS QUE ABREM OS OLHOS PARA A DIVERSIDADE E INCLUSÃO | 187 |
| Janaina Andretta Dieder | |
| 21. O QUE Torna UMA MULHER “DOUTORA” OU A VIDA QUE ATRAVESSA UMA “TESE”..... | 193 |
| Aline da Silva Pinto | |
| 22. DA TRAJETÓRIA INDIVIDUAL À PESQUISA: UM PERCURSO PESSOAL E ACADÊMICO NA CONSTRUÇÃO DAS CATEGORIAS | 197 |
| Darlâ de Alves | |
| 23. PESQUISA CIENTÍFICA: O RELATO DE UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA NO UNIVERSO DA INTERDISCIPLINARIDADE..... | 205 |
| Michele Barth | |
| 24. NO RIO DAS MINHAS MEMÓRIAS: A CONSTRUÇÃO DE QUEM EU SOU | 213 |
| Mara Nelise Ferreira Corrêa | |
| 25. RECURSO ORIENTADOR DE COMUNICAÇÃO ACESSÍVEL PARA FRUIÇÃO DE OBRAS DE ARTE BIDIMENSIONAL A CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL..... | 221 |
| Lídia Cristina da Silva Agostinho | |

| | |
|--|------------|
| 26. MEMORIAL..... | 227 |
| Cármina Geanini Nunes Monteiro de Souza | |
| 27. UM OLHAR PARA O MEU VIVER-APRENDER..... | 235 |
| Lilian Flores | |
| 28. INTERCONEXÕES ENTRE O OBJETO DA PESQUISA E A PESQUISADORA: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES..... | 245 |
| Elenise Marks | |
| 29. TEAR DA EXISTÊNCIA: UM MEMORIAL SOBRE TECER VIDA NA PESQUISA | 251 |
| Fabiane Castilho Oliveira | |
| 30. PRINCIPIA..... | 257 |
| Muriel Haupenthal | |
| 31. MEMORIAL ACADÊMICO | 265 |
| Djuli Margô Naissinger Sidekum | |
| SOBRE AS ORGANIZADORAS | 271 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 273 |

1. MEMÓRIAS DE UMA PEQUENA, MAS GRANDE FIGURA.

Suzana Schuquel de Moura¹

Quem sou eu? Bom, com a resposta, vem uma bagagem um pouco extensa. Sou uma só, mas dentro de mim, há várias versões diferentes, que nem todos conhecem. Então, vamos lá!

Para quem não ouviu falar desta figura que vos fala, sou Suzana, nasci no dia 23 de junho de 1993, na cidade de São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul. Migrei com meus pais, irmão e irmã mais velhos para o Vale do Sinos. Morei um ano em Sapiranga e, em 2002, migramos, dessa vez, para Novo Hamburgo, onde residimos até hoje. Nesse relato, cabe refletir sobre a razão da migração à luz de Martins (1998, p. 128), segundo o qual

[...] muitas pessoas que migram, migram porque decidiram migrar; migram porque migrar era a melhor alternativa. Isso não quer dizer que seja a correta alternativa, mas era a melhor alternativa no julgamento do migrante.²

A decisão de migrar para uma região que meus pais julgavam como de mais oportunidades de trabalho e de educação para os filhos não foi fácil, mas necessária, ou julgada necessária por eles. Estávamos, então, excluídos, em um novo espaço, à procura de inclusão no mercado de trabalho, em novas escolas, em uma nova comunidade, enfim, em um novo mundo a ser descoberto, em uma nova jornada em busca de aceitação.

Contemplando tudo ao meu redor, a vida foi passando, ou melhor, seguindo e, quem poderia imaginar que o tempo voaria tão depressa... ainda ontem, tinha 19 anos, muitos sonhos e muitas dúvidas. Com sonhos, continuo, porém, alguns são novos e inesperados, como redigir um memorial acadêmico, por exemplo. O que há de grandioso nisso? Para alguém que não imaginava cursar uma faculdade, quem dirá um mes-

¹ Mestranda e Bolsista do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: Email:ssmtraducoes@gmail.com

trado, é algo grandioso, do ponto de vista profissional e pessoal também, pois, é possível olhar para o passado com outros olhos e vislumbrar o futuro com mais cores e possibilidades. Uma nova artista, como define Bauman (2009, p. 93), em “A arte da vida”. Ele diz: “‘Ser artista por decreto’ significa que a inação também conta como ação; assim como nadar e navegar, deixar-se levar pelas ondas é a priori considerado um ato de arte criativa e tende a ser retrospectivamente registrado como tal.”.

“Artista por decreto” eu sou, tentando trilhar meu caminho, ainda como Bauman destaca, “[...] deixar-se levar pelas ondas, também é um ato de arte criativa” (2009, p. 93). Assim estou, deixando as ondas me levarem, pensando em um dia de cada vez, aceitando que a vida não vem com um manual de instruções, embora, às vezes, alguns acreditam que sim, nem tudo é “Maktub”^[1].

Durante minha jornada até aqui, tive momentos não tão bons e nem um pouco alegres e motivadores, mas há de se mencionar a sorte que tive de encontrar pessoas dispostas a me ouvirem, a me abraçarem e a me guiarem, com muito incentivo e palavras de apoio. A estas pessoas especiais, dedico não somente estas linhas, mas as oportunidades que ainda virão, dedico minha nova história, que não sei como será, mas espero que seja de muitas conquistas.

Pois bem, formada estou, desde janeiro de 2021, em Letras – Português e Inglês -, de lá para cá, muito aconteceu, tanto no mundo quanto comigo. Fui professora de inglês em uma escola de idiomas e, nesse meio tempo, traduzia *abstracts* e participava do grupo de pesquisa da Professora Rosemari Lorenz Martins. Um ponto importante que esqueci de mencionar anteriormente é meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado ‘*O mundo interior de Bilbo Baggins. Uma análise psicosocial das ações do indivíduo*’, publicado como livro pela Editora NEA edições acadêmicas, em julho de 2021.

Não imaginava que um dia publicaria um livro, eu, que passei por tantos bloqueios mentais, por tantas incertezas, falhas no caminho universitário e na vida. E nessa teia de emoções negativas que predominavam em mim, conforme explicam (Rangel; Goulart, 2018, p. 90).

[...] as emoções afetadas pelo estresse podem ser de natureza hipotônica, relacionada aos seus efeitos em

sobressaltos, medo, depressão, ou de natureza hipertônica, relacionada a revolta, raiva, ansiedade. Nas emoções hipertônicas, a tensão concentrada é extremamente exaustiva. Esses argumentos justificam, portanto, considerar que a exclusão e suas consequências em abusos possam ser compreendidos como *vírus sociais*.

Era inimaginável pensar, antes de 2019, em todo o percurso que trilhei e ainda estou trilhando, pois passei por um longo período de apagão, não me reconhecia, não me via como parte da sociedade, estava alheia, isolada. Tudo o que absorvi e não dei vazão transbordou. Mas ainda bem que despertei e que estou, aos poucos, me construindo, me permitindo e, por que não, me aceitando como sou. O vírus social está abrindo alas à resiliência. Como faz bem perceber essa evolução! É, só o que consigo pensar é no quanto evoluí, acadêmica e pessoalmente falando. Esses últimos 4 anos foram de muitas realizações para esse pequeno ser.

Em agosto de 2021, comecei a fazer parte do curso de Mentoria Docente, ministrado pela Universidade de Tampere, Finlândia, em parceria com a Universidade Feevale. Nele fui tradutora voluntária e aluna, ajudando e aprendendo a ser ajudada, pois, o que se leva da educação e da vida é a cooperação, o diálogo, a compreensão e o amadurecimento a cada passo, a cada escolha feita.

Estamos em constante evolução e aprendizado, não é mesmo? Ou conforme Kastrup (2007, p. 202), aprendendo. Para ela, “Aprender é coordenar mente e corpo, fazer com que organismo e meio entrem em sintonia.”. Sempre em sintonia, às vezes, um pouco dessintonizada, afinal, ainda tenho que aprender a alinhar os *chakras*, a meditar, respirar fundo, mesmo e apesar de estar em meio à loucura do dia a dia.

E, de Professora de Língua Inglesa, tornei-me caloura em outra área. Mais alguns passos e, em dezembro de 2021, lá estava eu, em um hospital. O quê? Como assim? O que você está fazendo em um hospital? Ora, veja bem, a escola em que trabalhava há quase um ano, fechou, eu precisava encontrar outro emprego e, como havia me inscrito para trabalhar como assistente administrativa no Hospital Geral de Novo Hamburgo. Já que fui convocada, lá fui eu. Como Nóvoa (2014) deixa bem claro, em “Carta a um jovem investigador em educação”, “Talvez

não seja muito importante o que a vida faz connosco; importante, sim, é o que cada um de nós faz com a vida. E não hesito em dizer-vos que a certeza é a distância mais curta para a ignorância. É preciso ter dúvidas” (Nóvoa, 2014. p.14). E, realizando atividades completamente diferentes daquelas para as quais me preparei, iniciei nessa jornada, mesmo sabendo que não estava atuando na área em que me formei.

Ao Hospital: “Au revoir!”. Foi um local de muito amadurecimento e onde conheci pessoas especiais, as quais levarei comigo em lembrança e companhia. Mas, como já havia mencionado, acredito que meu *pago* seja em outra terra, em outros horizontes. Assim, no final de novembro de 2022, encerrei minha jornada no hospital. Dando um salto de alguns meses, pois tirei um tempinho para descansar e me preparar para mais um novo desafio, sigo a partir de março de 2023.

Como é de conhecimento de quem lê esse memorial, foi nesse momento que iniciei o Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social, e, enquanto dava os primeiros passos como mestrandinha, me envolvi em uma aventura, desta vez, como tradutora e Intérprete voluntária, durante a visita de estudantes canadenses à cidade de Novo Hamburgo, em maio de 2023.

Como uma verdadeira Hobbit, lá fui eu, com frio na barriga, preocupações mil, com toques moderados de ansiedade, afinal, não sabia o que me esperava, mas fui mesmo assim. E foi uma jornada incrível! Com os universitários canadenses, conheci novos lugares, conversei muito, perguntei muito também, pois se tem um adjetivo que me define bem é: curiosa. Adoro conversar sobre cultura, música e realidades diferentes. Fui a um local da Feevale no qual não imaginava adentrar um dia, o laboratório de anatomia. Não pude ficar até o fim, não é meu campo, né. Mas já foi um desafio aceito e cumprido por essa pequena hobbit.

Já em junho de 2023, enfim, a formatura da Especialização em Mentoría Docente chegou. Mais uma etapa concluída e a primeira formatura em que subi ao palco do teatro Feevale para receber o certificado. Esse foi um dia que não vou esquecer, por ter feito parte do curso como aluna e tradutora voluntária, por ter aprendido tanto com os colegas voluntários, ter conversado com as professoras finlandesas, ampliado meus horizontes.

Estou descobrindo que também sou uma pesquisadora, uma cientista, apesar de enfrentar muitos bloqueios criativos, muitas dúvidas, mudanças de planos e de dissertação de Mestrado. É como diz uma famosa frase, do poeta espanhol Antonio Machado, “[...] caminhante, não há caminho, se faz caminho ao andar”^[2]. Então, sigo caminhando, sempre em frente, pois, conforme palavras provenientes da minha fonte de inspiração e de inesgotável criatividade, J. R. R. Tolkien, “[...] nem todos que vagam estão perdidos”^[3]. E como é bom vaguear, viajar pelo mundo da imaginação. Lá habita o que de mais belo podemos criar e, por que não, deixar neste mundo, como história, legado ou lembrança. Caminhar por aí, sem rumo é, pois, fonte de inspiração, de conexão com o interior e exterior de nós. Não ter destino, às vezes, é uma maneira de encontrar-se, descobrir-se para si e para o mundo. Então, deixa estar! Assim se vai tecendo histórias e aventuras por aí.

E, como bem nos lembra (Kastrup, 2007), por que não citá-la aqui também, para falar do presente, da busca pelo devir, pois sempre estamos, incluindo esse ser que vos fala, em busca do presente, do tempo que está por vir, de novos desafios e novos problemas, mas não vou me alongar, não, eis que

O segundo regime, da ontologia do presente, é o regime do tempo. Com ele, a filosofia opera uma crítica de toda especulação abstrata, de toda dialética entre conceitos e reconcilia-se com a vida em sua concretude. A atenção ao concreto da vida traduz-se na focalização do tempo e das transformações por ele operadas (Kastrup, 2007, p. 40).

À espera do tempo, estou, sou e serei levada pelas transformações operadas por ele, por isso acredito que estarei em uma constante luta com a ansiedade, pois o devir, mesmo que se possa vislumbrar, não se pode prever com tanta exatidão. Há espaço e tempo suficientes para muitas mudanças de rumo e alguns problemas no percurso, já que nada é perfeito e o perfeito não existe.

E, ah, antes que me esqueça, O Hobbit^[4], do Bolsão para o mundo, deu lugar a uma nova proposta, parte de uma grande aventura, um tanto desconhecida para mim, saindo do condado, no topo da colina, das terras de Hobbits, Gobelins, Orcs, Anões, Magos e tantas outras per-

sonagens míticas de Tolkien. Desbravando, começando a trilhar outros rumos, dentro de um novo projeto voltado à compreensão de sentido figurado, em especial, de expressões metafóricas, de alunos com TEA, intitulado: Compreensão de metaforas no contexto do Transtorno Do Espectro Autista – TEA.

Esta pesquisa parte do princípio de que a linguagem figurada, como as metáforas e metonímias, por exemplo, faz parte de um processo que ocorre depois da aquisição da linguagem. A aquisição da linguagem figurada é complexa para muitos, para alguns leva mais tempo, para outros menos. Para crianças com TEA, ela pode ser ainda mais complexa. Assim, a intenção com o este trabalho não é somente discorrer sobre a dificuldade de compreensão de metáforas que os alunos com TEA apresentam, tanto na escrita quanto na oralidade, mas compreender por que a aquisição da linguagem figurada, no contexto das metáforas, pode ser difícil para eles, para assim pensar em como auxiliá-los na compreensão da linguagem que nos circunda, deste universo plural de sentidos contido em cada palavra e expressão, que, nem sempre, diz o que quer dizer, elevando a intenção do que se diz ou escreve a outro nível, além do explícito e literal uso das palavras encontradas nos dicionários.

Entender a forma como os estudantes comprehendem a linguagem figurada, em especial as metáforas parte da minha experiência com a escrita. É nela que me encontro e me refaço. Nas aventuras do hobbit Bilbo que trilhei e estou trilhando meu caminho. Vi, na narrativa de Tolkien, uma forma de evoluir, de aprender sobre mim e sobre o que me motiva a seguir adiante e o que me afeta, nas palavras de (Lazzarotto; Carvalho, 2012, p. 25).

exercitamos uma ética e expandimos nosso conhecer nas relações de uma vida de todos em nós, de uma vida de si com todos. Imanência de relações no corpo que cria passagens com o que força a experimentar nosso pensamento: afectos e perceptos que já não são de um ou de outro, mas da vida.

E assim, entendo que a curiosidade de conhecer o outro, de ver na linguagem, seja ela escrita ou falada, uma fonte de inesgotável criatividade

e sentidos múltiplos, que sempre esteve presente em mim, já não é mais só minha, ela é de todos, para todos, não importando raça, condição social, gênero, e dificuldades ou diferenças que possam existir entre nós.

Esse escrever foi sendo delineado pelas pessoas que conheci e que fazem parte do meu caminhar até aqui, que se expande, vai além, por acreditar que é possível envolver o outro e, porque não transformar sua trajetória, de uma maneira positiva, em que seja refletido em si características e habilidades que, por vezes, pensava não serem suas, mas que, na verdade, estavam adormecidas, esperando um momento oportuno para florescer.

A escrita criativa está em tudo o que faço, é nela que extravaso tudo o que sinto e passo, é, pois, uma forma de terapia, de modo semelhante como se constitui a biblioterapia.

Com este projeto, terei a possibilidade de analisar como está a aprendizagem de alunos com transtorno do espectro autista, a forma como interpretam e assimilam metáforas simples e complexas, figuras tão utilizadas na nossa língua, na literatura, na música, na mídia, na arte, no dia a dia. A partir desta proposta, que ainda está em construção, poderei conhecer o universo do aluno com TEA, suas dificuldades na socialização e na linguagem, para então pensar em como auxiliá-los nesse processo tão complexo de aquisição da linguagem figurada, a qual engloba a metáfora. Essa percepção diferenciada não deve se transformar em um excludente do aluno em sala de aula.

Confesso que esta proposta de dissertação é algo novo para mim, no sentido de buscar a inclusão, mas, por outro lado, a leitura e a escrita fazem parte da minha constituição como sujeito. Ademais, com certeza, vez ou outra, é bom mudar, ir em busca do novo, desafiar a nós mesmos e aprender, sempre. Digo isso com certa tranquilidade, pensando nos caminhos que percorri até aqui, em todas as pequenas aventuras de que me vi fazendo parte. Realizei tantas atividades que, para uma pessoa tímida, eram um tanto quanto inimagináveis. O que mostra que é possível aprender aprendendo.

Não poderia deixar de citar aqui uma parte de um poema que tem muito significado para mim, caminha comigo para onde eu vou, está em boa parte de tudo o que me vejo fazendo, vou a ele: The road not taken

(O caminho não trilhado), poema escrito pelo poeta americano Robert Frost, publicado em 1915. ‘Oh, I kept the first for another day! Yet knowing how way leads on to way, I doubted if I should ever come back’^[5].

Mencione esse trecho do poema de Frost, porque, muitas vezes, fiquei em dúvida sobre o caminho a seguir, mas, mesmo assim, fui e aqui estou, escrevendo estas linhas, iniciando um novo projeto, deixando o Hobbit, ‘meu precioso’, para outro dia, mesmo sabendo que um caminho leva a caminhar, e a caminhada será longa, mas nem por isso menos bela. Disso, tenho certeza.

Ah, antes que me esqueça, tenho mais uma notícia para compartilhar: agora, além de ter a Rosemari Lorenz Martins como orientadora, tenho um co-orientador. Contarei com o auxílio de Daniel Conte. Isso não estava escrito, mas, tenho certeza de que será melhor do que o planejado.

Cabe dizer que pretendo desenvolver este trabalho no âmbito da linha de pesquisa Linguagens e Tecnologias, no Programa de Pós-graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Quanto à forma como escrevo, despi-me aqui de qualquer sentimento de culpa. Se estou seguindo um estilo, respeitando uma forma pré-estabelecida, não me preocupo neste momento. O que posso dizer é que era chegada a hora de me mostrar, mesmo com toda a ansiedade e com medo de me entregar ao incerto, pois, para Bauman (1999, p. 267), “Os relatores, porém, nunca estão ausentes do seu relato e é tarefa inútil separá-los de suas histórias”.

Assim, faço minhas as palavras de Bauman (1999), da passagem supracitada, pois, ao me deparar escrevendo essas linhas, percebo o quanto difícil é separar quem escreve do que foi escrito, ou seja, o que está sendo narrado aqui é parte integrante de quem escreveu, é, portanto, quem eu sou. É o espaço que encontrei para me expressar, revelar minhas cores, minha alma.

Bom, o fato é que ainda não acabei de contar tudo, pois, nesse meio tempo, mais acontecimentos abalaram a estrutura do meu humilde condado, minha toca ficou pequena, participei e ainda vou participar de mais histórias, todas dentro do Programa de Pós Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Posso dizer que não imaginava palestrar sobre algo, um assunto de que gostasse, dentre tantos que me despertam interesse, mas fui convidada, então, lá fui eu palestrar

sobre Escrita Criativa como Terapia. Estava muito nervosa, passei dias refletindo sobre como seria, o que poderia falar, com medo mesmo, e com medo fui, pois se tem uma coisa que gosto é de falar sobre terapia, encontrar-se na escrita, no desabafo contido em cada linha. É quem estou me tornando, com muita leveza e alegria.

Além da Palestra, pela primeira vez, tive a experiência de apresentar um trabalho no Inovamundi na Universidade Feevale. Posso dizer que não somente apresentei um trabalho, mas aprendi a me defender, a me olhar mais como aprendiz e incompleta que sou, pois nada é perfeito, como já mencionei em parágrafos anteriores. O título do resumo era: A escrita criativa como reescrita de si. A escrita criativa sempre se mostrando presente. Ainda bem que comigo ela está! Mas não parei na Palestra e na apresentação do Inovamundi, outra experiência proporcionada pela Universidade Feevale me tirou dos eixos, no bom sentido da palavra, é claro. Desta vez, fui tradutora voluntária em uma palestra sobre Design Factory, ministrada por dois professores finlandeses da Universidade de Tampere.

Que momento! Estava muito nervosa, tremendo, confesso. Traduzir a palestra do inglês para o português, com pessoas assistindo. No final, deu tudo certo. Estava com as pessoas certas, no lugar certo, para aprender e evoluir como pessoa. É assim que a vida é. Cheia de desafios, que a gente vai com medo, não há muito tempo para pensar, se pensar demais, a oportunidade pode ir e não voltar mais, não é mesmo! Pois, como diz na letra da música ‘O que é? o que é?’ eternizada por Gonzaguinha (1982)^[6]

Fico com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita
E é bonita...

Pensando assim, me vi em outra aventura. Às vezes, não sabemos muito bem a dimensão das nossas ações, até onde um passo dado pode nos levar. E tentando aqui e ali, porque ‘o não eu já tenho’, fui selecionada para um intercâmbio de pesquisa no Canadá, na Memorial University de Newfoundland e Labrador. Até agora não consigo acreditar que, ao conversar com um professor da Memorial, consegui uma carta convite

e, muito menos que, depois de enviar todos os documentos solicitados para a COMUNG^[7], fui pré-selecionada e estou aguardando a nomeação ou aceite do Canadá para, então, realizar um sonho de anos, mais de 10 anos, para ser sincera, de conhecer o Canadá.

Bom, depois de aguardar ansiosamente pela resposta sobre a bolsa ELAP, recebi um e-mail explicando que não havia sido selecionada. Fiquei triste, é claro, mas entendi que o não, uma porta que se fecha, faz parte da caminhada. O importante é seguir em frente, buscar por novas oportunidades. Não temos o controle do que irá ou poderá acontecer, por mais que planejamos, não sabemos como será o amanhã...

E, para finalizar, faço minhas também as palavras de Simone (1983)^[8], em ‘O amanhã.’

Como será o amanhã?
Responda quem puder
O que irá me acontecer?
O meu destino será
Como deus quiser
Como será?

Eu não poderia ter escolhido outra música para me representar, pois é exatamente assim que me sinto. Depois de tanto me preocupar com o futuro, com os caminhos que, porventura, trilharia, algum dia. Hoje, estou assim, me refazendo, me desconstruindo para me reconstruir. Estou leve, sei que, ao meu lado, tenho pessoas que me apoiam, me impulsionam a dar tantos primeiros passos quantos forem necessários. Se meu caminho será na docência, na pesquisa, como escritora, tradutora, não sei bem, mas estou de braços abertos para novas histórias e novos recomeços.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Editora Zahar; 1^a Ed; 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernity and Ambivalence**. Editora Zahar. 1^a Ed, 1999.

LAZZAROTTO, Gislei Domingas Romanzini; CARVALHO, Julia Dutra de. **Afetar**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

KASTRUP, Virginia. **A invenção de si e do mundo:** uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição; 1^a Ed; São Paulo: PUC, 2007.

MARTINS, José de Souza. **O problema das migrações no limiar do terceiro milênio** _____ in: O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio. 1^a Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

NOVOA, Antonio. **Carta a um jovem pesquisador.** Investigar em Educação – II ^a Série, Número 3, 2015.

RANGEL, Mary; GOULART, Treyce Ellen Silva. **Saúde social:** diversidade, inclusão, resiliência. Revista Eletrônica Interações Sociais (REIS). Artigo. 2018.

FROST, Robert. **The road not taken.** Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poems/44272/the-road-not-taken> (Acesso: 16/06/2023)

GONZAGUINHA. **O que é?** O que é?. Álbum: Caminhos do coração. Rio de Janeiro: 1982. Disponível em: <https://analisedeletras.com.br/gonzaguinha/o-que-o-que/>. Acesso: 14/03/2024.

MACHADO, Antônio. **Cantares.** disponível em: <https://is.gd/2007qB> (Acesso: 16/06/2023)

PEDAGOGIA AO PÉ DA LETRA. **O aluno autista e o processo de aprendizagem.** O papel do professor. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/o-aluno-autista-e-o-processo-de-aprendizagem/#o-papel-do-professor> (Acesso: 16/06/2023)

SÉRGIO, João. GRES. União da Ilha do Governador. **Samba enredo:** O amanhã. Rio de Janeiro. 1978. Regravado por SIMONE, em 1983. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4173/samba-enredo-1978-o-amanha> Simone – O Amanhã (Áudio Oficial) (Acesso: 16/06/2023)

SIGNIFICADO FACIL. **Maktub.** Disponível em: <https://is.gd/ABZaHO> (Acesso em 27/05/2023)

TOLKIEN, J.R.R. **O senhor dos anéis:** A sociedade do anel. Pesquisa: <https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/as-melhores-frases-de-o-hobbit-e-o-senhor-dos-aneis/> (Acesso: 16/06/2023)

[1] Palavra de origem árabe que significa: aquilo que é predestinado, que estava escrito ou havia de acontecer. Definição encontrada em: <https://www.significadofacil.com/maktub/> (Acesso em 27/05/2023)

[2] Trecho do poema Caminhante, escrito pelo poeta espanhol Antonio Machado. Disponível em: <https://blogs.utopia.org.br/poesialatina/cantares-antonio-machado/>. Acesso: 07/07/2023.

[3] John Ronald Reuel Tolkien (03/01/1882 – 02/09/1973), escritor, filólogo e professor inglês. Autor de livros de Literatura Fantástica como: O Hobbit e a trilogia ‘O Senhor dos Anéis’.

[4] Livro escrito por J. J. R. Tolkien, publicado, pela primeira vez, em 1937, pela editora britânica George Allen and Unwin. A aventura inesperada, em que se viu o pacato hobbit, Bilbo, deu origem a trilogia O Senhor dos Anéis.

[§] Ah, deixei o primeiro para outro dia! Mesmo sabendo que um caminho conduzia a outro. Me perguntei se voltaria, algum dia. (Tradução minha).

[¶] Música escrita e interpretada por Gonzaguinha. Faz parte do album ‘Caminhos do coração’, de 1982. Disponível em: <https://analisedeletras.com.br/gonzaguinha/o-que-o-que/> Acesso: 14/03/2024.

[¶] Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas (COMUNG) Disponível em: <https://comung.org.br/>

[§] Canção O amanhã, composta por João Sérgio da Silva Filho. Foi samba enredo do G.R.E.S União da Ilha do Governador, no carnaval de 1978. Posteriormente, regravado por Simone, em 1983, no álbum: Delírios, Delícias. Fontes de pesquisa: <https://novaescola.org.br/conteudo/4173/samba-enredo-1978-o-amanha-e> Google search (acesso 16/06/2023)

2. POLÍTICAS PÚBLICAS E ACESSO À JUSTIÇA PARA O TRATAMENTO CONSENSUAL DE CONFLITOS – MEMORIAL

Alfredo Fuchs¹

Sou natural de Porto Alegre/RS. Minha experiência profissional principal está ligada à Justiça Federal de Novo Hamburgo, na qual atuei como estagiário entre 1997 e maio de 1999. Em setembro de 1999 assumi o cargo de Técnico Judiciário, através de concurso público. Em 2004, decidi me remover para Santa Catarina e escolhi a cidade de Caçador, na região meio-oeste do estado, para me estabelecer. Minha atuação principal sempre foi o atendimento ao público. Em 2014, retorno a Novo Hamburgo e fui lotado no Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania – CEJUSCON, onde atuo até o momento, também como mediador de conflitos.

Iniciei minha jornada acadêmica em 1986, no curso de Direito, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos. A dinâmica da vida me proporcionou trocar de curso e de universidade várias vezes. Finalmente, me formei em Direito, em 1999, e em História (licenciatura), em 2005.

Em seguida, concluí duas especializações. A primeira em Educação Ambiental, pela FACET, em Curitiba/PR (2007), e a outra em Direito Ambiental, pela UNINTER (2012). Esses estudos complementaram conhecimentos em uma área que atrai meu interesse e que me levaram a atingir um antigo sonho: a licenciatura. Aliando o conhecimento acadêmico e a experiência de ter construído uma das primeiras casas ecológicas do estado de Santa Catarina, onde residia, na época, alcancei o cargo de professor universitário na Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP, em Caçador/SC. Lecionei disciplinas ligadas ao Direito Ambiental e à Educação Ambiental nos cursos de Direito e Engenharia Ambiental daquela Universidade. Também fui professor de História no Instituto de Aplicação, ligado à UNIARP. Toda essa experiência tornou

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: alfredofuchs@hotmail.com

possível montar e executar um projeto de educação ambiental na residência ecológica onde vivia com minha família, o Instituto Casa Viva. Entre 2012 e 2013 o Instituto acolheu mais de 500 estudantes da região, além de grupos de estudos e outros interessados em conhecer uma casa sustentável, construída e gerida através dos ensinamentos da Permacultura. Tive a oportunidade de apresentar o projeto do Instituto Casa Viva em eventos científicos locais, regionais e também fora de Santa Catarina.

Sempre procurei explorar todas as possibilidades que o ambiente universitário proporciona, especialmente quanto à pesquisa e à extensão. Já fui bolsista em programas de iniciação científica, tendo apresentado vários trabalhos, sendo agraciado, em um deles, com menção honrosa. Participei de inúmeros eventos acadêmicos, tanto como organizador como ouvinte.

Ao retornar para Novo Hamburgo, em 2014, meu interesse voltou-se para a área de solução consensual de conflitos, alinhado à demanda no novo trabalho. Me apaixonei pelo tema. Formei-me Conciliador e depois Mediador Judicial. Prossegui os estudos em áreas como Mediação Coletiva, Ambiental, Empresarial, Familiar. Alcancei a formação de Instrutor nos cursos de formação de Conciliadores e Mediadores Judiciais, pelo Conselho Nacional de Justiça. Naturalmente, inclinei minha atenção à Justiça Restaurativa, filosofia que abrange uma série de práticas de diálogo e de acesso à Justiça. Alcancei formação como facilitador de Círculos de Construção de Paz, de Mediação Vítima-Ofensor (área penal) e Mediação Vítima-Ofensor-Comunidade. Aproveitando um longo período de práticas e estudos, tornei-me instrutor nos cursos de formação de facilitadores de Círculos de Construção de Paz. Novamente confundem-se trabalho e estudos.

A imersão no tema proporcionou realização de algumas iniciativas pioneiras: foi criado, em 2018, no CEJUSCON de Novo Hamburgo o primeiro setor de Justiça Restaurativa no âmbito do Tribunal Regional Federal da 4^a Região. Na ocasião, realizamos as primeiras sessões consensuais e os primeiros acordos restaurativos da Justiça Federal da 4^a Região. Esse caminho inspirou a criação, em 2021, do NUJURE – Núcleo de Justiça Restaurativa, instaurado no prédio do TRF4, e dos CEJUREs, os Centros de Justiça Restaurativa, em cada capital dos estados pertencentes

à 4^a Região. Desde então, componho o Conselho Gestor do NUJURE, entidade administrativa com composição paritária entre magistrados e servidores da Justiça Federal.

Tive a fortuna de participar da fundação do Programa Municipal de Pacificação Restaurativa – RESTAURA NH, de Novo Hamburgo, instaurado a partir da Lei Municipal nº 3.133/2018, do qual também atuo como facilitador e integrante do Conselho Gestor.

Em todos esses âmbitos atuo, diariamente, como mediador e facilitador de práticas restaurativas.

O avançar dos estudos e das práticas tem como base a Política Judiciária Nacional de tratamento adequado dos conflitos de interesse no âmbito do Poder Judiciário, estabelecida pela Resolução CNJ nº 125/2010. A cada dia, a cada caso atendido, torna-se mais clara a inspiração revolucionária dessa política pública. Para além da busca pelo acordo, pela extinção do processo, pela redução do passivo de processos não julgados e pela diminuição do tempo gasto até a conclusão do processo judicial, pode-se identificar algumas premissas: Uma delas é ensinar os cidadãos uma comunicação eficaz, capaz de evoluir uma negociação até um acordo que satisfaça a todos os envolvidos. Essa comunicação é ensinada através da atuação do mediador. Uma vez que o cidadão compreenda a importância da escuta e do diálogo produtivo, ele será capaz de reproduzir essa comunicação em sua vida cotidiana, para atender os seus interesses e auxiliar a resolver os seus conflitos de qualquer natureza, seja em casa, no trabalho ou no trânsito. Desse modo, dificilmente o cidadão necessitará que o Poder Judiciário, de forma autoritária – heterocompositiva, decida sobre seus problemas quando ele próprio pode fazer isso.

Outra premissa consubstancia-se no acesso à Justiça. A partir do prisma dos métodos consensuais de solução de conflitos de interesses, é possível vislumbrar dois matizes distintos quando se trata do acesso à Justiça. O primeiro refere-se ao conceito mais restrito, condizente com o acesso ao Poder Judiciário. Para o Conselho Nacional de Justiça, o acesso à justiça está assegurado quando qualquer cidadão tem a condição de acessar o Poder Judiciário. As formulações legais estão contidas na Constituição Federal. Na prática, quando a questão se resume em

condições financeiras para acessar o Judiciário, tem-se a Assistência Judiciária Gratuita, ou seja, a pessoa que comprova uma condição financeira incapaz de satisfazer o pagamento das custas judiciais e de advogado recebe um auxílio, sendo dispensada das custas e tendo um advogado indicado, às expensas do Poder Judiciário.

O outro matiz encontra reflexo no conceito mais amplo de acesso à Justiça: o acesso ao justo e a construção da paz. É importante lembrar, como já exaustivamente registrado pela literatura, que o acesso à Justiça não pode ser confundido com o acesso ao Judiciário. De forma resumida, isso acontece porque o Judiciário tem como referência para a prestação do seu serviço, julgar conforme a lei. Ocorre que a lei nem sempre atende ao justo, nos casos concretos. A dinâmica da vida se sobrepõe ao registro imobilizado nos livros- ainda que temporariamente – da lei. Além disso, a construção do justo pode ser obtida de forma consensual fora dos prédios imponentes que abrigam os magistrados. A Justiça Restaurativa, em especial, é, por natureza, oriunda da comunidade, serve à comunidade e pode ser vivida nos centros comunitários, nos condomínios, nas associações religiosas e sociais, nas escolas, dentro do ambiente laboral e nas residências das famílias.

Na ânsia de encontrar respostas e colaborar na solução de problemas, decidi aproximar as práticas de Justiça Restaurativa e a aplicação da lei aos métodos científicos de construção do conhecimento.

Foi um momento de intensa felicidade quando recebi a notificação sobre minha aprovação para cursar o curso de Mestrado em Diversidade Cultura e Inclusão Social. De fato, a ênfase acadêmica e a linha de pesquisa têm se mostrado de uma riqueza incalculável para o desenvolvimento não apenas do meu objeto de estudo mas também para minha transformação pessoal.

O campo de discussão do meu trabalho acadêmico poderia estar orientado às questões jurídicas, o que seria bastante usual, já que há, ao menos no curso de Direito, uma tendência a trabalhos baseados em revisões bibliográficas que dificilmente extrapolam a própria disciplina. No entanto, é exatamente no caráter interdisciplinar que reside a riqueza latente dos estudos e da construção de um conhecimento ampliado e socialmente inclusivo.

Deste modo, a minha proposta de estudo se dará em torno da seguinte problemática: a política pública estabelecida pela Resolução nº 125/2010, do Conselho Nacional de Justiça e a sua ressonância social quanto ao acesso à Justiça, dentro do Poder Judiciário a partir das práticas de Justiça Restaurativa. Especificamente, levantar os motivos pelos quais a Política Judiciária Nacional, passados mais de dez anos de sua instituição, ainda não apresentou os resultados esperados. A fim de delimitar mais o escopo, resolvi pesquisar o assunto somente junto ao Judiciário Federal, órgão onde atuo e bem menos amplo que os sistemas judiciários estaduais. Acredito, assim, estar reunindo o campo do Direito com a Sociologia e a Ciência Política, no sentido de compreender as dinâmicas sociais que atuam na consecução desta política pública.

No campo da aplicação, espero contribuir com a Administração a fim de aperfeiçoar a Política Pública no sentido de qualificar o acesso à “ordem jurídica justa”, ou seja, oportunizar à sociedade a escolha e a construção da justiça, no caso concreto.

Essa é, ao menos, a ideia inicial. Ouvi alguns comentários de colegas e professores sobre as mudanças de foco, de objetivos e até de métodos, no decorrer do tempo de curso. Considero-me aberto ao novo. Sempre.

E as novidades não tardaram a aparecer, já no início do curso. Se o acesso democrático à Justiça prevê igualdade, os estudos sobre desigualdade são essenciais. Desta forma, compreender o panorama da origem das desigualdades no mundo através de Thomas Piketty, e no Brasil, pelo olhar de Jessé Souza e Pedro Herculano Guimarães Ferreira de Souza foi de suma importância. Este último trouxe elementos quantitativos interessantes para ilustrar a questão da desigualdade, o que despertou meu interesse pela pesquisa quantitativa. Pretendo utilizar formulários para obter alguns dados para meu trabalho.

A minha formação em História auxiliou esse entendimento e lembrei-me das lições de Eric Hobsbawm (especialmente no livro A era das revoluções – 1789-1848) e do uruguai Eduardo Galeano, em As veias abertas da América Latina. Ficou claro, no entanto, que as origens das desigualdades são muito mais antigas que o aparecimento do capitalismo. Poderia dizer que este sistema econômico globalizou e intensificou as desigualdades. Assim, compreender a evolução cultural da sociedade ocidental parece ser o ponto central de discussão.

Nesse ponto, estudar os textos de Robert Castel e de José de Souza Martins ampliaram ainda mais as questões das desigualdades e como opera sua negação pela própria estrutura que as cria. É importante compreender o conceito de inclusão social, quando temos que entender, antes, como se dá a exclusão. Novamente aqui, temos um estudo baseado na dinâmica francesa, europeia, para, em seguida, avaliarmos os impactos da exclusão no Brasil, com Martins.

A negação das desigualdades pela própria estrutura que as cria. Quando não nega, tenta reduzir sua importância e seu alcance social. Transmuta a responsabilidade da estrutura em culpa do indivíduo excluído. Maquia, empacota, rotula e vende. Ao ler Cortine, sobre O Corpo Anormal, pude conectar essa dinâmica social de transformação de valores e de uma rápida cooptação para uma nova lógica de exclusão e mercantilização. Cortine explorou a questão da aparência física, seu caráter excludente pelo medo, pelo apelo “exótico” do diferente, e pela ignorância e sua exploração comercial. Quem decide o que é “normal” e o que não é?

Esta questão me remete às estruturas de poder. E falando em poder, eu trabalho numa instituição que é das mais hierárquicas e inflexíveis da estrutura nacional. O Poder Judiciário brasileiro é formado pelos magistrados e pelos servidores, normalmente concursados. No entanto, a administração do Judiciário é feita exclusivamente pelos magistrados. Manutenção do poder, da autoridade. Mas nem sempre essa autoridade é autoritária. De tempos em tempos escapa, por assim dizer, ações democratizantes, visionárias até. É o caso da Resolução nº 125/2010, que instituiu a Política Judiciária Nacional de tratamento adequado de conflitos no âmbito do Poder Judiciário.

Um dos novos paradigmas propostos por essa Política Pública reside exatamente na distribuição do poder. A partir dela, as partes interessadas têm autonomia para escolher qual tipo de método preferem para atingir o resultado esperado: o tradicional heterocompositivo, que consiste no julgamento pelo juiz, consubstanciado naquilo que se chama sentença de mérito. O juiz decide quem tem a razão, quem vence. A outra parte perde. Muitas vezes, em nome da celeridade, as partes não são sequer ouvidas pessoalmente. Julga-se conforme as provas que foram carreadas ao processo judicial. Aplica-se a lei. Doa a quem doer.

As partes interessadas podem, por outro lado, escolher outro caminho: o autocompositivo, através do qual poderão dialogar e, se for o caso, encontrar uma solução equilibrada, satisfatória a ambas, desde que não transgrida a lei, obviamente. Desloca-se, assim, o poder da caneta do juiz para o juízo das partes interessadas. Talvez aí resida a resistência à aplicação da Política Pública.

A liberdade de escolher o modo pelo qual será pacificado o conflito trazido ao Judiciário, o direito de ser ouvido, de se expressar diretamente seus interesses e necessidades, a prerrogativa de encontrar, com a outra parte, uma solução dialogada (ainda que intermediada por um facilitador) são a essência do acesso à ordem jurídica justa.

Alguns advogados também resistem por medo de perder o poder da palavra, dominada pelo código hermético do juridiquês. Perdem o poder da intermediação entre a parte em conflito e o magistrado, como sacerdotes rezando missa em latim, pontes exclusivas entre os pecadores e a salvação. Têm medo também de deixar de receber honorários de sucumbência, ou seja, quem perde deve pagar também os honorários do advogado vencedor. Por outro lado, através do modo autocompositivo, quando há acordo não há perdedor. Todos vencem, inclusive os advogados inteligentes. Cada parte suporta as despesas de seu respectivo advogado.

É preciso reconhecer a complexidade da problemática. Não consiste apenas em celeuma jurídica, legal. A plena implantação da política pública esbarra em problemas de ordem política (a questão do poder), de acesso à Justiça (instrumento da democracia) e comportamento de classe (cultural), isto é, relaciona toda a estrutura da nossa sociedade. Para compreender melhor toda essa questão, os aportes sobre o pensamento de Zygmunt Bauman, trazidos em aula, se mostraram bastante importantes. O sociólogo apresenta um olhar crítico e reflexivo sobre a nossa sociedade e seus novos paradigmas sociais. Durante o estudo dos textos de Bauman lembrei das ideias de Fritjof Capra e as premissas do pensamento sistêmico, uma das bases para entender os sistemas complexos. Acredito poder reunir esses dois autores em conversa sobre a complexidade de se estabelecer novos paradigmas e as resistências naturais a eles por agentes de diversos lugares da nossa sociedade.

O fato que permanece é que, baseado nos números estatísticos levantados pelo próprio Conselho Nacional de Justiça em seu relatório

anual Justiça em Números, a Política Pública parece não estar surtindo os efeitos desejados. A promessa de educação para uma cultura do diálogo, da paz, não se cumpriu. A esperança na redução de judicialização de conflitos parece estar se transformando em pesadelo. A quantidade de conflitos aportados no Judiciário cresce sem parar e o Judiciário corre para tentar julgar mais rápido. Racionaliza processos, digitaliza papéis, automatiza ações, corre atrás da cauda. Como a estrutura continua sendo a mesma, com a mesma forma de pensar, o resultado não pode ser outro que não o de sempre. Em tempos de Inteligência Artificial e ChatGPT, o Poder Judiciário se preocupa mais em acelerar os processos de processamento e julgamento dos casos, como o Programa Justiça 4.0, do CNJ, do que trabalhar na prevenção. É o que pude extrair das aulas sobre Futuro e Tecnologia.

No mesmo sentido, não acredito que seja apenas através do acesso material ao Judiciário que se obtém a satisfação de alcançar a justiça enquanto valor. O artigo de Mary Rangel traz essa discussão quando ressalta a questão do bem-estar subjetivo: acolhimento, respeito e auto-determinação também são importantes.

Estou aqui a matutar como vou estruturar científicamente toda essa problemática. Será, a princípio, uma pesquisa exploratória aplicada, lançando mão de aportes quantitativos junto aos seis Tribunais Regionais Federais existentes no Brasil. Será enviado questionário aos Núcleos Permanentes de Métodos Consensuais de Conflitos – NUPEMECs (cada Tribunal Regional Federal tem um Núcleo, responsável pela administração do sistema de solução de conflitos, no Judiciário) e a alguns Centros Judiciários de Solução de Conflito e Cidadania – CEJUSCs (são os Centros encarregados de executar as mediações, conciliações e outros métodos adequados a cada conflito específico). Também serão analisados relatórios estatísticos compilados por cada Tribunal Regional Federal, bem como o relatório Justiça em Números, produzido pelo Conselho Nacional de Justiça, que é o mais alto órgão administrativo do Poder Judiciário. Tais dados terão sempre como foco questões relacionadas à aplicação da Política Pública determinada pela Resolução nº 125/2010, do CNJ.

Acredito que os aportes teóricos estão, a esta altura, razoavelmente bem alinhados, meu objetivo está claro e tenho também uma

boa clareza dos métodos científicos ao meu dispor para realizar a tarefa, atentando, obviamente, às observações sempre necessárias, do meu professor orientador.

Sigo entusiasmado com o Programa de Pós-Graduação, com as interações com os colegas, com os professores, com os conteúdos estudados e com o tema escolhido.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Cegueira líquida:** a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. AZEVEDO, André Gomma de (Org.). **Manual de Mediação Judicial.** 6^a ed., Brasília: CNJ, 2016. Disponível em <https://is.gd/eb28KB>. Acesso em 21/03/2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. **Justiça em números 2022.** Brasília: CNJ, 2022. Disponível em: <https://is.gd/HlyPqj>. Acesso em 21/05/2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. **Resolução CNJ n. 125**, de 29 de novembro de 2010. Dispõe sobre a Política Judiciária Nacional de tratamento adequado dos conflitos de interesses no âmbito do Poder Judiciário e dá outras providências. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/atos-normativos?documento=156>. Acesso em 21/05/2023.

CAPPELLETTI, Mauro. Os métodos alternativos de solução de conflitos no quadro do movimento universal de acesso à justiça. In: **Revista de Processo**, São Paulo, ano 19, nº 74, p. 82-97, abr/jun. 1994. Disponível em <https://is.gd/x8rMqG>. Acesso em 20/05/2023.

CAPPELLETTI, Mauro. **Acesso à justiça.** Tradução de Ellen Gracie Northfleet. Porto Alegre: Fabris, 1988.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação.** São Paulo: Cultrix, 1996.

CASTEL, Robert. As transformações da questão social. In: BOGUS, Lucia. et al. **Desigualdade e a questão social.** São Paulo: Editora da PUC-SP, 2000. Disponível em <https://is.gd/ftHN3l>. Acesso em 25/05/2023.

CHIELI FILHO, Humberto. **Um novo paradigma de acesso à justiça:** autocomposição como método de solução de controvérsias e caracterização do interesse processual. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2022.

LUCHIARI, Valeria Ferioli Lagastra. Política judiciária nacional de tratamento adequado de conflitos. In: GABBAY, Daniela Monteiro (Coord.) et al. In: **Justiça federal:** inovações nos mecanismos consensuais de solução de conflitos. Brasília, DF: Gazeta Jurídica, 2014, p. 305-321.

GORETTI, Ricardo. **Mediação e acesso à justiça.** 2^a ed., rev., atual. e ampl. Salvador: Editora JusPodivm, 2021.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

NINGELISKI, Adriane de Oliveira. **Acesso à justiça pelos caminhos da mediação**. Florianópolis/S: Empório do Direito, 2017.

PORTOLESE, Júlia Teixeira. **Implementação de políticas públicas para o acesso à justiça pelo poder judiciário**. São Paulo: Editora Dialética, 2023.

RICHA, Morgana de Almeida. **Políticas públicas judiciárias e acesso à justiça**. São Paulo: LTr, 2022.

SANTOS, Everton Rodrigo. **Ciência política: lições sobre o jogo do poder**. Ijuí: Editora Unijuí, 2021.

SCHMIDT, João Pedro. Para estudar políticas públicas: aspectos conceituais, metodológicos e abordagens teóricas. In: **Revista do Direito**. Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 56, p. 119-149, set/dez. 2018. Disponível em <https://is.gd/i9wR2I>. Acesso em 14/07/2023.

SOUZA, P. de. **A desigualdade vista do topo: a concentração de renda entre os ricos no Brasil, 1926-2013**. Tese de doutorado. Brasília: UnB, 2016. Disponível em <https://is.gd/TEzxxy>. Acesso em 17/01/2024.

VIANNA, Luiz Werneck, e outros. **A judicialização da política e das relações sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

WACHELESKI, Marcelo Paulo. **Judicialização das relações sociais e políticas: constituição, esfera pública e a desestruturação da política a partir da obra de Hannah Arendt**. Curitiba: Juruá, 2015.

WATANABE, Kazuo. Política pública do poder judiciário nacional no tratamento adequado dos conflitos de interesse. In: RICHA, Morgana de Almeida, PELUSO e Antônio Cesar (coord.). **Conciliação e mediação: estrutura da política judiciária nacional**. Rio de Janeiro: Forense, 2011, p. 3-9.

3. MEMORIAL – NARRANDO, REFLETINDO E TECENDO HISTÓRIAS

Gabriela Gomes Makewitz¹

Escrever me faz sentir como se estivesse em casa; para mim, é uma das formas mais bonitas de expressão. Considero meu lado mais poético, crítico e sensível, a parte calma da minha inteireza agitada. Atualmente não é mais um exercício sem propósito. Era uma ação comum quando eu escolhia livros, cadernos, canetas e lápis ao invés dos brinquedos convencionais. Agora é ato de revolução, resposta de luta, de caminhadas, de sonhos, de movimentos, de microrresistências.

Tornar-me pedagoga não foi acaso, transformou-se em compromisso de quem um dia foi salva pela educação. Nesta perspectiva me encontro com o que diz Nóvoa (2014, p. 17) em sua carta para novos investigadores em educação:

Conhece com a tua escrita, pois é isso que te distingue como investigador. Se não gostas de escrever, então desiste, dedica-te a outra vida, não foste feito para investigar. A escrita académica não é apenas um modo de apresentar dados ou resultados, é sobretudo uma forma de expressão pessoal e até de criação artística [...] que cada um encontra a sua própria identidade como investigador.

A escola da minha infância teve um grande papel na construção do que sou hoje, por mais que ainda não seja o inteiro que penso construir. Ela sempre foi um lugar de refúgio, segurança e proteção. Nos anos iniciais procurava sempre me colocar como protagonista, monitora ambiental, participante de projeto de rádio, de oficinas na escola aberta e na participação de eventos esportivos. Sentia que lá eu era escutada, valorizada e me sentia segura. A escola era o meu lugar no mundo.

Nos anos finais do ensino fundamental estive imersa em um contexto complexo e confuso. Hoje entendo que a instituição que não comprehende nem acolhe o estudante acaba por afastá-lo. Apesar de 10

¹ Mestranda e bolsista CAPES no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: gabriagomesdias99@gmail.com

em notas e em organização, o debate e o enfrentamento contra uma estrutura física e a concepções tradicionais da escola me levaram a encontrar noutras práticas o protagonismo e a compreensão não recebidas nos espaços educacionais. Parece contraditório, não? Por mais que se falasse numa escola como espaço de construção da liberdade, as desigualdades sociais faziam-se notórias naquele ambiente, de modo que pareciam maiores que eu, em alguns momentos, tal como José de Souza Martins (1997) apresenta em seus estudos.

Da janela do meu quarto eu sonhava tanta coisa, ainda que a visão dali mostrasse um local de extremo risco, violência, índices de criminalidade e muito frequentemente o encerramento de vidas tão jovens; ainda assim, dentro de mim existia uma jovem adolescente ansiosa por ir em busca de mais: autonomia, conhecimento, oportunidades. No fim das contas acho que o que queria mesmo era fazer diferente daquilo que esperavam de mim. Buscava por algo que denunciasse a realidade vivida até então, que me afetasse – no sentido apresentado pelas pesquisadoras Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto e Julia Dutra de Carvalho (Lazzorotto; Carvalho 2012).

No ano de 2015, através do trabalho árduo e suado da minha mãe, tive a possibilidade, como bolsista, de ingressar no ensino médio da Escola de Aplicação Feevale, ao que Castel (1996) refere como dignidade e direitos recebidos através da força do trabalho. Tudo era tão diferente e tive resistência para ocupar esse espaço. Mas encarar desafios sempre teve a ver comigo. Por muito tempo incompreendida – e, de certa maneira, excluída de coisas básicas, como participação, direitos, liberdade, bem-estar e até esperança (Martins, 1997, p. 18) – agora sentia-me pertencente. Lembro-me, como se fosse hoje, do “frio na barriga” de quando ouvia falar a respeito dos cursos de graduação. Por mais que uma boa trajetória tivesse sido percorrida, ainda era difícil me imaginar naquele lugar. Todavia, refletindo sobre a importância da educação na minha vida, no segundo semestre de 2017, tornei-me “BIXO” em Pedagogia, na Universidade Feevale.

Hoje o exercício de pensar a minha trajetória atravessa meu lado que vive de esperança. Ao longo do curso de Pedagogia, um mundo de possibilidades se abriu com o passar do tempo. A educação e suas diversas áreas de atuação tiveram um papel importante nas escolhas e

caminhos que iria seguir mais à frente. Antes mesmo do ingresso no curso, tive a oportunidade de começar a atuar na etapa da Educação Infantil, na qual permaneci por cerca de 3 anos. Nela já me sentia parte de algo muito grande, foi um início cheio de encantamento, vivenciei o dizer de Nóvoa (2014) quando afirma que para ser investigador em educação devemos andar misturados com as práticas, com os diferentes espaços e, claro, com as políticas.

Conforme o envolvimento na universidade aumentava, novos horizontes começavam a surgir e novas ideias geravam novos planos. O conhecimento de um mundo diferente deixou em segundo plano a emergência da sobrevivência (Martins, 1997). No ano de 2018 fui convidada para trabalhar em uma escola da rede municipal de Novo Hamburgo/RS como apoiadora de crianças com deficiência, desejo que já morava no meu coração. Neste espaço tive meu primeiro contato com crianças matriculadas nos anos iniciais do ensino fundamental e com a educação pública, como docente em vez de aluna. Foi especial e acolhedor na mesma medida em que gerou sentimentos de indignação e vontade de lutar por algo maior.

Estudei muito ao longo dos cinco anos da graduação. Porém, a segurança da minha caminhada até a formatura se viu abalada quando a pandemia chegou. Eram as mudanças no formato das aulas, as medidas de segurança para proteger os familiares, o que se transformou em momentos tensos. O final de 2020 foi complicado, tive que buscar alternativas para poder continuar estudando, foi quando tive a oportunidade de ingressar e compor a equipe do Projeto de Extensão PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Entre dezembro de 2020 e fevereiro de 2022 percorri um lindo caminho interdisciplinar, com diferentes escolas, diferentes faixas etárias, diferentes perfis de docentes, diferentes experiências.

Nesse mesmo período, chegando praticamente ao meio da graduação, iniciei minha caminhada como bolsista de Iniciação Científica – BIC na Universidade Feevale. O grupo de estudos, da área da psicologia, me acolheu em dois projetos: primeiro, fiz parte da proposta intitulada: “Pessoas em situação de refúgio e migração na região do Vale dos Sinos: demandas e interfaces entre saúde, trabalho e direitos humanos”, no ano de 2021; e, em 2022, migrei para o projeto “Vivências, impactos e

transformações provocadas pela pandemia do novo coronavírus: um olhar sobre a saúde de professores no Brasil”, voltado à temática da saúde do trabalhador, orientado pela Dra. Carmem Regina Giongo.

Ocupar esse espaço de pesquisadora me tornou uma pessoa ainda mais curiosa, crítica e, de algum modo, insatisfeita, mais apurada, evidente, forte e com vontade de fazer acontecer, sentimento que dialoga com Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto e Julia Dutra de Carvalho (2012, p. 24) quando diz: “Permita-se viver esse movimento, pois é precisamente na experiência desse percurso do afetar que a pesquisa acontece.”. Através dessas experiências vivi momentos que me qualificaram e me oportunizaram bons conhecimentos sobre as demandas e o fazer do pesquisador. Por intermédio desses projetos, apresentei trabalhos em feiras de iniciação científicas internacionais, inclusive recebendo Menção Honrosa no evento Inovamundi 2021 – Feira de Iniciação Científica (FIC), 21^a edição, com o trabalho intitulado Impactos na saúde mental de Professores e Professoras na pandemia da COVID-19 no Brasil.

Nesse tempo de graduação foram muitos os temas que me tocaram. Mas pesquisar e conhecer mais a fundo o contexto no qual vivi, as demandas sociais do espaço que habitei e expandir meus olhares sem sombra de dúvidas foi um grande presente. Pensar os trajetos trilhados, as vias que foram deixadas para trás, a revolução vinda de uma mudança me fez compreender que a pesquisa com afeto, aquela que afeta, a que busca uma transformação social, é a pesquisa que eu gosto de fazer. Dizendo isso lembro a fala de Freire (2020, p. 135): “No fundo, diminuo a distância que me separa das condições malvadas em que vivem os explorados, quando, aderindo realmente ao sonho de justiça, luto pela mudança radical do mundo e não apenas espero que ela chegue porque se disse que chegará.”

Sempre morei em um bairro marcado por vulnerabilidade e risco social, o que me fez ter ao longo dos anos um grande carinho pela educação também no campo social. Nóvoa (2014, p. 16) diz que “[...] o acaso nunca é acaso, favorece sempre os olhos preparados para ver” todo aquele universo que vai além da leitura de letras. Na verdade, minha procura e interesse sempre foi sobre a leitura do mundo, sobre a luta pela sobrevivência. Frente a isso sempre acreditei numa educação que olha para o indivíduo de forma integral, na sua inteireza. É a educação

que necessitamos pensar nos dias de hoje. Um fazer educacional completo, amplo, que valorize as vivências e possa se tornar uma educação transformadora.

No início do ano de 2022 comecei a pensar sobre o meu tema de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso. Pesquisar sobre a temática das práticas educativas em contextos de situação de privação de liberdade me trouxe um novo olhar para a educação. A escolha não foi por acaso, veio das vivências do meu contexto, das falas discriminatórias que resultaram em mim vontade de mudar. Essa pesquisa, para além dos seus objetivos acadêmicos, me desconstruiu enquanto educadora, enquanto humana. Tornou-se quebra de paradigmas para mim e para as pessoas ao meu redor.

Hoje, diante do contexto educacional que vivemos, a luta pela sobrevivência da educação que liberta e o sonho de que ela se torne inclusiva é o sentimento que pulsa dentro do meu coração. Entendo que o caminho para isso é longo, mas precisa ser iniciado hoje. Ontem. Para isso, meu desejo de estar no Programa de Pós Graduação da Universidade Feevale, no Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social surge à medida da consciência que construí acerca da importância de uma luta forte pelos direitos, pelas políticas, especialmente pelos grupos populacionais que estão à margem da sociedade: pelos negros, pelos pobres, pelos jovens, por um processo de inclusão eficaz e não ilusório e reproduutor de desigualdades (Martins, 1997). Afinal de contas, a investigação é indissociável da liberdade, e, para que ela vigore, é que nós pesquisadores trabalhamos, pensamos e escrevemos (Nóvoa, 2014).

Dessa forma, a escolha da linha de pesquisa de Inclusão Social e Políticas Públicas diz respeito ao desejo de pensar práticas e percursos educativos que não estejam só de acordo com todas as legislações, mas que sejam pautados em um pensamento crítico e numa visão integral dos sujeitos, a fim de proporcioná-los a garantia de direitos, espaços e tempos educativos. Hoje, estar inserida, por intermédio da pesquisa e da extensão, no campo de pesquisa confirma o que Nóvoa (2014) diz sobre não se poder escolher sempre percorrer caminhos mais fáceis, mas estar naqueles que menos se acessam. Aproprio-me do seu pensamento: “sem coragem não há conhecimento” (Nóvoa, 2014, p. 14).

Encerro meu memorial alegre por viver as surpresas da vida. Por um tempo acreditei que já havia sido surpreendida de todas as formas. Contudo, no início desta caminhada de mestrado recebi a maior e mais calorosa das surpresas. No dia 30 de maio descobri que onde eu andasse agora já não estaria mais só, meu corpo estava sendo lar, eu estava gerando um novo ser humano. Hoje, carrego ainda mais força e vontade de uma transformação social; afinal de contas, agora um dos meus maiores desejos é que, a partir da minha luta, meu filho viva em um mundo mais justo, inclusivo, reflexivo e igualitário. Sigo pensando, refletindo, escrevendo, esperançando na perspectiva da ação.

REFERÊNCIAS

- CASTEL, Robert. **Metamorfose da questão social**. Petrópolis, Editora Vozes, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática docente. 63 ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- LAZZAROTTO, Gislei Domingas Romanzini; CARVALHO, Julia Dutra de. **Afetar**. In.: FONSECA, Tania Maria Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). Pesquisar na diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.
- MARX, K.
- NÓVOA, Antônio. **Carta a um jovem investigador em Educação**. Conferência de abertura do XII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Vila Real, Portugal, 11 de setembro de 2014.

4. DAS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA A VIDA ADULTA: RESGATANDO O BRINCAR QUE ESTAVA ADORMECIDO

Juliana Vargas Silva²

Escrever um memorial não é uma tarefa fácil, pois é preciso olhar para a nossa história, nossa trajetória de vida, resgatando elementos que, em alguma medida, auxiliaram na constituição de quem somos. Minha história segue em construção, revelando minhas motivações e aspirações. Como pontuam Wittmann e Klippel (2012, p. 28), “Somos quem somos em decorrência das relações com o mundo, com os outros e com nós mesmos. Somos na verdade, o feixe da relação que vivemos.” Assim, é possível compreender que nossa história de vida está constantemente em construção, resultado das nossas vivências com o mundo, com o outro e com nós mesmos. Somos permeados por diversos acontecimentos que nos causam, em algumas circunstâncias, cicatrizes profundas.

Nessa perspectiva, inicio me apresentando: sou Juliana Vargas Silva, tenho 43 anos, casada e tenho um filho que está com 13 anos. Considero importante resgatar aspectos da minha infância, pois os desdobramentos na vida adulta são reflexo também do que vivi nessa fase da vida.

A minha infância foi marcada por um período de dificuldades financeiras na minha família e, embora minha mãe e meu pai trabalhassem, o dinheiro, por vezes, era escasso, o que não nos permitia desfrutar de muitos “privilegios” que o dinheiro compra. Hoje comproendo, a partir da perspectiva de Martins (2003, p. 11), que “a sociedade que exclui é a mesma sociedade que inclui e integra, que cria formas também desumanas de participação, na medida em que delas faz condição de privilégios e não de direitos.” Reflito, então, que o brincar que deveria ser um direito, em algumas situações, fica restrito à condição de privilégio daqueles que não precisam ajudar no sustento da família, no cuidado dos irmãos mais novos ou que estão sobrecarregados com atividades extras para “não ficarem ociosos”.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: Juvargasrs@gmail.com

Embora a condição financeira da minha família fosse restrita, entendo que tive uma infância privilegiada, pois o brincar sempre esteve presente. Tive oportunidade de brincar livre, na natureza e em diferentes espaços públicos. Além da escola, brincar era o compromisso diário. Posso garantir que meus pais não tinham conhecimento sobre a potencialidade do brincar no desenvolvimento da criança, mas, talvez, de modo intuitivo, percebessem o bem que ele fazia.

Apesar de não tratar especificamente das infâncias, os escritos de Bauman (2001) levam-nos a pensar sobre as mudanças presentes na sociedade. Assim, precisamos admitir que as crianças fazem parte da sociedade e são suscetíveis a todas as mudanças, o que, de fato, nos mostra que elas são reflexo da sociedade em que vivem.

Meu ingresso na vida escolar aconteceu aos sete anos de idade, direto, na antiga, primeira série. Na década de 1980, além de não ser obrigatório cursar a pré-escola, não havia oferta suficiente de vagas na escola pública. Então, até os 7 anos eu não frequentei a escola.

Minha jornada ao longo de toda educação básica ocorreu em uma única escola, uma escola pública. Recordo que os momentos mais felizes ao longo dessa caminhada foram aqueles em que o brincar esteve presente, pois me sentia “livre”.

Concluí o 2º grau, hoje chamado de ensino médio, e, incentivada pelo meu irmão, prestei vestibular. Aos 18 anos, ainda sem ter certeza do que cursaria, ingressei no curso de Administração de Empresas na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, pois já trabalhava na área administrativa. Assim, em 2007, depois de muito esforço para pagar a graduação, consegui concluir o curso e me tornei Bacharel em Administração de Empresas. Passei a fazer parte de um grupo restrito de pessoas com curso superior, mas sem me dar conta da classificação excluídos e incluídos (Martins, 2003).

Na administração, meu interesse sempre esteve voltado para a área de Recursos Humanos, pois via uma oportunidade de me dedicar a “ajudar” as pessoas dentro das organizações. Buscando me qualificar para o trabalho com a gestão de pessoas, ingressei no curso de Pós-graduação em Psicologia do Trabalho na Universidade Feevale, concluindo a especialização no ano de 2011.

As experiências que tive dentro de algumas organizações não foram as mais satisfatórias, revelando que o mundo corporativo segregava e manipula as pessoas e, quanto menor o conhecimento ou grau de instrução, mais fácil é para as pessoas serem manipuladas. Presenciei diversas situações que me causaram muito desconforto, fazendo-me refletir sobre a minha escolha profissional. Hoje, compreendo esse processo de segregação a partir da ideia da inclusão e exclusão. Martins (2003, p. 29) ajuda a pensar quando diz: “[....] o novo perfil da classe trabalhadora é o de exclusões cílicas, cada vez mais demoradas, mais espaçadas, do mercado de trabalho.”. Assim, o trabalhador aceita as condições que lhe são impostas, muitas vezes, sem questionar, pois é a maneira que encontra para se sentir incluído. Nesse contexto, em razão das relações sociais dominantes, ele se encontra em situação de vulnerabilidade (Martins, 2003)

Essas reflexões das situações vividas e os momentos de dificuldades na carreira sinalizam aquilo que, de certa forma, aprendemos, experimentamos, como nos traz Cunha (2023). Nesse sentido, colaborando para o entendimento, Larrosa (2002, p. 20) nos explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca, e ao passar-nos nos forma e nos transforma [...].” Tudo o que vivemos influencia, pois, em alguma medida, para transformar quem somos.

A partir das experiências e vivências, posso dizer que a virada de chave na minha vida aconteceu quando o meu filho, Murilo, nasceu. Junto com os desafios básicos da maternidade, vieram também alguns questionamentos sobre os meus valores pessoais, meu propósito de vida e sobre o que acredito. Assim, a pergunta que ecoava dentro de mim era: o que eu estou fazendo para contribuir com o mundo do qual, agora, meu filho faz parte?

A maternidade despertou algo que estava adormecido, a essência do brincar. À medida que a gente vai crescendo, o brincar acaba se afastando de nossas vidas, porque culturalmente se estabelece que brincar é coisa de criança, como se fosse algo sem significado. Assim, refleti sobre os ensinamentos de Maturana e Verden-Zoller, (2006, p. 232), que, para mim, carregam uma grande verdade:

Perdemos nossa consciência social individual à medida que deixamos de brincar. E assim transformamos nossas vidas numa contínua justificação de nossas ações em função de suas consequências (sic), num processo que nos torna insensíveis em relação a nós mesmos e aos demais.

O brincar dá-nos a possibilidade de sermos nós mesmos, de expressar-nos, de resgatar nossa essência (Friedmann, 2015). Contudo, isso parece não pertencer à fase adulta.

Acompanhando o desenvolvimento e as descobertas do meu filho, fui percebendo a importância e a potência que é o brincar para as crianças. Ao mesmo tempo, deparei-me com a visão do adulto, que vai tirando das crianças aquilo que lhes é mais importante: o direito ao brincar.

Percebi que a escola passa a limitar o brincar e a punição pelo comportamento que o adulto considera como inapropriado é deixar a criança sem o brincar. As regras, na grande maioria das vezes, são estabelecidas sem a participação das maiores interessadas, as crianças. Fica evidente o estabelecimento das relações de poder, que, conforme definição proposta por Santos (2002, p. 266), é “qualquer relação social regulada por uma troca desigual”. Reflito que na escola a relação que se estabelece é de duplo poder, o do adulto e o do professor. É necessário considerar também que essa desigualdade se acentua ainda mais entre os grupos de crianças socialmente excluídas e isso reflete no direito a viver a infância.

Dessa forma, comecei a querer entender um pouco mais as infâncias, as crianças, a educação e o espaço escolar, bem como essa relação de troca desigual que pode, em alguma medida, trazer prejuízo a esses sujeitos. Assim, recorro às palavras de Lazzarotto e Carvalho (2012, p. 24):

Afetar denuncia que algo está acontecendo e que nosso saber é mínimo nesse acontecer. Sinaliza a força de expansão da vida e da atividade que podemos viver. [...] Entre as variações de afetos vividos percebemos que algo convoca ao movimento de pesquisar. Permita-se viver esse movimento, pois é precisamente na experiência desse percurso do afetar que a pesquisa acontece.

Afetada pelos meus questionamentos e compreendendo que meu saber é mínimo, surge o desejo e a necessidade de uma formação

que me permitisse trabalhar na área da educação, porém agora com as crianças. Já trabalhava em sala de aula, com o público adulto, e teria que me preparar para trabalhar com público infantil.

No ano de 2019 iniciei, então, uma nova graduação, em Pedagogia, na Universidade Feevale. Não foi uma decisão fácil iniciar uma nova formação, sem ter nenhuma certeza do que o futuro me reservaria. Porém, encontro em Baumann (2001, s.p) uma oportunidade de refletir, pois, segundo o autor, “[...] a mudança é a única coisa permanente e a incerteza, a única certeza”. Diante da incerteza, resolvi arriscar.

No começo, senti-me insegura sobre a decisão que havia tomado, muito em razão da minha idade e por não ter experiência na área. Meu esposo encorajou-me a seguir em frente nessa nova área de atuação e meu filho foi a fonte da minha inspiração.

À medida que fui percorrendo os componentes curriculares do curso de Pedagogia e me apropriando dos novos conhecimentos, tive certeza de estar no caminho certo. Já nos primeiros componentes curriculares, ficou evidente que o brincar está presente nas diferentes etapas do desenvolvimento infantil, sendo entendido como algo essencial e, dessa forma, deve estar presente no espaço escolar, tornando o processo de aprendizagem significativo e prazeroso.

No desenrolar do curso de Pedagogia, em meio à pandemia por Covid-19, tive a oportunidade e o privilégio de participar do Projeto de Extensão Brincando e Aprendendo da Universidade Feevale. A vivência no projeto proporcionou-me significativas aprendizagens, fazendo-me acreditar ainda mais na importância do brincar, pois o público atendido nesse projeto social são crianças que estão em processo de hospitalização.

A participação no projeto reforçou o meu interesse pelo tema, sendo possível compreender na prática, mesmo que em um espaço de educação não escolar, o quanto o brincar é importante para o universo infantil. Mesmo vivendo o processo de adoecimento, as crianças e adolescentes, através de experiências lúdicas, demonstravam que o brincar é fundamental. Dessa forma, digo que me tornei uma entusiasta do brincar e defensora da importância que tem para as infâncias, independentemente do contexto social ou situação vivida.

Esse entusiasmo rendeu, no ano de 2021, o prêmio de primeiro lugar no Inovamundi, evento de inovação científica, da Universidade Feevale, sendo o meu trabalho reconhecido como destaque na área temática de educação do Salão de Extensão. A premiação abriu as portas para o ingresso no mestrado, através de uma bolsa de estudos.

Percebi que não consigo olhar para as crianças sem associá-las ao brincar e isso me motivou na escrita do meu trabalho de conclusão do curso da Pedagogia. Enfim, no final de 2022, concluí, com muito orgulho, o curso de Pedagogia.

Hoje, licenciada em Pedagogia pela Universidade Feevale, descrevo-me como uma pessoa apaixonada pela área da educação. Penso que eu não escolhi a área de educação por acaso, na verdade a escolha reflete um desejo de mudar a realidade, de fazer com que as crianças gostem de estar na escola, queiram aprender para transformar, para fazer diferente, que aprendam a ser cidadãos críticos dos seus direitos e deveres. Assim, entendo a sala de aula como um espaço de estímulo às descobertas, de experiências, vivências e aprendizagem significativa e prazerosa.

Em 2023, por conta da premiação no Inovamundi, ingressei no Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social na Universidade Feevale, na linha de pesquisa de Inclusão Social e Políticas Públicas. Devo admitir que ingressei sem ter ao certo o meu projeto de pesquisa definido, mas, depois de idas, vindas e muita ansiedade, minha querida orientadora, a professora Dr.^a Lovani Volmer, acreditando em mim, sugeriu seguir aquilo que me motiva a pesquisar: o brincar, agora com um olhar ampliado a partir das minhas inquietações da graduação.

O ingresso no mestrado e no grupo de pesquisa LLETIS – Leitura, Letramentos, Tecnologias e Inclusão Social – foi um momento muito angustiante, pois parecia que eu não conseguia contribuir com o grupo da mesma forma que os colegas contribuíam. O grupo, de maneira muito generosa, acolheu-me e percebi que outros colegas compartilhavam do mesmo sentimento que eu, motivando-me a encarar o desafio e encorajar outros colegas.

Percebo como foram boas as idas e vindas em torno do meu projeto de pesquisa, pois tenho certeza do que me motiva a seguir em frente, daquilo que de fato eu, como mãe, pedagoga, professora e agora pesquisadora, acredito.

Atuo como professora dos anos iniciais do ensino fundamental na rede municipal de ensino de uma cidade do Vale do Sinos/RS e minha fala carrega as experiências que trago do espaço escolar, o que contribuiu para ampliar a visão sobre a importância das discussões em torno do brincar como um direito das infâncias. Observo que entidades e movimentos sociais de diferentes segmentos da sociedade têm atuado em prol da garantia dos direitos das crianças, que compreende, dentre outros, o direito à educação de qualidade e ao brincar como linguagem específica desse grupo social, porém o foco, em geral, acaba sendo restrito à primeira infância. Contudo, não podemos esquecer que, para efeitos da legislação, considera-se criança o sujeito até os 12 anos de idade incompletos.

É preciso olhar para nossas crianças e adolescentes, reconhecendo-as como sujeitos de direito e, mais do que isso, garantir que seus direitos de fato sejam respeitados. É preciso garantir que o direito de viver a infância dentro do espaço escolar seja respeitado. Assim, nasce o meu projeto de pesquisa, que busca olhar para as crianças reconhecendo-as como sujeitos de direitos.

De caráter interdisciplinar, a pesquisa está inserida no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale, na linha de pesquisa de Inclusão Social e Políticas Públicas, e tem como premissa refletir sobre as infâncias e o direito ao brincar em todos os espaços, especialmente o escolar. Nesse viés, a partir do problema de pesquisa, buscamos compreender em que medida a gestão democrática escolar contribui para que o direito ao brincar seja garantido na escola.

Para auxiliar nas discussões que envolvem as crianças e o direito ao brincar, busco sustentação nas políticas públicas, nos documentos da área da educação e, em diferentes autores que dialogam com a temática, tais como: Ariés, Del Priore, Friedmann, Fortuna, entre outros.

Pensar na criança como sujeito de direitos e na escola como espaço que visa à construção integral desses sujeitos, remete-nos ao entendimento de que, para viver a infância em sua plenitude, é necessário garantir que, em todos os espaços, especialmente o escolar, o brincar esteja presente. E aqui refletimos que o compromisso com o desenvolvimento integral das crianças é uma tarefa de toda a sociedade. Acredito veemente que

enquanto os direitos das crianças e dos adolescentes forem negligenciados, ainda teremos espaço para discussões envolvendo o brincar e a escuta destes sujeitos.

Nesse viés, meu memorial não se encerra aqui, pois certamente serei novamente transformada por toda a construção ao longo da pesquisa. Espero que minhas reflexões tragam contribuições e ampliem as discussões sobre a importância do brincar em todos os espaços, inclusive, o escolar.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n.19, p.20-28, abr. 2002. Disponível en <<https://is.gd/R5smeB>>. accedido en 17 jun. 2024.

CUNHA, Maria Amélia de Almeida. **A escrita do memorial acadêmico: ritual de passagem ou rito de consagração?** Dossiê. Pesquisa narrativa no fazer ordinário da docência: múltiplas perspectivas.

FRIEDMANN, Adriana. **O papel do brincar na cultura contemporânea**. 2015. Disponível em: <<https://is.gd/7iSYAW>>. Acesso em: 15 nov.2023

LAZZAROTTO, Gislei Domingas Romanzini, CARVALHO, Julia Dutra de. Afetar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 23-25

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis. Vozes, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

WITTMANN, Lauro Carlos; KLIPPEL, Sandra Regina. **A prática da gestão democrática no ambiente escolar**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2012. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 08 jan. 2024.

5. “EU EXISTO!”: A DIVERSIDADE NA VIDA E A NA LITERATURA!

Márcia Tatiana Funke Dieter¹

*Porque eu sou do tamanho do que vejo.
E não do tamanho da minha altura.
(Fernando Pessoa)*

Certa vez li, num conto popular de autor desconhecido, intitulado “O mais importante”, que o mais importante são as nossas histórias, as que deixamos para o mundo. Passei a prestar mais atenção à minha história, às marcas que eu deixo no mundo. Quais são elas? Sou Márcia Tatiana Funke Dieter, nasci em 19/01/1977, em Santo Ângelo/RS, filha de Guiumar Franscisco Funke e Odila Peres Funke, que me ensinaram o respeito pelo trabalho, pelo compromisso e pela responsabilidade. Meus pais mudaram-se de Santo Ângelo para Dois Irmãos/RS, quando eu ainda era um bebê, onde ficamos até os meus quatro anos, depois nos mudamos para Iveti/RS, cidade na qual resido até hoje. Revisitando essa parte da minha história, lembro que sou migrante, não por escolha, mas pela escolha de meus pais, por isso faço referência a José de Souza Martins, que aborda, em seus estudos, que as pessoas são proprietárias de uma única coisa: a sua força de trabalho. Assim, contextualizo meus pais, naquela época, saindo do lugar em que nasceram para tentarem uma vida melhor, tendo apenas a sua força de trabalho como garantia de esperança. Tiveram que passar por reinclusões nas duas cidades por onde passaram. Hoje, não me vejo diferente, proprietária da minha força de trabalho, da luta diária pela sobrevivência, em uma sociedade consumista, que compactuo para ser inclusa, uma vez que “Cada trabalhador se tornou, sem o saber, apenas um fragmento do trabalhador coletivo que foi gerado e subjugado pelo grande capital.” (Martins, 1998, p.159).

¹ Mestranda e Bolsista CAPES no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: escritora.marciafunke@ gmail.com

Ingressei na Escola Evangélica I voti (atualmente Instituto I voti) aos cinco anos e permaneci lá até a terceira série do primeiro grau, momento que perdi a bolsa de estudos por conta de o meu pai ter mudado de emprego. Em seguida, passei a estudar em uma escola pública municipal, a EMEF Professor Ildo Meneghetti, na mesma cidade, na qual permaneci até concluir o primeiro grau – foram cinco anos de boas vivências. Desde muito cedo, adorava participar das atividades culturais da escola: fazia parte do grupo de teatro, dos grupos de dança alemã e gaúcha e do coral, uma forma de sentir-me incluída, de fazer parte, de sentir-me pertencente a um grupo, a um espaço.

Aos 14 anos, colaborei como catequista na Comunidade Católica do bairro, na mesma cidade. Mesmo com pouca idade, eu já buscava por algo diferente a fim de envolver os catequizandos e passei a trazer o que experimentava e fazia-me feliz: o teatro, a dança, a música e a leitura, uma prática que conquistou as crianças, que vinham animadas para a catequese e curiosas com o que fariam. A partir dessa experiência, e com o desejo desde criança, passei a sonhar em ser professora.

Minha vontade de cursar o magistério na Escola Evangélica I voti era imensa, mas meus pais não tinham condições financeiras de pagar as mensalidades. Matricularam-me em outra escola do município, da rede estadual, para minha tristeza, nada contra a rede estadual, mas lá não poderia cursar o magistério. Porém, ao descobrir que o município estava oferecendo bolsas de estudos para o curso de magistério, não pensei duas vezes e, com quase 15 anos, fui em busca de toda a documentação necessária para disputar uma bolsa de estudos. Em 1992, ingressei no curso de magistério em I voti como bolsista. E, mais uma vez, durante esse período, participei do grupo de teatro, do coral e do grupo de leitura da escola, sempre destacando-me pela atuação, desenvoltura e criatividade. Em 1995, concluí o magistério, realizando meu primeiro grande sonho: ser professora, uma profissão pela qual tenho paixão e que me enche de orgulho, por mais triste que seja a realidade em torno do magistério neste país – desvalorização dos profissionais, baixos salários, condições, por vezes, precárias de trabalho – penso que são lutas para melhorar, não vejo como argumentos para desistir.

Também, nessa época, fiz parte do grupo de teatro municipal da cidade e meu envolvimento com a arte começou a ser notório na comunidade. Ao lembrar do meu passado, desde muito pequena e durante

meu desenvolvimento, não consigo me ver longe da Arte, da arte que acontece, espontaneamente nas brincadeiras de criança e da arte que escolhemos para tornar a vida mais viva, como a aula de violão, o teatro, a dança, o coral. Sinto, hoje, que a arte é responsável por eu ser assim: um ser humano que cria para sentir, para viver e que vive para criar. A arte fez, faz e, certamente, fará parte da minha vida, “A vida e a arte são inseparáveis.” (Lowenfeld, 1977, p. 42), viver por meio da arte faz muito sentido para mim.

Passando no meu primeiro concurso público, em 1997, entrei para o quadro de professores da cidade de Lindolfo Collor/RS, atuando 22h como professora. O primeiro concurso nunca esquecemos: guardo em minha memória a preocupação em dar conta de todos os estudos, de fazer uma boa prova e a alegria e o alívio de ver meu nome na lista de aprovados e, por fim, a satisfação de ser nomeada. Em 2003, ampliei minha carga horária, pois passei em mais um concurso na mesma cidade, trabalhando 44h semanais. Durante os anos de atuação, neste município, destaquei-me pela forma de explorar a literatura em aula, contando histórias com muita desenvoltura, despertando a curiosidade dos alunos, principalmente aos alunos de inclusão, como uma aluna com Síndrome de Down e outro com Deficiência Intelectual. Sempre tentava contar as histórias ou lê-las envolvendo a todos, nunca deixando de lado aqueles com alguma deficiência, o meu olhar chega em todos. Também tive destaque pelos projetos que criava em torno da literatura e da leitura com o mesmo intuito, envolver a todos, do jeito que eram, com suas peculiaridades. Um desses projetos apresentei em um Seminário Municipal e em um Congresso Nacional de Educação, intitulado Ler pra quê? desenvolvido com alunos da 8^a série.

Sempre acreditei nisso, incluir todos os alunos na e pela educação. Penso que é o certo a fazer. Como professora, devo ter o compromisso com todos os meus alunos e é preciso buscar formas de acessar cada um. Esse sentimento forte de inclusão pode estar associado ao fato de, muitas vezes, no meu processo de amadurecimento, ter me sentido excluída, tentando sempre me colocar nos espaços, ser reconhecida, valorizada, aceita, amada. Trago para esse memorial, Mantoan (2022), pelas suas ideias, ações e lutas e por defender uma escola para todos, num manifesto, escreveu:

A escola que queremos se propõe a fazer, simplesmente, o que lhe cabe: ensinar a todos sem quaisquer diferenciações que possam ser consideradas excludentes. Essa escola respeita a maneira com que um aluno lida com o que lhe afeta, com o que lhe acontece e o transforma, ou seja, com a sua experiência. Ela ouve cada um sem quaisquer prejulgamentos, acolhe-o incondicionalmente e está sempre se reinventando (Mantoan; Lanuti, 2022, p. 81).

É o que acredito, acolher a todos e criar formas de ensinar para que todos possam aprender. Jamais consegui ensinar deixando de lado os alunos com alguma dificuldade de aprendizagem ou deficiência. Todos merecem respeito e todos têm direito à educação e devem ser incluídos.

No município de Lindolfo Collor, tive a oportunidade de atuar como diretora em duas escolas municipais, na EMEF Oswaldo Cruz durante três anos, de 2002 a 2005, e na EMEF Nereu Ramos, em 2008. Em ambas as escolas, com a ajuda da comunidade escolar, criei e organizei as bibliotecas, oferecendo, a partir de então, um espaço significativo para leitura. Na primeira escola, não havia biblioteca e, na segunda, o espaço era um depósito que também tinha livros, tudo entulhado, nada atraente e convidativo para entrar e explorar, pelo contrário, passava a sensação de um lugar sem muita importância, nada atrativo. Atuar como diretora de escolas públicas é lutar contra a desigualdade, todos os dias, planejando onde cada centavo, que conseguimos com muito trabalho, poderá ser investido para melhorar a educação de tantas crianças vivendo à margem de uma sociedade capitalista, desigual e excludente. Filhos de migrantes, nascidos nos lugares de destino, vítimas da migração que, segundo Martins (1998), nem entram nas estatísticas de migração. Foi, sem dúvida, um período de muito aprendizado e crescimento para mim.

Em 2009, fui convidada para ser Diretora Cultural no município de Lindolfo Collor, saindo da sala de aula, e permaneci nessa função até 2011. Enquanto Diretora Cultural, tive a chance de organizar as feiras do livro do município e criar ações de incentivo à leitura em âmbito municipal, uma delas foi o “Entardecer Literário” – era um encontro mensal com famílias que se cadastraram para participar do projeto. Falávamos sobre leituras realizadas, anterior ao encontro, e interagimos com autores, ilustradores e livreiros convidados, significando as vivências literárias. Encontros interessantes foram aqueles, de construção de uma

realidade de famílias leitoras, refletindo e construindo opiniões. Era como se víssemos uma fagulha de luz no fim do túnel, uma esperança de mudança, mas, tudo o que é bom dura pouco, segundo a fala popular, depois que deixei o município, o projeto vingou por pouco tempo, chegando ao fim.

Ingressei no Curso de Ciências Sociais na UNISINOS/São Leopoldo/RS em 1999. Fiz um semestre desse curso e, em 2000, troquei-o para o que realmente fazia meus olhos brilharem: Letras – Português. Levei oito anos para concluir o curso de Letras, uma vez que, ao casar em 2001 e iniciar uma família, alguns semestres pude fazer apenas uma única disciplina, para darmos conta das demais despesas que um lar demanda, ainda mais no início, quando estamos experimentando tudo pela primeira vez, incluindo a organização financeira. Para Martins (1998, p. 28), “A vivência real da exclusão é constituída por uma multiplicidade de dolorosas experiências cotidianas de privações, de limitações, de anulações e, também, de inclusões enganadoras”. Exatamente o que vivi nesse período da minha vida; fiz escolhas, por vezes dolorosas, mas necessárias, privando-me de algumas coisas em detrimento de outras.

Em 2006, 5 anos depois de casada, nasce uma filha e nasce uma mãe. Nasce Geovana Isadora Dieter e decido trancar a faculdade por um ano, pois precisava viver essa fase com minha filha, já que, além de estudar à noite, estava em sala de aula 44h. E não me arrependo dessa escolha, foi e vem sendo intenso a cada nova fase do crescimento e desenvolvimento dela. Voltei em 2007, incentivada, todos os dias, por meu marido, Márcio Rodrigo Dieter, companheiro maravilhoso de vida e de sonhos, dando sequência aos meus estudos.

Também durante o curso, despertou em mim o gosto pela escrita literária. Certa vez, em uma aula da disciplina de Literatura Infantojuvenil, na universidade, depois de compartilhar minhas histórias, uma fala da professora, “Tu poderias escrever histórias e publicar, levas muito jeito para isso.”, aguça em mim, com mais intensidade, o desejo de publicar minhas escritas. Então, passei a ler tudo o que encontrava sobre a escrita literária/escrita criativa, focando mais na literatura infantil e juvenil e decidi, assim, que meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) seria sobre a escrita literária destinada às crianças. Escolhi, para analisar e embasar minha pesquisa, uma escritora que admiro muito e que é uma

das minhas inspirações, Ana Maria Machado. Através do estudo e análise de duas de suas obras, “História meio ao contrário” e “Menina bonita do laço de fita”, tentando desvendar o que ela traz em sua escrita que seduz os leitores de todas as idades, em especial, as crianças. Assim, apresentei a pesquisa: “História meio ao contrário e Menina bonita do laço de fita: uma estética bem particular” e, logo após a apresentação do trabalho, publiquei meu primeiro livro, “A casa e a menina” (2008), pela editora OIKOS. Terminei o curso aprovada, passando plenamente com a pesquisa e passei a perseguir um novo sonho, ser escritora e, assim, vou construindo minha identidade, na perspectiva de Martins (1998, p. 46): “[...] a sociedade contemporânea é uma sociedade que pede contínua ressocialização de seus membros, contínua reelaboração das identidades”.

De 2009 a 2011 publiquei mais três livros. Em 2012, meu marido e eu criamos a editora “Ateliê de Histórias”, uma editora que podemos chamar de nossa. Através da editora, pude acompanhar, junto com profissionais específicos, todo o processo de publicação de um livro e o respeito para com ele, além da preocupação pela qualidade só aumentou, e essas vivências foram e continuam sendo, de muita aprendizagem. São experiências que me trazem muita satisfação. Fomos em busca de formações sobre a edição de livros, construindo nossa identidade como editora, focando na literatura para as infâncias. Primeiramente, publicamos os livros de minha autoria, hoje contando com 19 obras, e, mais tarde, abrimos para a publicação de novos autores, colaborei em muitas obras literárias que surgiram, com um olhar sensível para com o texto. Nesse período, também cresciam as minhas participações em feiras de livros escolares e municipais como autora presente.

Ainda em 2010, exonerei-me de um concurso público de Lindolfo Collor, pois passei no concurso público da cidade de Ivoi, atuando como professora na rede municipal de ensino da cidade e, em 2012, fui convidada para atuar dentro do Departamento de Cultura de Ivoi. Fiquei no Departamento de Cultura de Ivoi até 2013, decidindo voltar para a escola. Também iniciei uma especialização em Cultura e Literatura, pelo Centro Universitário Barão de Mauá/SP, via Polo de Ensino Capacitar em Novo Hamburgo/RS. Ao término da especialização, fui convidada a ministrar aulas aos alunos de pós-graduação, no curso de Psicomotricidade e Ludopedagogia na Educação Infantil e Séries Iniciais

no Polo de São Leopoldo/RS e Igrejinha/RS. Durante um ano, atuei como professora, levando aos educadores que frequentavam o curso a literatura e a contação de histórias como forma de mediação de leitura, encantamento, contribuindo na constituição do sujeito, “Daí já se conclui a importância basilar da literatura destinada às crianças: é o meio ideal não só para auxiliá-las a desenvolver suas potencialidades naturais, como também para auxiliá-las nas várias etapas de amadurecimento que medeiam entre a infância e a idade adulta” (Coelho, 2000, p. 43).

Nesse período, comecei a ser convidada para dar formações a professores, então, criei minha primeira oficina para professores, “Contar, encantar e transformar com histórias”. Aceitei o desafio de desenvolver oficinas, pois percebi que poderia ajudar mais professores a olharem para a literatura como uma arte que transforma realidades e vidas e não como pretexto didático. Percebo que essa sociedade que exclui, também, em certo momento, inclui, como defende Martins (1998), ou seja, ao excluir, também inclui, integra e, neste momento, eu estava sendo integrada. Nesse mesmo ano, exonerei-me do último concurso público que me ligava a Lindolfo Collor.

Em 2015, ministrei minha oficina a professores num curso de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Após a realização da oficina, fui convidada, pela coordenadora do curso, a fazer parte do quadro de professores do curso, tornando-me professora pesquisadora no Curso de Extensão, “Educação Ambiental: o lúdico na educação ambiental” e, durante oito meses – até o término do curso de extensão – trouxe a literatura para as aulas, com foco nos personagens e suas representações, analisando a diversidade, com um olhar atento aos personagens que pouco aparecem na literatura como as pessoas com deficiência, por exemplo.

Sempre com o desejo de qualificar minha escrita, no mesmo ano, participei de um curso de extensão sobre escrita criativa com o escritor Charles Kiefer, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em Porto Alegre. Também criei o projeto extraclasse, “Confraria da Arte”, na EMEF 25 de Julho de Iveti, na qual eu trabalhava. Nesse projeto, foram desenvolvidas atividades relacionadas às linguagens artísticas, em especial à literatura, com o intuito de trazer os alunos das séries finais para a escola. Nesse mesmo ano, publiquei o livro

“Papai Engenhoso”, narrativa em que trago um personagem usuário de cadeira de rodas, iniciando a inclusão na minha escrita, neste caso, a pessoa com deficiência, resultado das pesquisas, da sensibilização e do entendimento de que a literatura deve contemplar e representar a todos.

Em 2017 fiz uma pós-graduação em Artes Visuais pela Faculdade Futura/MG, concluída em 2019 e atuei, também, como professora de Arte na Educação Infantil e anos iniciais (1^a e 2^o anos), na mesma escola. Mais uma vez, foi através da literatura e da mediação literária com a contação de histórias que consegui acessar os alunos, em especial, dois alunos com Transtorno do Espectro Autista, que revelaram gostar muito desses momentos, pensados com cuidado para incluí-los. Envolvidos com as histórias, realizamos experimentações com várias linguagens artísticas que estimulavam a criatividade, tornando as propostas, em aula, significativas.

Em 2020, em meio à pandemia, fiz mais um curso de escrita criativa, com os escritores Luis Antonio de Assis Brasil e Jéferson Assumção e, nesse mesmo ano, criei o projeto virtual “Histórias para Imaginar”, que ganhou destaque na revista Paranhana Literário e no Jornal NH de Novo Hamburgo. Compartilhei histórias, inicialmente para 20 famílias, mas a notícia foi se espalhando e, uma semana após iniciar e anunciar o projeto, já contava com 700 famílias de diversas cidades, inclusive de outros estados e famílias brasileiras que moravam em outros países, como a Itália. Foram 100 histórias, em domínio público e outras autorizadas pelos autores, contadas por mim, uma por dia, e enviadas às famílias. Encontrei na literatura uma forma de ajudar ao próximo e a mim mesma, nesse período sombrio. Foi uma experiência emocionante, gratificante e feliz, num momento tão confuso e triste. Famílias com filhos que tinham crianças com Espectro Autista, por exemplo, fizeram contato comigo, agradecendo e relatando a experiência positiva com eles. Alguns pais mandavam fotos e vídeos mostrando essas crianças, sentadas ou deitadas, junto deles, de olhos fechados, ouvindo – este era o convite: “Fechem os olhos e viagem comigo, ao mundo mágico e encantado da imaginação!”.

Essa experiência e o relato dessas famílias fizeram-me pensar e experimentar uma outra forma de contar histórias, numa turma que havia um aluno com Espectro Autista. Percebi, na prática docente, que, em geral, as crianças com Espectro Autista que frequentavam a escola

na qual eu trabalhava, gostavam de ouvir música vinda de uma caixa de som (normalmente ficavam em volta, ouvindo, movimentando-se, olhando e tocando a caixa). Então, passei a usar uma caixa de som para compartilhar as histórias que contei durante a pandemia, em áudio (essas histórias estão todas em podcast livre, no Spotify, para quem quiser acessar e ouvir: “Histórias para imaginar com Márcia Funke Dieter” e o resultado foi muito positivo. O aluno ficava em volta da caixa ouvindo e, de tempo em tempo, olhava para mim e sorria, pois, reconhecia a minha voz, era lindo observar a reação dele enquanto ouviam. Para mim, foi, sem dúvida, mais uma prova de que sempre há uma forma de incluirmos a todos, em todos os ambientes e situações, no contexto escolar e fora dele, ainda mais quando se envolve a literatura que extrapola o aqui e o agora, nos levando para outros lugares, outros tempos, possibilitando a experiência de experimentarmos, por meio do imaginário, a vida de outros seres humanos.

Em 2022, resolvi, depois de 25 anos atuando como professora na rede pública municipal, exonerar-me do último concurso em que estava atuando, para dedicar-me à carreira de escritora e buscar mais formação acadêmica. Saí de uma escola com o objetivo de entrar em muitas outras, através das minhas histórias compartilhadas em livros e através das formações para professores. Com essa escolha, estou vivendo um momento rico para a pesquisa, já que não atuo na sala de aula formal, podendo gerenciar meu tempo e, numa realidade potente, tendo contato com inúmeras escolas e professores da região e, também, de outros estados. Há muito vinha sentindo que é preciso mais do que leituras isoladas e experiências, é preciso o envolvimento acadêmico para legitimar estudos para potencializar a prática. Assim, motivada pela longa jornada como professora e, agora, ainda mais forte, pela oportunidade de escrever literatura para todas as crianças, buscando trazer a diversidade para minhas criações, decidi cursar o mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social, na Universidade Feevale, o qual, desde a descoberta da existência desse curso, fez muito sentido para mim, para o meu propósito profissional e pessoal. Não só decidi como consegui ser selecionada como bolsista CAPES/ PROSUC.

Quero colaborar nas pesquisas em torno da literatura e da inclusão, na linha de Políticas Públicas e Inclusão Social. Minha pesquisa trata da diversidade nas narrativas em Programas Nacionais de Leitura, criados pelo Ministério da Educação do Brasil, e tenho como orientadora a Professora Doutora, Sr.^a Lovani Volmer, que muito vem me auxiliando nesta caminhada como pesquisadora.

Ao longo desses anos, explorando a literatura e em meio a professores, em diferentes escolas do Rio Grande do Sul, constatei que as obras literárias que circulam nas salas de aula e nas bibliotecas escolares, na grande maioria, pouco contemplam a diversidade e quando contemplam é uma ou outra, excluindo muitas. Estas narrativas, de certa forma, padronizadas, com personagens fixos, criando estereótipos. Personagens negros e indígenas pouco se vê nas narrativas, mas, personagens com deficiência ainda menos, sendo, quase sempre, contemplada a deficiência que podemos visualizar, como um usuário de cadeira de rodas. Essa realidade remete a Araujo (2015, p. 15), quando traz que “[...] a generalização da falta de reconhecimento de certas pessoas nas interações do mundo da vida engendra a sua exclusão dos sistemas funcionais [...].

Ainda percebo que as obras que circulam nas escolas, quando contemplam as deficiências, os transtornos, as síndromes, por exemplo, focam na informação, com o intuito de ensinar e conscientizar sobre a diferença, evidenciando a autoaceitação ou compensação, muitas vezes um livro de cunho utilitário, quando o texto é pretexto para ensinar. Quando as crianças, com alguma deficiência, com algum transtorno, ou outra diferença deparam-se com essas narrativas não se sentem representadas e valorizadas, é como se apenas a deficiência, o transtorno, o “problema” fosse o mais importante, quando, na verdade, essa criança vive e quer ver essa vida nas páginas dos livros, assim como vê a vida de tantas outras crianças, pulsando em histórias cheias de aventuras e que desacomoda. Essas realidades me afetam profundamente, incomodam-me e, por isso, o desejo de aprofundar as pesquisas em torno desse tema, A diversidade em narrativas de programas de leitura no Brasil. As ideias de Carvalho e Lazzarotto (2012) vem ao encontro do que sinto ao escolher essa temática e essa linha de pesquisa:

Não precisamos mais temer o processo de estarmos afetados pelo acontecimento no ato de pesquisar, pois o que antes era dado como “ponto fraco” do pesquisador, agora marca uma condição indispensável do processo de pesquisar: a capacidade de afetar e afetar-se para que se criem os modos de expressar os sentidos de uma pesquisa (Carvalho; Lazzarotto, 2012, p. 25).

É preciso, urgentemente, que mais obras que contemplem a diversidade cheguem às escolas de nosso país. Narrativas que representem e contemplem a todos, trazendo as vozes de grupos silenciados, tornando visíveis aqueles que, por muito tempo, eram invisíveis na literatura, como percebe-se no que traz, Ngozi Adichie Chimamanda (2019), “[...] eu não sabia que pessoas iguais a mim podiam existir na literatura”. Por isso, a importância de pensar, de pesquisar, de compreender para ajudar nessa mudança de olhar, buscando por uma literatura sem estereótipos, valorizando as diferenças.

Sem dúvida, contar um pouco desta trajetória é ter a certeza de que vários personagens estiveram presentes na minha história e, como essa história continua (ainda não chegou ao fim), ainda quero deixar boas marcas no mundo. Em 2023 também me inscrevi em mais uma especialização, “A literatura infantojuvenil: da composição à Educação Literária”, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), que já vem contribuindo na minha jornada. Nessa nova fase, junto à acadêmica que tanto desejei fazer parte, posso afirmar que quero muito continuar na Feevale por um bom tempo, pesquisando, afetando-me corpo, alma e coração, colaborando para um mundo mais humanizado e equânime, que, verdadeiramente, inclua e valorize a todos.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ARAUJO, L. A. D. **A questão da diversidade e a constituição de 1988**. In: FERRAZ, C. V.; LEITE, G.S. Direito à diversidade. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2015. p. 3 – 17.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- DIETER, Márcia Funke. **Papai Engenhoso**. Ivoiti: Ateliê de Histórias Editora, 2015.

- DIETER, Márcia Funke. A casa e a menina. Ivoiti: Ateliê de Histórias Editora, 2008.
- LAZZAROTTO G. R. D.; CARVALHO J. D. de. **Afetar-se. Pesquisar na diferença: um abecedário** – organizado por Tania Mara Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento, Cleci Maraschin. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- LOWENFELD. Viktor. **A criança e a sua arte**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.
- MANTOAN, M. T. E.; LANUTI, E. de O. E. **A escola que queremos para todos**. Curitiba: Editora CRV, 2022.
- MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

6. PELA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Flaviane Oliveira Scheffel¹

O menino que carregava água na peneira

Tenho um livro sobre águas e meninos.

*Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.*

*A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e
sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.*

*A mãe disse que era o mesmo
que catar espinhos na água.*

*O mesmo que criar peixes no bolso.
O menino era ligado em despropósitos.*

*Quis montar os alicerces
de uma casa sobre orvalhos.*

*A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio, do que do cheio.
Falara que vazios são maiores e até infinitos.*

*Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito,
porque gostava de carregar água na peneira.*

*Com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.*

*No escrever o menino viu
que era capaz de ser noviça,
monge ou mendigo ao mesmo tempo.*

O menino aprendeu a usar as palavras.

*Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.*

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chura nela.

*O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.*

A mãe reparava o menino com ternura.

*A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.*

*Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!*

Manoel de Barros

¹ Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: flavi.scheffel@gmail.com

Apresento parte da minha trajetória acadêmica, intelectual e profissional, buscando analisar e refletir criticamente sobre os eventos que, ao longo de minha trajetória, concorreram de forma decisiva para a pesquisa em Diversidade Cultural e Inclusão Social na Universidade Feevale.

Minha jornada como professora iniciou em 1991, quando escolhi o curso de Magistério. Conforme Marcelo e Vaillant (2013, p. 34), “a construção da identidade do professor tem início no período em que se é estudante, se solidifica depois, na formação inicial, e se estende durante todo o exercício profissional”. Nesse mesmo período fui estagiária em uma escola municipal de Novo Hamburgo.

Logo após o estágio e conclusão do curso de magistério, já iniciei o curso de Pedagogia e a docência em uma escola municipal do município de Campo Bom. Tal experiência me deu a oportunidade de conhecer uma realidade de mundo muito diferente das minhas experiências de vida, pois a comunidade era bastante carente, e conhecer de perto a exclusão daqueles pequenos estudantes e suas famílias foi um processo muito doloroso para uma jovem professora, gerando um tanto de frustração quanto às expectativas que tinha em relação à função que iria exercer.

[...] o trabalho de educadores também se constitui a partir de mediações e relações constituídas no campo da ação cotidiana, nas dinâmicas escolares, em processos dialógicos onde se criam espaços de práticas conservadoras e/ou transformadoras que geram, na simultaneidade das relações pedagógicas alunos-professores, as possibilidades de recriações de sentidos e significações de conhecimentos e valores pelas intersubjetividades (Gatti, 2019, p. 11)

Logo me graduei em Pedagogia e, em seguida, fui coordenadora pedagógica e posteriormente diretora de escola, no mesmo município. A fim de continuar meus estudos e pela enorme demanda de que precisava dar conta, iniciei uma pós-graduação em Gestão Educacional, corroborando com Vieira (2008, p. 2), quando afirma que “a atualização do professor é uma prática necessária ao exercício da atividade docente. Atualizar significa estar aprendendo sempre, conhecendo novos saberes”.

Logo prestei concurso em Novo Hamburgo (NH) para professora e assumi uma turma de 2^a série, na EMEF Arnaldo Reinhardt, bairro

Canudos. Realizei o estágio probatório de três anos nessa escola, obtendo sucesso. Nessa época, também, realizei a formação de coordenadora de Laboratório de Informática – Proinfo-NTE, oferecido pela Rede Municipal de Ensino (RME), o que ampliou minha visão pedagógica, mostrando a importância de um trabalho integrado, interdisciplinar e de pesquisa. Em 2006, realizei um trabalho abordando a temática ambiental junto a uma turma de 5º ano, alinhado a um projeto no Laboratório de Informática, pelo qual recebi o prêmio Professor Destaque da RME de NH. Nessa época, me encantei com o assunto e iniciei uma pós-graduação em Educação Ambiental pelo SENAC em Porto Alegre. Nesse movimento, novamente, cumpri o destino inexorável que cada vez mais se coloca aos professores/as: “[...] com a grande velocidade de atualização das informações, o professor deve acompanhar o fluxo da mudança, a partir de uma abordagem de aprendizagem constante” (Nóvoa, 1992, p. 17).

Nesse percurso, também fui coordenadora pedagógica na EMEF Senador Salgado Filho, bairro Canudos, Novo Hamburgo. Em 2010, essa escola foi uma das que iniciou com o Projeto Mais Educação, iniciando um “ensaio” de educação em turno integral. Esse momento exigiu muita sensibilidade e ousadia, já que não tínhamos recursos humanos suficientes para realizar o trabalho, logo no início do projeto. Também nessa época iniciei uma pós-graduação em Educação Integral e Integrada pela Universidade do Paraná, promovida pela Universidade Aberta de NH, minha primeira experiência com a educação a distância. Com essa experiência, pude constatar que a “educação a distância (EAD) é uma modalidade de ensino que tem como objetivo oferecer um processo de aprendizagem completo, dinâmico e eficiente por intermédio de recursos tecnológicos” (Carvalho, 2016, p. 1).

Após, fui para a Coordenação Pedagógica da EMEF Eugênio Nelson Ritzel, bairro São José – Kephas, onde fiquei até 2014. Nesse tempo, me deparei com muitas dificuldades e muitas crianças e adolescentes que reprovaram inúmeras vezes e, ainda assim, saíam da escola sem se alfabetizar, embora repetissem os mesmos conteúdos, tarefas e frequentassem o mesmo espaço escolar. Muitos, mesmo assim, saíam sem concluir o Ensino Fundamental, chamando a atenção para o dado de que “[...] grande parte das crianças e dos jovens com Deficiência

Intelectual apresenta uma trajetória contínua de fracasso escolar” (Glat; Estef, 2021, p. 158). A exclusão social daquela comunidade acentuou minhas preocupações e angústias com a educação, fazendo com que direcionasse minhas pesquisas para o assunto de (ex)inclusão social, buscando formação na área de Atendimento Educacional Especializado (AEE), uma vez que não me conformava com o formato de educação para as crianças e jovens com deficiências.

Desde essa época, tenho me dedicado aos estudos na linha da Educação Inclusiva. Após, trabalhei na Secretaria Municipal de Educação de Estância Velha, onde coordenei a Educação Infantil e depois na assessoria da Equipe Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo. Há cinco anos assumi a coordenação do Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP), função que venho exercendo até o presente momento.

Minha trajetória profissional sempre foi alicerçada por reflexões e estudos, respondendo aos meus anseios e norteando minhas práticas. Nesse sentido, entendo que:

As práticas pedagógicas exigem conhecimento, disposição e atualização frequentes. A pedagogia é ampla quando pensada além do contexto educacional propriamente dito. Diversos outros aspectos como social, político e emocional têm assuntos passíveis de abordagem na escola (Nóvoa, 1992, p. 24).

Realizar o curso de Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social me possibilitou ampliar minhas reflexões sobre a Educação Inclusiva e social, por meio das disciplinas que realizei, dos seminários e pelo estágio de docência que participei.

Para realização da pesquisa e escrita da dissertação busquei integrar minhas experiências como professora e gestora em uma pesquisa que colaborasse com outros/as professores/as para que suas práticas favoreçam e efetivem a aprendizagem de crianças com Deficiência Intelectual.

Dentro da linha de pesquisa Inclusão Social e Políticas Públicas, problematizei as razões pelas quais ainda são implementadas ações que excluem esse público, pois, na época era o maior número de estudantes com deficiências na RME de NH eram os estudantes com Deficiência Intelectual (DI), 295 estudantes de 532, isso segundo o Censo de 2020.

Esses estudantes, em sua maioria, não progridem em seus estudos e saem da escola sem concluir o Ensino Fundamental. Assim, levanto como questão de pesquisa o modo como a assessoria pedagógica formativa, oferecida pela equipe multiprofissional do NAP, auxilia nas necessárias mudanças de concepções e práticas, do e no cotidiano escolar, dos estudantes com Deficiência Intelectual atendidos nesse espaço pedagógico, isso nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo.

Já se passaram 2 anos após a finalização da pesquisa e as inquietudes em relação a inclusão continuam, mudanças no atual cenário educacional acontecem de forma muito discreta, às vezes parecendo moverem ainda mais ações de exclusão. é necessário que mais pesquisas se envolvam nesse tema, para que se desenvolvam políticas públicas que reverberem em ações pedagógicas inclusivas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 1**, de 18 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília: CNE, 2002.

CARVALHO, Marcos. **Meu Encontro com os outros**. Coleção História e Saúde; Clássico e Fontes. RJ: Ed Fiocruz

FABRIS, Eli Terezinha Henn. **Experiências de in/exclusão no currículo escolar: desafios e complexidades**. 31ª Reunião da ANPED, GT-13: Educação Fundamental, 2011.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. Paz e Terra, São Paulo, 1997.

GATTI, B. Angelina, SIQUEIRA, Elba Barreto. **Professores do Brasil**: novos cenários de formação / Brasília: UNESCO, 2019.

VAILLANT, Denise.; MARCELO, Carlos. **Ensinando a ensinar**. As quatro etapas de uma aprendizagem. Curitiba:Editora Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2013.

VIEIRA, Sofia Lerche. **Educação básica**: política e gestão da escola./ Sofia Lerche Vieira. Fortaleza: Liber Livro, 2008.

NÓVOA, António, “**Os professores e a sua formação**”. Lisboa : Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, Antonio. **O professor pesquisador e reflexivo**. [Entrevista concedida em 13 de setembro de 2001

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício do professor**: Profissionalização e Razão Pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

STEF, S.; GLAT, R. **Avaliação flexibilizada para alunos com necessidades educacionais especiais: uma prática pedagógica inclusiva.** Olhar de Professor, [S.l.], v. 24, p. 1–13, 2021. DOI: 10.5212/OlharProfr.v24.19708.096.

_____. Decreto nº 9.465, de 2 de janeiro de 2019. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério da Educação, remaneja cargos em comissão e funções de confiança e transforma cargos em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores – DAS e Funções Comissionadas do Poder Executivo – FCPE. Brasília, 2019.

PINK, Mary Jane; LIMA, H. **Rigor e visibilidade:** a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, Mary Jane. (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. São Paulo: Cortez, 1999. p. 93-122.

7. MEMORIAL ACADÊMICO

Marliese Christine Simador Godoflite¹

A vida é feita de histórias e eus, somos os protagonistas e autores delas, sou Marliese Christine Simador Godoflite, temos várias imagens de eus dentro de nós, quem somos, quem fomos, quem queremos ser ou poderíamos ser, assim ajustamos as diversas situações de vida como afirma Baltes e Baltes (1990). Nascida em 16/04/1976, em Porto Alegre, filha de Nadir Benevenuto Godoflite, 76 anos e Ione Simador Godoflite, 72 anos, já na primeira infância, me mostrava comunicativa, alegre, de bem com a vida.

Durante o Ensino médio, no trajeto de casa à escola, havia uma escola de Educação Especial, e o desejo de conhecer aqueles sujeitos, aparentemente diferentes, foi se construindo numa relação de contato que fazia com os estudantes, ao conversar com eles entre os portões. Isto foi despertando em mim a curiosidade, o interesse e a motivação para fazer algo, embora naquele momento não entendia ou sabia o que.

Em 1994/2, ingressei no curso de Fonoaudiologia no Instituto Metodista de Educação e Cultura – IMEC/IPA – Porto Alegre e, como meu *hobbie* era o canto, cogitava trabalhar na área de voz, porém, o amor e o desejo pela educação falaram mais alto. Em 1995, comecei a trabalhar no Colégio João XXIII, em Porto Alegre, como auxiliar de etapa, secretaria dos anos iniciais e logo passei a trabalhar na educação infantil, fazendo vários cursos nessa área. Em 1996, participei de uma seleção de estágio de fonoaudiologia no Instituto Frei Pacífico, escola de surdos e iniciei aí meu percurso nesta área. Em 1997, fui selecionada para estagiar na Escola Especial de Primeiro Grau Incompleto Intercap- FADERS, na época Fundação de Atendimento ao Excepcional e ao Superdotado do Rio Grande do Sul. Em 1997/2, me desliguei do Colégio João XXIII para me dedicar aos estágios finais da Fonoaudiologia. Concluí a graduação em 1998/2.

Em março de 2000, participei de uma seleção para fonoaudiologia no município de Iotti, iniciando meu trabalho em abril daquele ano. Porém, com certeza, eu não tinha ideia da mudança que ocorreria

¹ Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: fonomarliese@gmail.com

na minha vida a partir disso. Tive o grande desafio de ser a primeira fonoaudióloga contratada no município. Foram muitos braços, abraços, muitas asas que se juntaram em longos e belos voos. Realizamos grupos de alunos nas escolas, palestras para os professores, pais e responsáveis, sempre sob o foco da fonoaudiologia educacional e clínica. Em 2001, iniciei também meu trabalho no município de Presidente Lucena. Neste período, trabalhei nos dois municípios como fonoaudióloga clínica e educacional, buscando estabelecer e fortalecer a rede de atendimentos aos estudantes que necessitavam de um olhar diferenciado.

Morava em Porto Alegre, mas permanecia em Iveti a maior parte do meu dia. Ao final de 2002, mudei-me para Iveti. O trabalho cada vez mais me encantava, se fortalecia e florescia. Pude acompanhar várias equipes gestoras, professoras, professores, projetos tanto nas escolas como no PICE/Iveti (Programa de Integração e Cidadania pelo Esporte) através da Oficina do Som. Em 2005, assumi a coordenação psicopedagógica do PAME – Programa de Atividades Múltiplas ao Estudante em Presidente Lucena.

Com o desejo de aprender, fazer mais e somar por onde passava, em agosto de 2005, assumi a função de Psicopedagoga em Nova Petrópolis, desligando-me da Prefeitura de Iveti. Entre tantos trabalhos e cidades que conheci, sentia um carinho muito grande pela cidade de Iveti, sendo que, no final de setembro de 2006, retornoi para trabalhar em Iveti, agora não mais como fonoaudióloga, mas Coordenadora Geral do PELC – Programa Esporte e Lazer da Cidade.

O PELC tinha como principal objetivo o atendimento de crianças e adolescentes (dos 7 aos 14), prevenindo de estarem expostos às situações de violência, abandono, vulnerabilidade social, através da participação de oficinas de esporte, recreação, artesanato, teatro, danças. Também, era oferecida a oficina de Câmbio para as pessoas idosas. Em 2008, o Programa passou a atender crianças a partir dos 5 anos de idade.

Ainda neste mesmo ano, nasce um filho e uma mãe, alegrando a família e ensinando que pode o coração de mãe bater também em outro peito. Em 2010, uma importante decisão foi tomada e uma significativa ação dentro das políticas públicas foi assumida perante os municípios de Iveti, o PELC foi municipalizado, sendo mantido com recursos do próprio município e passa a ser chamado de PLUG – Programa Lazer

Unindo Gerações. Como meta do governo federal, provinham fomentos de projetos por um determinado tempo e depois os próprios municípios poderiam e deveriam dar a continuidade. Ivoiti provou que era capaz. Este importante passo foi inúmeras vezes destacado a nível nacional, sendo mencionado até hoje como um exemplo exitoso na área de esporte e lazer. Várias reportagens e documentários foram feitos sobre esta ação. Estive na coordenação do Projeto até 2012. Com certeza, foi um belo legado deixado para o município que muito me orgulha junto com toda a equipe de coordenações e gestão municipal.

Em outubro de 2010, aprendi que podem dois corações bater fora do corpo desta mãe. A chegada do segundo filho encheu ainda mais meu coração, me desafiando a continuar meu percurso pessoal e profissional com sonhos, vontade, determinação, fé e garra para concretizar e ser exemplo para os meus filhos. Em 2013, passei a integrar a equipe do NAI – Núcleo de Apoio à Inclusão, como fonoaudióloga e psicopedagoga, retomando o trabalho de fonoaudiologia educacional com foco na prevenção e os atendimentos clínicos. Neste momento da minha história, já com mais bagagem, experiências adquiridas, passei a realizar palestras e capacitações na área da Inclusão. Desliguei-me da Prefeitura de Ivoiti em 2016.

Mas os sonhos motivam e impulsionam a continuar, mais uma realização ocorre em fevereiro de 2014, fui convidada para estar na Direção da APAE Ivoiti. Neste momento, revivi minhas emoções de quando trabalhei na FADERS e senti-me imensamente honrada em representar esta instituição que desenvolve um trabalho tão singular e importante na comunidade Ivoitiense. E, que é referência no atendimento às pessoas com deficiência nos diferentes ciclos de vida, sentindo-me APAExonada pelo que faço, permanecendo até hoje na direção da APAE Ivoiti.

Em minha história dedicada ao atendimento de crianças e adolescentes com e sem deficiência, ou mesmo na gestão, publiquei vários artigos em revistas da região do Vale dos Sinos, capítulos de livros e realizei quatro especializações. Durante estes anos à frente da APAE, tive a oportunidade de participar de inúmeros projetos e conselhos de direitos (da Criança e do Adolescente, da Assistência Social, da Saúde, da Educação). Destaco que, desde 2015, participo do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência (CMDPD), em 2017, na presi-

dência, sendo reeleita em outubro de 2019. Várias ações de sensibilização foram feitas junto às escolas e comunidade em geral. Atualmente estou como vice-presidente do CMDPD.

Em 2018, concomitante ao trabalho desenvolvido na APAE, atuei como fonoaudióloga educacional e clínica no município de Picada Café, coordenando também um grupo de estudos sobre Inclusão. Entre os anos de 2019 e 2020, fui voluntária do projeto Uma Sinfonia Diferente, um projeto de musicoterapia para crianças e adolescentes com autismo, com o objetivo de desenvolver a socialização, a comunicação e a interação social. Este projeto foi transformador na vida dos participantes, voluntários e toda a equipe que viveu o trem da Sinfonia, transportando alegria, muito amor e emoção (esta era a temática do espetáculo de 2019). Em 2021, ingressei na equipe multiprofissional como co-terapeuta no Grupo de Pais coordenado pela psicóloga Mara Rúbia Ritter, permanecendo até o momento atual.

O ano de 2020 foi um ano desafiador, com a pandemia devido ao Coronavírus, precisei ressignificar minha prática. A Apae oferece atenção especializada a crianças, adolescentes, jovens, adultos em processo de envelhecimento com deficiência intelectual e ou múltipla e também suas famílias. No acompanhamento às famílias atendidas na Apae de Ivoiti, não são identificadas situações de extrema vulnerabilidade econômica, porém, sujeitos a outros riscos sociais como dependência química, uso abusivo de álcool, instauração de circuito de violência intrafamiliar, abandono, isolamento social, entre outros. Atua-se na necessidade de romper barreiras e situações de risco devido às dificuldades de inclusão e desigualdades existentes em uma sociedade que ainda não respeita os direitos das pessoas com deficiências. Pensando por este viés e estando na gestão desta Instituição, me desafiei a concorrer a uma vaga para o Programa de Mestrado Acadêmico em Diversidade Cultural e Inclusão Social, na linha de Saúde e Inclusão Social. Senti-me imensamente feliz por ter sido selecionada, mas, por questões financeiras, não pude ingressar. Em 2021, ingressei no Programa de Aperfeiçoamento Científico Feevale (PACF), permanecendo no Grupo de Pesquisa: Corpo, Movimento e Saúde, sob a orientação da Dra. Geraldine Alves dos Santos.

Acredito em sonhos, na luta e no protagonismo, em 2022/02, ingressei no mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social, como bolsista CAPES, na linha de pesquisa de Saúde e Inclusão Social, sob

a orientação da professora Dra. Geraldine Alves dos Santos. Entendo que estou inserida numa realidade riquíssima para pesquisa estando na APAE. Durante os estudos em uma das disciplinas, fui apresentada a uma afirmação de Lazzarotto e Carvalho (2012) que me fez entender o porquê estar na universidade tinha um significado tão importante:

Afetar denuncia que algo está acontecendo e que nosso saber é mínimo nesse acontecer. Sinaliza a força de expansão da vida e da atividade que podemos viver. [...] Entre as variações de afetos vividos percebemos que algo convoca ao movimento de pesquisar. Permita- se viver esse movimento, pois é precisamente na experiência desse percurso do afetar que a pesquisa acontece (p. 23-24).

Sem dúvida, fui afetada, convocada ao movimento de pesquisar e motivada a construir este percurso junto com a minha orientadora professora Dra Geraldine Alves dos Santos. Durante os encontros com o grupo de pesquisa, as disciplinas cursadas, estudando, refletindo, (des) construindo “verdades” sobre o envelhecimento, fomos (a orientadora e eu) construindo o tema desta pesquisa: processo de envelhecimento da pessoa com deficiência intelectual. Durante o primeiro semestre do mestrado, somou a esta pesquisa como co-orientadora a professora Dra. Denise Bolzam Berleze, a qual colabora para o delineamento do estudo.

A expectativa de vida da população brasileira aumentou duas décadas desde 1950, passando para 68 anos em 2010, e deve subir para 75 anos em 2050. Em 2012, a Organização Mundial de Saúde dedicou o Dia Mundial da Saúde ao envelhecimento, ressaltando o envelhecimento ativo, sendo este um processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança (Chan, 2011). Acompanho famílias cujos pais faleceram e hoje a pessoa com deficiência está sendo cuidada pelos irmãos, os quais muitas vezes não acompanharam tão diretamente o desenvolvimento desta pessoa e se sentem perdidos. Por isso a importância de pensar, pesquisar e compreender o que as pessoas com deficiência pensam e sentem sobre seu próprio processo de envelhecimento.

Para desenvolver o tema proposto, busquei investigar e compreender qual a percepção que adultos com deficiência intelectual têm sobre seu processo de desenvolvimento/envelhecimento. Quando referi

me sentir afetada pela pesquisa, sim, estou afetada pela temática, pela pesquisa profissional e pessoalmente, uma vez que sou uma mulher com 48 anos em processo de desenvolvimento/envelhecimento e que tem plena certeza do quanto as escolhas de formações interdisciplinares (fonoaudiologia/psicopedagogia clínica e institucional/atendimento educacional especializado) dialogam e me incluem no mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social.

Sem dúvida, contar um pouco desta trajetória é ter a certeza de que vários atores encenaram juntos, afinal, somos protagonistas das nossas histórias e acredito que podemos construir uma sociedade para todos, pensada em equidade de oportunidades para cada um.

REFERÊNCIAS

LAZZAROTTO, Gislei Domingas Romanzini; CARVALHO, Julia Dutra de. **Afetar**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

8. ECORRECREAÇÃO: O PONTO ZERO DA PROPOSTA METODOLÓGICA

Marlon Luis Lucchini¹

Diante da tarefa de escrever o memorial da tese “Ecorrecreação: uma proposta lúdica de inclusão social e de sustentabilidade ambiental com usuários de cadeira de rodas”, esclareço que, ao empenhar-me em redigi-las, não as tomo como representativas do primeiro passo que dou em direção à construção desta pesquisa, tampouco de minha constituição como pesquisador. Compreendo que o ponto zero é constituído pela materialização das influências culturais, espirituais, sociais e psíquicas que me permitiram olhar profundamente o fenômeno que busco investigar, e situa-se no meu modo de ser no tempo e no espaço com outros seres vivos, com a natureza e as diferentes compreensões científicas, religiosas e filosóficas que nos cercam.

Dessa forma, resgatar o início de como tudo começou fez com que eu relembrasse muitas memórias, desde a primeira apreciação que fiz do tema em uma revista específica da área, em 1996, até os últimos trabalhos científicos realizados por mim sobre a Ecorrecreação e apresentados em eventos acadêmicos. Também reforçam o meu interesse pelo assunto as leituras e a participação em atividades como seminários, congressos, oficinas e cursos. Nesse processo, considero os artigos de minha autoria como importantes balizadores deste percurso, pois oportunizaram um aprofundamento teórico e prático da proposta metodológica, a fim de tornar as atividades que promovo mais atrativas e interessantes aos participantes, proporcionando uma intervenção crítico-social, com a intenção de preparar as pessoas para o mundo em que vivem, tornando-as seres críticos e conscientes das contradições existentes na sociedade da qual fazem parte.

Nossa atual sociedade procura caminhar rumo a uma realidade inclusiva e ecológica, assim, diante do atual contexto social dinâmico, o ato construtivo exige uma atitude programada daquele que pesquisa e

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: Marlonlucchini@yahoo.com

propõe novas ações e estratégias nessas áreas. Um verdadeiro ato edificante, para que alcance o seu objetivo de incluir cidadãos preservacionistas, autônomos e críticos, não pode se limitar a uma simples relação caridosa, assistencialista e protecionista. É necessário que o pesquisador tenha vontade de incidir ou de intervir no processo evolutivo do participante, o que acarreta uma série de decisões de ordem procedural, que envolve toda a ação proposta, desde a elaboração dos objetivos e da escolha da metodologia, até o desenvolvimento das práticas aplicadas.

Assim, a atividade desenvolvida é conjunta, articulada e determinada pela interação entre os envolvidos, funcionando a partir do social. Pensando nesse contexto, Sassaki (2006) conceitua “inclusão social” como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais e ambientais, pessoas com deficiência e, simultaneamente, para que elas possam se prepararem para assumir os seus papéis na sociedade. Tal processo promove a diversidade e o ecologismo, sendo mais do que somente garantir o acesso aos direitos dessas pessoas, ou seja, é a supressão dos obstáculos que limita a sua participação social e das políticas ambientais.

Defende Vygotsky (1994) que toda e qualquer situação de aquisição de conhecimentos com a qual o indivíduo se defronta decorre sempre de fatos anteriormente vividos, o que leva o autor à conclusão de que os processos do desenvolvimento do ser humano estão relacionados desde o seu nascimento. Nesse sentido, o processo de desenvolvimento pessoal se iniciaria muito antes de frequentar as instituições sociais. Ressalta o autor, ainda, que o conhecimento sistematizado produz algo fundamentalmente novo na sua evolução. Afirma ele que:

No fim das contas só a vida educa, e quanto mais amplamente ela irromper na escola, mais dinâmico e rico será o processo educativo. O maior erro da escola foi ter se fechado e se isolado da vida com uma cerca alta. A educação é tão inadmissível fora da vida, quanto a combustão sem oxigênio ou a respiração no vácuo. Por isso o trabalho educativo deve estar necessariamente vinculado ao seu trabalho criador, social e vital. (Vygotsky, 2001, p. 456).

A proposta metodológica da Ecorrecreação pretende “derrubar a cerca” do isolamento entre as propostas inclusivas e o mundo, deixando

de ser uma ilha isolada onde o participante é preservado dele mesmo, para que a pessoa com deficiência viva em uma sociedade sem barreiras e contextualizada com a própria realidade da comunidade onde esta se insere. Ao abrir do isolamento do mundo e da vida, busca-se a participação e o pensamento crítico, onde os programas sociais tornam-se um ato de produção, de reconstrução do saber de uma prática de liberdade, afirmando a politicidade do conhecimento conforme os pressupostos de Freire (2002).

Freire (2002) defende que a intervenção socioeducativa não pode ser um ato individualista, mas sim um processo coletivo e dialógico. O isolamento social impede a construção do conhecimento crítico e a modificação da realidade. A participação ativa na vida social é fundamental para que os indivíduos se conscientizem de sua condição e lutem por seus direitos. Projetos com propostas socioambientais, quando pensados de forma participativa e emancipadora, podem ser espaços privilegiados para a produção de saberes que emergem da experiência dos sujeitos envolvidos. Os programas sociais, ao promoverem a participação e o pensamento crítico, contribuem para a construção de um conhecimento que seja comprometido com a transformação social.

Antes de iniciar o relato da minha trajetória, é importante delimitar o significado da palavra lúdico, utilizada nesta tese em diferentes contextos; algumas vezes, empregada com outros termos, como jogos, brincadeiras, atividades ou recreação. Ressalto que tentar conceituar esse vocábulo é uma tarefa difícil, pois, ao priorizar um sentido, ao selecionar uma ideia, acabamos por deixar de fora muitas outras. Essa dificuldade evidencia-se quando, ao empreender uma revisão na literatura especializada, encontrei conceituações do lúdico num leque de variação tão diverso que quase se tornam específicas de cada autor.

Constatei que o termo “lúdico” serve para qualificar uma ampla variedade de fenômenos, desde um jogo, uma atividade recreativa e até mesmo uma brincadeira. Neste entendimento, há autores que utilizam diferentes definições, separando cada uma. Optei por utilizar os termos indistintamente, sendo que, durante o trabalho, podem aparecer adjetivações tanto para um como para outro termo. Encontraremos, assim, neste estudo uma gama de definições, sendo o lúdico um conceito abrangente, que engloba àquilo que é prazeroso, divertido, espontâneo e criativo,

utilizado de uma forma ampla e genérica, fazendo eventualmente o uso específico das palavras jogar e brincar em determinados contextos.

Nesta perspectiva, o ato de brincar constitui-se em vínculos importantes na construção do conhecimento, pois internalizamos a nossa realidade por meio da simbolização. Piaget (1978) traz grandes contribuições para essa discussão, analisando o jogo em relação à vida mental, traçando um paralelo entre os estágios de desenvolvimento cognitivo e o aparecimento de diferentes tipos de jogos. Para ele, a vida mental não é algo estático, mas sim um processo contínuo de construção e reconstrução, onde interagimosativamente com o ambiente para construir o nosso próprio conhecimento.

As atividades lúdicas correspondem a um impulso natural das pessoas e, neste sentido, satisfazem uma necessidade interior, pois o ser humano apresenta tendências lúdicas. A ludicidade apresenta benefícios para o desenvolvimento de todos nós: a vontade em aprender aumenta o interesse, desta maneira, realmente aprendemos o que está sendo transmitido, não sendo possível separar a ludicidade da aquisição de conhecimentos.

Ao compreender o jogo como mais antigo do que a cultura, indicando que a cultura nasce sob a forma de jogo, identifica-se que “[...] o jogo é uma função da vida, mas não é passível de definição exata em termos lógicos, biológicos ou estéticos. O conceito de jogo deve permanecer distinto de todas as formas de pensamento, através das quais exprimimos a estrutura da vida espiritual e social.” (Huizinga, 1996, p. 10). O autor nos convida a uma profunda reflexão sobre a natureza do jogo e seu papel na vida humana, sugerindo que esta atividade não é um mero passatempo, mas sim uma função intrínseca à própria vida.

Helal (1990) ressalta que a principal diferença entre brincadeira e jogo se resume no fato de que, no jogo, verifica-se a existência de regras fixas, ausentes na brincadeira, que pressupõe atividade espontânea. Para Bettelheim (1988), os termos “brincadeira” e “jogo” não têm o mesmo significado. O primeiro se refere às atividades caracterizadas por uma liberdade total de regras. O segundo, em geral, define-se pela competição e exige a presença de regras, utilização de espaços e materiais específicos.

Muitos pesquisadores entendem que para se chegar à definição unificada de “lúdico”, “jogo” e “brincadeira”, deve-se identificar as características daquilo que se chama cada uma, descrever o comportamento por eles expresso e explicar as razões que levam o indivíduo a jogar ou brincar. Considero esse conhecimento de fundamental importância para

compreender o significado do lúdico no âmbito contextual do estudo em questão, uma vez que o jogo e o brincar são elementos centrais nas práticas vivenciais que pretendo investigar.

CAMINHOS ACADÊMICOS JÁ PERCORRIDOS

Assim, ao ingressar no curso de graduação em Ciências Biológicas, paralelamente ao curso de Educação Física, obtive aprendizados para ler o mundo e compartilhar a leitura do mundo lido. Pude conceber a construção do conhecimento como um ato de produção, de reconstrução do saber, como prática de liberdade, afirmando a politicidade da educação, já que esses são pressupostos pertinentes da sociedade contemporânea.

A fim de descrever como tudo começou, através de um breve resgate histórico pessoal, recordo que o primeiro contato que tive com o lúdico no ensino de Ciências Naturais foi em 1996, com a leitura do capítulo *Educação Ambiental: uma vivência integradora^[1]*, da professora Flora Zeltzer. Esse primeiro contato com o assunto me fez ver uma grande possibilidade de explorar e estudar sobre a utilização do lúdico como metodologia de ensino. Ao ler as sugestões de atividades lúdicas propostas pela autora e desenvolvidas em escolas do município de Igrejinha/RS, utilizando uma metodologia dinâmica e não conteudista, num trabalho prático, prazeroso e consciente, senti-me instigado a estudar e a pesquisar essa área.

Na continuidade dessa trajetória, ao ler alguns trabalhos sobre o assunto, como, por exemplo, o artigo *Ecologia através do lúdico^[2]*, o qual apresenta uma atividade que pretendia levar o estudante a compreender a dinâmica das relações alimentares entre os seres vivos através de um jogo, notei que essa área demandava estudos mais aprofundados para que realmente a metodologia fosse empregada como uma forma procedural de ensino.

Já com o artigo *O valor educativo do jogo no ensino de Ciências Biológicas^[3]*, pude ter um contato mais aprofundado sobre o objetivo educativo do lúdico e sobre a sua utilização na aprendizagem. Este artigo possibilitou-me diferentes reflexões da relação entre jogo, ensino e escola e, principalmente, da utilização do brincar como estratégia de ensino na construção do conhecimento. Indicou também as finalidades do jogo, sendo uma lúdica, que proporciona o prazer; e uma educativa, que ensina algo.

No ano de 1999, comecei a participar de eventos que abordassem o tema, como, por exemplo, a Oficina de Jogos de Educação Ambiental, no III Seminário Regional de Educação Ambiental da Bacia dos Sinos, organizado pelo Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos – COMITESINOS. Esse foi meu primeiro curso em que foram abordados os jogos na educação ambiental, no qual pude vivenciar na prática as atividades sugeridas, como Teia na mata, Caça ecológica, Encontre seu parceiro e Cadeia de contaminação, abordando questões como as características da floresta de araucária, apreciação do ambiente natural, identificação de animais e contaminação por agrotóxicos.

Como monitor do Programa Esporte Integral – PEI da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, no ano de 2000, elaborei e apliquei o projeto “Educação Ambiental: jogos lúdicos, circuito ecológico e trilhas de interpretação ambiental”, no núcleo do Parque dos Trabalhadores, com as crianças participantes, quando desenvolvi atividades e vivências lúdicas que abordaram questões como a problemática do lixo, a poluição da água, a fauna e a flora locais.

Como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Ciências Biológicas, abordei a utilização do lúdico como proposta metodológica do ensino em Ciências Naturais, ao elaborar o Trabalho de Conclusão do Curso, intitulado *O lúdico como estratégia de ensino e aprendizagem nos dizeres e fazeres dos professores de Ciências Naturais que atuam no terceiro ciclo do ensino fundamental*, orientado pelo Professor Dr. Jackson Muller. Através de uma pesquisa qualitativa, utilizando o instrumento de coleta de informações do questionário, pesquisei os professores da rede municipal, estadual e privada de Novo Hamburgo/RS sobre a importância do lúdico no ensino.

A IMPORTÂNCIA DO PERCURSO PROFISSIONAL E DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Ao ingressar no curso de especialização em Psicomotricidade Relacional, do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, em 2002, tendo o Professor Dr. Airton Negrine como coordenador e ministrante de diferentes disciplinas, aprofundei meus estudos sobre o jogo e a ludicidade como instrumento metodológico. Negrine (1994), em seus estudos sobre o jogo, constatou que o desenvolvimento dos participantes não é

linear, mas evolutivo e, nesse trajeto, a imaginação se desenvolve. Uma vez que o brincar desenvolve a capacidade para determinado tipo de conhecimento, ela dificilmente perde essa capacidade. É com a formação de conceitos que se dá a verdadeira aprendizagem e é no brincar que está um dos maiores espaços para a formação pessoal.

Como professor concursado do município de Estância Velha, lotado na EMEB José de Alencar, local da Estação Ecológica, desenvolvi um importante trabalho, denominado “Jogando, aprendendo e ensinando na educação ambiental”^[4], com os estudantes da rede municipal através do lúdico na educação ambiental.

Como resultado desse trabalho, criei o termo Ecorrecreação e utilizei pela primeira vez ao desenvolver um curso de extensão para estudantes do Magistério, intitulado “Ecorrecreação: atividades lúdicas no ensino de Ciências Naturais”^[5], no qual abordei teoricamente as características, o histórico e a importância do lúdico no ensino. Também desenvolvi jogos e atividades com os participantes, demonstrando a aplicabilidade do lúdico no ensino de Ciências Naturais.

É importante destacar que o neologismo Ecorrecreação foi idealizado por mim para evidenciar a relevância do brincar, em seu aspecto lúdico e educativo, no desenvolvimento da proteção e do cuidado do meio ambiente. Esse termo é formado pela junção do prefixo “eco”, que provém do grego “*oikos*” e quer dizer casa, e da palavra recreação, que, nos dias de hoje, impera como significado da reprodução de jogos e brincadeiras. Dessa forma, a Ecorrecreação pode ser compreendida pela possibilidade de reflexão e de interação consciente com a nossa realidade, podendo auxiliar no encaminhamento de mudanças necessárias e para a efetividade da sustentabilidade ambiental e da inclusão social.

No ano de 2007, ministrei o curso “Ecorrecreação: com a natureza se aprende brincando”^[6]. Participaram desse evento acadêmicos e profissionais da área, quando apresentei a proposta metodológica desenvolvida na EMEB Presidente Tancredo Neves, de Novo Hamburgo/RS, proporcionando debates e discussões a respeito da importância do uso do lúdico como instrumento pedagógico.

Nesse ano, também apresentei o trabalho “Ecorrecreação: com a natureza se aprende brincando”^[7], em um evento internacional, possibili-

tando uma importante discussão com colegas de outras áreas da educação, auxiliando positivamente na consolidação de um marco teórico sobre o tema da ludicidade e do jogo no ensino como ferramenta educacional.

Um importante momento nesta trajetória foi a publicação do trabalho na forma de artigo em uma revista da área da educação, intitulado *Ecorrecreação para saber preservar o meio ambiente*^[8]. Nesse artigo, relato a experiência dessa proposta metodológica, descrevendo os procedimentos adotados para ensinar conhecimentos da área das Ciências Naturais através do lúdico. Entre as atividades descritas, apresento jogos que abordam temas como a poluição do Arroio Pampa, vida animal, vida vegetal, meio ambiente e corpo humano. Essa proposta metodológica foi planejada, avaliada e desenvolvida nas séries iniciais do ensino fundamental, na EMEB Presidente Tancredo Neves, do município de Novo Hamburgo/RS, no ano letivo de 2007.

No ano de 2008, dando continuidade à proposta metodológica da Ecorrecreação, planejei e apliquei, na EMEB Maria Quitéria, do município de Novo Hamburgo/RS, um projeto com o objetivo de reduzir, reutilizar e reciclar o lixo produzido na comunidade. Esse trabalho foi publicado em um jornal do município, com o título *Joga fora no lixo*^[9]. Essa reportagem resgata tanto o trabalho desenvolvido, por meio de entrevistas com alunos, como também apresenta as principais ideias e os jogos aplicados.

Ainda nesse ano, apresentei o trabalho “Ecorrecreação: com o lixo se aprende brincando”^[10], trabalho apresentado para um público de 300 professores da rede municipal de ensino de Novo Hamburgo/RS. Em um primeiro momento, apresentei a base teórica que sustenta a proposta metodológica; em um segundo momento, através de imagens, apresentei os jogos aplicados com os estudantes e, por fim, os participantes puderam tirar as suas dúvidas e fazer questionamentos sobre o trabalho.

TRAJETÓRIA PESSOAL NO MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Percebendo a atração que tinha pela educação ambiental e lúdica, bem como a necessidade de mais aprimoramento, ingressei no Mestrado em Educação, do Centro Universitário La Salle, na área de concentração Educação, Cultura e Ação Pública no ano de 2007. A minha dissertação,

intitulada *Ecorrecreação: uma proposta metodológica lúdica de ensino em Ciências Naturais*, foi defendida em 2009 e aprovada pela banca avaliadora, constituída pela professora orientadora, Dra. Ana Maria Colling, e pelos professores doutores Mauro Grün, Rosane Maria Kreusburg e Sandra Vidal Nogueira.

Destaco o certificado de registro realizado em 2008, na Fundação Biblioteca Nacional, do Ministério da Cultura, Escritório de Direitos Autorais, a proteção da literalidade do trabalho *Ecorrecreação: com a natureza se aprende brincando*.

Ao participar, em 2009, e conquistar o 10º Prêmio Ecopet da Associação Brasileira da Indústria do PET, com o trabalho intitulado “Ecorrecreação: com as garrafas PET se aprende brincando”, pude divulgar nacionalmente o projeto desenvolvido nas escolas de Novo Hamburgo/RS.

Ressalto em especial a publicação na Revista Liberato, em 2010, do artigo da minha dissertação do Mestrado em Educação, intitulado *Ecorrecreação: uma proposta metodológica lúdica de ensino em Ciências Naturais*.^[11]

Após a publicação desse último artigo e da disponibilização da dissertação do meu estudo de Mestrado na internet, fui citado em diferentes publicações, trabalhos acadêmicos e científicos no Brasil. Destaco a inclusão da Ecorrecreação no Referencial Curricular do Ensino Fundamental: Matemática, Ciências da Natureza e Diversidade Sociocultural, da Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba^[12]. Nesse documento, a Ecorrecreação é apresentada como uma tendência metodológica fundamental para abordar os conteúdos de Ciências Naturais do Ensino Fundamental para uma aprendizagem significativa.

No quadro abaixo, listo quinze trabalhos que citam o estudo da Ecorrecreação em publicações que compreendem o período de dez anos, de 2011 a 2021. Nesse quadro são apresentadas as investigações selecionadas, das quais são extraídas as seguintes informações: os autores, o ano da publicação, o tipo de trabalho científico, o local da publicação e as considerações gerais. Observa-se que todas as abordagens estão relacionadas com o uso do lúdico como uma ferramenta metodológica para o ensino de Ciências Naturais, Biologia e Educação Ambiental através de uma aprendizagem facilitada pela alegria e interesse, proporcionados pelas propostas desenvolvidas.

Quadro 1 – Trabalhos publicados que citam o estudo da Encorreciação

| Trabalho | Autor(es) | Ano e Tipo de Trabalho | Local da Publicação | Considerações Gerais |
|---|-----------------------------------|--|---|--|
| 1. As ciências da natureza nos cinco primeiros anos do ensino fundamental | Córdova, Letícia Krüger de | 2014, Trabalho de Componente Curricular de Graduação | Repositório Institucional da Unijuí | O objetivo deste trabalho é verificar como é o ensino de Ciências Naturais nos primeiros anos do Ensino Fundamental em uma escola. |
| 2. Aprendendo com o brincar: um levantamento bibliográfico sobre o papel da ludicidade na formação do professor de Ciências | DURÉ, Rávia Cajú | 2014, Anais I Congresso Nacional da Educação –CONEDU | | O objetivo do estudo é verificar o que as pesquisas mais recentes levantaram sobre a ludicidade, realizando uma análise do desenvolvimento do lúdico no ensino de Ciências Naturais. |
| Análise qualitativa e quantitativa da concepção discente sobre a proposta da ludicidade como recurso ao ensino de ciências enfatizando a contextualização | ALBUQUERQUE, Cristiane dos Santos | 2014, Trabalho de Conclusão de Especialização | Repositório Institucional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR | Este trabalho teve como temática o emprego do lúdico através do uso do jogo bingo, enfatizando os animais em extinção no Brasil na disciplina de Ciências Naturais. |
| 4. Desenvolvendo a percepção e representação do próprio corpo com crianças de cinco anos | GOMES, Liliâne Cris-tina | 2015, Trabalho de Conclusão de Especialização | Repositório Institucional da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG | Este trabalho é um memorial que inclui um Plano de Ação aplicado em uma turma da Escola Municipal Honorina Rabello, nas aulas de Ciências Naturais de forma lúdica. |

| Trabalho | Autor(es) | Ano e Tipo de Trabalho | Local da Publicação | Considerações Gerais |
|---|---------------------------------------|--|---|--|
| 5. Biotecnéтика: jogo integrador de conceitos em genética | BRÂO, Ariane Franciele Silva | 2013, Dissertação de Mestrado | Repositório Institucional da Universidade Estadual de Maringá – UEM | Este estudo descreve e verifica o jogo Biotecnéтика como auxiliar no processo de ensino e de aprendizagem da Genética. |
| 6. Ensino de Ciências por meio da recreação na Educação Infantil | LANNES, Dario Vinicius | 2011, Dissertação de Mestrado | Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM | Este trabalho se propôs a utilizar e avaliar a eficácia da recreação como ferramenta metodológica para o Ensino de Ciências Naturais. |
| 7. Baralho Genômico como ferramenta de ensino dos conceitos de genética no ensino médio | RODRIGUES, Kelly Cristian de Oliveira | 2020, Dissertação de Mestrado | Repositório Institucional da Universidade de Brasília – UNB | Neste trabalho foi analisado o Baralho Genômico para o ensino dos conceitos de Genética no Ensino Médio. |
| 8. Educação ambiental no ensino fundamental: a horta escolar como ferramenta de educação ambiental | SILVA, André Murara | 2011, Dissertação de Mestrado | Repositório Institucional da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC | Esta pesquisa objetivou analisar a horta escolar como ferramenta para a Educação ambiental no Ensino Fundamental na Educação Infantil. |
| 9. Formação e assimilação de conceitos científicos com abordagem da educação ambiental na educação infantil | WEIRICH, Ligiane Marcelino | 2011, Dissertação de Mestrado e 2018, Artigo | Repositório Institucional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR e Revista Olhares | O objetivo deste trabalho é analisar uma proposta educacional envolvendo a abordagem da Educação Ambiental. |

| Trabalho | Autor(es) | Ano e Tipo de Trabalho | Local da Publicação | Considerações Gerais |
|---|--|-------------------------|--|--|
| 10. A ludicidade nas aulas de Ciências nos anos finais do Ensino Fundamental | LUZ, Bárbara Elisa Santos Carvalho | 2021, Tese de Doutorado | Repositório Institucional da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG | A tese investigou a ludicidade nas aulas de Ciências Naturais e teve como objetivo pesquisar suas características e manifestações. |
| 11. A assertão do lúdico nos livros didáticos de Ciências para os anos iniciais do Ensino Fundamental | FERREIRA, Mariane Grandio; NETO, Alexandre Shigunov; STRIDER, Dulce Maria. | 2021, Artigo | Revista Hipótese | O objetivo deste artigo é debater a função do uso do lúdico nos direcionamentos do Livro Didático de Ciências Naturais para os anos iniciais. |
| 12. A construção do jogo didático “casinha dos animais”: uma possibilidade para o ensino de zoologia a alunos com necessidades educacionais especiais | FIGUEIREDO, Márcia Cristina de Oliveira <i>et al.</i> | 2014, Artigo | Experiências em Ensino de Ciências | O objetivo do artigo é apresentar o jogo didático intitulado “Casinha dos Animais”, para que alunos com deficiência tenham acesso ao conteúdo de zoologia. |

| Trabalho | Autor(es) | Ano e Tipo de Trabalho | Local da Publicação | Considerações Gerais |
|---|--|------------------------|--|---|
| 13. Observações de uma oficina orientada sobre divisão celular: contribuições e possibilidades para o ensino de genética e biologia molecular através da construção de modelos didáticos. | SILVA, Henrique Mendes da Silva | 2022, Artigo | Scientia Generalis | O objetivo do artigo é apresentar modelos didáticos para as aulas teóricas e práticas que podem ser utilizados no ensino de genética para torná-las mais agradáveis e ampliar o aprendizado nessa área de conhecimento. |
| 14. O lúdico como ferramenta facilitadora no ensino de Ciências: percepção dos professores da Escola Municipal Senador Dinarte Mariz – Itaú/RN. | ALVES, Luciana Bezerra Dantas <i>et al.</i> | 2019, <i>E-book</i> | Programa PARFOR / UERN – Biologia: Mudando o perfil de professores da educação básica do interior do Rio Grande do Norte | O objetivo do estudo foi compreender a percepção dos professores da Escola Municipal Senador Dinarte Mariz – Itaú/RN sobre o uso e a importância do lúdico no processo de ensino e de aprendizagem. |
| 15. A ludicidade no ensino de Ciências: breve revisão de literatura. | VIANA, Wellington Macêdo Viana <i>et al.</i> | 2020, <i>E-book</i> | Diálogos | Este artigo é um estudo descritivo, utilizando trabalhos que fazem referência sobre a aplicação do lúdico nas aulas de Ciências Naturais. |

Fonte: Elaboração do autor, 2023.

Com a intenção de auxiliar na inclusão da metodologia lúdica no ensino de Ciências Naturais através da Ecorrecreação e após a revisão da literatura que explora essa área, posso concluir que muito ainda necessita ser investigado e pesquisado, mas já obtivemos bons resultados e trabalhos interessantes através da ludicidade no ensino conforme os trabalhos citados no Quadro 1. Em minha dissertação de Mestrado, no último capítulo, apresento uma série de sugestões para a continuidade e a aplicabilidade dessa proposta, sem ter a intenção de esgotar o tema, mas sim abrir novos horizontes.

Infiro, através da pesquisa realizada com o descritor “Ecorrecreação” no banco de dados do Google Acadêmico, para recuperação de trabalhos em língua portuguesa, que os estudos encontrados nessa área de conhecimento avançam e evoluem para a inclusão do lúdico como ferramenta metodológica no ensino de Ciências Naturais e Biologia, sendo ainda importante continuar a inclusão dessa temática nos cursos de graduações e pós-graduações; a utilização de atividades ao ar livre, explorando o meio ambiente e o movimento corporal; e a inclusão do lúdico nos documentos político-pedagógicos escolares.

Em especial, destaco o artigo de Figueiredo *et al.* (2014), citado no Quadro 1, intitulado *A construção do jogo didático “casinha dos animais”: uma possibilidade para o ensino de zoologia a alunos com necessidades educacionais especiais*. Após a leitura desse trabalho, fiquei sensibilizado e estimulado para aprofundar meus conhecimentos e estudos na linha de pesquisa da Inclusão Social. Dessa forma, compreendi que a Ecorrecreação poderia ser mais uma importante ferramenta na inclusão social de pessoas com deficiência.

ITINERÁRIO NO DOUTORADO EM DIVERSIDADE CULTURAL E INCLUSÃO SOCIAL

Nesta nova fase da minha trajetória acadêmica, verifiquei a necessidade em dar continuidade ao projeto da Ecorrecreação, para além dos espaços escolares, avançar para outras esferas sociais e possibilitar o desenvolvimento da proposta com pessoas com deficiência. Identifiquei que é de extrema urgência ampliar a compreensão sobre o valor das relações igualitárias humanas e estimular a visão otimista sobre o futuro sustentável.

A falta de atitude para com as pessoas com deficiência é muito significativa em nossa sociedade e ela pode ser a nossa maior deficiência. Nos últimos anos, essa postura tem mostrado o quanto precisamos nos empenhar cada vez mais e melhor, com todas as pessoas, principalmente com as que possuem alguma deficiência, pois o sucesso de uma proposta de inclusão decorre da adequação do processo social voltado para a diversidade humana (Sassaki, 2006). E quando a sociedade assume que as dificuldades experimentadas por algumas pessoas são resultantes do modo como as políticas públicas são conduzidas e as condutas atitudinais diárias são praticadas, mostram-nos que a inclusão social é, de fato, uma tarefa complexa, que exige de todos novos comportamentos.

Tendo em vista as questões discutidas até aqui, este estudo surge de uma grande inquietação adquirida em 20 anos de atuação como professor da Educação Básica, ao observar que alguns estudantes ficam sem participar das atividades a maior parte do tempo, muitas vezes, só observando, de forma que parecem não fazer parte da turma, pois as atividades propostas não levam em consideração as singularidades de todos. Sabemos que as pessoas têm o direito à educação de qualidade, porém, alguns estudantes, muitas vezes, não são acolhidos e, com isso, isolam-se porque não têm uma interação social, educacional e afetiva.

Ao vivenciar as dificuldades de acessibilidade e inclusão que os estudantes enfrentam nas escolas em que atuei e atuo, na construção dos seus conhecimentos e na interação na comunidade escolar, sensibilizei-me para pesquisar a área do lazer e da sustentabilidade ambiental, propondo alternativas lúdicas de ações em parques públicos com áreas verdes. A proposta metodológica da Ecorrecreação surge através da minha experiência como professor de Educação Física, Ciências Naturais e da minha dissertação do Mestrado em Educação, aplicada em escolas de Novo Hamburgo/RS. E, nesta tese de doutorado, ao verificar que esse grupo de pessoas, ao serem muitas vezes excluídas das atividades pedagógicas por falta de acessibilidade, adaptações e estratégias específicas nas aulas, proponho desenvolver atividades para além dos muros das escolas e abranger todas as idades.

Dessa forma, ao perceber a ausência de planos individualizados de atendimento educacional aos estudantes, fiquei preocupado em pesquisar estratégias para que todos possam praticar o lazer em parques urbanos

e naturais, visto a sua importância para o bem-estar e por ser um direito conforme a lei. Sabemos que a estrutura das sociedades, desde os seus primórdios, sempre inabilitou esse grupo de pessoas, marginalizando-as e privando-as dos seus direitos. Essas pessoas, sem respeito e sem atendimento, sempre foram alvo de atitudes preconceituosas e ações impiedosas.

Essa situação percebida na minha trajetória profissional fez com que eu tivesse interesse em realizar um estudo aprofundado sobre esse tema, através da aplicação e verificação da eficácia ou da ineficácia da Ecorrecreação com pessoas usuárias de cadeira de rodas em atividades educativas de lazer e de sustentabilidade ambiental em parques com áreas verdes. Entendo, ao identificar que temos ainda muitas escolas exclu- dentes e parques urbanos com muitas barreiras, que eles poderiam ser ambientes exemplares para receber e atuar com esse público de pessoas, devido às suas funções de formação e de socialização, respectivamente, para um mundo mais inclusivo.

Ao relembrar essa caminhada, não poderia deixar de fora meu primeiro contato com a Associação dos Lesados Medulares do Rio Grande do Sul – Leme. Foi em 2013, na 5^a Copa de Basquete sobre Rodas, realizada com meu apoio no Ginásio de Esportes da Fundação Liberato, escola em que atuo como professor de Educação Física. Desde então, ficou o interesse em desenvolver o projeto da Ecorrecreação também na inclusão social, desafio posto em prática em 2022, após ser selecionado para o Doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale.

Ao escolher a linha de pesquisa Saúde e Inclusão Social deste Programa de Pós-Graduação, investiguei o ato lúdico de pessoas com deficiência, a partir da sua relação com o espaço público, em atividades denominadas ecorrecreativas, considerando os fatores ambientais e o contexto coletivo nos processos de exclusão/inclusão social. Analisei as implicações do movimento e desenvolvimento humano relacionando-as à educação para a sustentabilidade ambiental. Segundo Helman (2009), a problemática ambiental, como a poluição, o aquecimento global, o desmatamento e a extinção das espécies estão entre os problemas globais referente aos aspectos-chave da saúde planetária.

Com o desenvolvimento socioeconômico, surgiram novas necessidades humanas. E, ao analisar os aspectos ecológicos e os estudos da

antropologia médica, que buscam explicar as causas das doenças, verifica-se que a produção industrial, para manter o estilo de vida urbano, nas próprias palavras de Helman (2009, p. 394), “pode exaurir os recursos do planeta, criar desigualdades, insatisfação e ser perigosa para o ambiente”. Ainda segundo o autor, uma das maiores ameaças à saúde global é o desmatamento. As florestas têm um papel de estabilizar os gases produzidos, reduzindo o efeito estufa.

Durante as aulas do primeiro semestre de 2022, no Programa de Pós-Graduação, destaco a visita do usuário de cadeira de rodas, Andrey Mc, no componente curricular Corpo e Diversidade, ministrado pela Professora Jacinta Sidegum Renner, um enriquecedor momento ao possibilitar o conhecimento da sua história de vida com as dificuldades e os desafios vividos por uma pessoa com deficiência. Através dos questionamentos que realizei ao convidado, pude aproximar-me um pouco mais de minha pergunta-problema da tese a ser defendida. O incrível depoimento de Andrey possibilitou a aproximação da vida real de um usuário de cadeira de rodas com a teoria descrita por diferentes autores pesquisadores da área. Bauman (2005) nos convida a uma reflexão apurada do caminho trágico a ser trilhado por pessoas com deficiência, caminho esse que nos conduz a uma exclusão forçada e que é, ao mesmo tempo, inerente ao convívio social.

Bauman (2005) relata que as relações atuais são fluidas, imediatistas e individualistas. Como consequência desse modelo de organização social, surge a arduídeza na inclusão de minorias e o favorecimento de preconceitos. Infere-se, portanto, que as pessoas com deficiência enfrentam diversos empecilhos, ocasionados, também, pelo desconhecimento dos aspectos que circundam o tema.

Merce ser mencionado também que a apresentação do trabalho científico no Seminário de Pós-Graduação – SPG: Inovamundi, da Universidade Feevale, no dia 9 de novembro de 2022, intitulado *Corporeidade, ludicidade e pessoas com deficiência: contribuições para uma proposta metodológica voltada à sustentabilidade ecológica*^[13], contribuiu para identificar e analisar o significado do lúdico, quando utilizado para a elaboração de uma proposta metodológica dirigida para pessoas com deficiência, visando o desenvolvimento da sustentabilidade ecológica.

Além dessa participação em um evento científico, destaco a minha apresentação oral no IV CIDI – Congresso Internacional de Diálogos Interdisciplinares: Territórios, Territorialidades e Identidades Contemporâneas, da Universidade Feevale, no dia 14 de setembro de 2023, do trabalho intitulado *Percepção de um usuário de cadeira de rodas sobre o lazer em uma praça pública de Portão/RS*^[14]. O artigo foi elaborado no componente curricular Saúde e Qualidade de Vida e possibilitou que eu colocasse em prática as técnicas da pesquisa de campo, bem como o instrumento de coleta de informações da entrevista semiestruturada a serem utilizadas na tese.

Por meio dos resultados obtidos neste estudo, em que é evidente a ausência de acessibilidade na praça, aponta-se para uma realidade de exclusão. Percebe-se um contexto condicionado e estruturado para a inacessibilidade, tornando-se uma situação habitual para a pessoa com deficiência, que afeta as suas experiências no lazer. Conforme Manta; Palma (2011), a participação desta população em parques públicos somente será possível se houver o acesso garantido, o que, de certa forma, acaba invertendo a ótica da pessoa com deficiência, pois uma vez que o espaço não oferece acessibilidade, ele que é deficiente. Com essa realidade de precariedade na acessibilidade, nota-se que as diversas barreiras acabam desestimulando e desinteressando esse grupo de pessoas para a prática de atividades de lazer e até mesmo para lutarem pelos seus direitos.

Através das incursões na Associação dos Lesados Medulares do Rio Grande do Sul – Leme, com os atores da pesquisa, destaco duas atividades significativas na construção desta trajetória: a oficina intitulada “Ecorrecração através de uma trilha sensorial proposta para pessoas com deficiência”, aplicada no dia 15 de novembro de 2022, sendo este um trabalho avaliativo do Componente Curricular Seminários Avançado de Pesquisa; e o evento “Pesquisa Aplicada: parceria Feevale e Leme”, realizado no dia 31 de agosto de 2023, com o objetivo de socializar os resultados de pesquisas realizados no campo da inclusão social. O contato prévio com os sujeitos do estudo exploratório da tese possibilitou o diagnóstico do campo de pesquisa, assim como possibilitou planejar adequadamente a aplicação dos instrumentos de coleta de informações e as técnicas de ações da proposta metodológica da Ecorrecração.

Por fim, destaco os debates e as atividades propostas pelo Prof. Dr. Gustavo Roese Sanfelice, no componente curricular Leituras Orientadas III, IV, V e VI, nos anos de 2022 a 2024. Dentre eles, a aproximação teórica com o objeto de pesquisa da tese; a consolidação do objeto de pesquisa, a construção da problemática investigativa e os objetivos; além dos produtos sugeridos para elaborarmos, como, por exemplo, a cartilha “Ecorrecreação em parques: para pessoas usuárias de cadeira de rodas”, disponível no *YouTube* (Lucchini, 2024a) e utilizada neste estudo (APÊNDICE A). Como também, o vídeo do roteiro prévio que ilustra a aplicação da Ecorrecreação na trilha ecológica em um parque com área verde, igualmente disponível no *YouTube* (Lucchini, 2024b).

Esse pode ser o começo de um movimento de transformação social das populações às reais necessidades enfrentadas por muitas pessoas com deficiência e uma base para muitas mudanças que precisam acontecer. Manta; Palma (2011) afirmam que o simples fato de os usuários saberem que haverá espaços públicos para circular com facilidade amplia as chances de frequentá-lo e conviverem com outros usuários, sentindo-se inseridos e parte da sociedade. Apesar de ser algo demorado e desafiador, ainda não se pode dizer que as esperanças estão mortas, já que esse é um compromisso social a ser cada vez mais aprofundado por profissionais atuantes nesse âmbito e por pessoas interessadas em alterar essa realidade.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESVELAR DA PROPOSTA METODOLÓGICA DA ECORRECREAÇÃO

Ao fazer este breve resumo da minha caminhada ao propor a metodologia da Ecorrecreação, como também ao planejar o projeto para ser aplicado com pessoas com deficiência, identifiquei que as atividades e os jogos, a fim de serem úteis como recurso metodológico educativo, precisam ser desafiadores e interessantes, bem como permitir a participação e a autonomia de todos, estabelecendo relações com a sustentabilidade ambiental, possibilitando a autoavaliação, considerando todo o contexto social e, principalmente, apresentando um caráter lúdico.

Embasiando-me nos pressupostos teóricos de Vygotsky, nomeei a proposta metodológica da Ecorrecreação como interativa-dialógica.

A meu ver, isso atende ao caráter participativo da metodologia, e à concepção interativa de desenvolvimento individual e social, como propõe a teoria vygotskyana e a teoria construcionista apresentada por Stuart Hall (1997). Um ponto de aproximação entre essas teorias está na concepção subjacente de sujeito histórico-cultural. Lembramos, assim, que Vygotsky (1994) tornou-se o principal expoente da abordagem psicológica histórico-cultural que concebe o sujeito socialmente inserido num meio historicamente construído. Enquanto veiculador da cultura, o meio se constitui em fonte de conhecimento.

Tomando como referência o ambiente cultural onde o homem nasce e se desenvolve, a abordagem vygotskyana entende que o processo de construção do conhecimento ocorre através da interação do sujeito historicamente situado com o ambiente sociocultural onde vive. Na teoria construcionista em que se apoia Hall (1997), o conhecimento e “[...] a linguagem são tomados como um produto social onde os significados são construídos através dos sistemas de representação [...]” (Santi; Santi, 2008, p. 5), e o indivíduo carrega as marcas das relações sociais de poder e transmite a ideologia dominante, sendo por meio deste que os diferentes grupos sociais, especialmente os dominantes, expressam sua visão de mundo, seu projeto social, sua verdade.

Outro estreitamento que pude encontrar na perspectiva interativa de desenvolvimento individual e social, como propõe a teoria vygotskyana, e no pressuposto básico da concepção construcionista da formação do conhecimento no sujeito, num espaço político e social dentro das instituições sociais e influenciados pelo poder do discurso através da língua, como prática de significação e constituição de posições e identidades sociais, é o de que as duas teorias estão fortemente ligadas à formação da identidade individual e social, compartilhando a ideia de que o conhecimento é construído socialmente.

Reconhece-se, dessa forma, que ambas as teorias estão envolvidas naquilo que somos, naquilo que nos tornamos e naquilo que nos tornaremos. As duas perspectivas convergem ao reconhecer que a identidade não é algo fixo e imutável, mas sim algo que se transforma ao longo da vida, em função das interações sociais e das experiências individuais.

Vygotsky (1994) aponta que constituir conhecimento implica numa ação partilhada, num processo de mediação entre sujeitos. Nessa

perspectiva, a interação social é condição indispensável para a aprendizagem. A heterogeneidade do grupo enriquece o diálogo, a cooperação e a informação, ampliando consequentemente as capacidades individuais.

Assim também é na teoria construcionista (Hall, 1997), que nos indica que grande parte do que é aprendido, é assimilado através da interação da linguagem, onde a representação é a face material, visível, palpável do conhecimento. Sob esse prisma, a representação é essencial no processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre membros de uma sociedade. Desse modo, representar envolve o uso de signos e imagens que significam e simbolizam alguma coisa, dando sentido aos acontecimentos, por isso, a representação diz respeito à produção de sentido pela linguagem. É importante destacar que representar algo é descrevê-lo ou retratá-lo por meio da imaginação e do uso dos sentidos que criamos em nossa mente (Hall, 2016).

Segundo Silva (1999, p. 47), “a identidade é, pois, ativamente produzida na e por meio da representação: é precisamente o poder que lhe confere seu caráter ativo, produtivo”. Ao falar sobre identidade, somos convidados a pensar sobre representação, e a identidade tem um significado cultural e socialmente atribuído. Essa teoria expressa a mesma ideia por meio do conceito de representação, que é concebida como um sistema de significação. Desta forma, o autor pontua que a identidade é claramente marcada por símbolos, levando-nos a compreender que essa é uma construção social. Isso significa dizer que a identidade do sujeito está em constante processo de modificação, orientada, por vezes, pelos significados e representações que se atribuem às transformações provocadas pela sociedade.

Considerando-se os aspectos argumentados, pode-se afirmar que, a partir desta abordagem, o que pressupõe respeito à diversidade social, ocorre a possibilidade de se ampliar o espaço político e social na comunidade, pois, ao se contemplar nos espaços comunitários e associativos os contextos sociais e culturais, estar-se-á fornecendo subsídios para a construção de novas ações a partir de suas próprias. Dessa forma, elucida-se a autonomia e a responsabilidade de cada indivíduo na construção da história social, reafirmando o processo de construção das identidades, elucidando as diferenças sem provocar exclusões.

A prática das ações através da Ecorrecreação é organizada com base em uma pesquisa socioantropológica^[15] feita na comunidade, que constitui os eixos temáticos que orientam o fazer instrutivo. Segundo Raimondi (2016, p. 36), “uma pesquisa socioantropológica oportuniza uma análise crítica da realidade com ações programadas para o desenvolvimento da realidade local podendo ser fonte de conhecimento e de novas hipóteses”. O objetivo é articular as atividades planejadas à realidade sociocultural e ao desenvolvimento humano, respeitando os interesses dos participantes e proporcionando a construção coletiva do conhecimento de todos através do lúdico. Outro fator característico da proposta é a transversalidade dos assuntos, possibilitando uma superação da fragmentação e uma justaposição dos temas abordados sem sentido, para uma totalidade de abrangência destes.

Em síntese, sendo o homem ser social, constituindo-se como sujeito por intermédio da linguagem, a interação social entre os participantes é a chave para a construção do conhecimento. A heterogeneidade possibilita a troca e, consequentemente, amplia-se a capacidade individual. As instituições, assim, resgatam o seu papel de intervenção significativa, ou seja, o de atuar na zona de desenvolvimento proximal de todos os participantes, considerando o seu potencial de experiências conforme os ensinamentos de Vygotsky (1994).

É fundamental, nesta proposta metodológica, estabelecer nas atividades um clima social de referência positiva, incentivado por critérios facilitadores das assimilações, com uma atmosfera de espontaneidade, de liberdade, de aceitação, respeito aos pontos de vista individuais, métodos de trabalho flexíveis, trabalhos com objetividade e comunicação facilitada entre os participantes.

Ressalto que a contribuição do lúdico na proposta metodológica da Ecorrecreação vai para além do afetivo. De acordo com Garaigordobil (1990), atinge diretamente o desenvolvimento motor, intelectual e social do participante. É através do lúdico que o indivíduo desenvolve o sistema nervoso, educa os sentidos, aprimora as habilidades motoras. O lúdico é um instrumento de socialização por excelência, já que é através dos jogos, dinâmicas e técnicas que os participantes descobrem a vida social e as regras que regem estas relações. E, por fim, possibilita o desenvolvimento intelectual ao vivenciar novas experiências, estimulando, entre

outras, habilidades como a capacidade do pensamento. Oportuniza a resolução de problemas, ajudando na elaboração e no desenvolvimento das estruturas mentais.

Lembro que o lúdico ocorre num contexto cultural, ficando impossível dissociar afeto e cognição, forma e conhecimento na ação do sujeito. Nesse sentido, recorro ao pensamento de Vygotsky (1994), quando diz que o lúdico desempenha várias funções no desenvolvimento, tais como permitir o envolvimento de todos num mundo imaginário, favorecer a ação na esfera cognitiva, fornecer um estágio de transição entre pensamento e objeto real, possibilitar maior controle (uma vez que, ao jogar, lidamos com conflitos relacionados às regras sociais e aos seus próprios impulsos).

Dessa forma, ao introduzir o lúdico em um espaço cultural partilhado e, conforme Hall (1997), a produção de significados através da representação utilizando a linguagem, esse pode ser o espaço onde corporificamos as formas de conhecimentos e de saber. Os signos são um dos pontos privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação e é também nas representações que se condensam relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. Em suma, cabe ao profissional atuante definir, de forma clara, os objetivos a serem atingidos, como também determinar o que será abordado, escolher a atividade mais adequada, especificar os recursos e/ou materiais que serão utilizados, permitir que os participantes relatem suas descobertas e refletam sobre o que assimilaram.

Nessa proposta, o participante é estimulado a reconhecer que os jogos e as atividades ecorreativas servem para potencializar a sua evolução pessoal e planetária. Ele pode, assim, explorar, questionar e descobrir, através de sua própria capacidade, construindo o seu próprio saber com alegria, prazer e, acima de tudo, tendo em mente o pensamento crítico a respeito daquilo que fez, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e ambientalmente sustentável.

Ao fazer esse breve resumo da minha caminhada ao propor a Ecorrecação e ao planejar a sua aplicação nas instituições em que trabalhei e trabalho, com a intenção de ampliar em outros espaços sociais, identifiquei que as atividades lúdicas de caráter ecológico, para serem

úteis como recurso do desenvolvimento humano, devem ser proporcionadas para todas as pessoas da sociedade. A Ecorrecreação pode possibilitar a participação e a autonomia principalmente dos grupos excluídos, discriminados e menos favorecidos, estabelecendo relações com os assuntos abordados, permitindo a autoavaliação, considerando todo o contexto sociocultural e, principalmente, apresentando um caráter inclusivo, lúdico e preservacionista.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BETTELHEIM, B. **Uma vida para seu filho**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- GARAIGORDOBIL, M. L. **Juego y desarollo infantil**. Madrid: Seco Olea, 1990.
- HALL, S. "The work of representation". In: HALL, Stuart (org.) **Representation**. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.
- HALL, S. O Espetáculo do Outro. In: HALL, Stuart (org.) **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Edipuc-Rio, 2016.
- HELAL, R. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HELMAN, C. G. **Cultura, saúde e doença**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: o jogo como elemento de cultura. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1996.
- LUCCHINI; M. L. **Cartilha da Ecorrecreação em parques**: para pessoas usuárias de cadeira de rodas. YouTube, 08 de julho de 2024a. 11min48s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vZO2gcOJrJk>. Acesso em: 20 de julho de 2024.
- LUCCHINI; M. L. **Itinerário da vivência ecorrecreativa em trilhas ecológicas**: para usuários de cadeira de rodas. YouTube, 05 de agosto de 2024b. 11min48s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=H5ZZzAA_1wQ&t=41s. Acesso em: 05 de agosto de 2024.
- MANTA, S. W.; PALMA, L. E. **O parque público como espaço para a prática de atividades esportivas**: a percepção das pessoas com deficiência física. Trabalho de Conclusão (Especialização em Atividade Física, Desempenho Motor e Saúde), Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2854/Manta_Sofia_Wolker.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 08 de agosto de 2024.
- NEGRINE, A. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. v. 1. Porto Alegre: Prodlil, 1994.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RAIMONDI, E. **A importância da pesquisa socioantropológica na construção curricular.** Trabalho de Conclusão (Especialização em gestão da Educação Municipal), Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, 2016.

SANTI, H. C.; SANTI, V. J. C. Stuart Hall e o trabalho das representações. **Revista Enagrama.** Ano 2, Edição 1, p. 1-12, set/nov, 2008.

SILVA, T. T. da. **O currículo como fetiche:** a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SASSAKI, R. K. **Inclusão:** construindo uma sociedade para todos. 7. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

^[1] Artigo disponível na obra: AVELINE, Carlos Cardoso (org.). **O Verde na Escola.** São Leopoldo: União Protetora do Ambiente Natural – UPAN, 1996.

^[2] LIMA, Valdez Mariana do Rosário. Ecologia através do lúdico. **Revista do Professor.** Porto Alegre, n. 51, p. 20-23, jul/set, 1997.

^[3] FERREIRA, Marcilene Alves. O valor educativo do jogo no ensino de Ciências Biológicas. **Revista Contexto e Educação.** Ijuí, n. 27, jan/mar, 1998.

^[4] Trabalho apresentado na forma oral no III Congresso Internacional de Educação da Unisinos, no período de 3 a 5 de setembro em 2003.

^[5] Curso de 40 horas ministrado a alunos do Magistério da Escola Estadual 25 de julho, de Novo Hamburgo/RS, no ano de 2007, como critério de aprovação na disciplina Prática de Ensino IV, do Curso de Ciências Biológicas da Unisinos.

^[6] Trabalho apresentado na forma de oficina, na XI Reunião Acadêmica da Biologia da Unisinos – RABU, no período de 16 a 18 de outubro de 2007.

^[7] Trabalho apresentado na forma oral no V Congresso Internacional de Educação da Unisinos no período de 20 a 22 de agosto de 2007.

^[8] LUCCHINI, Marlon Luís. Ecorrecreação para saber preservar o meio ambiente. **Revista do Professor.** n. 94, p. 41-47, abr./jun., 2008.

^[9] Trabalho publicado no encarte NH na Escola, nº. 11, do **Jornal NH** de 30 de agosto de 2008.

^[10] Trabalho apresentado sob a forma oral no VII Fórum Municipal de Alfabetização, promovido pela Secretaria de Educação – SMED, de Novo Hamburgo/RS no ano de 2008.

^[11] LUCCHINI, Marlon Luís. Ecorrecreação: uma proposta metodológica lúdica do ensino em Ciências Naturais. **Revista Liberato.** v.11, n. 15, p. 61-70, jan./jun., 2010.

^[12] PARAÍBA. Secretaria de Educação e Cultura. **Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental:** Matemática, Ciências da Natureza e Diversidade Sociocultural. João Pessoa: SEC/Grafset, 2010.

^[13] LUCCHINI, M. L.; RENNER, J. S.; SANFELICE, G. R. Corporeidade, ludicidade e pessoas com deficiência: contribuições para uma proposta metodológica voltada à sustentabilidade ecológica. In: Seminário de Pós-Graduação – SPG: Inovamundi, 2022, Novo Hamburgo/RS. **Anais eletrônicos** [...] Novo Hamburgo:

Universidade Feevale, v. 15, 2022. p. 161. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/c0b55215-3f80-4dc1-8fb4-e3a7020d15a6/SPG%20Seminario%20de%20Pos-Graduacao.pdf>

^[14] LUCCHINI, M. L. Percepção de um usuário de cadeira de rodas sobre o lazer em uma praça pública de Portão/RS. In: IV CIDI – Congresso Internacional de Diálogos Interdisciplinares: Territórios, Territorialidades e Identidades Contemporâneas, 2023, Novo Hamburgo/RS. **Anais eletrônicos** [...] Novo Hamburgo: Universidade Feevale, v. 4, 2022. p. 203. Disponível em: https://www.feevale.br/Comum/midias/833411df-a385-48a0-ad92-52cf542c0bb2/_IV%20CIDI.pdf

^[15] A pesquisa socioantropológica é uma ferramenta utilizada para aprimorar o conhecimento sobre os distintos contextos da comunidade. Permite visualizar junto ao público-alvo, de forma concreta, as distintas necessidades do seu contexto. Realizada através de um levantamento de informações, pode-se investigar e aproximar os temas ambientais com a realidade vivenciada no cotidiano dos participantes perante as atividades orientadas.

9. MEMORIAL ACADÊMICO

Andrea Varisco Dani¹

Ao discorrer sobre minha trajetória acadêmica, primeiramente me apresento como Andrea Varisco Dani. Nascida em uma família que valoriza os estudos, minha inserção na comunidade acadêmica iniciou cedo, pois aos 10 anos percorria os prédios e setores da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), já que minha saudosa mãe exerceu a atividade de secretária executiva da Reitora durante 13 anos, e meu saudoso pai foi professor na universidade. Apesar de não estudar, me sentia pertencendo aquele local, tendo boas lembranças, sendo que até hoje me sinto muito bem nos ambientes acadêmicos. Neste sentido trago às contribuições do linguista Stuart Hall (1997) que afirma o quanto a cultura, como conjunto de valores e significados influencia na construção do sujeito, ou seja, através da estrutura de interpretação que trazemos, damos significado aos objetos, pessoas e eventos.

Anos mais tarde, movida pela aspiração de ampliar conhecimentos viria a realizar um antigo desejo, no qual, após a formação iria me aproximar das pessoas que necessitam de escuta adequada para seguir sua vida com mais qualidade. Foi assim que após 6 anos de estudos fui graduada em Psicologia pela Universidade Feevale, no ano de 2009. Muitos aprendizados contribuíram para a construção profissional, mas um fato viria marcar a trajetória profissional. Durante uma aula de teoria cognitivo-comportamental, lá pelos anos de 2006, uma professora utilizou o termo Neuropsicologia, área da psicologia baseada em evidências comprovadas cientificamente, envolvendo a relação do encéfalo com o comportamento humano. De acordo com o exposto acima, é possível fazer referência ao conceito da enunciação de Benveniste (1989), pois através de um ato de natureza fônica, colocando em funcionamento a língua em um ato individual foi possível estabelecer a relação com o outro, ou seja, a intersubjetividade. Ainda neste sentido Hall (1997) atribui que a linguagem produz sentido, como significados partilhados, produzindo significação.

¹Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: andreavarisco@gmail.com

Depois de graduada, vou à busca de novos desafios. Esta nova parte inicia ao transitar na Avenida Ipiranga, pois, muitas vezes, admirei o prédio da Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a pintura de uma menina bastante colorida em sua lateral. No ano de 2011, tomei consciência que a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) possuía pós-graduação Lato-Sensu em Neuropsicologia e decidi entrar na seleção da especialização. Passada as etapas de seleção, fui escolhida e durante dois anos frequentei o prédio da menina colorida pintada na lateral.

A esta altura, já possuía meu consultório particular no centro da cidade de Novo Hamburgo, realizando avaliações neuropsicológicas, recebendo pessoas a qual contribuía com o trabalho prestado. Contudo era uma área nova, onde poucas pessoas e profissionais médicos, entre outros, conheciam. Continuei desbravando e sentindo necessidade de ampliar os conhecimentos acerca desta nova ciência. A nova ênfase, reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia, através da Resolução CFP 002/2004, estava tomando corpo e médicos recorriam para auxiliar no fechamento de diagnósticos.

Trabalhando percebi a necessidade de conhecer mais sobre a Reabilitação Neuropsiológica, a fim de contribuir para a qualidade de vida daqueles que sofrem sequelas neurológicas, como traumatismo crânio-encefálico, doenças neurodegenerativas, deficiência intelectual, transtornos de aprendizagem entre outras, causando muito sofrimento a própria pessoa e aos familiares, promovendo desta forma uma possível reinserção a sociedade (inclusão social). Em decorrência deste enfoque Zygmunt Bauman (2005) contribui com a reflexão do quanto à sociedade promove o próprio adoecimento de sua população, através do mal estar produzido pela escassez de trabalho e falta de condições dignas às pessoas. Ainda neste sentido Robert Castel (2005) parte da constatação de que as sociedades modernas são construídas sobre o alicerce da insegurança, pois não encontram em si a capacidade de assegurar proteção, reproduzindo-se com isso, a vulnerabilidade das massas, expressas através do desemprego e precarização do trabalho, o que é gerador de adoecimento humano. Com o propósito ser uma facilitadora na geração de inclusão social em uma sociedade que produz exclusão social, encontrei em 2015, na Faculdade de Medicina de São

Paulo, uma especialização especificamente em Reabilitação Neuropsicológica e mais uma vez movida pela sede de conhecimento fui buscar, alcançando este objetivo.

No ano de 2017, sou convidada a participar como aperfeiçoamento científico do Grupo de Pesquisa Corpo, Movimento e Saúde, voltando a Feevale, após 8 anos de graduada. Dentre as várias atividades desenvolvidas, capacitei vários integrantes do grupo para a aplicação da Escala de Inteligência Weschler – WAIS-III, considerada padrão ouro. O que contribuiu para o fluxo das pesquisas em andamento em Novo Hamburgo e em Dois Irmãos. A partir dos dados colhidos produzi o primeiro artigo científico, sendo publicado no ano de 2018 no International Journal of Development Research, intitulado: *The association of the MMEM and operational memory index (WAIS III) in elderly persons participating in information technology workshops in the municipality of Novo Hamburgo – Brazil*. Conforme Helman (2009) o aumento do foco sobre o cérebro foi declarado pelo Congresso dos Estados Unidos na década de 1990 como “A Década do Cérebro” e com o crescimento dos “bancos de cérebros” para pesquisas em diversos países.

Participei de vários eventos, levando apresentação de pôsters e resumos expandidos, tratando da relação dos processos cognitivos, estudados pela neuropsicologia, com o envelhecimento bem-sucedido, temas como Análise do Desempenho do Teste de Aprendizagem Auditivo-Verbal de Rey em Idosos Residentes no município de Iboti- RS, apresentado em São Paulo no XVI Congresso Brasileiro da Sociedade de Neuropsicologia: Reabilitação Neuropsicológica da Saúde à Educação; Relação entre Desempenho Cognitivo, Eventos Estressores, Estratégias de Coping, Auto-Eficácia e Satisfação com a Vida durante o Processo de Envelhecimento Bem Sucedido apresentado e premiado na II Jornada Gaúcha de Neuropsicologia na PUC-RS; A Relação entre Depressão, Resiliência e Aspectos Cognitivos no Envelhecimento exposto no STAR-TPSI – Congresso Brasileiro de Inovação em Avaliação Psicológica, Neurociências e Interdisciplinaridades, na cidade de Porto Alegre-RS.

Descobrindo novos caminhos publiquei capítulo de livro na Revista Ciências da Saúde: Campo Promissor em Saúde com o título: Análise da Produção Científica do II Congresso Brasileiro de Gerontecnologia. Participei, a partir do convite da professora-pesquisadora, como orga-

nizadora do livro e-book Desenvolvimento ao longo da vida Estudos sobre o processo de envelhecimento bem-sucedido, participando com a autoria do capítulo IX intitulado Análise da percepção de corporeidade durante a pandemia do COVID-19: um estudo qualitativo em pessoas idosas residentes no Município de Dois Irmãos/RS. Como questões relevantes pode-se citar os estudos de Hayflick (1996) onde refere que o envelhecimento não é expressão de doença, apesar de poderem estar associados, por outro lado, em qualquer fase da vida o ser humano é suscetível aos mais diversos tipos de males. Com o passar dos anos o sistema imunológico humano diminui a capacidade de defender o organismo e, portanto, o indivíduo fica mais vulnerável às doenças, mas não necessariamente adoece.

Adaptada ao funcionamento do Grupo de Pesquisa participei da seleção para o Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social, sendo selecionada e contemplada com uma bolsa de estudos da FAPERGS. Iniciei os estudos com o propósito de estudar os efeitos do estresse oxidativo nos processos cognitivos das pessoas idosas, ou seja, se há associação significativa entre a memória operacional, a velocidade de processamento, a organização perceptual e compreensão verbal com o estresse oxidativo no processo de envelhecimento bem-sucedido. No entanto, fomos surpreendidos, no início de 2020, pela pandemia de COVID-19, o que levou a trocar o tema da pesquisa, pois os grupos de idosos estavam sem atividades proporcionadas pelas prefeituras municipais, impedindo nossa coleta de dados de forma presencial. Em meio a tantas mudanças e orientada pela professora, procuramos nos adaptar, buscando no banco de dados do grupo de pesquisa um novo tema para pesquisar.

Desta maneira a partir da Teoria *Life-Span* ou teoria do desenvolvimento ao longo da vida, de Paul Baltes, onde o envelhecimento é considerado um processo contínuo e heterogêneo, o que significa que corresponde a diferentes padrões, de acordo com o indivíduo e seu contexto histórico, associadas às perdas e ganhos decorrentes da interação entre o indivíduo, a cultura e o meio em que está inserido. Tanto quanto a velhice saudável ou bem-sucedida, a velhice patológica varia ao longo de um continuum, com diferentes manifestações e desfechos na vida de pessoas e coortes (Baltes; Smith, 2004).

Nesta linha de raciocínio escolhi pesquisar se existe associação significativa das estratégias de promoção do envelhecimento bem-sucedido com o desempenho cognitivo e a necessidade de apoio familiar. Após análise dos dados, a pesquisa contribuiu para um melhor entendimento das questões cognitivas e familiares que permeiam o processo de envelhecimento bem-sucedido. Trazendo contribuições e conhecimentos para a comunidade científica e para a sociedade. Observamos que quanto mais as pessoas idosas utilizam a estratégia de pensar no que querem da vida, menos pedem apoio em situação de doenças. E quando direcionam seus pensamentos para o que realmente é importante, solicitam menos apoio familiar nas situações de dificuldades imprevistas e do cotidiano.

Venho novamente em busca de aprofundamento do conhecimento e neste momento histórico em que a pandemia vai dando espaço para a volta gradativa das atividades sociais, pretendo obter uma melhor compreensão do desempenho cognitivo e dos possíveis efeitos causados pelo estresse oxidativo, em idosos, na cidade de Dois Irmãos, RS.

Sendo assim, através do doutoramento há a possibilidade de aprofundar conhecimentos acerca dos processos de envelhecimento e sua relação com a cognição da pessoa idosa, colaborando com o conhecimento científico para a melhoria da qualidade de vida daqueles que necessitam destas novas descobertas.

REFERÊNCIAS

BALTES, P. B.; SMITH, J. Lifespan psychology: From developmental contextualism to developmental biocultural co-construtivism. *Research in Human Development*, v. 1, p. 123-144, 2004.

BAUMAN, Z. Trad. Carlos Alberto Medeiros. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Editor, 2005.

BENVENISTE É. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Lingüística Geral II**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1989.

CASTEL, R. **A insegurança social: o que é ser protegido?** Petrópolis: Vozes, 2005.

HAYFLICK, L. **Como e por que envelhecemos**. Tradução de Ana Beatriz Rodrigues, Priscilla Martins Celeste. Rio de Janeiro: Campus, 1996. 400 p.

HALL, S. **Representation: Cultural representations and cultural signifying practices**. London, Sage / Open University, 1997.

HELMAN,G.C. **Cultura, saúde e doença** / Cecil G.Helman; Tradução Ane Rose Bolner. – 5. Ed..- Porto Alegre: Artmed, 2009. 432 p.

10 .MEMORIAL ACADÊMICO – MINHA JORNADA COMO PERSONAGEM PRINCIPAL

Cauã Picetti¹

Como testador de QA (*Quality Assurance*) bolsista pelo Laboratório de Garantia e Controle de Qualidade para Jogos Digitais (LabQA) da Universidade Feevale, tive a oportunidade de participar de aplicações de testes técnicos (que englobam *bugs*, incompatibilidades, *hardwares* e *softwares*) e testes de aceitação (que abrangem *level* e *game design*, público-alvo e outros aspectos do jogo). O desenvolvimento dessas atividades está no contexto do LabQA, que tem o objetivo de aumentar o nível de qualidade do mercado brasileiro de jogos. A atuação no mercado de jogos, com QA em específico, uma área pouco explorada dentro do mercado brasileiro, reforça a certeza de que estou no caminho certo para contribuir com a indústria, tanto na área de desenvolvimento, como em pesquisas, ao unir a formação acadêmica à experiência de mercado, visando o impacto social. Desde minhas primeiras memórias, os jogos eletrônicos se fazem presentes na minha vida. Hoje, já adulto, percebo durante minha vivência de mestrando do PPG Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale, mais especificamente com a linha de pesquisa Linguagens e Tecnologias, que fui afetado desde muito cedo por questões sociais e de representatividade através dos games. Consigo, no presente, compreender que tais vivências me instigaram a entender mais sobre o assunto, e encontro nas falas de Lazzarotto e Carvalho (2012) um direcionamento à pesquisa, ao dizerem que “Entre as variações de afetos vividos percebemos que algo convoca ao movimento de pesquisar”. Assim, entendo que esse movimento de pesquisa, embora aflorado durante o mestrado, sempre esteve presente em minha trajetória.

Minha formação acadêmica teve início no ano de 2012, ao ingressar no curso técnico de Publicidade e Propaganda pela Escola de Ação Feevale. Nesse momento tive meu primeiro contato com teoria da área criativa, de marketing, design gráfico e atendimento. Assim, desenvolvi um profundo interesse pela parte que envolve a tecno-

¹Mestrando em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: cauapicetti@hotmail.com

logia. O trabalho de conclusão do curso foi feito para uma loja da cidade de Novo Hamburgo que tinha como alvo o público feminino. Junto ao meu grupo, atualizei a identidade visual da empresa através de pesquisas nas áreas de conceito de cores, formas e funcionalidades do *design* em torno dos produtos femininos, por conseguinte, conciliando assim, a aplicação prática da teoria e a pesquisa de produtos do mercado. Depois da entrega, apresentação para a banca e aprovação, o interesse pela área criativa e tecnológica continuou a crescer. No primeiro semestre de 2013, comecei a trabalhar com *design* gráfico, auxiliando no setor de criação de outra empresa do município, sendo essa, do ramo calçadista. Minha função tinha como base realizar a criação e edição de estampas conforme briefing do cliente. Parte do processo era estudar o mercado sobre tendências que, majoritariamente, eram determinadas pelo mercado internacional. Com isso, pude aprimorar meu nível de inglês na parte escrita, de leitura e conversação, e ampliar o meu leque de fontes para obter informações, facilitando o contato com fóruns voltados para jogos e tecnologia que vários sites possuem, como reddit, itch.io e gamejolt que promovem a interação entre desenvolvedores menores, chamados de *indies*. Nesses fóruns tive contato com a comunidade desenvolvedora *indie* e passei a nutrir um maior interesse pelo mercado de produção de *games*, o que me fez buscar ainda mais sobre o assunto e formações na área. O segundo semestre de 2013 é marcado pelo início da minha jornada no curso superior de Tecnologia em Jogos Digitais pela Universidade Feevale. Minha afinidade com a parte de arte fez com que, durante os projetos, eu atuasse com as criações artísticas tanto em 2D/3D como no planejamento de mecânicas e conceitos. A liberdade de criação que o curso me proporcionou, permitiu agregar questões sociais aos meus projetos, ainda que a graduação não contemplasse disciplinas e/ou discussões sobre esses tópicos. Ao longo do curso sempre incentivei o grupo a seguir um caminho que se alinhasse com os discursos de inclusão e diversidade. No projeto 1, que teve como objetivo desenvolver e entregar um jogo funcional ao fim do primeiro semestre, participei como artista 2D, animador e *main level/map designer*, funções que me permitiram aplicar alguns designs de representatividade, como exemplo, cito a protagonista que criamos, uma menina asiática, que aborda ao mesmo tempo o protagonismo feminino e presença de diferentes nacionalidades nos personagens presentes.

Ao adentrar no Diretório Acadêmico (DA) do curso de jogos, em 2016, organizei palestras da semana acadêmica, do mesmo ano, para um melhor entendimento do mercado real de jogos e suas etapas na produção de um jogo como produto digital. Além disso, o DA proporcionou uma exposição aberta ao público onde os jogos de conclusão de semestre eram expostos no campus da universidade de forma que todos que passassem pudessem jogar e testar os títulos expostos. Junto da organização, foi criado uma comissão técnica de avaliação e disponibilizado uma premiação para os vencedores, com o intuito de ampliar a interação dos alunos entre os semestres, e com o público presente na universidade, apresentando um pouco do trabalho da área de jogos para as outras.

Encerro minha participação no diretório acadêmico e na graduação no fim de 2016, e mantendo comigo o objetivo de aprimorar meu conhecimento na área de jogos, com a premissa de inclusão e diversidade como parte fundamental na evolução do mercado, inclusive no âmbito de desenvolvimento.

Na busca por me manter ativo e por dentro das discussões envolvendo jogos, no ano de 2017, em março, começou um período no qual muitas minorias estavam preocupadas com o futuro, devido às novas lideranças políticas que ganharam força com seus discursos de ódio. A “*Resist Jam*”, uma *game jam* que propõe criações contra o autoritarismo, com foco na diversidade e inclusão, foi criada pela *IndieCade*, um festival internacional de jogos independentes hospedado pelo site de jogos Itch.io. A partir disso, formei um grupo com graduados do curso de jogos da Feevale e, em um fim de semana – período estipulado pela game jam, criamos o “*Queens: The resistance street*” um jogo *tower defense* 2D, com Pandora Yume, uma drag queen brasileira homenageada como protagonista. Nossa trabalho teve como objetivo simular a luta LGBTQIAP+ dentro da sociedade, de uma maneira lúdica na qual o jogador precisava defender uma estátua que representava o orgulho, que, mesmo com tantos ataques inimigos, persiste.

Toda a troca de experiência com os outros grupos participantes de diversas nacionalidades e culturas, além das discussões geradas, aumentaram meu interesse por jogos como ferramenta de mídia para temas relevantes.

No primeiro semestre de 2022, ao pesquisar sobre assuntos relacionados à inclusão e diversidade nos fóruns de desenvolvimento, encontro uma *game jam* chamada *Human Diversity Jam*, com a proposta de celebrar a diversidade humana através de jogos. A *jam* era hospedada no site Itchio, pela organização *Questyard*, promovido pela *Indie Game Academy*, uma academia norte-americana com cursos voltados ao desenvolvimento de jogos. A competição criou um servidor, no qual todos os interessados puderam se apresentar e formar grupos para a produção do jogo.

Novamente, a *game jam* aconteceu no período de 48 horas e, ao final, junto ao meu grupo formado pelo servidor da competição, entregamos o jogo chamado “Neeya” um plataforma 2D que teve como protagonistas três personagens que representavam diferenças humanas, abrangendo questões como representatividade de pessoas gordas e PCD’s. Com o servidor interagindo de uma forma muito cooperativa, aproveitamos a diversidade linguística presente e fomos capazes de adicionar 5 diferentes linguagens para o jogo, fortalecendo a inclusão de pessoas não bilíngues. O jogo foi apresentado para os coordenadores do projeto da *Questyard* e nossa equipe de desenvolvedores ganhou o primeiro lugar.

Ainda no primeiro semestre de 2022, ingresso no Laboratório de Garantia e Controle de Qualidade para Jogos Digitais (LabQA), coordenado pela profa. Débora Barbosa. No laboratório, tive a oportunidade, junto a equipe, de pesquisar o mercado internacional e adotar metodologias funcionais aplicáveis pelo nosso laboratório em jogos nacionais. Durante a pesquisa, encontramos diversos testes que cabiam dentro da nossa realidade e alguns, que ainda não nos sentíamos inteiramente aptos a aplicar. Um desses, era o teste de acessibilidade, para o qual, na época, disponibilizamos um teste raso, em que fazíamos a checagem funcional das mecânicas, porém sem validação. A falta de validação e estudos focados para testes de acessibilidade, me mostrou uma lacuna no mercado brasileiro, uma vez que este tema não é atendido em nível de QA, na área de jogos digitais. Assim, motivado a seguir me aperfeiçoando em nível de mestrado, percebi que seria possível analisar essa lacuna de pesquisa. Somado a isso, e aproveitando minha inserção em projetos envolvendo diversidade em jogos, me volto também a pensar que a qualidade de um jogo pode estar

relacionada a sua diversidade, ou seja, seja ele voltado para o tema ou não, a diversidade é hoje um tema fundamental e precisa estar presente do ponto de vista de negócio jogo.

Dessa forma, pensar serviços de QA que envolvam a análise de Acessibilidade e Diversidade em jogos digitais tem potencial para proporcionar a oportunidade de modificações e de criação de valor para futuras aplicações, impactando o mercado nacional de jogos. O laboratório ainda me possibilitou fazer parte da criação dos artigos Aplicação de testes de aceitação para garantia de qualidade no jogo digital Reverie Knights Tactics e Planejamento metodológico para quality assurance em jogos digitais no mercado nacional, apresentados no evento do Inovamundi Feevale 2022. Com a orientação do professor Profe. Dr. João Moossmann, passei, então, a pensar essas questões, dessa vez, como bolsista de aperfeiçoamento científico PACF.

Minha trajetória descrita, até aqui, permitiu meu ingresso no Programa de Pós Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale no primeiro semestre de 2022, do qual dou inicio a minha pesquisa em torno de acessibilidade em jogos digitais como mestrande, com a orientação da Prof^a Dr^a. Regina Heidrich e Coorientação da Prof^a. Dr^a. Débora Barbosa. Com a possibilidade de ser orientado pela Prof^a Dr^a. Regina, passei a fazer parte do Laboratório de Inclusão e Ergonomia da Universidade Feevale (LABIE), onde, através de uma revisão sistemática para encontrar recomendações de aplicação de acessibilidade em jogos digitais, minha proposta de projeto mudou. O resultado da revisão, ao ser analisada junto do laboratório, apresentou uma complexidade nos níveis de recomendações, evidenciando, então, a necessidade de uma forma de identificação das opções de acessibilidade contempladas em cada jogo. Com isso, surge meu trabalho de pesquisa, intitulado Criação de um sistema de identificação de acessibilidade para jogos digitais, do qual objetiva a criação de um artefato que permita a aplicação de identificadores de acessibilidade em jogos digitais, para melhorar a experiência dos jogadores e consumidores de jogos de uma forma geral, além de aumentar a autonomia do público PCD, levando em consideração que, conforme pesquisa disponibilizada pela Microsoft, há cerca de 450 milhões de players PCDs no mundo (Microsoft, 2022). Dados esses que aumentam a minha convicção no impacto positivo que meu projeto causará.

Com base nas experiências e expectativas mencionadas nesse texto, reconheço e entendo as oportunidades que já tive e estou tendo. Levo comigo memórias que a vida, hoje, me ensina a enxergar com outros olhos. Me vejo em locais que não contemplam toda a diversidade que vejo no mundo, que estudo e que me preocupo em entregar ao produzir um artigo ou jogo. Tenho esperança e uso acreditar em uma mudança. Encerro, compartilhando um pouco do meu mundo, que não é físico, mas também nos faz refletir sobre o mundo que queremos. ‘Nunca aceite o mundo como ele parece ser, ouse vê-lo como ele poderia ser.’ (Overwatch, 2017)

REFERÊNCIAS

LAZZAROTTO,Gislei Domingas Romanzini, CARVALHO, Julia Dutra de. **Afetar.** 1^a Edição. Editora Sulina, Porto Alegre. 2012.

Microsoft. **Microsoft Gaming Accessibility Testing Service** – Publicado em: 10/10/2022 –<https://learn.microsoft.com/en-us/gaming/accessibility/mgats> (Acesso em: 21/06/2023).

Overwatch Animated Short | “**Recall**”. Youtube – <https://www.youtube.com/watch?v=sB5zlHIMsM7k> (Acesso em: 21/06/2023)

11. LINGUAGENS E TECNOLOGIAS A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE: CONTRIBUIÇÕES PARA O FORTALECIMENTO DO SUS

Fernanda Crestina Leitenski Delela¹

O Sistema Único de Saúde (SUS) foi criado em 1988 pela Constituição Federal Brasileira e é o único sistema de saúde pública do mundo que atende mais de 190 milhões de pessoas (Bahia, 2018). Abrange desde o simples atendimento para aferição da pressão arterial, por meio da Atenção Primária, até o transplante de órgãos, garantindo acesso integral, universal e gratuito para toda a população do Brasil. Logo, trabalhar no SUS nesses últimos vinte e cinco anos, tem sido motivo de orgulho para mim.

O SUS, em sua essência, é um sistema universal, integral e equitativo que reconhece a diversidade da população brasileira e busca garantir o acesso irrestrito à saúde de qualidade para todos, independentemente de etnia, gênero, orientação sexual, classe social ou qualquer outra característica.

Através dos princípios da universalidade, gratuidade e integralidade, o SUS implementa ações direcionadas à redução das desigualdades em saúde, priorizando grupos mais vulneráveis e promovendo a participação popular na construção das políticas públicas de saúde.

O compromisso com a diversidade se materializa em iniciativas como programas de saúde direcionados e serviços de saúde intercultural. Apesar dos progressos alcançados, desafios como as persistentes desigualdades sociais, a escassez de recursos e a presença do preconceito ainda persistem, exigindo esforços contínuos para a construção de um sistema de saúde mais equitativo e inclusivo.

Sempre em luta, o SUS se consolida como um instrumento fundamental para a promoção da diversidade e da inclusão no Brasil, buscando a construção de um sistema de saúde mais justo e efetivo, reconhecendo e respeitando as diferentes necessidades, realidades e experiências de saúde dos territórios, considerando as especificidades de cada grupo.

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: Fernandadelela@hotmail.com

O SUS busca promover a inclusão por meio da implementação de políticas e ações que visam reduzir as desigualdades e discriminações existentes no acesso aos serviços de saúde (Mattos, 2009). Isso envolve a promoção de estratégias de equidade, como a distribuição de recursos de acordo com as necessidades de cada região e a adoção de políticas afirmativas para grupos em situação de vulnerabilidade.

Além disso, o SUS também valoriza a participação social e o controle social, que são mecanismos que possibilitam a inclusão e a representação da diversidade de grupos e indivíduos na tomada de decisões e no monitoramento das políticas de saúde.

Desta forma, a correlação do SUS com a diversidade e inclusão está diretamente relacionada aos princípios de universalidade e equidade que fundamentam o sistema, buscando garantir que todas as pessoas tenham acesso aos serviços de saúde de forma justa e igualitária, independentemente de suas características individuais.

No seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, o autor (Hall, 2000) argumenta que na pós-modernidade, a identidade não é mais vista como algo fixo e essencialista, mas sim como algo fluido e em constante transformação. Ele discute como as identidades individuais e coletivas são moldadas por fatores como classe social, gênero, etnia, sexualidade, nacionalidade e pertencimento cultural. Dessa forma, correlaciono que a identidade do SUS e o entendimento sobre saúde também têm sido objeto de discussões e transformações ao longo do tempo, refletindo as mudanças sociais, políticas e culturais que ocorrem na sociedade brasileira.

Nessa trajetória, o próprio conceito de saúde foi discutido e transformado, deixando de ser considerado como “ausência de doença” para em 1948 a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2000) apresentar uma nova proposta, passando a ser definido como “o estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença e de enfermidade”.

Considerando fatores sociais, culturais e políticos que influenciam a formação das identidades individuais e coletivas (Hall, 2000), destaca-se que em 1986 houve a 8^a Conferência Nacional de Saúde (CNS), realizada em Brasília. A 8^a CNS foi um marco importante para a consolidação dos princípios do SUS, onde foram discutidos diversos temas relacionados à saúde pública, incluindo a ampliação do conceito de saúde e a necessidade de uma abordagem integral.

E é nesse contexto que venho desenvolvendo toda minha trajetória no SUS, passando pela atenção básica, vigilância em saúde e emergências

em saúde pública, buscando sempre destacar a importância de considerar os aspectos sociais, culturais e políticos na compreensão da saúde e na formulação de políticas públicas voltadas para a promoção do bem-estar e da qualidade de vida da população.

Ao longo do tempo, presenciei e participei de grandes mudanças. Destaco aqui o ensinamento do pesquisador cientista político Ronald Inglehart (Inglehart; Welzel, 2009), que argumenta que à medida que as sociedades se tornam mais seguras e prósperas, há uma tendência de mudança nos valores dominantes. Entendo que o reflexo dessas mudanças de valores pode ser observado no início do ano de 2023, onde tivemos a primeira mulher na História do Brasil a assumir o Ministério da Saúde, que foi criado em 1953. O aumento da participação e representatividade das mulheres em posições de liderança política e governamental pode ser entendido como uma expressão dos valores de igualdade de gênero e diversidade, embora ainda em evolução.

No contexto do SUS, podemos interpretar essa mudança de valores como um reflexo das transformações sociais e culturais que influenciaram a visão da saúde como um direito fundamental. A noção de saúde expandiu-se além da mera ausência de doenças, passando a abranger aspectos relacionados à qualidade de vida, bem-estar emocional e acesso a serviços de saúde de qualidade.

Essa evolução do SUS reflete uma maior ênfase nos valores pós-materialistas, como a autonomia do indivíduo, a participação social, a busca pelo cuidado integral e a valorização da saúde como um componente essencial para o bem-estar e a realização pessoal.

O SUS sempre busca compreender e respeitar as crenças, práticas e valores culturais das pessoas atendidas pelo sistema. Isso implica em reconhecer que diferentes grupos possuem visões e abordagens específicas em relação à saúde e doença (Helman, 2009), e que essas percepções devem ser consideradas no planejamento e na prestação dos serviços de saúde.

Ao longo da minha jornada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), tive a oportunidade de não apenas vivenciar, mas também contribuir para a prática da educação em saúde. Essa experiência me permitiu compreender a importância crucial que essa área ocupa no contexto do SUS, reconhecendo seu papel fundamental na promoção da saúde, na prevenção de doenças e no enfrentamento de eventos e agravos à saúde da população.

A educação em saúde se configura como um pilar essencial para a construção de uma sociedade mais saudável e justa. Através da educa-

ção, podemos emancipar os indivíduos e comunidades, fornecendo-lhes ferramentas e conhecimentos necessários para tomar decisões conscientes sobre sua saúde e bem-estar. Ao promover a educação em saúde, estamos investindo na prevenção de doenças, na redução de custos com o sistema de saúde e na construção de uma sociedade mais resiliente e preparada para lidar com os desafios.

As tecnologias digitais podem ampliar o alcance da educação em saúde, tornando-a mais acessível e flexível para diferentes públicos. Os *serious games* (jogos com propósitos educativos) podem tornar o aprendizado mais dinâmico, engajador e interativo, favorecendo a participação ativa dos envolvidos.

Toda essa proposta se perpetua em estratégias colaborativas, buscando sempre estimular o trabalho em equipe, a troca de conhecimentos e a construção de soluções conjuntas para os desafios da saúde pública.

Nesse sentido, a temática em questão se insere perfeitamente no escopo do Doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão Social, pois as tecnologias digitais apresentam um enorme potencial para auxiliar a ampliar o acesso à educação em saúde, além de engajar, através dos *serious games*, o respeito à diversidade cultural e o diálogo intercultural nesse âmbito.

A linha de pesquisa em linguagens e tecnologias se configura como peça relevante no aprimoramento do SUS, permeando um universo de possibilidades, narrativas, diálogos e interações que impactam diretamente sua função como ferramenta educacional a serviço dos objetivos do SUS.

E dessa forma, trago para a minha tese de doutorado a busca de paralelos conceituais relacionados às mudanças de valores e à valorização da saúde através da educação em saúde como um componente importante da qualidade de vida nas sociedades contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- BAHIA L. **Trinta anos de Sistema Único de Saúde (SUS)**: uma transição necessária, mas insuficiente. Caderno de Saúde Pública.v.34. 2018.
- HALL S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Vol. 5, ETD – Educação Temática Digital. 2000. 102 p.
- HELMAN. Cecil. **Cultura, Saúde e Doença**. 5^a. Porto Alegre; 2009. 152 p
- INGLEHART, R, WELZEL C. **Modernização, mudança cultural e democracia**. 2009. 400 p.
- MATTOS RA de. **Princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e a humanização das práticas de saúde**. Interface – Comun Saúde, Educação. 2009;13:771–80
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Direito a saúde, cobertura universal e integralidade possível**. World Health Organization. 2000;1–76.

12. O ENSINO COMO EXPOENTE EM MUDAR VIDAS

Ígor de Oliveira Lopes²

Chamo-me Ígor de Oliveira Lopes, tenho 28 anos, desde adolescente possuía grande curiosidade e uma admiração imensa sobre os profissionais da saúde, prioritariamente sobre as práticas e atribuições do profissional Enfermeiro. No ano de 2013, iniciei o Curso Técnico de Enfermagem pelo Instituto Pró-Universidade Canoense, na cidade de Canoas/RS. Então minha curiosidade começava a tomar maior proporção, a admiração crescia e a afinidade pela profissão foi se consolidando, conclui o curso Técnico no primeiro semestre do ano de 2015.

Decidido por não retornar para minha cidade de origem, reconheci no Vale dos Sinos a oportunidade do meu crescimento profissional e o potencial para continuidade dos meus estudos e progresso da minha formação. Aprovado no concurso público da Fundação de Saúde Pública de Novo Hamburgo, iniciei minhas atividades como técnico de enfermagem em unidade de terapia intensiva ainda no segundo semestre de 2015, concomitante iniciei como técnico de enfermagem em unidade de clínica médica no Hospital Regina pela Congregação de Santa Catarina, ambos os vínculos na cidade de Novo Hamburgo.

Minha vivência profissional na atribuição como técnico foi enriquecedora. Percorri seis anos pelos serviços públicos e privados da região, onde na atenção secundária à saúde consegui viver momentos de grande satisfação profissional, construir relações com muitas pessoas especiais e identificar a importância da autonomia e poder enquanto trabalhador (Lacaz, 2000; Bauman, 1999).

Perceber as variáveis sociais que conflitavam em minha rotina a poucos quilômetros de distância entre uma instituição de saúde e outra, por vezes parecia desconfortável e provocativo. Identificar que renda e ocupação profissional não são sinônimas de bem-estar e qualidade de vida, assim como nível de instrução, classe social e religião não são

²Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale.
Email: Oliveira.oliveiraigor@hotmail.com

sinônimos de boas práticas sociais, compaixão ou até mesmo de empatia. Assim como idade e sexo não são pilares da consideração, de respeito e de afeto, pois de acordo com o que defende Minayo (1988), o processo saúde-doença é pluralista.

Com o passar do tempo, uma nova perspectiva sobre o profissional Enfermeiro foi sendo construída em meus conceitos e com ela a vontade de me tornar este profissional. Ouvir boas referências, histórias extraordinárias e observar bons exemplos, despertou inquietação e desejo de fazer parte desta categoria. Visualizei na Universidade Feevale um potencial para a minha formação e após a aprovação no vestibular iniciei minha vida acadêmica no curso de bacharelado em enfermagem no segundo semestre de 2016.

A rotina exigia dedicação e trabalho árduo, mas o entusiasmo e o encantamento pela vida acadêmica eram compensatórios. Incentivado pelo corpo docente da Universidade, realizei minha primeira aparição na Feira de Iniciação Científica da Universidade Feevale em 2017, apresentando um trabalho sobre uma atividade curricular com aplicação de metodologias ativas, esta que resultou inclusive em uma publicação. Sentir-se protagonista e perceber meus resultados foi motivador (Freire, 1996).

Em 2018, em sequência na minha trajetória acadêmica, fui aluno voluntário no Projeto de Extensão “Crescer: Cuidado ao Neonato e Criança até um ano”. Durante os dois semestres me oportunizei a integrar com a comunidade, entendendo o papel da extensão universitária, podendo tocar com as minhas mãos sobre as variáveis sociais que tanto se faziam presente na minha rotina na atenção secundária. Percebi que ações interdisciplinares na atenção à saúde contribuem para a qualidade de vida do ser humano, desde o seu nascimento.

Fui aluno do Projeto de Ensino em Fisiologia, onde posteriormente me oportunizei a participar da seleção para a vaga de Monitor da disciplina de Fisiologia Humana I. Realizei atividade como monitor durante os semestres I e II dos anos de 2019 e 2020. Uma atividade bem desafiadora, pois me percebia com uma grande responsabilidade quando tinha de colaborar com o processo de aprendizagem de um colega de curso ou aluno da Universidade.

Entretanto, colher as boas notas e as avaliações positivas após a monitoria era gratificante. Acredito que durante este período minha atenção ao processo de ensino-aprendizagem passou a ter outra proporção, e claro, expectativas foram lançadas, afinal existiria a possibilidade de que me tornasse um contribuinte no processo de formação das pessoas? A dúvida permaneceu.

Adaptações foram necessárias quando se iniciava a pandemia. Acolher os colegas discentes e incentivá-los foi uma atividade nada fácil. Utilizamos a tecnologia como ferramenta essencial. O objetivo era esgotar as possibilidades de incentivo aos discentes e fazer com que todos tivessem a certeza de que não estavam sozinhos. Então comecei a perceber uma parcela das adversidades enfrentadas pelos docentes diariamente.

Entre o segundo semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2019, tive a oportunidade de fazer parte do Projeto de Pesquisa “Tecnologias Aplicadas ao Processo Ensino-Aprendizagem de Ciências Básicas da Saúde” como aluno de iniciação científica não remunerado. A multiprofissionalidade e interdisciplinaridade são essenciais para toda ciência sem dúvida.

Tínhamos como projeto inicial a construção de um recurso educacional direcionado à fisiologia, projeto este que não seria tangível sem a participação de discentes de cursos como engenharia eletrônica, tecnologia da informação entre outros. Participamos de um evento internacional no Uruguai com a submissão de um trabalho sobre um recurso educacional interativo o qual estávamos projetando. Esta etapa foi grandiosa para o meu crescimento, afinal, apropriar-se sobre tecnologia e entender o seu papel ao desenvolvimento social e da ciência é essencial.

No ano de 2020, em meio às turbulências ocasionadas pela crise sanitária, inicio minha participação no Grupo de Pesquisa “Corpo, Movimento e Saúde” como aluno de iniciação científica não remunerado. A participação no projeto foi e está sendo muito importante para meu desenvolvimento na pesquisa. A experiência com a multidisciplinaridade é somatória.

Durante este período, realizamos algumas participações em eventos científicos, discussões e aulas pelas plataformas digitais, inclusive publicações de capítulos de livros e outros conteúdos. Encontrei no projeto pessoas especiais, que amam a pesquisa e que me inspiram, bem como a possibilidade de ampliar meu conhecimento na linha da qualidade de vida, na saúde da pessoa idosa, na tecnologia e no ensino.

Percebo o quanto a graduação surpreendeu e superou minhas expectativas. Conseguí vivenciar, com a ajuda dos docentes, experiências e possibilidades que antes eu não imaginava a existência, me foi proporcionando o conhecimento horizontal, incentivo sobre minha autonomia e maior segurança na sua construção do saber. Passei a reconhecer a potencialidade da pesquisa, ensino e extensão, conseguindo fortalecer minha admiração pela Enfermagem e por outros nichos que a graduação me oportunizou. Sou grato ao corpo docente da Enfermagem por me despertar curiosidade e simpatia sobre a docência.

Desde a conclusão da graduação que ocorreu em julho do ano de 2021, mantengo vínculo com o grupo de pesquisa. Atualmente sou Mestrando do Programa de Diversidade Cultural e Inclusão Social, bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), atuo como Enfermeiro na Emergência do Hospital Regina em Novo Hamburgo e como Orientador Educacional de Ensino Técnico pela Escola SENAC São Leopoldo.

O meu interesse sobre o Curso de Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social, provem significativamente da minha trajetória acadêmica e da minha afinidade com as linhas de pesquisa sobre ensino, tecnologia e saúde da pessoa idosa.

Considero essencial a continuidade da minha formação, visto que o mestrado irá me manter inserido na academia, oportunizando a continuidade no campo da pesquisa e construindo-me como um profissional docente e pesquisador, capaz de formar novos profissionais e cidadãos, difundir a pesquisa, conhecimento e potencializar a qualidade de vida da pessoa idosa.

Ao encontro com a minha trajetória, construí a expectativa de poder trabalhar com a promoção de saúde e qualidade de vida da pessoa idosa fazendo conexão com tecnologia e com o processo de ensino-aprendizagem. Uma proposta estava sendo lançada ao grupo de pesquisa ao qual faço parte: iniciar um novo projeto sobre síndrome da fragilidade da pessoa idosa (Fried *et al.*, 2001). Obviamente a proposta pelo desafio foi aceita, afinal se tratava de algo novo aos meus olhos, e a incerteza, dúvida e curiosidade movimentam o pesquisador.

O tema do meu de minha dissertação é o processo de envelhecimento. Afinal trata-se de um processo ao qual todos iremos passar ao longo de nossas vidas, constituídos pelos nossos hábitos de saúde, estilo de vida, educação e também pelos fatores genéticos e fisiológicos (OMS, 2015). Como objetivo desta pesquisa, pretende-se avaliar a correlação dos parâmetros da síndrome de fragilidade desenvolvida pelo CHS (Cardiovascular Health Study), com a análise da dermatoglia.

A síndrome da fragilidade por sua vez não se trata de uma doença, e sim de um conjunto de sinais e sintomas que são expressos pelos indivíduos como resultado de uma diminuição de sua reserva fisiológica e da capacidade de manter a homeostase, podendo caracterizar a pessoa idosa em frágil, pré-fragil e não frágil.

Esta caracterização por sua vez tem a possibilidade de identificar os indivíduos com maior vulnerabilidade a situações de estresse ambiental e maior risco a eventos adversos com desfechos desfavoráveis (Fried *et al.*, 2001).

Outro elemento de meu estudo que também é desafiador constitui-se na técnica da dermatoglia. É um procedimento simples por meio de um instrumento tecnológico capaz de identificar as capacidades físicas e potencialidades genéticas do indivíduo através da leitura de sua digital, assim como utilizamos hoje para acesso a dispositivos eletrônicos como celulares, caixas eletrônicos entre outros.

Sendo assim pretende-se aprimorar o método de identificação da síndrome e realizar um cruzamento das informações, otimizando o prognóstico da pessoa idosa, a fim de propor intervenções preventivas e de educação em saúde que proporcionem à pessoa idosa maior longevidade e mais qualidade de vida (Cummins; Midlo, 1961).

Posso afirmar que as motivações para escolha deste tema e objeto partem do princípio de poder me oportunizar ao processo investigativo dentro de um nicho que me trará novidades e incertezas, ainda que visualize no processo de construção da dissertação a possibilidade de resgate a minha história acadêmica. Afinal estou tento a possibilidade de responder dúvidas que me perpassam desde o início da trajetória profissional onde acompanhava pessoas idosas na atenção secundária sendo expostas a eventos adversos e até a situações de mortalidade.

Tive ainda a possibilidade de reencontro com a tecnologia que também esteve presente no meu processo formativo, e claro como fechamento terei a possibilidade colaborar com a investigação sobre esta população vulnerável que tende a crescer cada vez mais em todo mundo.

Espero que não só a minha dissertação, mas também todo o trabalho desenvolvido pelo Centro Interdisciplinar de Pesquisa em Gerontologia possa deixar minimamente uma contribuição ao desenvolvimento da ciência.

Que eu como pesquisador possa cada vez mais me reconhecer como um profissional capaz de produzir ciência que leve benefício à sociedade e como docente possa mudar vidas e formar não apenas profissionais, mas formar pessoas capazes de movimentar a sociedade a um caminho da criticidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernity and Ambivalence**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. 171 p.

CUMMINS, H.; MIDLO, C. **Finger prints, palms and soles: an introduction to dermatoglyphics / by harold cummins and charles midlo**. 6. ed. New York: New Dover Ed, 1961. 319 p.

FRIED, L. P.; TANGEN, C. M.; WALSTON, J.; NEWMAN, A. B.; HIRSCH, C.; GOTTLIEB, J.; SEEMAN, T.; TRACY, R.; KOP, W. J.; BURKE, G.; MCBURNIE, M. A. Frailty in older adults: Evidence for a phenotype. **Journals of Gerontology – Series A Biological Sciences and Medical Sciences**, v. 56, n. 3, p. 146–157, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1093/gerona/56.3.m146>

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LACAZ, F. A. C. Qualidade de vida no trabalho e saúde/doença. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 151-161, 2000. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232000000100013>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. Brasília: OMS; 2015.

13. OS PRIMEIROS PASSOS DA PRIMEIRA: PENSAR DIVERSIDADE CULTURAL E INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DE RECURSOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Deise Claudiane Rodrigues Antunes¹

Me chamo Deise Claudiane Rodrigues Antunes, tenho 29 anos, nascida e criada na cidade de Novo Hamburgo, RS. Irmã mais velha entre três filhas, venho de uma família numerosa, simples e de muitos valores. Realizei todo ensino em escolas públicas e depois do ensino médio, em 2012, não me sentia preparada para deixar de estudar, mas devido às limitações financeiras, optei por cursar um ensino técnico em administração de empresas.

Por lá tive muitos aprendizados, mas acabei me aproximando ainda mais de um curso que já tinha interesse, a Psicologia, e surgiu a certeza de que esse era meu novo objetivo. Em setembro de 2014, me formei no técnico e me dediquei a estudar para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Em agosto de 2015 passei a ser aluna da Universidade Feevale através de uma bolsa integral do Programa Universidade para todos – ProUni. Desde 2012, já trabalhava em uma livraria. Fiz o último ano do ensino médio e todo o técnico, trabalhando 6 dias por semana e assim dei continuidade quando entrei na graduação. Sem a bolsa não seria possível manter os custos do curso, e sem o trabalho não conseguiria dar sequência ao mesmo, considerando os gastos com transporte, alimentação etc.

Talvez uma característica que possa me definir enquanto estudante e posteriormente como acadêmica seja dedicação. Sempre soube que meu tempo era limitado então mantive a melhor organização possível para ter frequência nas aulas, ler os materiais e desenvolver as atividades

¹Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: psi.deiseantunes@gmail.com

propostas, sem que minha extensa carga de trabalho interferisse no meu desenvolvimento acadêmico.

Em 2018, realizei meu primeiro estágio básico do curso, onde conheci a professora Dra. Geraldine Alves dos Santos. Ela me apresentou e encantou com a Pesquisa. Esse foi mais um dos aspectos que considerei para minha organização ao me desligar do meu trabalho, com intuito de poder dedicar-me exclusivamente a aprendizados e experiências que enriqueceriam minha trajetória acadêmica. Em 2019, então sem vínculo empregatício, comecei a dedicar-me totalmente a aprendizados dentro da Psicologia.

Ingressei no grupo de pesquisa Corpo, Movimento e Saúde, como acadêmica de iniciação científica não remunerada. Desta forma permaneci até o início do ano de 2021 quando me tornei bolsista FAPERGS, no projeto “Estudo dos parâmetros de cognição, resiliência, estresse psicosocial, autoeficácia, qualidade de vida, dor, risco de quedas e marcadores bioquímicos da resposta ao estresse fisiológico durante o envelhecimento bem-sucedido”. Essa bolsa foi renovada e a mantive até minha formatura, em dezembro de 2021.

Ainda durante a graduação em Psicologia, fiz estágio extracurricular na prefeitura de Novo Hamburgo, em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), onde me desenvolvi muito academicamente e como ser humano. Com as experiências de estudos teóricos, que foram ampliados com a participação no grupo de pesquisa e ainda com as práticas, seja nas idas a campo com o grupo de pesquisa, seja no cotidiano do CRAS.

Sempre tive interesse na população idosa, a qual me parecia tão carente de escuta e visibilidade. Participar das coletas de dados sempre me fazia sentir que estava saindo de uma aula, que aquele espaço e aquelas pessoas proporcionavam. Em 2020, com a chegada da pandemia, muitas coisas mudaram e as coletas foram uma das primeiras coisas a parar, considerando que as pessoas idosas inicialmente se mostraram com maior vulnerabilidade perante ao vírus. Neste ano já havia me matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Foi um desafio pensar nas incertezas do momento, considerando o

isolamento necessário, e ainda que a amostra que iria investigar seria de pessoas idosas com hábito de leitura ao longo da vida.

Mas aconteceu, de forma online e um pouco diferente das expectativas, com orientação da professora Dra. Geraldine realizei meu TCC, intitulado “A influência do hábito de leitura no envelhecimento bem-sucedido”. Foi uma aprendizagem enorme identificar quanto o hábito de leitura pode beneficiar a pessoa idosa, e pode ser uma das ferramentas de grande valia na manutenção da qualidade de vida e cidadania. Essa experiência me colocou a refletir o porquê falamos tão pouco do tema, de que a leitura é também um direito humano que nem todos têm acesso. Posteriormente, em 2022, um recorte deste trabalho recebeu o prêmio Nara da Costa Rodrigues, na 24^a Jornada da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia do Rio Grande do Sul.

Em 2020 também, como continuei a estagiar no âmbito da assistência social, foi um ano de ver muitas vulnerabilidades de perto. A insegurança alimentar aumentou durante o período da pandemia e isso era visto cotidianamente na população que acessava o CRAS. Essa realidade é muito dura de se lidar, e nossas limitações quanto a resolução também. Isso uniu muito a equipe em que estava inserida, possibilitando um trabalho interdisciplinar muito importante para meu desenvolvimento. Espaço que também me fez estudar sobre diversidade, inclusão social, preconceitos e quebrar vários conceitos que carregava erroneamente, sem perceber do que é construído no senso comum.

No ano de 2021, realizei meus últimos estágios obrigatórios em uma clínica, que trabalha com a interdisciplinaridade. Onde me dediquei muito a estudar a psicanálise e as singularidades de cada paciente que escutei. Um ano de muitas leituras e aprendizagens teórico-práticos. Atendendo diferentes perfis aprendi muito sobre o que também está no nosso social, questões de inclusão de deficiência, por exemplo, onde mesmo no individual percebi a importância do coletivo.

No mês de dezembro de 2021 fiz meu juramento profissional, me formando Bacharel em Psicologia, sendo a primeira filha a obter uma graduação e a primeira neta – dos mais de 20 netos que conseguimos contabilizar- a se formar em uma Universidade. Em 2022 tornei-

-me bolsista CAPES no Mestrado de Diversidade Cultural e Inclusão Social, na linha de pesquisa de Saúde e Inclusão Social com orientação da professora Dra. Geraldine Alves dos Santos. Durante as aulas nos debruçamos sobre muitos materiais importantes, que nos instigava, por vezes trazendo certa angústia ao refletir sobre tantas questões relevantes, pelas quais todos somos atravessados enquanto seres sociais. Com tudo isso, refleti muito sobre o meu tema de estudo, querendo avançar mais diante dessa diversidade de conteúdos estudados.

Durante minhas leituras guardei a frase da antropóloga Guita Debert (1994, p. 33): “as mulheres no envelhecimento experimentam uma situação dupla de vulnerabilidade com o peso somado de dois tipos de discriminação, enquanto mulher e enquanto idosa”. Considerando o meu TCC da graduação, onde minha amostra havia involuntariamente sido formada por mulheres idosas, defini que gostaria de dedicar meus estudos a este grupo em meu projeto do mestrado.

As mudanças sociais estão influenciando os modos de envelhecer da mulher, pois envelhecer é determinado não só pela cronologia e por fatores físicos, mas também pela construção social em que vivemos e pela singularidade individual de cada uma (Lima; Bueno, 2009, p. 276).

Ao refletirmos sobre a saúde, a inclusão social, as questões de cidadania e as condições globais de vida de mulheres em processo de envelhecimento, é necessário um olhar que considere sua trajetória. Considerando as diferenças de gênero existentes e como elas podem ou não refletir na qualidade de vida que essas mulheres são capazes de obter (Lima; Bueno, 2009).

Em orientação definimos que focaria em mulheres idosas, na sua relação com seus corpos – entendendo que essa é influenciada por questões culturais e sociais – e seu envelhecimento. Assim formulando o tema: mulheres em processo de envelhecimento e sua percepção sobre a corporeidade. Para tanto, pretendo investigar e compreender o quanto a percepção corporal de mulheres em processo de envelhecimento pode exercer influências ou não no seu envelhecimento. Para alcançar este objetivo o estudo apresentará um delineamento qualitativo, descritivo e transversal.

A escolha do delineamento ocorreu a partir da identificação da necessidade de poder ouvir mulheres e suas experiências subjetivas, considerando os atravessamentos sociais e culturais. Lara e Molina (2011) ao discorrer sobre o método qualitativo recorrem à socióloga Cecilia de Souza Minayo e pontuam que “[...] Ciências Sociais trabalha com uma realidade que não pode ser apenas quantificada, porque essa realidade possuiu um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes” (Lara; Molina, 2011, p. 131).

*podem mandar mais rugas e linhas de expressão
eu quero provas das piadas que contamos
entalhem contornos no meu rosto como
raízes de árvore que ficam mais
profundas a cada ano
eu quero manchas de lembrança
das praias em que tomamos sol
eu quero que fique na cara que eu nunca
tive medo de deixar o mundo
me puxar pela mão
e me mostrar a verdade
eu quero ir embora com a certeza
de que fiz com meu corpo
algo além de tentar
alcançar a perfeição*
(Kaur, 2020)

REFERÊNCIAS

DEBERT, Guita Grin. Gênero e envelhecimento. **Revista Estudos Feministas**, v.2 n.3, p. 33-51, 1994. <https://is.gd/UUHyPa>

LARA, Ângela Mara de Barros; MOLINA, Adão Aparecido. Pesquisa Qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. In: TOLEDO, Cézar de Alencar Arnaut de; GONZAGA, Maria Teresa Claro (Orgs.). **Metodologia e Técnicas de Pesquisa nas Áreas de Ciências Humanas**. Maringá: EEduem, 2011. p. 121-172.

LIMA, Lara Carvalho Vilela; BUENO, Cléria Maria Lobo Bittar. Envelhecimento e gênero: A vulnerabilidade de idosas no Brasil. **Revista Saúde e Pesquisa**, v.2, n.2, p.273-280, mai./ago. 2009. Disponível em: <<https://is.gd/ewjG8L>>. Acesso em: 30 abr. 2023.

14. MEMORIAL: A CUMPLICIDADE DO OLHAR QUE SE CRUZA...

Alissom Roberto Brum¹

‘Talvez não seja muito importante o que a vida faz conosco; importante, sim, é o que cada um de nós faz com a vida. E não hesito em dizer-vos que a certeza é a distância mais curta para a ignorância. É preciso ter dúvidas. [...] Cada um tem de fazer um trabalho sobre si mesmo até encontrar aquilo que o define e o distingue. E ninguém se conhece sem partir. Sim, parte, divide-te em partes. Sem viagem não há conhecimento. E sempre que se bifurquem os caminhos à tua frente, segue por aquele que tiver sido menos percorrido. É isso que marcará a tua diferença como investigador. Sem coragem não há conhecimento’.

Antônio Sampaio da Nóvoa (2015, p. 14).

Em um memorial autobiográfico, o objeto de reflexão do escritor é ele mesmo, ou seja, é uma redação que tem como essência discorrer sobre si. Nesse sentido, instigado pelos desafios na autoria deste autorrelato, imergi nos sentidos de uma narrativa elaborada e protagonizada por mim. Como afirma Nóvoa (2015), “ninguém se conhece sem partir”. Este memorial é, para mim, uma jornada de autodescoberta, onde revisitar o passado significa dividir-me em partes, explorar dúvidas e incertezas, e, assim, encontrar aquilo que me define como pesquisador e indivíduo. O desafio de compor este escrito me acompanhou por dias, nos quais busquei transformar fragmentos vividos em algumas palavras e frases que representassem minha trajetória até aqui. Devo revelar que não foi fácil iniciar este texto, e arrisco dizer que não é tarefa simples para muitos. Afinal, não enxergar a si próprio – isto é, ter o hábito de voltar-se a si mesmo – parece ser uma das mazelas da vida que ninguém vê, da obra sensível da jornalista Eliane Brum (2006). Por isso, o memorial foi um convite para debruçar um olhar sobre mim, um caminho menos percorrido, como sugere Nóvoa, mas essencial para marcar a diferença e consolidar meu percurso como investigador.

¹Doutorando em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: alissombrum@feevale.br.

Etimologicamente, memorial é uma palavra que vem do Latim, memoriāle, que significa “aquilo que faz lembrar” (Memorial, 2022). Portanto, é um documento que instaura, por meio da escrita e de seu escritor, um ato de recordar, encontrando nas lembranças uma forma de olhar, ou de (re)olhar para a própria vida. Em um mundo no qual muitos se encontram “exaustos-e-correndo-e-dopados” (Brum, 2016), ver a vida por outros ângulos e em uma maior imersão já não é mais uma condição, e sim a exceção para se existir. Logo, em *tempos* de pouco *tempo*, de uma vida acelerada e com raras pausas, os objetivos de um memorial parecem constituir uma parada em meio aos agitos da vida diária, o que me fez desacelerar e submergir nos epílogos da minha própria história. Sem dúvidas, esse é um movimento de idas e vindas pelos labirintos das memórias guardadas – e que bom revisitá-las, que bom me revisitar.

Dedicar esse tempo para me perceber e para identificar os rumos que me conduziram até o mestrado foi uma forma de legitimar e de entender muitas das minhas escolhas. São essas decisões que me constituem enquanto sujeito e que fundamentam meu apreço por determinadas lutas e discussões sociais. Desse modo, ao passo que elaborava este escrito, fui entendendo que meu fazer científico hoje não se diferencia de quando iniciei meus primeiros projetos como jovem pesquisador na Universidade Feevale. Obviamente, ocorreram processos de ressignificação – afinal, a pesquisa também transforma o pesquisador. Contudo, noto que sigo uma determinada linearidade em relação aos meus interesses epistemológicos e sociais.

Portanto, foi nesse processo de escrever sobre mim que me coloquei a pensar no seguinte: quais desfechos, que abraçam os enredos da minha existência, foram fundamentais para minha inserção no programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, na linha de Linguagens e Tecnologias, da Universidade Feevale, em 2022? Esse é um questionamento que me conduziu a refletir sobre um importante percurso feito enquanto estudante universitário, e sobre o quanto esta caminhada foi fundamental para que eu conquistasse a bolsa de estudos para o mestrado (Prosuc/Capes). Sendo assim, procurei focar a redação deste memorial na minha trajetória acadêmica – jornada que resultou em dez anos de formação na graduação, aliada às múltiplas vivências em projetos de ensino, pesquisa e extensão da Feevale.

Costumo dizer que sou um estudante que descende de um compromisso basilar das universidades, que é o tripé de indissociabilidade entre a pesquisa, o ensino e a extensão. Foi por meio dessa responsabilidade, de “produzir conhecimentos através da pesquisa, formar profissionais através do ensino e atuar de forma cidadã através da extensão” (Sieutjes, 1999, p. 109), que meu itinerário acadêmico ganhou novos horizontes e proporções. Desde meu ingresso na Feevale, em 2012, na graduação, fui motivado por meus/minhas professores/as a aproveitar todas as oportunidades e experiências ofertadas pela instituição, que incluía acesso a laboratórios e tecnologias, contato com profissionais de diversas áreas, possibilidade de atuação como voluntário em alguns setores da instituição e a oferta de bolsas e vagas de estágios dentro do *campus*.

Assim, minha história rumo ao mestrado teve início em meu primeiro semestre no curso de Publicidade e Propaganda, quando comentei com a Profª. Me. Marta Santos, em uma disciplina de introdução da área, meu interesse por fotografia e minha vontade de aprender mais sobre essa forma de expressão. Vale salientar que foi o sentimento de querer ser um retratista da vida que me levou a optar por uma formação no campo da comunicação, com a intenção de aprender mais sobre o idioma fotográfico e seus processos técnicos de produção. Foi nessa busca, de saber falar por meio de imagens, que iniciei, por intermédio da Profª. Marta, minha primeira atividade extracurricular, atuando como voluntário no laboratório fotográfico da instituição. Nesse espaço, adentrei, de fato, no universo visual, explorando desde experimentações analógicas até criações digitais nos estúdios audiovisuais do *campus*. Além disso, pude auxiliar a funcionária Lidia Dutra, técnica responsável pelo laboratório, na conservação dos equipamentos e no atendimento às aulas, cooperando com alunos/as e professores/as em atividades fotográficas dos mais variados âmbitos da graduação. Por um bom tempo, o laboratório de fotografia tornou-se, para mim, uma extensão da habitual sala de aula.

Em seguida, paralelamente à atividade desenvolvida no laboratório de fotografia, comecei a trabalhar como voluntário na Agência Experimental de Comunicação da Feevale, a Agecom. Essa agência é um projeto de ensino da instituição, que articula as graduações da área de concentração – a comunicação –, possibilitando aos alunos a vivência no contexto

do mercado do trabalho em seus variados âmbitos – como Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. Nesse ambiente de trocas interdisciplinares, pude realizar diversos projetos, sempre procurando envolver a linguagem fotográfica como meu principal meio de expressão. Assim, destaco três reportagens fotográficas idealizadas por mim nesse espaço de experimentação e, para tanto, apresento a Figura 1.

Figura 1 – Paradas que levam a novos encontros



Fonte: elaborada pelo autor

A primeira delas, chamada *Paradas que levam a novos encontros: vidas e histórias da plataforma 2^[1]*, foi um ensaio que surgiu a partir de um convite para publicação em um dos periódicos da Agecom – a revista *Nós* –, que tinha como mote, em 2016, a temática encontros. Assim, animado com a oportunidade, me deparei, naquele contexto, com os pensamentos de Gibson (2016, p. 6) no seu livro *Manual do fotógrafo de rua*: “vagar por aí sem nada especial em mente para fotografar pode parecer estranho, mas quando aquela pequena mágica acontece, fotografar torna-se a coisa mais natural e maravilhosa a fazer”. Orientado pelas palavras do autor, andei, na época, pelas alamedas de Novo Hamburgo (RS), deixando que

as ruas me levassem e que o cotidiano me mostrasse o que fotografar. Nas minhas andanças, percebi um lugar de idas e partidas, encontros e desencontros, risos e lágrimas. Um lugar cheio de vida e com diversidade de pessoas e situações. Encontrei a parada de ônibus.

O segundo ensaio foi intitulado *A essência da vida: ter a liberdade é a felicidade*^[2]. Um dos resultados pode ser visto na Figura 2.

Figura 2 – A Essência da Vida



Fonte: elaborada pelo autor

Essa criação, também direcionada a um dos periódicos da agência experimental de comunicação – a *Revista K* –, propôs discutir o atual modo de vida em uma sociedade de consumo (Bauman, 2008). Na ocasião, procurei problematizar o quanto estamos inseridos em uma cultura que tem nos educado, ao longo dos anos, para um ideal de vida e para a busca do sublime sucesso pessoal. Trata-se de uma lógica que tem nos ensinado quais os caminhos para uma vida perfeita, dentre aquilo que é propagado como adequado para ser entendido como perfeição. Nesse sentido, as fotografias dessa produção apresentaram a Pia Loreto e o Danilo Henrique, um casal Chileno que pude conhecer ao passar por

uma sinaleira na cidade de Estância Velha (RS). Os dois mostravam uma maneira de viver que se contrapunha às lógicas de consumo e sucesso da sociedade atual.

Por fim, apresento, na Figura 3, o trabalho *Moradores: o cotidiano de quem fez da rua sua morada*^[3].

Figura 3 – Moradores



Fonte: elaborada pelo autor

Essa criação também foi destinada à revista *Nós*, que, em 2018, teve como trama o conceito “(im)próprios”. Nessa realização, contei com a parceria de uma acadêmica de Jornalismo, que atualmente já está formada, a Caroline Staudt. A ela, coube a redação da narrativa verbal da obra; a mim, a concepção visual. Nessa história, os andarilhos são os protagonistas. A eles, destinou-se o codinome: invisíveis da vida. São pessoas que, embora sejam parte notória dos cotidianos, são rotineiramente ocultadas em seu existir – são os (im)próprios. Inspirados na obra de Eliane Brum (2006), propusemos a reflexão de que urge um grave adoecimento social entre nós, que traz como principal sequela um olhar descomprometido com o outro. A fotografia, de alguma forma,

nos sensibilizou e ajudou a descortinar essa condição. Em meio às ruas e praças da cidade de Novo Hamburgo, captamos enredos tomados por luta e dor.

Por conseguinte, dando continuidade ao autorrelato deste memorial, outro movimento importante na minha formação – e que ocorria concomitantemente com os já citados – foi ter participado de um projeto de extensão da Feevale. Depois de alguns meses como voluntário na Agecom e no Laboratório de Fotografia, candidatei-me a uma vaga de bolsista em um projeto de extensão da instituição, o *Nosso Bairro em Pauta*, e fui contratado. Nesse projeto, atuei por três anos como bolsista extensionista, realizando oficinas de educação midiática em escolas públicas do município de Novo Hamburgo. Através desse trabalho, pude entender o quão problemático é o consumo arbitrário dos produtos comunicacionais – conseguindo, por meio dessa experiência, perceber uma sociedade que, embora impelida pelas mídias, ainda é composta por inúmeros analfabetos midiáticos (Vicenzi, 2013). O projeto de extensão, nesse sentido, evidenciou minha responsabilidade social enquanto comunicador e pesquisador.

Ademais, é relevante destacar que as oficinas de Educação Midiática eram planejadas por mim, a partir do estudo e do uso da linguagem fotográfica na escola, buscando sempre estabelecer uma relação com a disciplina na qual ocorria o projeto. A proposta de aliar a fotografia ao contexto dessa atividade mostrou-se oportuna para ampliar a visão dos/as alunos/as sobre as convocações visuais da mídia, o bairro e o próprio conteúdo das aulas. Sendo assim, antes de elaborarem suas fotografias, os/as estudantes compreendiam os elementos e as características singulares que constituem a linguagem fotográfica, além da manipulação técnica do equipamento – de modo a entenderem os recursos disponíveis pelos dispositivos de produção e de como eles interferem nos processos de significação da mensagem visual que se quer construir. Além disso, buscava trabalhar com os/as alunos/as os procedimentos de interpretação de imagens, momento em que os/as estudantes realizavam a leitura coletiva das fotografias produzidas pela turma e de outras imagens que constituem os chamamentos diários da mídia – como propagandas, capas de jornais e revistas, imagens publicadas em redes sociais e demais sites e veículos da mídia.

Dentre os trabalhos realizados nas oficinas de educação midiática, enfatizo dois projetos que se mostraram significativos: *Fotografando a matemática no bairro*; e *Nosso Bairro Nossa Gente*. Essas duas ações evidenciaram o quanto importante e imprescindível é a elaboração de propostas de ensino que pensem e indaguem a vida dos estudantes para além dos livros e da exatidão de um trabalho pragmático. Vinculadas a uma aula de matemática e a uma disciplina de história, o estudo da fotografia, nessas duas ocasiões, tornou a sala de aula viva nas ruas da comunidade, seja captando elementos geométricos em paredes, casas e calçadas, ou no retrato dos moradores que dão legitimidade aos enredos do cotidiano daquela pequena localidade.

Diante disso, ambas as vivências me impulsionaram na produção dos meus três primeiros artigos na academia, escritos em parceria com a idealizadora do projeto de extensão e minha atual orientadora no mestrado, a Professora Dr^a. Saraí Patricia Schmidt. O primeiro, denominado *Fotografando a matemática no bairro: um estudo sobre comunicação e educação*^[4], que, além de ser publicado em anais de eventos, recebeu duas condecorações – o prêmio Expocom Sul 2014 (Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação) e destaque na área de Ciências Humanas, Letras e Artes, referente à participação no Inovamundi da Universidade Feevale, em 2014. O Segundo, chamado de *Nosso Bairro, Nossa Gente: retratos que revelam outros ângulos do cotidiano*^[5], foi publicado, inicialmente, nos anais do Intercom Sul 2015 (Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação), mas foi também apresentado no Inovamundi da Universidade Feevale, sendo igualmente agraciado com destaque na área das Ciências Sociais Aplicadas. O terceiro, *O Diálogo da extensão e da pesquisa: algumas possibilidades para pensar a educação na cultura da mídia*^[6], foi apresentado, primeiramente, no GT Comunicação e Educação do Intercom Nacional 2015, e compôs, mais tarde, um dos capítulos do livro *Comunicação e Educação*, volume 1, organizado pela Professora Dr^a. Eliana Nagamini.

Na imagem da Figura 4, apresento o registro de uma das atividades fotográficas que compunha as oficinas de educação midiática do referido projeto de extensão. Conforme pode ser observado, nela eu auxilio uma estudante na elaboração de um retrato fotográfico, a partir do estudo de alguns princípios que fundamentam a comunicação visual, bem como de técnicas envolvendo a operação do equipamento.

Figura 4 – Educação midiática por meio do estudo da fotografia



Fonte: acervo do projeto *Nosso Bairro em Pauta*. Imagens capturadas por integrantes do grupo em 2014

A oportunidade de atuar como bolsista no projeto de extensão *Nosso Bairro em Pauta* mostrou-me o quanto válido e significativo pode ser debater o consumo midiático por meio da produção de imagens. Em outras palavras, pude perceber na câmera fotográfica um instrumento didático potente para discutir e repensar, com os jovens estudantes da rede pública de ensino, como determinados discursos homogeneizantes da mídia destoam da heterogeneidade de sentidos que emanam das particularidades da vida local. Essas singularidades, enfatizo, foram percebidas pelos/as alunos/as através da comunhão entre o olhar e a câmera. Assim, por meio desse trabalho pedagógico crítico (Giroux, 1995, 1997), pautado na fotografia, foi possível ampliar a visão de muitos educandos/as para o cotidiano, revelando outros ângulos e composições para sua realidade, além de ter favorecido um maior envolvimento com o espaço de convivência e morada. Ademais, vale reiterar que a ideia nunca foi simplesmente impor novas questões à escola, mas refletir junto com ela

sobre algumas possibilidades de abordagens que viabilizassem a educação midiática como uma conduta efetiva na prática pedagógica diária.

Posto isso, e seguindo com as recordações deste memorial, após atingir o prazo máximo como bolsista no projeto de extensão, ingressei, a convite da professora Saraí, como membro e bolsista de iniciação científica no seu Grupo de Pesquisa, o *Criança na Mídia: Núcleo de Estudos em Comunicação, Educação e Cultura*, da Universidade Feevale. Habituei esse espaço há mais de sete anos como pesquisador – três deles como bolsista Feevale e um ano como bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS). Nesse lugar, continuei agindo de forma próxima e conjunta com as escolas públicas do município de Novo Hamburgo, por meio de ações que visam a sensibilização e a formação de professores/as para as condutas educomunicativas (Soares, 2014) e para a construção de outros olhares aos direitos humanos frente às convocações da mídia.

Como bolsista de iniciação científica, pude me aprofundar em bases teóricas que fundamentam os estudos operacionalizados pelos pesquisadores do grupo, ampliando a noção sobre alguns conceitos e processos metodológicos, que partem dos campos da comunicação/educação (Baccega, 2001), dos estudos culturais (Kellner, 1995) e direitos humanos (Bittar, 2007). Nesse sentido, as leituras orientadas, o trabalho com doutorandos/as e mestrandos/as, a realização de fichamentos e a participação de eventos científicos foram expandido meu olhar para os problemas que contornam a relação criança, mídia e consumo. A partir disso, fui desenvolvendo investigações sobre o papel pedagógico dos produtos comunicacionais na constituição das identidades infantis, tendo como aporte os estudos, por exemplo, de Fischer (1997), Steinberg e Kincheloe (2001) e Bauman (2008).

Uma dessas investigações, que resultou em dois artigos, foi sobre uma nova geração de crianças que se denominam Youtubers Mirins. O primeiro artigo, intitulado *A criança ensina e aprende a cultura do sucesso no Youtubers Mirins*^[7], propôs compreender esse fenômeno crescente dentro do campo da comunicação, no qual crianças, entre oito e 14 anos, possuem um canal de vídeos no YouTube, acumulando milhões de seguidores. Ao analisar algumas dessas produções, intrigado sobre

o conteúdo que estava sendo veiculado, conclui o seguinte: ao serem subjetivadas pela mídia todos os dias, as crianças se tornam parte dessas construções, assumindo determinados modos de ser. Já o segundo artigo, chamado de *Youtubers Mirins: pequenos vendedores e grandes negócios*^[8], denuncia a construção de uma comunicação mercadológica que usa da infância através do YouTube. No site, crianças, muitas patrocinadas por marcas, ensinam a outras crianças que o sucesso e a fama estão associados ao consumo de tais bens ou à prática dos hábitos expostos nos vídeos, criando uma espécie de publicidade velada. Essa pesquisa, além de ser publicada em anais de eventos, foi destaque no Inovamundi da Universidade Feevale, na área de Ciências Sociais Aplicadas, em 2015, e ganhou menção honrosa na XXIII Mostra de Iniciação Científica e Tecnológica da Unisinos, em 2016.

Outra produção significativa durante a rota que cursei como bolsista de iniciação científica foi a construção de uma pesquisa que se valeu da fotografia para constituir seu *corpus* de análise. O trabalho, chamado de *O Consumo nos enredos fotográficos do cotidiano escolar: a relação criança e mídia na contemporaneidade*^[9], foi desenvolvido por meio de uma Fotoetnografia (Achutti, 1997), metodologia cujas diretrizes têm base na antropologia visual. Assim, unindo meu olhar investigativo às técnicas de captação de imagem, realizei um trabalho de campo ao longo de quatro dias em uma escola pública do município de Novo Hamburgo, buscando detectar de que forma o consumo se manifestava e encontrava seus sentidos naquele espaço. Por meio das fotografias captadas, pude evidenciar um consumo não só de bens materiais, mas também de uma pedagogia de mídia (Fischer, 1997), que se fazia exposta nas atitudes dos sujeitos que constituíam aquele específico território escolar. Essa investigação, além de resultar em um artigo – publicado na revista *Iluminuras*, v. 19, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2018 –, também recebeu o formato de uma crônica audiovisual^[10]. Ademais, esse trabalho foi contemplado com menção honrosa, na área Ciência Sociais Aplicadas, e destaque, na área Comunicação e Informação, referente à participação no Inovamundi, em 2018, da Universidade Feevale. Além disso, ganhou, em 2018, Menção Honrosa na XXV Mostra de Iniciação Científica e Tecnológica, da Unisinos.

Mais recentemente, venho atuando, juntamente com os/as colegas e professores/as do grupo de pesquisa, no Convênio Educação Antidiscriminatória, que foi uma parceria firmada entre a Universidade Feevale e a Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo. O objetivo do *Criança na Mídia*, por meio desse convênio, é atuar na formação de equipes diretivas e de professores/as da rede pública de ensino do município, contornando desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental. O foco é promover discussões que sensibilizem o olhar dos/as docentes para as diversas violências que constituem o território escolar, além de oferecer subsídios e ferramentas que auxiliem os/as educadores a debater essas diferentes opressões em sala de aula. A ideia é que, ao final do convênio, seja criada uma base sólida nas escolas, que favoreça a criação de uma política pública educacional antidiscriminatória.

Inclusive, foi sobre a ambiência desse convênio que aflorou meu trabalho de conclusão de curso (TCC), desenvolvido e apresentado no ano de 2021. Nesse estudo, denominado de *Alfabetização midiática-visual: um direito humano na escola*^[11], objetivei discutir com um grupo focal de professores/as, provenientes de nove escolas municipais de Ensino Fundamental Completo da cidade de Novo Hamburgo, a importância de se pensar o atual exercício da docência a partir de uma prática que conduza à plena formação cidadã dos/as estudantes – o que significa agir na ciência, principalmente no contexto contemporâneo, de que a dignidade da vida ganha outras roupagens e diferentes confrontos frente aos novos formatos e artifícios de socialização da chamada sociedade da informação.

Assim, tendo em vista essa finalidade, foram oportunizados, no contexto dessa investigação, três encontros formativos aos/às docentes, que ocorreram de forma *online*, devido ao cenário pandêmico vivenciado na época com a chegada do vírus causador da Covid-19. Nessas reuniões, além de operar uma abordagem teórica sobre o assunto, pretendi, igualmente, apresentar algumas estratégias, concernentes à integração da linguagem fotográfica e suas tecnologias, na intenção de assentar alguns processos que esperançassem essa alfabetização aos olhos do professorado. Todavia, o fato de ter ocorrido a distância restringiu a

elaboração de atividades, tanto entre mim e os/as educadores quanto deles/as com o alunato. Logo, os esforços dessa pesquisa, no conjunto de ações que ela envolveu, reverberaram mais no sentido de um atinar dos/as pedagogos/as em torno da temática. As descrições dos métodos e dos resultados alcançados nesse trabalho estão expostas em um artigo encaminhado ao periódico *Educação em Revista*, uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Assinalo, ainda, que o mesmo estudo obteve o prêmio de destaque no Feira de Iniciação Científica (Inovamundi) da Universidade Feevale em 2022 e, ainda nesse mesmo ano, foi aceito pelo Grupo Temático Comunicação e Educação para apresentação no XVI Congresso da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIC), realizado em Buenos Aires.

Nesse transitar pelo mundo acadêmico, comecei a vislumbrar minha proposta de pesquisa para o mestrado. A concepção deste estudo emerge da minha vigente atuação no Convênio Educação Antidiscriminatória. Contudo, é fundamental frisar que ela igualmente ganha corpo e substancialidade em meio aos restos que ficaram espelhados ao longo da jornada que relatei até aqui. Quando digo restos, não aludo a uma perspectiva pejorativa do termo, como sendo algo descartável e sem valor. Penso os restos como aquilo que não dei conta. Questões e dilemas que em momentos específicos fizeram-se escapados das minhas mãos e desviados da mira do meu olhar. O mestrado, por conseguinte, é uma oportunidade de recolher esses restos que ficaram soltos ao longo do caminho, como forma de desvelá-los e ressignificá-los em suas materialidades. Logo, à medida que fui delineando o escopo deste estudo, vi-me resgatando e encontrando suporte em tudo que já realizei ao longo desses anos na universidade. As trocas, as amizades, as leituras, os projetos, os artigos publicados, os ensaios fotográficos etc – um processo repleto de aprendizagens que trago comigo como uma bagagem de referências de como seguir daqui para frente. Conforme Sêneca (2017, p. 70), “muito breve e agitada é a vida daqueles que esquecem o passado, negligenciam o presente e temem o futuro”. Nesse sentido, sigo caminhando sem deixar de olhar para trás.

Nomeada de *Alfabetização Midiática-Visual: a fotografia como possibilidade para compor outros olhares para os direitos humanos no território escolar*, vejo a dissertação como uma forma de problematizar muitos discursos da mídia, que também constituem uma forma de violência, portando a capacidade de ferir gravemente a nossa dignidade. Sendo assim, neste estudo, parto do princípio de que, para uma adequada formação cidadã na sociedade contemporânea, é necessário que a escola se faça aberta e atenta a este novo “ecossistema informacional e comunicativo” (Martin-Barbero, 2011, p. 133), reconhecendo o impacto dos produtos comunicacionais na constituição identitária dos indivíduos e na própria configuração da realidade experienciada. Essa é uma realidade, vale lembrar, forjada por elementos discursivos originados, senão, nas relações de poder e diferença (Kellner, 1995; Giroux, 1995; Baccega, 2001).

Ademais, considero os desígnios dessa investigação como um desdobramento da pesquisa que operacionalizei no TCC, que, além de ser uma das minhas contribuições mais recentes no que se refere a essa problemática, institui-se em um *corpora* composto por muitos documentos. Não consegui, na ocasião em que foram originados, debruçar-me sobre todos eles com a devida atenção para tecer análises que eles exigiam e mereciam para sua integral assimilação. Isso se deu muito pelo fato de que o relatório final do TCC seguiu a estrutura de um artigo, que é um texto em formato expositivo curto, o que impossibilitou um aprofundamento diante de todas as lacunas evidenciadas. Outrossim, por não mais nos encontrarmos em estado de isolamento social, devido ao comedimento da Covid-19, anseio por organizar uma dinâmica de campo mais próxima ao território escolar, estando ao lado dos/as docentes e de seus/suas educandos/as, indagando um possível ordenamento prático-metodológico, a partir da fotografia, para a alfabetização midiática-visual – o que foi inviável, como relatei anteriormente, durante a condução das ações do TCC.

Assim sendo, é notória uma familiaridade nos títulos conferidos ao TCC e à dissertação. Apesar de semelhantes, trazem singularidades que levam a uma conduta diferente na prática da pesquisa. No TCC, minha proposta foi apresentar aos/as professores/as a imperecibilidade de tomar-se a alfabetização midiática-visual, no que diz respeito

ao cerne das responsabilidades da educação escolar, como um direito humano – ou seja, como um conhecimento que se associa diretamente na formação cidadã do indivíduo e que, portanto, precisa ser legitimado perante os processos de ensino-aprendizagem, assim como as demais alfabetizações que já se encontram garantidas e regularmente oferecidas ao alunato. Já na dissertação, amplio essa discussão, não apenas a defendendo como um direito primordial na escola, mas como uma alfabetização que conduz a ressignificar a própria forma de educar *para* e *com* os direitos humanos.

Freire (1994, p. 80) aponta, com muita propriedade, o conhecimento como um bem, que pode tanto libertar como levar à opressão, pois não se faz de outra forma se não atravessado em processos hegemônicos, “das classes dominantes, que sempre determinaram o que é que as classes dominadas devem saber e podem saber”. Por esse ângulo, em um mundo no qual a probabilidade “de sermos cidadãos é diretamente proporcional ao desenvolvimento de sujeitos autônomos, isto é, de gente [...] que pensa com a própria cabeça, e não com as ideias que circulam ao seu redor”, torna-se substancial, para a promoção de uma cultura dos direitos humanos, que os indivíduos sejam capazes de reconhecerem e compreenderem também a mídia como um espaço de influências e dissensões socioculturais (Martin-Barbero, 2011, p. 134).

As memórias e os aprendizados colhidos ao longo desse percurso de mais de dez anos são elementos propulsores para a labuta investigativa que estruturo e realize agora, como mestrando em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Feevale. Dessa forma, vislumbro os próximos passos como uma oportunidade para dar ainda mais amplitude e aprofundamento a uma temática que venho explorando e descobrindo, ao longo desse período de mais de uma década, no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão universitária. Para mim, é nesse tripé de indissociabilidade que se centra meu principal compromisso científico, a saber: “colaborar efetivamente com a sociedade [...], ajudando a minorar a pobreza e a violência que degradam” (Sieutjes, 1999, p. 12), marcadores que foram e são essenciais na minha formação e contribuição acadêmica.

Chego, portanto, ao final deste memorial reconhecendo que este novo caminho que me encontro atravessando tem sua força e sentido em todo itinerário acadêmico já trilhado. Em outros termos, na cumplicidade de olhares que se cruzaram com os meus. Isso porque proporcionaram outros ângulos de visão e renovadas formas de encarar a realidade, inquietando-me a questionar a vida mediante a emergência de muitas contrariedades que se encontram continuamente obrando as rachaduras do mundo contemporâneo. Nisso, fundamental frisar, a câmera fotográfica foi e continua sendo um instrumento basilar na minha forma particular de contribuir com a construção de um conhecimento que busca sensibilizar, transformar e emancipar. Afinal, conforme Cartier-Bresson (2015, p. 64), a fotografia “é um meio de questionar o mundo e, ao mesmo tempo, de questionar a si mesmo”.

NOTAS

- [1] https://issuu.com/revistanosfeevale/docs/revista_nos_201601_prova
- [2] https://issuu.com/refugiodafoca/docs/revista_k_ed_5_-_small_size
- [3] https://issuu.com/revistanosfeevale/docs/nos_5_revista_web
- [4] <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/expocom/EX40-0936-1.pdf>
- [5] <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0245-1.pdf>
- [6] <https://books.scielo.org/id/yc8gx/pdf/nagamini-9788574554396-11.pdf>
- [7] <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0787-1.pdf>
- [8] <https://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0872-1.pdf>
- [9] <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/89033/51291>
- [10] <https://www.youtube.com/watch?v=8TUv4t3huls>
- [11] <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/41688>

REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, Luis Eduardo R. **Fotoetnografia**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1997.
- BACCEGA, Maria Aparecida. A construção do Campo. **Revista USP**, São Paulo, n. 48, pág. 18-31, dez./fev. 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas para consumo:** A Transformação das Pessoas na Mercadoria . Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BITTAR, Eduardo CB Educação e metodologia para os direitos humanos: cultura democrática, autonomia e ensino jurídico . In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al. **Educação em Direitos Humanos:** Fundamentos teórico-metodológicos . João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- BRUM, Eliane. Exaustos-e-correndo-e-dopados: na sociedade do desempenho, conseguiu a fachada de abrigar o senhor e o escravo no mesmo corpo . **El País** , 4 jul. 2016. Disponível em: .El País Brasil
- CARTIER-BRESSON, Henri. **Ver é um todo: entrevistas e conversas**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.
- FISCHER, Rosa. O estatuto pedagógico da mídia: uma questão de análise. **Educação e Realidade** , Porto Alegre, v. 2, pág. 59-80, jul./dez. 1997.
- FREIRE, Paulo. Paulo Freire: Pedagogia do Oprimido trinta anos depois . [Entrevista concedida a Dagmar Zibas] **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 88, pág. 78-80, fev. 1994.
- GIBSON, David. **Manual do fotógrafo de rua**. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.
- GIROUX, Henry A. Memória e Pedagogia no maravilhoso Mundo da Disney . In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais . Petrópolis: Vozes, 1995, p. 132-158.
- GIROUX, Henry A. Professores como Intelectuais Transformadores . In: GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem . Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 157-164.
- KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna . In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais . Petrópolis: Vozes, 1995, p. 104-131.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. Desafios Culturais: da Comunicação a Educomunicação . In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Mari Cristiana Castilho (Orgs.). **Educomunicação**: construindo uma nova era de conhecimento . São Paulo: Paulinas, 2011, p. 121-134.
- MEMORIAL. In: DICIONÁRIO **Oxford Languages**. [S]: Oxford, 2022. Disponível em: . Línguas Oxford
- NÓVOA, A. Carta a um jovem pesquisador em educação . **Revista Investigar a Educação**, Porto, 2 Série, n. 3, pág. 21/03/2015.
- SÊNECA, Lúcio Anneo. **Sobre a brevidade da vida**. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- SIEUTJES, MHSC. Refletindo sobre os três pilares de sustentação das universidades: ensino-pesquisa-extensão. **Revista de Administração Pública (RAP)** , [S], v. 3, pág. 99-111, maio-jun. 1999.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Mediática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação**, [S. I.], v. 2, pág. 15-26, 2014.
- STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE Joe L. **Cultura Infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

VICENZI, C. O pior analfabeto é o analfabeto midiático. **Outras Palavras**, [S.l], 2013.
Disponível em: .Outras Palavras

15. MEMORIAL – EM BUSCA DA EXCELÊNCIA EM QUIROPRAXIA

Caroline Fagundes¹

Considero-me muito empática, então sempre soube que minha área de atuação profissional seria a saúde. Pesquisadora, curiosa, desde sempre, comecei a pesquisar sobre o assunto, e para minha surpresa me vi um tanto frustrada, pois não me apaixonava e logo, não me via atuando em nenhuma das profissões, até então, por mim, conhecidas. Foi quando eu li sobre a Quiropraxia e não tive mais dúvidas. Eu queria auxiliar as pessoas na reabilitação / manutenção da sua saúde de uma maneira não invasiva e sem o uso de medicamentos.

Graduei-me em Quiropraxia no dia 18 de julho de 2008, na Universidade Feevale. Sentia-me preparada para atuar como quiropraxista e fazer a diferença na vida das pessoas. No entanto, ainda havia algumas questões que não estavam claras para mim. Insaciável pela busca de respostas resolvi seguir. Foi então que iniciei a Especialização em Cinesiologia (estudo do movimento humano) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

No primeiro dia de aula, em março de 2010, meu professor da época pareceu positivamente surpreso em ter uma aluna quiropraxista na turma (sim, eu era a única!) e foi nesse momento que tive o primeiro contato com os estudos e pesquisas relacionadas à quiropraxia realizadas pelo Prof. Dr. Walter Herzog, na Universidade de Calgary, na cidade de Calgary, no Canadá.

O tempo passou e em 2015 subloquei uma sala para atendimento no Espaço Salutem, cujo proprietário é o Dr. Diego da Silva Souza, que na época era bolsista de Doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão Social do Grupo de Pesquisa Corpo, Movimento e Saúde da Universidade Feevale, sob orientação da Prof. Dra. Geraldine Alves dos Santos.

Foi então, que o Dr. Diego da Silva Souza me fez o convite para participar do grupo como bolsista de aperfeiçoamento científico. Con-

¹Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: caroline@espacotao.net.br

fesso que no início estava apreensiva, pois estava distante do meio acadêmico há alguns anos e além disso, não sabia se seria acolhida, afinal de contas, era uma quiropraxista no meio de psicólogos (as).

Logo me identifiquei com a proposta do grupo e da orientadora. Percebi que gosto muito da área que escolhi atuar, mas ao integrar com o social, para mim, tornou-se simplesmente perfeito! Uma maneira de auxiliar as pessoas, além da sua saúde física. A Prof. Dra. Geraldine Alves dos Santos é uma pessoa admirável, muito dedicada aos seus alunos (as) e a pesquisa científica. Um verdadeiro exemplo a ser seguido! Me senti acolhida e respeitada desde o início e assim desenvolvemos uma relação forte, estável e de muita confiança.

O mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social teve início em 2017. Foi um período em que adquiri muito conhecimento, pois além dos aprendizados sobre o envelhecimento, estava aprendendo também sobre outras áreas. Em 2019, iniciei o Doutorado, feliz e realizada com a decisão tomada. Estava tudo muito tranquilo e sossegado, até que minha orientadora me mostrou que podíamos mais. Desafiadora, pensei, por que não?

Contatei o Prof. Dr. Walter Herzog em março de 2020. Escrevi que era quiropraxista, que atuava na área clínica desde 2008, que conhecia seu trabalho e acompanhava as suas pesquisas. Inclusive tive a oportunidade de assistir as palestras dele e de conhecê-lo pessoalmente no VI Brasileiro Congresso de Quiropraxia, em 2017, na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. Além disso, afirmei que já era Mestra e atualmente Doutoranda e com a chance de fazer algo incrível. Realizar um estágio de seis meses com ele, na Universidade de Calgary, na cidade de Calgary, no Canadá.

O e-mail com a resposta do Prof. Dr. Walter Herzog já veio com a carta de aceite em anexo e assim iniciei o processo para a realização do estágio dos sonhos de qualquer quiropraxista! Embarquei para Calgary, Canadá em 22 de setembro de 2021 e retorno ao Brasil em 28 de fevereiro de 2022. Foi um ciclo de grandes aprendizados e amadurecimento, em todos os sentidos.

No retorno ao Brasil, já no último ano do doutorado, os objetivos foram retomar a prática clínica, a publicação de artigos, a participação em eventos científicos e por fim, encerrar a fase de doutoranda para

me tornar Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social, pela Universidade Feevale, orientada pela extraordinária Prof. Dra. Geraldine Alves dos Santos.

Atualmente, pouco mais de um ano e meio após o término do doutorado, continuo atuando em clínica como quiropraxista e acupunturista. Além disso, alguns artigos científicos foram publicados, incluindo o que desenvolvi com o Prof. Dr. Walter Herzog durante minha estadia no Canadá. A partir disso, fui convidada a participar de *lives* sobre a segurança do ajuste cervical quioprático e em breve, serei entrevistada pelo Quiropraxista e Professor da Miami University, Dean Smith, em seu *podcast* sobre Pesquisas em Quiopraxia. Ainda nesse ano, participarei do VIII Encontro Nacional de Engenharia Biomecânica e da 26^a edição da Jornada da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia-RS (SBGG-RS), com apresentação de trabalho. E para encerrar, farei parte de uma mesa redonda sobre o sucesso na quiopraxia no 9º Congresso Brasileiro de Quiopraxia, além de estar concorrendo ao Chiro's Choice Awards 2024 na categoria Contribuição Científica Destaque.

16. MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS

Claudiana Pereira¹

*A educação tem caráter permanente.
Não há seres educados e não educados.
Estamos todos nos educando. Existem graus
de educação, mas estes não são absolutos.*
Paulo Freire

Filha de militante político e desde sempre “advogada da turma”, é assim que me reconheço. No entanto, não tenho dúvidas de que essa personificação só pode ter se constituído por influência de meus pais. Afinal, apesar da pouca escolarização e do breve contato que tiveram com a escola, enquanto alunos, nunca lhes faltou a convicção de que a escola era e sempre seria importante na minha vida. Meu pai atuou, por cerca de 10 anos, junto ao Conselho de Pais e Mestres (CPM) de uma escola estadual, onde minhas duas irmãs eu e estudamos. Minha mãe, sempre devota a Deus, esteve sempre envolvida com grupos religiosos. Além disso, tenho recordações bastante vivas de atividades político-partidárias, das quais minha mãe e eu participamos, acompanhando meu pai, tendo em vista seu constante envolvimento nos movimentos partidários e também sindicalistas, o que acabou se transformando em uma grande inspiração para mim. A esse respeito, destaco o ano de 2002, no qual eu, com apenas oito anos de idade, acompanhei as eleições presidenciais, ao lado de meus pais, de forma bastante ativa. Embora, na época, não tivesse conhecimento de causa sobre o quanto importante era aquele momento para a história política no Brasil, lembro de momentos de muitas alegrias, mas, também, que exigiram bastante trabalho e dedicação, para meu pai e seus, até então, companheiros de partido.

Hoje, com 28 anos de idade, comprehendo que o momento histórico vivido em 2002 foi determinante para minha consciência política e, também, para minha consolidação enquanto cidadã no mundo. Orgulho-me dos meus pais, do esforço que ambos fizeram para que nada

¹ Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: claufeevale@gmail.com

faltasse em casa e, principalmente, da educação que recebi, pois apesar dos poucos recursos financeiros, vivi muitas experiências e histórias que são impossíveis de serem reduzidas a cifras.

Falar da minha mãe, é falar da realidade vivida por milhares de mulheres mundo afora, mulheres essas que, a partir da revolução industrial, passaram a ocupar espaços fora do lar; ela que, por escolha e necessidade, sempre trabalhou na indústria calçadista. Por essa razão, meu ingresso à escola se deu cedo, logo aos cinco anos, quando passei a frequentar a educação infantil. Recordo-me dessa etapa com muito carinho e gratidão, pois comprehendo que minhas primeiras professoras, contribuíram para que eu tenha encontrado na escola, e através dela, o caminho para mudar minha vida e as de outras pessoas. As lembranças também se alinham aos relatos de minha mãe, quando ela fala sobre o carinho que sempre tive para com minhas professoras e do encantamento e envolvimento que sempre tive com o ato de aprender.

De modo geral, minha infância e adolescência foram como a de qualquer garota, sem muitos acontecimentos extraordinários, apesar de eu me orgulhar de tudo que vivi até hoje, pois comprehendo que minha história, trajetória e relações são únicas e, por conseguinte, responsáveis pelo ser humano que me tornei. Minhas relações e conexões definem minhas crenças e valores, bem como os ideais que sigo.

Não obstante, todos nós conhecemos muitas pessoas ao longo de nossas vidas, pessoas estas que contribuem para nosso crescimento e amadurecimento. Comigo não foi diferente: aos nove anos, conheci um senhor que, apesar de ter convivido comigo por pouco tempo, fez com que eu comprehendesse o quanto especial eu era e sou. Ele não era meu parente, nem meu professor, mas fazia parte do círculo de amizade da família e era muito sábio, apesar de nunca ter sentado no banco de uma universidade; ainda assim, tinha uma sabedoria imensurável, advinda das suas experiências de mundo e das suas vivências, qualidade que, aliás, aprendi a admirar nas pessoas. Em nossas conversas, sua preocupação sempre foi a de me encorajar e me mostrar que eu era capaz de lutar por uma realidade diferente, repleta de sonhos, mas também da realização deles e de conquistas, capazes de interferir positivamente na vida da comunidade em que eu estava inserida. Suas palavras e sua atenção, até hoje, estão muito presentes em minha memória, o que me dá a certeza de que tê-lo conhecido foi um dos melhores presentes que a vida me proporcionou.

Apesar das dificuldades de custear um curso superior, consegui realizar esse sonho, contando com financiamento estudantil. Em momento algum, cogitei não ingressar no ensino superior, pois sempre sonhei e esperancei para além dos muros que meus olhos viam. Desse modo, com a adolescência, veio também o ingresso na Universidade Feevale, no Curso de Pedagogia, em 2012, aos 17 anos de idade. Ao iniciar o Curso, também comecei a atuar como professora auxiliar na educação infantil e, ainda, como oficineira do Programa Mais Educação, na escola onde estudei durante os nove anos do ensino fundamental. Essas experiências foram fundamentais para consolidar a decisão de cursar Pedagogia.

Durante o Curso, tive a oportunidade de participar de inúmeras experiências significativas, podendo associá-las às minhas práxis docentes. E posso afirmar, sem medo de errar, que a cada dia, em cada ação que desempenho na esfera educacional (atualmente, trabalho na Secretaria Municipal de Educação, no município onde resido), tenho a possibilidade de relacionar minha prática profissional, com as aprendizagens adquiridas por meio das atividades curriculares oferecidas no curso de graduação. Além das referidas atividades, participei de palestras, encontros, oficinas e seminários ofertados pela universidade, bem como de atividades desenvolvidas pelo Diretório Acadêmico de Pedagogia.

Em 2016, estando no quarto semestre de Pedagogia, fui desafiada a participar do Inovamundi. O desafio foi feito por uma professora da universidade e se consolidou, com minha participação e apresentação, durante a programação da Feira de Iniciação Científica (FIC). Já, em 2018, em vias de concluir a graduação, voltei a participar da FIC, mas como monitora, auxiliando na organização das atividades.

Os desafios que enfrentei para a conclusão da graduação não foram diferentes daqueles enfrentados por outros estudantes. Realizei meu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) durante o ano de 2018, tendo escolhido como temática, as políticas públicas voltadas à oferta da educação infantil em um município da região do Vale do Sinos.

Schmidt (2019, p. 122) diz que políticas públicas, “[...] são respostas do poder público a problemas políticos. Ou seja, as políticas designam iniciativas do Estado (governos e poderes públicos) para atender demandas sociais referentes a problemas políticos de ordem pública ou coletiva”. Nesse sentido, acompanhar as ações do estado deve ser um compromisso social e acadêmico.

A delimitação da referida temática se deu, pelo fato de eu acreditar no potencial de mudança social que existe na relação entre aluno-escola e família-educação; isso, desde a infância, que é a primeira fase do desenvolvimento humano. Além disso, considero de suma importância, que as políticas públicas voltadas à educação sejam tratadas e discutidas em todos os espaços educacionais e, em especial, pelos atores, diretamente envolvidos com os processos educacionais (gestores escolares, professores, alunos, pais, comunidade do entorno, entre outros).

Durante a realização do estudo, estive em contato diário com as políticas públicas voltadas à Educação Infantil, em especial com a Meta 1 do Plano Nacional de Educação (PNE), fato que fez com que a escrita e envolvimento que tive com a pesquisa, a qual escolhi, me transformasse por inteiro. Passei a compreender, como todos somos potenciais cientistas, desde que, dediquemos tempo, esforço e que, de fato, estejamos envolvidos com a temática escolhida.

Pesquisar sobre o PNE, me colocou diante de diferentes faces dessa importante política pública, pois à medida que eu ia me apropriando do documento e de sua ampla proposta de melhoria da educação nacional, passei a dialogar com diferentes agentes públicos, com representação no Fórum Municipal de Educação (FME), Conselho Municipal de Educação (CME), Secretaria Municipal de Educação, e Promotoria Regional de Educação, entre outros. Todas as participações foram importantes e possibilitaram uma visão ampliada sobre os desdobramentos de uma política pública. No entanto, a pesquisa descortinou diferentes problemas que poderiam comprometer o cumprimento da Meta 1 no município, cuja proposta consiste em

[...] universalizar, até 2016, a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil em creches, de forma a atender, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das crianças de até 3 (três) anos até o final da vigência deste PNE. (Brasil, 2014, p. 16).

Considerando a fragilidade que a informação dada no parágrafo anterior à citação sugere, definitivamente não pode ser considerada uma “boa notícia” a descoberta efetuada no momento daquele estudo. Nesse sentido, remete a uma reflexão instantânea de que é preciso que

olhemos para o PNE, com a seriedade que essa política pública requer e, também, que sejamos vigilantes quanto ao monitoramento das metas, pois esse precisa ser um compromisso coletivo.

Como citado, iniciei minha experiência profissional na área da educação, como professora auxiliar, no ano de 2012, através de estágio remunerado. Já, em 2014, assumi concurso público no município de Nova Hartz, onde atuo até o presente momento. Ao longo dos seis anos de atuação como funcionária pública, tenho desenvolvido diferentes funções, sendo elas de cunho pedagógico e administrativo. Por isso, em janeiro de 2017, recebi o convite para trabalhar como Repcionista na Secretaria Municipal de Educação da cidade onde resido, e, no ano de 2021, fui convidada para ser Auxiliar Pedagógica desta mesma Secretaria, atuando em várias frentes, dentre elas no desenvolvimento de projetos que impulsionem/promovam a melhoria da qualidade da educação na rede municipal de ensino em questão. Desde então, tenho trilhado caminhos bastante desafiadores e enriquecedores. Nas experiências vividas neste espaço, já atuei como Vice coordenadora da Feira Municipal de Iniciação Científica (FEMIC), Coordenadora do Bolsa Família na Educação e passei a integrar os Conselhos Municipais de Educação, de Direitos da Mulher; Conselho do Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), além do O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (COMDICA) e Conselho Municipal de Proteção Ambiental (COMPAM). Todas essas experiências, em especial aquelas vividas nos Conselhos Municipais, fazem com que minha relação com as políticas públicas seja cada dia mais íntima. Afinal, tratar e reivindicar direitos, como bem sabemos, é um desafio que exige coragem e comprometimento, e eu tenho convicção de que meu papel social e lugar no mundo fazem sentido, quando me vejo transformando a realidade em que vivo. De fato, é isso que procuro fazer, seja como pesquisadora, filha, amiga, aluna, irmã e tantos outros papéis que exerce.

Como sou movida por novos desafios, em 2019, passei a integrar o movimento Leo Clube, que é um grupo de serviço voluntário, patrocinado por Lions Clubes locais. Os clubes são compostos por jovens com faixa etária entre 12 e 30 anos, que têm como objetivo em comum, promover atividades de serviço entre a juventude da comunidade, buscando o desenvolvimento das qualidades individuais de Liderança, Experiência e Oportunidade. Com essa experiência, tenho participado de ações em prol do município, atuando em causas sociais.

E, como uma apaixonada por literatura que sou, penso que Bartolomeu Campos de Queirós (2009), em sua obra Para Criar Passarinho, diz muito sobre as coisas das quais acredito e vivo. Uma de suas passagens retrata exatamente o meu perfil, quando diz:

Para bem criar passarinho é proveitoso ignorar as grades, as prisões, as teias. É bom se desfazer das paredes, cercas, muros e soltar-se, deixar-se vagar entre perfume e brisa. É melhor ainda não dispor de trilhas ou veredas e ter o ar inteiro como um espaço pequeno para a ligeireza das asas. (Queirós, 2009).

Para mim, essa colocação traduz, ainda, a minha forma de encarar o mundo, pelo viés da educação, por acreditar que um dos meios mais plausíveis para se promover uma educação de qualidade e emancipatória, seja através do desenvolvimento da autonomia do estudante, dando-lhe condições e liberdade para descobrir verdades e mentiras, bem como desenvolver o seu senso crítico.

Em 2020, assim como as pessoas dos cinco continentes, que tiveram suas vidas e rotinas completamente transformadas, eu também tive que me reinventar. Juntos (e separados), descobrimos novas habilidades.

Entendo que meu caminho é traçado todos os dias, por isso, minhas lutas são travadas com seriedade a cada novo desafio e, com elas, fica cada vez mais evidente para mim, que os atos de aprender e ensinar estão intimamente ligados à capacidade do sujeito de estar no mundo e dele sentir-se parte. Compreendo que mais do que estar no mundo, é necessário vivê-lo e transformá-lo. Agir sobre e para ele. Para alcançar isso, procuro exercer meus diferentes papéis dentro da sociedade e, sempre que possível, ainda tento incentivar outras pessoas, com as quais convivo, a fazerem o mesmo.

Desse modo, comprehendo que o contexto social que vivemos atualmente, mais do que nunca, nos exige esforço e amorosidade. Pressupõe que estejamos atentos ao outro e às diferentes realidades sociais. Penso que seja também esse o papel fundamental para o qual a pesquisa existe. É como esse modo de ser e pensar, que chego em 2020, no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, bem como ao Grupo de Pesquisa: Estudos, Pesquisas e Práticas em Educação Não Escolar, sob orientação de Dinora Tereza Zucchetti.

Motivada pelas pulsões que me movem e, também, pelos encaminhamentos feitos durante as orientações, algumas escolhas curriculares foram fundamentais para o caminho percorrido até aqui.

Desse modo, considerando os semestres do curso de mestrado já concluídos, julgo importante destacar, rapidamente, as disciplinas cursadas, explanando, ao final, a percepção sobre a contribuição que as mesmas terão à minha formação pessoal e profissional, sendo elas: Tópicos especiais: práticas etnográficas em sociedades complexas, a qual foi ofertada em dois módulos; Tópicos especiais: teoria e prática em educação não escolar; Seminário integrador de linhas; Tópicos especiais: inclusão e diversidade na escola; Tópicos especiais: redação científica, além das disciplinas de Leituras Orientadas, onde refletimos e discutimos sobre algumas possibilidades para efetivação da educação integral, bem como conhecemos a teoria de autores como Edgar Morin e Paulo Freire. Sem dúvida, todas as disciplinas cursadas até o momento renderam ricas discussões, propiciando associar as aprendizagens teóricas, adquiridas durante esse período de Curso, à prática cotidiana, com os sujeitos participantes deste projeto de pesquisa de Dissertação, bem como aplicando-as às experiências educativas dos jovens adolescentes, estudantes dos anos finais do ensino fundamental em uma escola do município de Nova Hartz. Jovens são o presente e futuro e conhecer seus modos de estar no (e com) o mundo, é essencial para a criação e execução de políticas públicas que valorizem as potencialidades desse público.

Assim, a proposta de pesquisa de dissertação, vem alinhada a teóricos do campo da educação. Cito Brandão (2006, 2007), Dewey (1959), Freire (1967, 2006), Teixeira (1956) Mészárros (2008), Zucchetti (2003). A partir dessa base teórica, surgem referências metodológicas, como Bardin (2016), Lüdke e André (1986), Minayo (2012, 2002), Yin (2001). Além do citado, o estudo busca dialogar com outras referências alinhadas a temática da educação e das juventudes. A construção feita até aqui, além das referências que tomo como base do estudo, traz na sua essência, um pouco do que discuti, conheci e vivi nesse curto tempo já vivido na pós-graduação.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo.** Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular.** São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DEWEY, John. **Experiência e Educação.** Tradução de Anísio Teixeira. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1959
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 12^a Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Disponível em https://construindoumaprendizado.files.wordpress.com/2012/12/paulo_freire-educacao-e-mudanca-desbloqueado.pdf Acesso em 17 jun. 2020
- _____. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- _____. **A educação na cidade.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Para criar passarinho** – 2. Ed. – São Paulo: Global, 2009.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. Rio de Janeiro: EPU, 1986.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 21^a ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>> Acesso em: 02 fev. 2022.
- MÉSZAROS, István. **A educação para além do capital:** Tradução Isa Tavares. – 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008.
- SCHMIDT, João Pedro. Para estudar Políticas Públicas: **Aspectos conceituais, metodológicos e abordagens teóricas.** Revista de Direito, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 56, jan. 2019.
- TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio.** Rio de Janeiro. 1956. Disponível em https://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=AT_prodInte&pasta=AT%20pi%20Teixeira,%20A.%201956.00.00/4&pagfis=9600 Acesso em 19 jan. 2022
- YIN, Robert K. Estudo de caso: Planejamento e método. Tradução Daniel Grassi. 2^o ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Disponível em:
https://www.academia.edu/6937026/Estudo_de_Caso_Planejamento_e_Metodos_Robert_k_Yin Acesso em: 25 jan. 2022.
- ZUCCHETTI, D. T. **Jovens:** a educação, o trabalho e o cuidado como éticas de ser e estar no mundo. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

17. MEMORIAL: COMO ME TORNEI PESQUISADORA

Patrícia Modesto da Silva¹

“O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber.”
(FREIRE, 1983, p. 31).

Inicio a tese com memorial atendendo diretrizes do Programa de Pós-graduação de Diversidade Cultural e Inclusão Social. Assim, introduzo-o com a epígrafe, citação de Freire, por inspirar e influenciar minha vida e pesquisa. Neste momento de revisitar o passado, reflito sobre o quanto os diferentes movimentos, atores e cenários contribuíram para que eu chegassem até aqui. Os percursos e aprendizagens foram me transformando, assim como pondera Soares (2001, p. 37) quando diz: “Procuro-me no passado e outrem me vejo, não encontro a que fui, encontro alguém que a que foi vai reconstruindo com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e agora”. A partir daqui peço “licença poética” para apresentar minha história e impressões. Antes de iniciar, pelo teor das discussões que pretendo propor e por compreender que “[...] as identidades não se anulam umas às outras; cada uma delas é mais ou menos saliente em diferentes contextos” (Diangelo, 2018, p. 21), me apresento como: mulher, branca, cisgênero e não portadora de deficiências. Tenho origem europeia e africana. Esse breve perfil me constitui, uma vez que reconheço que ocupamos “posições sociais múltiplas e interseccionadas.” (Diangelo, 2018, n.p.). Agora, sim, sinto-me à vontade para seguir.

Estudar sempre foi uma prioridade em minha família. Meus pais não avançaram nos estudos por conta das condições financeiras, mas empenharam-se para que eu concluisse a graduação. Entendiam que uma formação acadêmica poderia possibilitar melhor condição de vida.

¹Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: patricia-modesto@outlook.com

Assim, desde cedo, buscaram direcionar-me. Cresci com ensinamentos que faziam referência à importância dos estudos para a conquista de independência financeira e de uma vida melhor.

Atualmente, ao refletir sobre essas questões, observo que a graduação ou a pós-graduação não são garantias de empregabilidade, como retrata a reportagem do jornal *Correio Brasiliense* (Batista, 2019) – “Diploma de graduação e pós-graduação não é mais garantia de emprego”. Infelizmente, é a realidade em nosso País. Logo, o que de fato aconteceu para que minha trajetória me trouxesse até o lugar de pesquisadora/doutoranda foi o encantamento pela descoberta, a busca por respostas a minhas inquietações e, principalmente, a compreensão de Educação^[2] como uma possibilidade de transformação de sujeitos, vidas e sociedade.

A palavra transformação pode apontar para muitas e diferentes direções. Esclareço, portanto, que penso em pessoas conscientes das desigualdades e desejantes de uma sociedade mais justa. Há que se considerar que a educação/formação não pode (nunca) se resumir à empregabilidade. O processo reflexivo oferece condições para subjetivar de forma livre. Empregabilidade é tão somente sujeição e educação deve estar além desse limite. Trago Freire (2000) para a discussão, quando afirma que a Educação sozinha não faz tudo, mas faz parte do caminho de construção de um mundo mais íntegro e humano. Assim, reafirmo minha esperança com as palavras do autor: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” (p. 67).

Minha trajetória na Educação inicia quando cursei o segundo ano do Ensino Médio, no Magistério, em uma escola pública da minha cidade natal, Caxias do Sul. Para a conclusão, era necessário realizar estágio de um semestre em uma escola pública. No meu caso, foi com uma terceira série do Ensino Fundamental, experiência completamente desafiadora. Era uma turma numerosa. Os alunos apresentavam diferentes níveis de dificuldades, mas de modo geral eram crianças ativas, criativas e amorosas.

Atualmente, quando reflito sobre aquele momento, percebo o quanto estava despreparada, pois não tinha consciência sobre o meu papel frente à magnitude dessa proposta. Parece-me oportuno, também, refletir sobre:

- a. Quantas(os) colegas tinham discernimento sobre a complexidade da proposta que passavam a abraçar?
- b. Esse panorama ainda é presente no Magistério ou na graduação?

Evidentemente, tive acompanhamento de professores do Magistério e da professora titular da turma, o que foi fundamental para a conclusão do estágio. Essa experiência serviu para despertar meu interesse na docência. Assim, dei sequência aos estudos cursando Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, em São Leopoldo, de 2000 a 2007.

Concomitantemente, iniciei minha vida profissional ainda no segundo ano do Magistério, de março de 1997 a julho de 1998, em uma escola particular de Educação Infantil, primeiramente como assistente em uma turma de Pré-escola e no ano seguinte como professora no Jardim de Infância. Encantava-me com a curiosidade das crianças, sua disponibilidade em experimentar e, principalmente, a inventividade presente nas conversas, brincadeiras e atividades propostas.

Quando iniciei o curso de Pedagogia, comecei a trabalhar numa escola de Educação Infantil na periferia norte de Caxias do Sul, com uma turma de Pré-escola. Eram poucos na sala; os cuidados e atenção eram bem diferentes daqueles oferecidos aos públicos com que eu havia tido contato. Naquele momento, precisava preocupar-me, também, com a alimentação, a higiene e a saúde dos educandos, dentre outros aspectos.

Localizado no subsolo do posto de saúde, o espaço era limpo e bem conservado, embora sua estrutura fosse bastante simples. As paredes tinham divisórias brancas que não chegavam até o teto, e o barulho vazava de uma sala para outra atrapalhando a concentração. No inverno, os ambientes eram frios. Após um ano como professora, fui convidada a desempenhar a coordenação pedagógica, juntamente com uma psicóloga. Dentre as minhas responsabilidades estavam atendimento aos pais, recepção e acolhimento das crianças, reuniões com pais e professores, acompanhamento do planejamento e execução das atividades desenvolvidas pelos docentes. Naquele momento, tive oportunidade de ouvir os vários atores que compunham um cenário educativo.

Em 2004, fui convidada a estagiar numa Organização não-governamental – ONG^[3], mantida por um grupo de empresas e cuja principal função era desenvolver a cultura do voluntariado organizado. Na época, todos os funcionários que ingressassem passavam por um período de capacitação para conhecer missão, visão, crenças, valores, programas, projetos e funcionamento. Basicamente, os atendimentos eram divididos em quatro programas direcionados ao acolhimento e direcionamento de: pessoas físicas, empresas (por meio dos colaboradores), escolas (via estudantes e professores) e organizações da sociedade civil (que recebiam voluntários encaminhados por meio das três primeiras propostas).

Essas organizações precisavam seguir alguns critérios para receber voluntários, como não ter fins lucrativos, serem idôneas, terem sede própria e prestarem serviço para algum público em situação de vulnerabilidade. À ONG competia receber, compreender a disponibilidade, instruir sobre a realidade que encontrariam e encaminhar os voluntários a uma atividade minimamente compatível com a pré-disposição e com as habilidades de cada um. Por sua vez, organizações sociais conveniadas, além de receberem esses voluntários, ganhavam capacitação segundo suas necessidades. Após 15 anos de trabalho, e seis de afastamento dessa realidade, percebo que existia boa vontade e disponibilidade em ajudar. Mas as motivações apresentadas por quem se disponibilizava a ser voluntário eram diversas, desde sentir-se útil, passando pela possibilidade de desenvolver habilidades profissionais, até acrescentar experiência de voluntariado ao currículo, entre outras.

Quanto à minha atuação, refencio Libâneo (2002, p. 28) ao afirmar que “o pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo as esferas mais amplas da educação informal e não-formal”. Portanto, ao pensar em desenvolver a cultura de voluntariado comprehendo uma brecha para o pedagogo, que buscará alternativas para educar para esse fim. Por outro lado, as ONGs podem ser vistas como perspectiva de mudança, seja por meio de ações em conjunto com outros atores sociais, seja por pressão política e envolvimento com políticas públicas com intenção de atender necessidades da

comunidade, seja por meio de variadas formas de relacionamento com práticas escolares, oferecendo outras atividades educativas.

Importante destacar que existem diferentes formatos de ONGs, com diferentes propósitos. Refiro-me a um recorte por compreender que essas são uma parcela de um variado conjunto de organizações da sociedade civil. Mas o relevante é pontuar a possibilidade de se constituir em espaço educativo, com possibilidade de trabalho para o pedagogo fora do espaço escolar formal, sendo relevante que os vários cenários podem unir-se para contribuir de forma integrada com a Educação e o bem-estar social. Lembro Brandão (1995, p. 12), quando afirma que a mesma Educação que educa, deseduca, a depender do propósito e da consciência do que se está fazendo: “[...] a mesma educação que ensina pode deseducar, e pode correr o risco de fazer ao contrário do que pensa que se faz, ou do que inventa que pode fazer...”.

Enquanto ainda trabalhava na ONG, de 2008 a 2010, fui convidada para ser docente no Senac Caxias do Sul, no turno noturno, ministrando as disciplinas de Recursos Humanos, Liderança e Relacionamento Interpessoal. Naquele momento, percebi minha identificação com o público adulto, e a experiência foi gratificante. Os alunos trabalhavam durante o dia e estudavam à noite. Chegavam cansados, mas se mostravam interessados e participativos. O prédio tinha boa estrutura, salas amplas, arejadas e equipadas; as turmas variavam de 10 a 15 alunos. Contava com uma equipe empenhada e tínhamos reuniões periódicas de avaliação de nosso trabalho, com base no *feedback* dos alunos.

Lembro de uma turma que, ao final do curso, solicitou mais bibliografia para continuar pesquisando sobre temas relacionados aos assuntos das aulas. Também recordo de uma aluna que, no primeiro dia de aula, me disse que somente faria a disciplina de relacionamento interpessoal para passar no curso de gastronomia, pois a achava desnecessária. Ela aluna, no último dia de aula, relatou, com o grupo, a relevância dos aprendizados que teceu, o que se revelou, a mim, como grata surpresa. Ainda, alguns alunos “ganhavam” o curso das empresas em que trabalhavam. Outros discentes, se empenhavam no curso para conseguir um cargo melhor ou acréscimo salarial, o que configurava a maioria. Por me identificar, a partir daquele momento,

comecei a pensar em buscar novas possibilidades e me reposicionar no cenário educativo.

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que nosso futuro se baseia num passado e se corporifica num presente. Temos que saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos. (Freire, 1979, p. 18).

Depois de um hiato, decidi voltar a estudar e ingressei no mestrado em Educação na Universidade de Caxias do Sul – UCS, cursado de 2016 a 2018. Quando fui buscar informações, o prazo do edital estava quase encerrando. Tive, assim, pouquíssimo tempo para criar um currículo *lattes*, fazer um memorial e um pré-projeto. Minha proposta era analisar como ocorre o processo educativo em uma organização social que atende crianças de 06 e 15 anos no contraturno escolar, na periferia da cidade em que resido. Ao longo do mestrado algumas coisas foram mudando e essa proposta tomou rumos diferentes, em maior sintonia com a linha de pesquisa de História e Filosofia da Educação.

Confesso que, após nove anos fora da universidade, ingressar na pós-graduação *stricto sensu* não foi tarefa simples. Precisei reaprender a escrever textos acadêmicos, atualizar-me e adaptar-me a novas leituras e linguagens, administrar o tempo e o volume de atividades, dentre outras questões que envolvem essa escolha. Refletindo sobre a ‘pós’, Brandão (2002, p. 3) instiga-nos a pensar sobre “como nós vivemos a pesquisa que fizemos”. Esse é um questionamento recorrente em minha trajetória acadêmica, por compreender que a pesquisa tem o papel social de buscar possíveis respostas a problemáticas que afetam prioritariamente o bem-estar social. Assim, a construção do conhecimento deve ser trilhada com responsabilidade, seriedade e compromisso por parte do pesquisador.

Esses foram alguns dos aprendizados construídos ao longo do mestrado com apoio das vivências, de professores, de colegas, dos atores pertencentes à pesquisa de campo e, principalmente, do orientador: Dr. Sérgio Haddad. Quando iniciamos as orientações, eu não tinha ideia de sua respeitável trajetória profissional e acadêmica. Tivemos longas conversas marcadas por sua trajetória e experiência no campo

da Educação, o que traduziu muitos ensinamentos. As primeiras leituras indicadas por ele foram Freire, as quais me fizeram reviver meus tempos de graduação, mas confesso que a interpretação e o sentido eram outros. Haddad era professor no mestrado e doutorado em Educação na UCS. Assim, uma vez por mês vinha de São Paulo para ministrar suas aulas; nessas oportunidades, conversávamos e buscamos alinhar minhas experiências anteriores ao objeto de estudo, às leituras e à escrita. Suas aulas eram dinâmicas e bastante concorridas. Por ser sua orientanda, consegui vaga por recomendação, pois compreendíamos que frequentar as aulas seria importante apoio teórico na escrita da dissertação: “O impacto das práticas de educação não-escolar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social: estudo de caso de uma associação”^[4].

O contexto era a periferia da zona norte de Caxias do Sul, e o público-alvo foram crianças e adolescentes de 06 e 15 anos. O estudo propôs uma reflexão sobre como as práticas de educação não-escolar podem impactar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. A associação estudada demonstrou-se preocupada em estreitar vínculos com as famílias e escolas, além de ofertar experiências diferentes das vividas pelos beneficiados, buscar parcerias e oferecer ambiente seguro e acolhedor. Conforme reitera Silva:

A pesquisa reafirmou a reflexão sobre a intencionalidade política do ato de educar, as potencialidades que as práticas educativas podem ter para a transformação social e a relevância do respeito à bagagem de vida dos sujeitos para a construção de uma Educação Libertadora. (Silva, 2018, p. 8).

Somando à análise da autora, Brandão (1995, p. 78) evidencia que a Educação: “[...] existe por toda a parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa”. Foi nesse contexto, buscando compreender inquietudes e compreender realidades que me tornei pesquisadora. Algumas respostas emergiram do campo e das “conversas” com os autores, mas inúmeras incertezas nasceram.

O percurso traçado até aqui desvelou um sentimento de incompletude e a necessidade de buscar conhecimento. Esse quadro, associado

à convicção de que a docência é meu foco profissional, me motivou a participar da seleção do doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão Social, na Feevale, na linha de pesquisa Inclusão Social e Políticas Públicas. A associação a essa linha de pesquisa compreende uma aproximação do estudo com práticas educativas diversas que visem à inclusão social e à emancipação de sujeitos, propiciando consciência para o gerenciamento de adversidades e dificuldades em sua vida, em consonância com os estudos de minha orientadora sobre práticas sociais e subjetividade e, Educação e políticas públicas.

Assim, motivada, saí do campo com inquietudes e uma delas era compreender qual a dificuldade de comunicação existente entre a associação estudada no mestrado e as escolas com alunos frequentadores daquele espaço. Visto que a associação se demonstrava aberta, com boa interação com as famílias e com a comunidade, qual seria o obstáculo encontrado ao chegar nas escolas? Ainda, quais os ganhos que essa parceria poderia trazer a toda aquela comunidade?

Difícil tarefa a que me proponho agora, mas não há como ser diferente, pois até o momento o memorial está desenhado por acontecimentos e impressões. Revelo que esse não é o primeiro memorial que escrevo, mas o primeiro em que realmente me vejo. Assim, tomo a liberdade de dizer que tive sorte ao ter a Professora Eliana Perez Gonçalves de Moura para me acompanhar e orientar nesta jornada do doutorado. Admito que fui desafiada por ela inúmeras vezes a experimentar, testar, buscar o novo e mudar. Ressalto que sua confiança me fez acreditar mesmo quando duvidei que conseguiria dar conta. Recordo de momentos complicados em períodos pandêmicos! Foram participação em eventos (desde a apresentação de trabalho até a organização), artigos, avaliação de periódicos para revistas e até a realização do estágio-docência.

Ao longo desta trajetória, meus interesses de pesquisa foram mudando, busquei outras leituras e percebi novas possibilidades. Como referência, lembro de Freire (1967, p. 36) quando afirma que a Educação é algo absolutamente: “[...] fundamental entre nós”. E isso motivou novos rumos, levando-me a alguns questionamentos: Educar para quê? Para quem? De que Educação estamos falando? Aqui minha tese^[5], intitulada “Narrativas cotidianas sobre educação e seu papel

na aproximação ou distanciamento da concepção crítica.”, começa a tomar forma e buscar respostas a essas e a outras possíveis questões que nascerão deste estudo.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Vera. **Diploma de graduação e pós-graduação não é mais garantia de emprego.** *Correio Braziliense*. Brasília, Distrito Federal. Postado em 17/06/2019. Disponível em: <https://is.gd/QuQHMj>. Acesso em: 16 out. 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos.** São Paulo: Cortez, 2002. Disponível em: <https://is.gd/2JrC0t>. Acesso em: 06 out. 2021.

DIANGELO, Robin J. *Não basta não ser racista: sejamos antirracistas*. São Paulo: Faro, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** São Paulo: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

GOHN, M.G.M. **Os sem-terra, ONGs e cidadania:** a sociedade civil brasileira na era da globalização. São Paulo: Cortez, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Patrícia Modesto da. *O impacto das práticas de educação não-escolar na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social:* estudo de caso de uma associação. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul-RS, 2018.

SOARES, Magda. **Metamemória-memórias:** travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 2001.

^[1] Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social Universidade Feevale (2023). Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Educação, Formação e Diversidade. Mestre em Educação (2018) pela Universidade de Caxias do Sul, tendo desenvolvido pesquisas com ênfase na educação popular e educação não-escolar. Graduada em Pedagogia – Licenciatura (2008) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

^[2] Sempre que nos referirmos ao termo Educação, no sentido de instituição, ele será grifado em letra maiúscula.

^[3] A expressão ONG foi criada pela ONU, na década de 1940, para designar entidades não-oficiais que recebiam ajuda financeira de órgãos públicos para executar projetos de interesse social, dentro de uma filosofia de trabalho denominada “desenvolvimento de comunidade”. (Gohn, 1997, p. 54).

^[4] Dissertação orientada pelo Prof. Dr. Sérgio Haddad, defendida em 2018, Mestrado em Educação da Universidade de Caxias do Sul – UCS.

^[5] Tese orientada pela Prof.^a Dr.^a Eliana Perez Gonçalves de Moura, defendida em 2023, Doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale.

18. MEMÓRIAS IMPREVISTAS DE UM PROFESSOR PESQUISADOR

Paulo Ricardo dos Santos¹

Em nossa vida, há muitos desafios no processo de conquistar nossos objetivos. Barreiras surgem e exigem sacrifícios para serem superados. Muitas vezes, nossa dedicação resulta em oportunidades transformadoras, caminhos novos que possibilitam mudar completamente nosso mundo. Outras vezes, essas oportunidades caem do céu, surgem assim, de repente, sugestões, desvios inesperados em nossa trajetória que podem representar chances únicas. Então, passamos a enfrentar um novo desafio: permitir-se viver aquilo que não estava em nossos planos. É aí que muitos de nós falhamos: achamos que sabemos exatamente como nossa vida deve ser. Somos capazes de sair de nossa zona de conforto em busca de tudo aquilo que almejamos, mas pouca atitude e coragem temos naquilo que estava fora do programado. Para mim, diversas oportunidades apareceram espontaneamente, seja pela generosidade de outras pessoas ou como resultado imprevisto de minhas ações. No inesperado, construí meus caminhos, moldando meus objetivos conforme cada novo horizonte, mas mantendo vivo um espírito curioso e desbravador, aquela coisa de “vamos ver onde isso vai dar”, sair do lugar de conforto, aceitar novas experiências, descobrir, criar, inventar e reinventar, lidar com novos problemas e alcançar novas vitórias.

Terminei o ensino médio em 2011 sem muitas perspectivas e ingressei no mercado de trabalho como vendedor de assinaturas de jornal. Fiz um técnico em turismo até 2013, também sem interesse naquilo, apenas pela oportunidade de continuar estudando, mas sem interesse na profissão. Não sabia o que queria fazer, trabalhar, estudar de verdade. Aos 19 anos, já estava morando sozinho, não por vontade própria, mas, no fim, acabou sendo uma experiência benéfica para desenvolver responsabilidade e independência. Em 2014, após sair do emprego, meu pai e madrasta me levaram para passar dois meses na China, onde estavam

¹ Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: paulords1994@gmail.com

vivendo a alguns anos. Conhecer esse país foi maravilhoso, viajar para outra cultura é algo transcendental, mas não havia como ficar por lá. Eu precisaria voltar ao Brasil e decidir o que fazer da vida, achar outro emprego. Novamente, voltaria sem muitas perspectivas, aquela coisa de bater de empresa e empresa até achar uma profissão. Foi então que meu pai e madrasta me incentivaram a fazer faculdade. Disseram que iriam me ajudar financeiramente e que se eu fizesse isso, estudasse, as oportunidades iriam surgir. Abracei essa chance com uma condição: faria Letras e seria professor. Na hora, pareceu uma boa ideia, eu gostava de ler e escrever. Para eles, tudo bem. De lá da China, uma amiga, minha atual esposa, fez minha inscrição no vestibular da Feevale e, um mês após o retorno para o Brasil, estava já estudando no ensino superior.

Ingressei no curso de Licenciatura em Letras – Português & Inglês da Universidade Feevale em fevereiro de 2015. Já no segundo mês de aula, conversando espontaneamente com a prof. Rosemari Martins, falei da minha disponibilidade de tempo e interesse em me envolver mais nos estudos do curso. Nisso, ela disse que conseguiria uma bolsa de pesquisa para mim, que seria uma experiência enriquecedora e que estavam precisando de pessoas. Graças ao movimento dela, tive a oportunidade de participar da Iniciação Científica da Feevale, no projeto da prof^a dr^a Débora Nice Ferrari Barbosa, vinculado ao grupo Informática na Educação, da linha Linguagens e Tecnologias, no contexto do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social. A pesquisa tinha como objetivo desenvolver práticas pedagógicas baseadas nas metodologias de aprendizagem com tecnologias móveis para atuar no reforço escolar de pacientes em tratamento oncológico atendidos pela Associação de Assistência em Oncopediatria – AMO^[1]. Neste projeto, minha função era aplicar as “Oficinas de Aprendizagem com Mobilidade”, que aconteciam semanalmente na sede da AMO. Após a volta da China, eu ainda estava desempregado, então, participar da pesquisa representava uma renda financeira. Realmente, as oportunidades vieram logo e desse jeito, despretenciosamente numa conversa de aula. Vamos ver onde isso vai dar.

Nas oficinas, os participantes eram jovens de diversas idades e contextos, que apresentavam dificuldades de aprendizagem em decorrência do tratamento de câncer. Nas práticas pedagógicas, utilizávamos

tablets com acesso à internet para desenvolver as habilidades de raciocínio lógico, leitura e escrita, que são comuns a diversos componentes curriculares escolares. Logo, para um estudante de Letras, esse projeto foi um contexto no qual pude botar em prática as aprendizagens do curso, adquirindo experiência profissional na área.

Em cada ano, as oficinas aconteciam em determinado dia e turno, no qual participavam os pacientes e seus familiares. As temáticas e propostas eram baseadas nos interesses dos participantes e em suas necessidades de aprendizagem, unindo o brincar com o aprender. Assim, não haviam provas nem avaliações de desempenho. O que havia era o incentivo à investigação, descoberta, experimentação, criação, de modo que os tablets fossem um recurso para brincar, aprender e desenvolverem sua criatividade. As inspirações e aspirações dos sujeitos, fossem eles pacientes ou familiares, eram essenciais para o desenvolvimento das oficinas, que eram construídas coletivamente.

Na educação, entende-se de que, de alguma forma, a vida do professor será impactada por seus alunos, pois, nas relações humanas construídas em sala de aula, é impossível desassociar o ensinar do aprender, o transformar do ser transformado, o conhecer do outro do conhecer a si mesmo (Freire, 2019). Da mesma forma, o pesquisador, após ir a campo, “volta” como uma pessoa diferente, trazendo em sua bagagem vivências que vão além dos dados e resultados coletados. Ao longo das oficinas, vi os sorrisos das crianças, sua alegria em brincar, sua curiosidade de utilizar os tablets, sua dedicação nas propostas, sua empolgação de ter uma atividade especial na semana. As oficinas eram também uma forma de contribuir para o bem-estar e qualidade de vida dos pacientes (Minayo, Hartz, Bus, 2000; Renner *et al.*, 2014), para ignorarem por um instante a doença e brincarem, se divertirem, aliviarem o stress e tensão do tratamento. Na AMO, o campo de nossa pesquisa, tive experiências que transformaram minha vida, pois os pacientes foram os primeiros alunos a me chamarem de professor.

Nossa pesquisa tinha como foco contribuir para a vida dos pacientes, independente do resultado do tratamento. Houve um caso de uma criança com quadro de leucemia que, junto de sua irmã, participou das oficinas por quatro anos, até o momento em que recebeu alta clínica, sendo desligada da AMO. Em outro caso, atendemos um adolescente

com câncer no fígado que conseguiu participar por alguns meses e depois não retornou mais quando o tratamento intensificou, vindo a falecer no período de férias daquele ano. O falecimento de um paciente é parte da realidade do trabalho com a oncopediatria e tive apoio da equipe da AMO para lidar com as situações mais delicadas. No decorrer das semanas, alguns pacientes começavam a apresentar sinais físicos de que o tratamento estava se intensificando, como queda dos cabelos, perda de peso e o desgaste visível no rosto e corpo. As oficinas duravam o ano inteiro, porém, a dificuldade de participarem regularmente não era um impedimento para os participantes. Uma vez que a proposta era utilizar as tecnologias digitais de forma contextualizada às necessidades dos pacientes, havia flexibilidade nos planejamentos das atividades para que participassem sempre que pudessem. Houve alunos que participaram de alguns encontros, mas, devido à gravidade da doença, faleceram no decorrer das oficinas, que, certamente, foram significativas para essas pessoas.

Momentos difíceis, situações delicadas, experiências que, para além do ser professor e pesquisador, fazem parte da minha construção humana e ampliaram o tamanho do meu mundo. Antes desse projeto, eu não tinha conhecimento da realidade dessas crianças e adolescentes. A relação mais próxima com esse contexto foi o fato de que, quando estava no 8º ano do ensino fundamental, em 2008, um de meus colegas de anos anteriores foi diagnosticado com câncer antes do início das aulas. O nome dele estava na chamada e os professores nos explicaram brevemente a situação, mas, naquele ano, ele não participou de nenhuma aula. Três anos depois, quando eu estava no 3º ano do Ensino Médio, em 2011, já em outra escola, uma antiga colega me reencontrou e comentou que aquele rapaz havia falecido recentemente por causa do câncer. Na escola, ambiente propício para o desenvolvimento de amizades, empatia e respeito ao próximo, cada pessoa desempenha um papel fundamental, à semelhança de atores em uma peça de teatro. Assim, anos antes da pesquisa da Feevale, pode-se dizer que já fui um dos atores desse contexto: fui colega de uma pessoa que não podia ir na aula porque tinha câncer.

Participei do projeto das oficinas durante todo período da graduação em Letras, curso que me possibilitou uma tripla formação – Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas. Além das aprendizagens do curso, a experiência da pesquisa contribuiu plenamente para minha

formação como professor de linguagens. Nas oficinas, pude auxiliar os alunos nos processos de leitura, escrita e comunicação, habilidades que estudávamos durante as aulas do curso. Então, a pesquisa realizada na AMO foi o espaço onde, para mim, teoria tornava-se prática. Pode-se dizer que o pesquisar é parte do fazer pedagógico do professor e que são elementos indissociáveis, porém, em meu caso, fiz da pesquisa uma quarta formação – a formação como pesquisador. Com o apoio de minha orientadora, minhas responsabilidades como bolsista^[2] envolveram dedicação diária ao estudo dos métodos científicos, busca por embasamento teórico, definição dos objetivos, idas ao campo, coleta de dados, análise e discussão dos resultados, escrita de artigos e participação em eventos, atividades que, para muitos de meus colegas, eram desafios que surgiam de forma simplificada em determinadas disciplinas.

Os resultados de nossa pesquisa foram divulgados em periódicos nacionais e internacionais, contribuindo para as discussões da comunidade científica, conforme Maciel *et al.* (2014), Dos Santos *et al.* (2017), Ferrari Barbosa, Bez e Dos Santos (2018), Dos Santos *et al.* (2019), Dos Santos *et al.* (2020), Dos Santos *et al.* (2021). Nessas publicações, encontram-se relatos de experiência, registros de atividades e análises dos dados obtidos. Além das publicações, participamos de diversos eventos, dentre feiras, seminários e congressos. Em 2016, recebi o prêmio Trabalho Destaque em Letras, na Feira De Iniciação Científica – Inovamundi, com uma apresentação intitulada “Práticas pedagógicas com uso de tecnologias digitais com jovens em tratamento oncológico”, referente ao trabalho desenvolvido na AMO no primeiro semestre daquele ano. Outro evento importante foi o Congresso Internacional de Ambientes Virtuais de Aprendizagem Adaptativos e Acessivos – CAVA 2016, que ocorreu em Cartagena de Índias, Colômbia, no qual tive a oportunidade de apresentar um artigo presencialmente, junto com outros estudantes da Universidade Feevale^[3].

Infelizmente, com pandemia de COVID-19 em 2020, as oficinas presenciais na AMO foram interrompidas, pois os pacientes de oncologia são considerados grupo de risco. Porém, mesmo não podendo atender os pacientes nesse período, continuamos pesquisando sobre a temática, pois haviam muitos dados que precisavam ser trabalhados e considerados para futuros direcionamentos do projeto. Assim, mantive latente a vontade de, em algum momento, poder retomar o contato com esse público.

Em 2021, meu último ano na graduação, optei por desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a partir da pesquisa feita na AMO, trazendo como tema os processos de letramento mediados por tecnologias para jovens em tratamento oncológico afastados da escola. Assim, o título de minha monografia é “Práticas de letramento no modelo de ensino online para jovens em tratamento oncológico” (Santos, 2021), orientada pela prof^a Dr^a Rosi Ana Grégis^[4]. Essa monografia trouxe a elaboração de uma sequência didática composta por atividades de letramento em Língua Portuguesa, para estudantes de Ensino Médio em tratamento oncológico domiciliar. Para tal, foram elaborados 8 planejamentos de aulas, nos quais as atividades envolvem o uso de recursos tecnológicos, como sites, aplicativos e jogos digitais, de modo que o estudante pudesse estudar de casa com acompanhamento online de um professor. Devido a pandemia, não pude aplicar os planejamentos com os pacientes, dessa forma, a monografia trouxe como discussão uma análise da Sequência Didática a partir de bases teóricas como Letramento, Ensino Online, Câncer Infanto-juvenil e Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

Essa monografia era, ao mesmo tempo, minha despedida do curso de Letras e do projeto das Oficinas, pois o vínculo como bolsista se encerra com a finalização da graduação. Entretanto, fui incentivado por minha orientadora a participar do processo seletivo para o Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social, pois minha trajetória abria a possibilidade de ingressar na pós-graduação com bolsa Prosuc/Capes. Débora sempre acreditou em mim e investiu no meu futuro, tornando-se uma das pessoas mais importantes da minha vida. Então, na mesma semana em que apresentei a monografia, passei no processo seletivo para o mestrado, como bolsista. Assim, com o ingresso na pós-graduação, eu e minha orientadora discutimos a possibilidade de atender novamente os pacientes, mas buscando uma proposta diferenciada das oficinas. As práticas seriam retomadas de alguma forma, mas, primeiro, era necessário paciência. Havia disciplinas a cumprir no mestrado, etapas a serem seguidas e novas aprendizagens eram necessárias nessa nova fase.

O primeiro ano do mestrado, em 2022, foi difícil para mim. Tendo me formado no curso de Letras em janeiro, em março já iniciei as aulas da Pós-Graduação. Nesse momento, teria sido benéfico dedicar um

tempo adequado para cuidar da minha saúde mental. Minha vida pessoal estava bem problemática, pois eu e minha esposa estávamos construindo nossa casa própria e enfrentando problemas diversos no casamento. O último semestre da graduação havia sido muito desafiador, pois tive que escrever o tcc, realizar dois estágios, estudar duas disciplinas e trabalhar no estágio não-obrigatório que estava realizando na época. Era um grande sacrifício, mas não havia como parar, era a conclusão de sete anos de estudo. Não tive tempo para descansar e processar o que estava acontecendo. As disciplinas do PPG Diversidade foram muito boas, sim, mas as cicatrizes e desgaste mental estavam acumulando a ponto de transbordarem, sem condições de conciliar tudo de forma saudável.

Em setembro de 2022, estava tão desgastado e fragilizado que quase pensei em desistir. Eu queria continuar estudando e seguindo com minha vida pessoal, mas estava conturbado demais. A pressão da pesquisa, do trabalho, do casamento, o cansaço, ausência de férias, perspectivas, o trauma da pandemia, era muita coisa. Estava a ponto de desistir de tudo. Graças a Deus, minha esposa permaneceu do meu lado. A prof. Débora, ao mesmo tempo, agiu com afeto e cuidado comigo, solicitando auxílio psicoterapêutico do Núcleo de Apoio ao Estudante – NAE, onde fui acompanhado pela equipe psicológica e iniciei um tratamento.

O PPG Diversidade constitui-se como um programa interdisciplinar, com professores de diferentes áreas do saber, conciliando cultura, inclusão, saúde, psicologia, políticas públicas, linguagens, tecnologias, entre diversas abordagens. Isso atrai mestrandos das mais diversas áreas de atuação. Diversos dos meus colegas eram psicólogos, dos quais recebi apoio nesse processo terapêutico e com os quais pude conhecer diferentes perspectivas sobre a educação, sobre as relações sociais e sobre a vida em geral. Essa pluralidade de ideias, histórias e culturas me influenciou a repensar diversas questões em minha vida. Então, continuei estudando, não desisti, segui em frente, aceitando minha fragilidade e aprendendo a lidar com o processo.

Terminadas as disciplinas, qualifiquei o projeto em maio de 2023. Em setembro de 2023, chegou a hora de realizar a pesquisa de campo na AMO. Isso representava dois grandes acontecimentos em minha vida: primeiro, o retorno a esse contexto tendo passado por todo um processo terapêutico de transformação dos sentimentos e ideias. Durante todos aqueles anos, havia lidado com a dor e com a morte dos outros. Isso

deixa marcas profundas em você. Às vezes, recebia pela manhã uma notícia de um falecimento. Pela tarde, tinha que estar sorrindo, dando aula para outros alunos que não faziam parte daquele contexto. Na terapia, pude dar sentido a todas essas vivências. Estava pronto para ser professor daquelas crianças e adolescentes novamente, contando com apoio psicológico do NAE e da AMO para lidar com as situações mais delicadas que surgissem.

O segundo grande acontecimento desse momento foi, de fato, a realização da pesquisa de campo. No retorno às oficinas, era hora de colocar em prática os estudos realizados durante o mestrado e atuar como pesquisador com novas ideias, nova mentalidade e também um novo espírito referente à minha relação com os participantes da pesquisa. Ao longo dos estudos no Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social, passei a compreender que era necessário repensar as práticas com tecnologia das oficinas para desenvolver a autonomia e pensamento criativo dos participantes, de modo que os participantes fossem mais ativos no manuseio dos recursos digitais e na organização de seu percurso educacional, de acordo com a perspectiva da literacia digital (Elicker; Barbosa, 2021), conceito que “abrange a apropriação dos saberes do uso das tecnologias digitais de forma autônoma, responsável e criativa” (Elicker; Barbosa, 2021, p. 45). A literacia digital também considera a inclusão social e diversidade cultural, pois envolve o “desenvolvimento de habilidades socioemocionais também no mundo digital, uma vez que na cultura digital, o mundo físico e o digital estão imbricados” (Elicker; Barbosa, 2021, p. 44).

Esses tópicos foram abordados em uma disciplina do PPG Diversidade, chamada de “Tópicos especiais – Literacia Digital em Contextos de Aprendizagem”, na qual estudamos sobre literacia digital em conjunto com o conceito de aprendizagem criativa (Resnick, 2020), que trata do papel que a imaginação e brincadeira desempenham no processo educacional, entendendo que a criatividade que surge do brincar e criar é o elemento central de qualquer inovação, o que pode favorecer o desenvolvimento da literacia digital. Então, ao planejar as práticas pedagógicas para a pesquisa de campo, busquei trazer propostas aos participantes em que a criatividade e literacia digital fossem elementos centrais, de modo que cada sugestão de debate, assunto, texto ou projeto possibilitasse a expressão criativa dos participantes.

Como resultados, os participantes tornaram-se protagonistas do processo, definindo os caminhos e resultados das atividades, sem que estivessem limitados às minhas próprias concepções de como deveriam ser as produções. Foram dois meses de atuação. Nesse processo, realizamos propostas em que os participantes utilizaram tecnologias digitais para criar textos, projetos, pensarem em seu papel como cidadãos nos ambientes virtuais, desenvolverem sua criatividade com inteligência artificial, fotografia, desenhos, jogos digitais, entre outros recursos. Alguns participantes estavam em tratamento oncológico, outros eram familiares. Quanto aos participantes com câncer, percebi nesses o interesse em compartilharem suas ideias, explorarem novos recursos, debaterem sobre assuntos que acham importantes, mostrarem sua capacidade de criar e inovar. Mesmo com as dificuldades resultantes da doença, eles puderam ter uma experiência agradável e estimulante, conforme os registros de falas que fiz no diário de bordo. Assim, a pesquisa da AMO foi um sucesso e pude completar a minha dissertação, defendendo-a em março de 2024.

É engraçado, já vi muitas pessoas dizerem o quanto o mestrado é complicado, é difícil, é tudo muito rápido, é estressante, é desgastante e assim por diante. Não me senti assim no PPG Diversidade. Os problemas que eu tive eram uma sucessão de muitas coisas, principalmente de sete anos ininterruptos de estudo enquanto a vida seguia extremamente veloz do lado de fora da universidade. A graduação suga muito de você, são muitas disciplinas, provas e trabalhos, é muito sacrifício e horas investidas estudando mil assuntos diferentes. Mas a experiência de um mestrado é diferente. Você lida com aquilo que é significativo para você, desenvolve uma pesquisa com a qual possui uma conexão, lidera um projeto que mostra sua capacidade de inovar e tornar-se referência no assunto. Enquanto o primeiro ano do mestrado havia sido difícil, posso afirmar que o segundo ano foi maravilhoso. Era o meu projeto, minha pesquisa ganhando vida, minha contribuição à ciência e inovação de nosso país.

Assim, depois de ficar 3 anos longe deles em função da pandemia, retomar a pesquisa no mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social foi de uma riqueza magnífica em minha vida. As crises que tive durante o processo estavam em mim. Somos pessoas, às vezes que-

bramos em partes da vida que são difíceis de consertar. Eu precisei dessas experiências, vivê-las intensamente, purificar os sentimentos, transformar as dores e angústias em memória, uma memória que se encaixasse com as perspectivas de um futuro promissor e otimista. Hoje, carregando comigo o diploma de Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social, estou de olhos maravilhados pelas novas oportunidades que surgem todos os dias.

Concluído o mestrado, consegui ingressar no doutorado em PPG Processos e Manifestações Culturais, também da Feevale, tendo passado no processo seletivo com bolsa Prosuc/Capes. Numa quinta-feira defendi a dissertação, na próxima iniciei os estudos do doutorado. Tudo muito rápido, sem descanso, sem tempo? Sim, mas sigo fazendo terapia e agora está tudo bem. Dessa vez não há pressão, nem desgaste. Há uma grande expectativa e alegria, pois andarei mais uma vez por esse caminho, desenvolvendo um novo projeto com as crianças e adolescentes em tratamento oncológico e dando sequência à pesquisa do mestrado. Depois de tudo o que vivi na graduação e no PPG Diversidade, continuo querendo mais e mais dessas experiências que a pesquisa acadêmica e o ser professor nos proporcionam. Eu quero a chance de ofertar mais um pouquinho do meu trabalho para o progresso da ciência e da educação. Eu quero poder contribuir para a vida dessas pessoas mais uma vez. Quero uma nova oportunidade de ouvir aqueles jovens em tratamento oncológico me chamarem de professor.

REFERÊNCIAS

DOS SANTOS, Paulo Ricardo *et al.* **Learning and Well-Being in Educational Practices with Children and Adolescents Undergoing Cancer Treatment.** Education Sciences, v. 11, n. 8, p. 442, 2021. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2227-7102/11/8/442>>. Acesso em: 12 jun 2022

DOS SANTOS, Paulo Ricardo; BARBOSA, Débora Nice Ferrari; MARTINS, Rosemari Lorenz; BEZ, Maria Rosangela. **Práticas pedagógicas com uso de tecnologias digitais com jovens em tratamento oncológico.** In: FIGUEIREDO, João Alcione Sganderla; FILHO, Karim Aquele (Org.). Livro de Destaques – Feira de Iniciação Científica 2016. 1^a ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2017. p. 130-143. Disponível em: <<https://www.feevale.br/Comum/midias/8b0d8005-06b2-4e48-a650-f6be6e329ab7/Livro%20de%20Destaques%20FIC%202016.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2023.

DOS SANTOS, Paulo Ricardo; BARBOSA, Débora Nice Ferrari; SILVA, Carla Rosana da; BARBOSA, Jorge Luís Victória. **Promovendo o desenvolvimento linguístico e o raciocínio lógico em práticas de letramento com uso de recursos tecnológicos.** RENOTE, v. 17, n. 3, p. 648–657, 31 dez. 2019. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/99553>>. Acesso em: 03 abr. 2023.

DOS SANTOS, Paulo Ricardo; BARBOSA, Débora Nice Ferrari; SILVA, Cilene De Lurdes; ROSANA DA SILVA, Carla. **Diálogos entre educação e a saúde.** Práticas educacionais com tecnologias móveis em apoio ao tratamento oncológico. YACHAQ, v. 3, n. 1, p. 23-39, 2020. Disponível em: <<https://revista.uct.edu.pe/index.php/YACHAQ/article/view/115>>. Acesso em: 03 abr. 2023.

ELICKER, Ana; BARBOSA, Débora Nice Ferrari. **Literacia Digital.** 1. ED. Porto lege: Cirkula, 2021. V. 1. 96p .

FERRARI BARBOSA, Débora Nice; BEZ, Maria Rosangela; DOS SANTOS, Paulo Ricardo. **Aprendizagem com mobilidade em práticas de role playing game em contexto não-formal de ensino.** Revista Observatório v. 4, n. 3, p. 540-570, 2018. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4082>>. Acesso em: 03 abr. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra; 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. **Qualidade de vida e saúde:** um debate necessário. Ciência & Saúde Coletiva, v. 5, n. 1, p. 7–18, 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232000000100002>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

RENNER, Jacinta Sidegum; TASCHETTO, Dorci Viegas da Rocha; BAPTISTA, Gladis Luisa; BASSO, Cláudia Rafaela. **Qualidade de vida e satisfação no trabalho:** a percepção dos técnicos de enfermagem que atuam em ambiente hospitalar. Revista Mineira de enfermagem, v. 18, n. 2, p. 440-453, 2014. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/938>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

RESNICK, M. **AI and Creative Learning: Concerns, Opportunities, and Choices** [online]. 2023. Disponível em: <https://mres.medium.com/ai-and-creative-learning-concerns-opportunities-and-choices-63b27f16d4d0> Acesso em: 03 fev. 2023

SANTOS, Paulo Ricardo dos. **Práticas de letramento no modelo de ensino online para jovens em tratamento oncológico.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras – Português & Inglês. Curso de Letras – Português & Inglês, Universidade Feevale. Novo Hamburgo, RS, 2021, 122 p. Disponível em:<<https://biblioteca.feevale.br/Vinculo2/00002f/00002f26.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2022.

[1] <http://www.amocriancam.com.br/>

[2] No contexto desse projeto, foram 6 meses como bolsista Capes/CNPq, 3 anos como bolsista de Iniciação Científica Feevale e outros 3 anos e meio como bolsista PIBIT/CNPq.

^[3] <https://www.feevale.br/acontece/noticias/estudantes-da-graduacao-e-do-mestrado-participam-de-atividades-academicas-na-colombia>

^[4] Rosi Ana foi minha professora no curso de Letras e também atuou no contexto da AMO. Entre 2015 e 2017, desenvolveu um projeto de extensão focado em oficinas de Língua Inglesa para os pacientes da AMO.

19. CAMINHO TECIDO EM TEMPOS E ESPAÇOS PERCORRIDOS

*“Quando você pensa que sabe todas as respostas,
vem a vida e muda todas as perguntas.”*

Luis Fernando Veríssimo

Marilene de Fátima Pacheco dos Santos¹

Neste caminhar em tempos e espaços, nasci em 08/05/1960, em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil, filha de José Jesus Pacheco e de Maria do Carmo Viera Pacheco, irmã de Sérgio Gilberto Pacheco. Vivi minha infância entre o urbano e o rural, brinquei muito com os primos e primas, amigos e amigas da vizinhança. Fiz muitas amizades, algumas seguem até hoje e transformaram-se em outros laços, viraram comadres, compadres, irmãs e irmãos do coração. Casei-me com Paulo César do Santos (1988), ganhamos o maior e melhor presente das nossas vidas, a nossa filha Laura Pacheco dos Santos (1992), minha maior e melhor emoção, meu amor, hoje vivendo junto com Kim Ludvig Trieweiler, que moram em Porto Alegre.

Sou licenciada em Educação Artística pela Universidade de Passo Fundo (1983) e tenho Habilitação em Artes Plásticas pela mesma universidade (1985). Também, na mesma instituição, me graduei em Pedagogia Licenciatura Plena (1989). Os reflexos dos cursos realizados contribuíram na minha formação e na minha atuação profissional ética e sensível. Um curso complementou o outro, tributando ao pensamento crítico, à utilização da criatividade, à competência e à flexibilidade na habilidade de mediar os processos reflexivos, investigativos e interpretativos, possibilitando, pois, a apropriação de intenções e de intervenções no meu fazer, na minha clínica psicopedagógica.

Sou Associada Titular da Associação Brasileira de Psicopedagogia/ABPp-RS, tenho vivências experienciadas como aprendensinante na Educação, Saúde e em Arte Educação. Como Psicopedagoga trabalho

¹ Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: marilenefps@gmail.com

com crianças, jovens adolescentes e adultos. Ministro oficinas com adolescentes, jovens adolescentes, adultos e professores. Faço Coovisão psicopedagógica, assessoria e mentoría na gestão escolar e ensinantes, Intervenção Precoce/IP e Psicopedagogia Inicial/PI. Atuei como docente em Pós-Graduação Lato Sensu em nível de Especialização.

Tenho Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica, pela Universidade Passo Fundo (1997), Especialização em Tecnologias em EaD, pela Unicid/SP (2011), Especialização em Educação Precoce e Assessoria pela Faculdade Sogipa (2018), e sou Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social, pela Federação dos Estabelecimentos de Ensino Superior/Feevale (2016).

Toda a minha formação acadêmica foi na Universidade de Passo Fundo/UPF, minhas primeiras experiências e desafios aconteceram como bolsista da Universidade na periferia da cidade, também não posso deixar de mencionar a militância estudantil. Todas essas vivências foram muito gratificantes, sendo base para minha formação e atuação profissional.

Assim, a minha caminhada iniciou na formação na área humana, em educação, no ano de 1980, na Universidade de Passo Fundo/UPF-RS e, ao sondar minhas memórias, percebi que, ao longo do caminho percorrido, a Psicopedagogia já estava ali comigo, na minha escuta e no meu olhar sensível que nortearam o meu fazer, acompanhada dos estudos e de leituras em Piaget, Vygotsky, Paulo Freire, Madalena Freire, Olga Reverbel, Ana Mea Barbosa, Duarte Júnior, sempre combinada de outras leituras, as quais influenciaram e contribuíram para as minhas práticas com base na construção dialógica e no respeito à individualidade de cada estudante.

Revivendo as memórias passadas, tecendo as do presente e vislumbrando o futuro, vou revisitando e revisando as lembranças significativas, comprovo e reafirmo: fui cativada pelas palavras diálogo, construção, identidade, criticidade, afeto, criatividade, autonomia e emancipação.

Ao discorrer sobre a minha caminha, inicialmente, uma arte-educadora, senti que precisava continuar estudando, assim, fui fazer Pedagogia, como bolsista na universidade, trabalhando na periferia, com crianças e jovens adolescentes no turno contrário da escola.

Minha jornada como bolsista, enquanto cursava Pedagogia, aconteceu de 1985 a 1989. Iniciei na Instituição Leão XIII, onde realizava o trabalho na função de monitoria. O projeto era de formação continuada, desenvolvido junto aos professores que atuavam nos Núcleos. Na continuidade, veio a transferência para o Núcleo da Vila Victor Issler, os núcleos ofereciam um espaço aos estudantes, em turno inverso ao da escola. As famílias eram carentes, carentes de afeto, de dinheiro, de infraestrutura, e as crianças, às vezes, sequer sabiam quem eram seus pais. A equipe que eu participava era composta por estagiários dos cursos de pedagogia, de educação física, de letras, de matemática, de história e por estudantes do magistério. No início da aula, cada estudante devia fazer o seu tema e, após a atividade realizada, iam participar das oficinas, para isso utilizávamos os recursos oferecidos pelo Núcleo (fantoche, livros, jogos, instrumentos musicais). O professor em sala tinha autonomia para desenvolver e construir as atividades em conjunto com seu grupo de atuação.

No dia 23 de janeiro de 1988, casei-me com o Paulo. Ele trabalhava em uma empresa familiar, na área da informática, a instituição ficou sabendo que eu estava fazendo Pedagogia e me ofereceu a oportunidade de estagiar de forma remunerada no setor de Recursos Humanos. Meu primeiro pensamento foi: “O que vou fazer lá?”, não tinha a mínima ideia do que uma futura pedagoga poderia fazer, mas, como adoro desafios e novidades, aceitei. Para minha surpresa e satisfação, realmente tinha muita coisa para se fazer, estagiéi de 1988 a 1990. A equipe era composta por psicólogos, administradores, técnicos em mecânica, estagiárias de psicologia e assistente social, eram pessoas superacessíveis, facilitando o entendimento da estrutura e do funcionamento da empresa de implementos agrícolas.

Cada estagiária precisava desenvolver e aplicar um projeto, que deveria iniciar com um diagnóstico e levantamento de dados coletados. Dessa forma, junto com a estagiária de psicologia, eu desenvolvi os seguintes projetos: avaliação de cursos realizados fora da instituição, avaliação de desempenho, acompanhamento dos funcionários em contrato de experiência.

De 1990 a 1996, trabalhei na mesma empresa como contratada, exercendo os cargos de auxiliar administrativa, analista de treinamento e analista de recursos humanos. Desenvolvi atividades junto com a equipe do setor de Recursos Humanos, quais sejam: programação de formação profissional; diagnóstico de necessidades à elaboração de programação de cursos externos e internos de formação e aperfeiçoamento profissional; participação na criação do Centro de Treinamento da Semeato, qualificação profissional, investimento no supletivo de 1º e 2º Graus; diretora do Centro de Treinamento da Semeato, como cargo de confiança; desenvolvimento comportamental com chefias intermediárias; programas de alfabetização de adultos; programa de pré aposentadoria; implantação 5S's; implantação à qualidade total; formação de instrutores com funcionários da própria empresa. Para todas essas atividades sempre foram levadas em conta a demanda da própria empresa e as habilidades de cada funcionário. Com esse investimento, muitos funcionários retornaram aos estudos, inclusive ingressaram na faculdade, conquistando espaços de chefia de setor.

Atuei, ainda, como instrutora pelo SENAI de Passo Fundo, ministrando cursos de matemática básica e básico de cálculo técnico para funcionários da empresa. Foi uma experiência significativa, pois descobri com a Pedagogia que eu sabia matemática e pude entender também a importância de ensinar a gostar dessa matéria.

A minha vivência e convivência na empresa confirmaram a minha paixão em trabalhar com e em grupo, comprovando o quanto uma equipe interdisciplinar facilita e desafia propostas de trabalho a serem desenvolvidas, aposta no talento individual, facilita e aponta caminhos. E quanto gratificante é desenvolver um trabalho com pessoas das mais diversificadas origens – social e cultural –, entendendo, pois, o muito que se ensina e se aprende na troca constante ali estabelecida.

Iniciando o relato das memórias é interessante narrar, entre acontecimentos da existência passada vivida, a qual permanece na memória, um “redescobrir-me”, que ocorre na narrativa de mim mesma, na minha história, no olhar e no escutar do meu fazer psicopedagógico, no curso-percurso da caminhada que não se explica à parte da vida. O discurso, pois, que nos autoriza à autoria, a entrada do inesperado adormecido, impresso na memória.

Nesse percurso, procurei fazer, em 1995, a pós-graduação em Psicopedagogia, com a intenção de buscar a Psicopedagogia Institucional, mas a Universidade de Passo Fundo oferecia apenas a Clínica e Institucional. Pensei “faço o meu TCC na Institucional”. Busquei essa formação para aprimorar a minha atuação na instituição empresarial na qual trabalhava, e forjar subsídios para compreender as dificuldades encontradas no departamento de Recursos Humanos, setor de Treinamento, objetivando melhorar o desempenho dos funcionário “chão de fábrica” (analfabetos funcionais) em sua formação de base, principalmente e também, conviver com um grupo diverso, podendo investigar e discutir a etiologia das aprendizagens e suas dificuldades, compreendendo os processos e as variáveis que intervém, contribuindo para a prevenção e a pretensa solução das dificuldades da aprendizagem, com a intenção de facilitar a dialética do ensinar e aprender em cada situação específica vivenciada na empresa.

Enquanto eu fazia a pós-graduação de Psicopedagogia, meu esposo, que é analista de sistema na área de informática, recebeu uma proposta de trabalho, uma oportunidade profissional irrecusável. Em decorrência disso, veio a mudança para outra cidade. Pensei “e agora?”, mas, como a vida é feita de desafios, “vamos lá”. O “vamos lá” foi “facilitado” por estar em terapia.

Saindo de Passo Fundo, chego a Novo Hamburgo em agosto de 1996. “Carente e sem identidade”. Vou explicar: inicialmente fico sem meu nome próprio, passo a ser a mãe da Laura e a esposa/mulher do Paulo. “E agora?”, preciso repensar toda a minha vida profissional, não tinha o perfil à região, atuar em empresa no departamento pessoal/rotina nem pensar, não pretendia me adaptar a esse perfil. Não sabia exatamente o que fazer, mas tinha a certeza do que não queria.

Fiquei um ano apreciando, me deliciando em ser mãe e dona de casa, foi muito agradável e gratificante, Laura tinha 4 para 5 anos, tinha consciência que era um tempo delimitado, uma pausa. Precisei me dedicar, doar-me, ser mãe da Laura, adaptá-la e me adaptar ao novo. Doce ilusão, quem me adaptou e me incluiu foi ela. Apresentou-me às mães de suas amigas, e até hoje continuamos com essas amizades.

A escrita do meu TCC aconteceu naquele um ano, que eu julgava ser uma “parada estratégica”, mas terminei descobrindo que de parada não tinha nada, foi uma pausa para momentos de criatividade e descobertas. O tema do TCC foi “Como as instituições escolares estaduais e municipais percebiam esta nova especialidade: a Psicopedagogia Clínica e Institucional”, orientado por Iara Caierão, a qual eu agradeço a contribuição na minha caminhada e no meu fazer psicopedagógico (me atrevo a dizer, praticamos a Coovisão).

Pausa necessária para traçar outro caminho, haja vista que o caminho se faz na caminhada, como diz lindamente Freire (1997, p. 79), “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”.

Pertenci à primeira turma da Pós-Graduação de Psicopedagogia da Universidade de Passo Fundo/UPF, foi meu primeiro contato com Alícia Fernández, Sara Paín, Jorge Visca, Jorge Gonçalves da Cruz, entre outros. Foram aprendizagens significativas através das nossas aulas, nossos encontros em seminários, nas leituras apresentadas por minha professora/orientadora Iara Caierão e demais profissionais que compuseram a nossa formação.

Eis que, em 1997, surge de fato a Psicopedagoga Marilene. Tomei a decisão de investir na Psicopedagogia Clínica, percebi que antes de iniciar trilhar o novo caminho, precisava entender o sujeito com quem estaria interagindo, como não sei estudar sem ter uma discussão com trocas, entre interlocuções de ideias e experiências que se estabelecem em grupo, pensei “preciso ir em busca de espaços onde haja grupos de estudos”, assim encontrei dois que me acolheram, o de psicopedagógicas em São Leopoldo e, em Novo Hamburgo, o cartel de psicanálise e educação. As trocas realizadas com outros grupos, através de diálogo entre profissionais que atuam na educação e na saúde, e a convivência proporcionaram-me a participação em eventos promovidos com a intenção de discutir a nossa realidade, buscando outras formas de atuar em redes de atendimento, dessa forma, fui sendo inserida na comunidade hamburguense. O início da Psicopedagogia Clínica foi compartilhando o espaço com duas psicólogas, as quais conheci nos encontros nos Grupos de Estudos Interdisciplinar.

Assim, emergem da vida algumas narrativas revisitadas do passado, para revelar o presente a ser transcreto. A memória é, ao mesmo tempo, individual e coletiva, repleta de imaginário, de fatos, de experiências, de história e de estórias, o vivido individualmente funde-se na minha narrativa, emergindo entre cenários, eventos, pessoas, livros, os quais habitam nas minhas lembranças, algumas boas, outras nem tanto.

Nesse contexto fui tecendo a minha colcha de retalhos com os fragmentos das minhas lembranças e, por meio delas, construindo a minha identidade pessoal e profissional aqui narrada.

Nesse espaço tecido no tempo percorrido, surge em 2006 a oportunidade de trabalhar na APAE de Novo Hamburgo/RS, a Instituição oferece ações e serviços da Assistência Social, atendimentos na Clínica Interdisciplinar e propostas de Escola Especial de Novo Hamburgo. A Clínica está composta pelos profissionais de fonoaudiologia, fisioterapia, psicologia, psicopedagogia, psicomotricista e serviço social, sob perspectiva interdisciplinar, que prezam pela ética e buscam realizar um fazer diferenciado, de maneira sensível e acolhedora.

Aqui estou encontrando dificuldade de síntese na minha trajetória de dezoito anos nesta Instituição, com resultado de encontros, desencontros e reencontros, uma experiência psicopedagógica fantástica, fora de série, possibilitando a vivência na Clínica Interdisciplinar de crianças pequenas, jovens adolescentes e adultos. Com práticas na escuta e no olhar sensível, na mediação da palavra e da transferência entre sujeito e terapeuta, alinhavando o percurso do processo terapêutico junto às famílias e demais atores envolvidos. Para isso, cada profissional em sua diferente área pensa, a partir da prática clínica, como contribuir com os atendimentos através de interlocuções, e de que modo atender as necessidades que cada área demanda.

Na época da Coordenação Clínica, por solicitação da Diretoria da Associação, experienciei a Psicopedagogia Institucional com a intensão e a pretensa mediação psicopedagógica, de buscar uma identidade própria e singular que fosse capaz de reunir qualidades, habilidades e competências na atuação dos profissionais da educação na Instituição Escolar. Apresentando o diagnóstico Institucional, assinalando os fatores que

favoreciam e/ou interviam no fazer de cada profissional, oferecendo subsídios norteadores para rever estratégias facilitadoras para superar os empecilhos encontrados. Tendo em vista que todos possam trabalhar harmonicamente, para que os objetivos Institucionais possam ser alcançados.

Hoje, encontro-me atuando na Psicopedagogia Clínica e na Psicopedagogia Inicial/PI, fazendo avaliação psicopedagógica, o acolhimento/ ingresso na Escola da APAE. Tenho outras ocupações também, sou a responsável mediadora da Biblioteca Morada dos Livros e responsável por dois projetos: “Semear, mentes inquietas” com jovens adolescentes, e o “Grupo de Arte Especial/GAE”, jovens adolescentes e adultos, com uma Equipe composta por voluntários da Comunidade (arteterapeuta, artistas plásticos, bibliotepapeuta, arte educador).

Outra experiência riquíssima é a Integrar, uma Cooperativa, uma Clínica Interdisciplinar, formada por profissionais da área da saúde e da educação. Trabalho com uma visão interdisciplinar, disponibilizando atendimentos clínicos (individual, casal, familiar e grupo) para crianças, jovens adolescentes e adultos, considerando o indivíduo a partir de diferentes olhares, em um único objetivo, oferecer um espaço onde o sujeito se encontre consigo mesmo, potencializando a vida e produzindo saúde. Promovendo espaços de estudo e formação, com atividades no âmbito acadêmico, clínico e da comunidade, com intuito de incentivar reflexões e trabalhos nos diferentes contextos em que essas questões são problematizadas. A clínica também oferece serviços através de parcerias com escolas municipais e estaduais e planos de saúde. Fiz parte da Diretoria como secretária por duas gestões: Gestão de 21/07/2018-15/07/2020 e Gestão de 15/07/2020-03/03/2022.

Nesse espaço de tempo, nos anos de 2001 até 2020, junto com outros sócios fundadores criamos e conduzimos a Associação Mentes Coloridas, oferecendo atividades que possibilitavam vivências e convivências através das expressões de arte em encontros de oficinas, buscando a inclusão no social por meio da expressão das artes visuais. A trajetória desse grupo, que teve a arte como instrumento de socialização, iniciou em abril de 2001, incentivando a imaginação criativa e o gosto pelas

habilidades artísticas, através da primeira oficina, a de Artes Visuais. Na sequência, surgiu outra Oficina, a de Iniciação às Artes, cuja proposta artística favoreceu a livre expressão dos participantes, objetivando seu modo de sentir e descobrir-se em suas produções artísticas, nas atividades de música, artesanato criador, desenho, pintura e técnicas, recorte e colagem, escultura, teatro. Nessa trajetória, participamos de eventos, exposições, visitas a espaços de biblioteca, museus e espetáculos de teatro. Todas essas experiências mostraram muita evolução dos “nossos artistas”, paralelamente aconteceu o fortalecimento no grupo e a partir do grupo, permitindo a cada um a superação de desafios pessoais, apesar do “boicote” de alguns pais, tornando-se sujeito de sua ação, continuando, pois, a se aventurar e a conquistar seu espaço social.

Seguindo a explanação das minhas vivências, já em 2012 e 2013, atuei como docente na Pós-Graduação Lato Sensu em nível de Especialização de Psicopedagogia Clínica e Institucional, de Educação Infantil Séries Iniciais, com ênfase em Ludopedagogia e Literatura Infantil. Os cursos de Especialização são oferecidos pelo Instituto Centro Sul-Brasileiro de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação-CENSUPEG.

Mais uma vez saio da minha zona de conforto, entre 2012 e 2013 busquei o Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social/ FEE-VALE, como aluna especial, sem vínculo regular, com a intenção de encontrar quem pudesse fazer minha orientação, como aluna na disciplina ministrada pela professora doutora Dinora Tereza Zucchetti, optei pela linha de pesquisa Inclusão Social e Políticas Públicas. Iniciei a minha caminhada como mestrandona ano de 2014, concluído em 2016 que resultou na dissertação “O Programa Mais Educação e o aproveitamento escolar nos anos iniciais do ensino fundamental na rede pública municipal: percepções de mães e alunos”, no âmbito de quatro estabelecimentos de ensino público municipal de Novo Hamburgo-RS. Dos resultados do estudo empírico, sobressaem: a percepção dos alunos e de suas mães de que a ampliação do tempo na escola é reconhecida como aspecto relevante para o aproveitamento escolar.

Entre encontros e reencontros de aluna especial, sem vínculo regular, tornei-me bolsista, estive nos bastidores junto com alunos da

Graduação, Pós-Graduação e do Grupo de Pesquisa Educação, Formação e Diversidade, do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, da Universidade Feevale. Destaco entre outras experiências vivenciadas, a participação como colaboradora na construção do livro “A linguagem dos olhos: lentes no Programa Mais Educação” organizado pelas professoras Dinora Tereza Zucchetti e Dinara Dal Pai, com o apoio do professor Luis Henrique Rauber.

Atualmente sigo pesquisando junto com o Grupo EducAção, Grupo de Estudos, pesquisas e práticas em Educação não Escolar na perspectiva da Educação Integral-Feevale/CNPQ, coordenado pela professora Dinora Tereza Zucchetti. Onde, trocam-se ideias com pessoas de formação e atuação diferentes, mas com o mesmo objetivo, aprimorar o conhecimento numa relação dialógica.

Nossa vida é o desenrolar do caminho tecido em tempos e espaços percorridos, uma sequência de eventos permeada pelo que nos afeta, pela mediação do diálogo que nos dá voz, pelo questionamento, pela conscientização oriunda de um processo comunitário, solidário e integrado pela abordagem da realidade e do engajamento efetivo na mudança. Tudo se origina de um sentir a realidade vivida, um pensar sobre o estar e sentir em uma ação consequente engajada no fazer, considerando que somos seres inacabados em constante construção, em permanente realização cognoscitiva, sócio-histórica, possível pela integração afetiva como aprendi ensinantes.

Percebi, a partir do passado revisitado e das relações, que desde então se fazem presentes o “me escutar” e “me olhar” que voltam dessa relação passado-presente-futuro, assim, percebo-me fruto da tecitura teórica e prática, do diálogo com as ideias que dão referência à formação da psicopedagoga pesquisadora, das significações, das ressignificações permeadas pela ética e pelo encontro estético que, por sua vez, me ajudam a evitar os erros ou omissões da experiência anterior.

Pensar e experienciar é relevante na atualidade pela conectividade com quem aprende e com quem ensina a dizer, mediar a palavra, dar voz, respeitar a individualidade, reconhecer o outro em sua objetividade

e subjetividade, valorizar os saberes e a cultura, existindo na prática o respeito profundo pelo outro e pela humanidade.

REFERÊNCIAS

- CAIERÃO, I.; HICKEL, N. K. **O brincar-aprender da psicopedagogia clínica: a experiência de tornar-se brincante.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2023.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. **O sentido dos sentidos:** a educação (do) sensível. Curitiba: Criar, 2004.
- FERNÁNDEZ, A. **Os idiomas do aprendente:** análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2001.
- FERNÁNDEZ, A. **O saber em Jogo:** A psicopedagogia propiciando autorias de pensamento. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2001.
- FERNÁNDEZ, A. (1989). **A inteligência aprisionada.** Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- FERRERO, Emília; TEBEROSKI, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FREIRE, P. (1996). **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra.
- HICKEL, N. K. **Clínica de (um) aprender:** Autorias em Devir. Appris Editora, 2021.
- KUPFER, M. C. **Freud e a educação.** São Paulo: Scipione, 1989.
- LA TAILLE et al. **Piaget, Vygotsky e Wallon:** teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.
- LAJONQUIÈRE, L. **De Piaget a Freud:** A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.
- PAÍN, S. **Subjetividade e Objetividade:** Relação entre Desejo e Conhecimento. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2009.
- PAÍN, Sara. **Diagnóstico dos Problemas de aprendizagem.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- PILLAR, Analice Dutra. **Desenho & escrita como sistemas de representação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- RODULFO, Ricardo. **O brincar e o Significante – um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce.** Artes Médicas, 1990.
- VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2003.
- YGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZUCCHETTI, D. T e DAL PAI, D. **A linguagem dos olhos: lentes no Programa Mais Educação**. São Leopoldo: Trajetos Editorial, 2015.

20. A VIDA EM MOVIMENTO: CAMINHOS QUE ABREM OS OLHOS PARA A DIVERSIDADE E INCLUSÃO

Janaina Andretta Dieder¹

“Não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: sua base ideológica é inclusiva ou excludente?”

Paulo Freire

Gaúcha, nascida em vinte e quatro de junho de mil novecentos e noventa e quatro na cidade de Novo Hamburgo/RS, filha Gerson Miguel Dieder (*in memorian*), motorista de transporte escolar autônomo e Lindacir Salete Andretta, trabalhadora da área de recursos humanos (aposentada).

Fui criada pelos meus pais e, apesar do pouco incentivo que meu pai teve para estudar e das dificuldades passadas pela minha mãe enquanto mulher em sua época, sempre me incentivaram e ensinaram a lutar pelos meus objetivos, principalmente alicerçados nos estudos.

Desde a infância eu gostava de estudar e pesquisar, sempre estive muito atenta aos ensinamentos dos professores, destacando-se pelo comprometimento e dedicação. Me recordo de participar de feiras científicas desde a pré-escola. Além disso, eu fui uma criança muito ativa, estava a todo o momento querendo brincar ou jogar, subindo em árvores, andando de bicicleta, ou seja, a Educação Física desde nova pulsava dentro de mim.

Estudei desde a educação infantil até o ensino fundamental (6^a série) em escola pública. A partir da 7^a série entrei em uma escola privada com bolsa através do atletismo, onde concluí o ensino médio. Pratiquei diversos esportes, mas foi no atletismo em que me encontrei. Meu primeiro contato foi na 3^a série do ensino fundamental, nas aulas de

¹Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: janaina.dieder@gmail.com

Educação Física escolar, quando também participei da minha primeira competição no salto em distância, conquistando minha primeira medalha.

Posteriormente, entrei em uma equipe de atletismo de uma escola privada – onde consegui a bolsa de estudos –, comecei a treinar e participar de vários campeonatos, desde regionais, até brasileiros. No último ano do ensino médio decidi que daria mais um passo nessa trajetória com a modalidade: fiz o curso de arbitragem de atletismo, em 2011. A partir daí, trabalhei como árbitra desse esporte em muitas competições, com destaque para o Mundial Master que aconteceu em 2013 em Porto Alegre/RS e as Surdolimpíadas, ocorrida no ano de 2022, em Caxias do Sul/RS.

Depois de tais experiências, decidi prestar vestibular e ingressei, em 2012, no curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Feevale, em Novo Hamburgo/RS. Nesse período me (re)encontrei enquanto pessoa e profissional, sentindo-me realizada com a escolha. Nesse primeiro ano de graduação, iniciei um estágio (não obrigatório) na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Antônio Bemfica Filho, em Novo Hamburgo/RS, atendendo turmas entre Faixa Etária 4 e segundos anos do Ensino Fundamental. Após alguns meses, permaneci com o vínculo com a Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, mas troquei o estágio para o Programa de Esporte e Lazer da Cidade (PELC), onde atendia o público da terceira idade, permanecendo até final de 2013. Tais experiências me fizeram perceber as afinidades e aderências com os possíveis públicos e locais da docência.

Ainda no mesmo ano, trabalhei como bolsista de extensão no Projeto “Crianças de Canudos”, iniciativa da Universidade Feevale. O projeto estava no seu décimo e último ano. A proposta daquele momento era apresentar o Punhobol aos alunos do Bairro Canudos/ Novo Hamburgo/RS. Dessa forma, lecionava durante os períodos da Educação Física escolar a modalidade proposta. A partir dessa experiência, produzi e apresentei meu primeiro resumo em evento científico e, também, participei de um congresso internacional.

Em junho de 2013, iniciei como professora no Programa “Corrida Pela Cidadania” de Atletismo (projeto social da prefeitura de Novo

Hamburgo em parceria com a Instituição Evangélica de Novo Hamburgo – IENH – escola na qual estudei com bolsa pelo Atletismo na infância e adolescência). No projeto, trabalhava a iniciação ao Atletismo com crianças e jovens, onde encaminhava os estudantes para a equipe de competição e os acompanhava. Permaneci nesse projeto até o início de 2017 (optei em sair para receber a bolsa da CAPES e me dedicar exclusivamente para a Pós-Graduação). Em 2014, trabalhei como instrutora nas escolinhas de Punhobol da Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo (SGNH) no Projeto “Legal é... Punhobol nas Escolas e Comunidade”, projeto que trabalhava com essa modalidade no contraturno escolar com crianças e adolescentes.

Em 2014 também fui bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Escola Municipal de Ensino Fundamental Jorge Ewaldo Koch, em Novo Hamburgo/RS. O PIBID, além de contribuir com a docência, despertou em mim o interesse pela pesquisa científica. Participei de seminários e feiras de Iniciação Científica, apresentando resumos acerca da importância do PIBID na formação inicial. Além disso, no programa, tive a oportunidade de escrever meu primeiro artigo científico, que foi publicado na Revista Pensar a Prática.

Durante a graduação, tive a experiência de apreciar a docência no Ensino Superior através de monitorias de disciplinas no curso de Educação Física. Durante 2013 e 2014, fui monitora da disciplina de Esportes Individuais I, na qual abordava, em sua maior parte, o Atletismo. Através dessa experiência, segui no âmbito das pesquisas, demonstrando a importância das monitorias para a formação inicial à docência.

Em 2014, também fui monitora da disciplina de Atividades Aquáticas. Foi durante essas monitorias que descobri o gosto de trabalhar com o Ensino Superior, uma vez que acredipto muito no potencial de formar pessoas que irão formar outras pessoas.

Em 2015, a curiosidade e a inquietação em relação ao atletismo falaram mais alto, portanto, fiz o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: “O ensino do atletismo nas aulas de educação física das escolas da rede municipal de Novo Hamburgo/RS no ano de 2015”.

Esse trabalho também se desdobrou em algumas publicações, tais como capítulos de livros, artigos e anais de eventos.

Após a formatura, em julho de 2016, o gosto pela pesquisa me fez estudar para entrar no Mestrado, que foi iniciado em 2017 na Universidade Feevale, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Na sequência, cursei o Doutorado, nas mesmas condições anteriores. Ambos foram realizados no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social.

Durante a pós-graduação pude me aperfeiçoar e desenvolver pessoal e academicamente. A dissertação teve como título “A cidadania na formação de jovens do ensino médio no contexto escolar” e foi defendida em fevereiro de 2019. O trabalho foi publicado e apresentado em diferentes locais, constituindo-se como uma parcela importante das minhas produções, embasando meu trabalho pedagógico. Durante o mestrado, em 2018, realizei também o estágio de docência, na disciplina de Esportes Individuais I.

Em 2019, logo após a defesa da dissertação, ingressei no Doutorado no mesmo programa, também como bolsista da CAPES. Para a tese, decidi voltar ao que ainda pulsava dentro de mim: o atletismo. Dessa forma, o trabalho teve como título “(In)visibilidades do/no Atletismo: trajetórias de vida de atletas medalhistas olímpicos brasileiros” e foi defendido em janeiro de 2023. Algumas produções oriundas da tese foram publicadas e outras ainda estão sendo submetidas em revistas e eventos científicos.

Vale destacar, que com um dos artigos da tese, intitulado “O ingresso dos atletas medalhistas olímpicos no atletismo brasileiro”, fiquei em 2º lugar no VII Concurso de Artigos Científicos da Comissão do Esporte da Câmara dos Deputados, na categoria II – Esporte de rendimento e indústria do esporte, no ano de 2024. Com isso, em 9 de agosto, fui convidada a participar do programa da Rádio Câmara^[1], para falar sobre o trabalho. Em novembro de 2024, ainda, irei para Brasília receber o prêmio e apresentar a pesquisa. Tal premiação é importante

tanto para a valorização do trabalho do pesquisador brasileiro, como também para o atletismo do país, muitas vezes desvalorizado.

Durante a pós-graduação tive a oportunidade de desenvolver pesquisas que se desdobraram em publicações de artigos e anais de eventos, apresentando trabalhos em diversos locais e diferentes áreas do conhecimento. No âmbito da Educação Física, o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) recebe destaque pela sua qualificação acadêmica e científica. Dessa forma, desde o evento que ocorreu em 2019, faço parte do Comitê Científico do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) do GTT2 – Comunicação e Mídia. Atualmente estou como secretária do CBCE no estado do Rio Grande do Sul (gestão 2023-2025).

No campo pessoal, a pós-graduação foi um divisor de águas para mim. A Jana que ingressou em 2017 no mestrado se transformou completamente. Preconceitos, estereótipos naturalizados e falas embasadas no senso comum, que me acompanharam durante muitos anos por me caracterizar como uma pessoa alienada política e socialmente, agora já não tinham mais espaço nessa nova versão. É como se meus olhos se abrissem ou as vendas tivessem sido retiradas, para que eu pudesse enxergar o mundo como ele realmente é: complexo e desigual. A partir de então, surgiu uma Jana inquieta e comprometida com o social, que busca um universo diverso e inclusivo.

Após a graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado), de fevereiro de 2023 ao final de julho de 2024, atuei como professora substituta de Educação Física no Instituto Federal de Educação do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Avançado Veranópolis, trabalhando com dois cursos técnicos integrados ao Ensino Médio (Administração e Informática). Tal experiência foi muito rica e proveitosa, na qual pude colocar em prática todos os aprendizados da minha Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Certamente, a professora Janaina antes da pós-graduação e depois da pós, pode ser considerada duas pessoas completamente diferentes, já que houve um amadurecimento pessoal, social e político nesse período.

[1] Matéria: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/1087465-escolas-e-projetos-sociais-sao-portas-de-entrada-para-o-atletismo/>

Podcast da entrevista: <https://open.spotify.com/episode/0UtJNUsozEnl0TxTAt3Ew9?se=false&si=5394214763b14cde>

21. O QUE TORNA UMA MULHER “DOUTORA” OU A VIDA QUE ATRAVESSA UMA “TESE”

Aline da Silva Pinto¹

Carregar o título de Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social implica numa compreensão ampliada sobre a vida e os entrecruzamentos que nos levam à escolha de estudar relações humanas de forma tão complexa e delicada. A responsabilidade do lugar que escolhemos ocupar nos acompanha em todos os momentos da caminhada individual em conexão com as coletividades das quais fazemos parte.

A doutora que assina esse documento, é construída a partir de muitas experiências, costuradas por afetos, estudos e movimentos em direção aos processos educativos. Atuando em duas universidades, uma pública e outra privada, se dedica a formação de professores da Educação Básica, de Educação Física e Dança, bem como à Bacharéis em Educação Física. Nesses espaços distintos, trava diálogos a partir das corporeidades possíveis no mundo contemporâneo.

As pesquisas do processo de doutoramento se voltaram à mulheres acima de sessenta anos, participantes de um grupo artístico, sob o viés do corpo-gênero-envelhecimento-performance. Nesse processo de desenvolvimento intelectual, foi possível deixar-se invadir pela pesquisa, num mergulho intenso no cotidiano das mulheres, encontrando aproximações e distanciamentos do que entendemos por avançar no tempo, na idade.

As questões geracionais conectaram-se com experiências familiares importantes, sobretudo entre as mulheres, suas conquistas e dificuldades, sobre os significados de estar nesse lugar de pesquisadora. O processo investigativo conectou vida, existência e coletividade, oportunizando um espaço de troca de saberes que colocou todas como iguais.

As impermanências da vida, desdobradas na tese, trouxeram um entendimento de que nada é definitivo, tudo está em constante movimento. As perdas e ganhos do envelhecimento são partes do desenvol-

¹Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: alinepinto@feevale.br

vimento humano que só se findaria com a morte. Será? Entendendo que trazemos hábitos, sorrisos, palavras que nos foram ditas por quem amamos e temos como referência, a morte pode não ser o fim, mas uma “passada de bastão”, como numa corrida de revezamento do atletismo. Talvez essa seja uma forma de permanecer!

Cada etapa de elaboração da pesquisa foi orientada e debatida com um professor direto e sensível, mesmo que pareça difícil entendermos esses dois adjetivos aproximados, é possível com o Dr Gustavo Roese Sanfelice. Esse não foi um caminho simples, pois o encantamento com a pesquisa se depara com alguns pontos irrevogáveis da construção de uma tese.

Desde o início o valor atribuído ao Doutorado era imenso, a vontade de estudar e seguir o caminho de crescimento dos professores universitários se tornava cada vez maior. A seleção foi difícil, as seleções anteriores também... foram cinco tentativas em diferentes universidades, até que a porta se abriu. Uma lacuna de oito anos separou o término do mestrado e o início do doutorado. O recheio desse tempo foi preenchido com muito trabalho, o trabalho dos sonhos, como professora no ensino superior.

O Mestrado em Educação permitiu a entrada nesse posto de trabalho, possibilitou novos estudos com relação a Dança-Educação-Gênero, sob orientação da Dr Ana Maria Colling, mulher inspiradora que fomentou meu interesse pela busca de igualdade de direitos entre mulheres e homens. Entrar no curso de mestrado, também foi muito difícil, muitas seleções até o aceite.

Uma vida de muito trabalho na Educação Básica, precedeu esse período, quarenta horas semanais envolvem os professores profundamente e buscar novos projetos e sonhos pode demorar um pouco. Há muita felicidade na escola, há muita vida na escola, há possibilidades de pesquisa na escola...demoramos a perceber ou talvez não seja possível reparar nisso quando o trabalho é precarizado e as remunerações não permitem nada perto da plenitude de um ser humano. Afinal é preciso algum encantamento pra estar lá!

Nesse período, as aulas de dança se mesclavam as aulas na escola, um espaço de respiro com a arte, que possibilitava olhares mais indivi-

dualizados às crianças, impulsionados pelos estudos de especialização em Educação Psicomotora, um período de envolvimento com a Psicanálise e a Psicomotricidade. Cada leitura, mesmo que muito complexas me preenchiam de certezas e novas dúvidas. Mas a alegria de estar estudando era pulsante.

A felicidade por estudar era muito presente na Graduação em Educação Física, os colegas e amigos, os professores e salas de aula. Sim, ter professores presentes e bem pagos, salas de aula limpas e organizadas, são surpresa para uma menina que estudou em escola pública, nascida na periferia de Porto Alegre-RS.

Mas, afinal de contas, o que torna uma mulher doutora? Uma vida de histórias, afetos, lutas, erros e acertos. Nesta doutora, uma mãe de muita força, um pai encorajador; consciência de classe e estranhamento do que parece óbvio, atenção à diversidade e respeito a pessoa humana. Por fim, a certeza da impermanência e da incompletude.

22. DA TRAJETÓRIA INDIVIDUAL À PESQUISA: UM PERCURSO PESSOAL E ACADÊMICO NA CONSTRUÇÃO DAS CATEGORIAS

Darlâ de Alves¹

No exercício da reflexão sobre a minha trajetória acadêmica percebo o quanto cada etapa percorrida colaborou para a experiência deste momento atual. E na indissolubilidade do pesquisador para com a pesquisa, sinto que também investigo sobre mim, quando reflito o quanto os indivíduos LGBTQIAPN+ são afetados pelas desigualdades produzidas a partir da masculinidade heterocentrada.

Ao iniciar a prática esportiva de voleibol, ainda quando criança, ouvia muito a frase “ataca que nem um homem” sempre dita pelo professor de educação física, para meninos e até mesmo meninas, com idades entre 8 e 10 anos, que treinavam voleibol na escola onde eu estudava. Todos naquele ambiente recebiam aquela frase, como uma cobrança habitual que desenvolvia estímulo a fim de potencializar o fundamento do ataque.

Hoje, percebo que a todos os envolvidos naquele cenário a frase produzia diferentes efeitos de sentido, porém historicamente uma mesma afirmação, a masculinidade heterocentrada. Segundo (Louro, 1999) os processos de construção de sujeitos compulsoriamente heterossexuais se fazem acompanhar pela rejeição da homossexualidade orquestrados pela heteronormatividade.

Há de se considerar o recorte tempo e espaço, ambiente escolar, de periferia, onde meninos e meninas treinavam juntos no final da década de 1990 e início da primeira década dos anos 2000. E mesmo em uma modalidade esportiva considerada oposta ao futebol, que era o símbolo do masculino, no voleibol, preferido pelos grupos mais frágeis, o padrão de masculinidade heterocentrada era o condutor técnico. Ao olhar dos meninos, assim como eu, todos reagiam de imediato à frase dita pelo professor em razão do medo de serem caracterizados inferiores ou como não suficientemente masculinos. Mesmo os sujeitos que, na fase adulta,

¹ Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: darlancb01@gmail.com

viriam a se reconhecer indivíduos LGBTQIAPN+. Neste cenário, a performance de gênero segundo Butler (2007) organiza as ações e os movimentos corporais de forma a manter o padrão estabelecido ao grupo, reafirmando a masculinidade desejada como condução.

Para as meninas esta frase representava o incentivo a busca pelo padrão masculino de execução do fundamento. Ao mesmo tempo que se uma delas chegasse próximo a este padrão de execução era considerada uma ameaça. Você tem de objetivar isso, mas dentro do lugar que você ocupa. Cenário de reprodução de desigualdades de gênero, que regulam as organizações sociais, mesmo nas sociedades contemporâneas.

Por meio das análises de gênero pode-se identificar as relações de poder, as relações de força e padrões de comportamento de masculino e feminino. E assim, o professor conduzia os estímulos de liderança, potência e virilidade na equipe masculina, trazendo para a norma o sujeito fora do eixo. Eliminando nos meninos qualquer desvio que pudesse caracterizar um gestual feminino ou dito inferior. O estímulo à busca por este padrão masculino junto a equipe feminina, porém de forma controlada.

Guacira Louro (2009) afirma que a heteronormatividade se define por uma norma compulsória à heterossexualidade, apoiada na ligação entre sexo, gênero e expressão da sexualidade. Havendo uma intenção social em predeterminar identidades. Em seus estudos, a autora nos mostra que os processos de constituição de sujeitos heterossexuais perpassam os diferentes grupos sociais. Onde os sujeitos do gênero masculino são cobrados por essa padronização. Força e virilidade são colocadas como troféu, na intenção de afirmação deste sujeito heterosexual. Geralmente branco, cristão, urbano e de classe média. Aos que não se encaixam neste padrão, eram denominados desviantes. Estimulando a diferenciação e produzindo a misogenia e a homofobia (Louro, 2009).

Importante ressaltar que os sujeitos LGBTQIAPN+ se constituem a partir da imposição social de um modelo binário heteronormativo. Nas famílias tradicionais, a figura do pai e da mãe, referenciam o masculino e o feminino. Não sendo permitido que crianças e adolescentes possam vivenciar a construção das suas identidades LGBTQIAPN+. Este cercamento influencia diretamente nas práticas sociais destes indivíduos, que seguem a padronização de seus grupos sociais compostos por um emaranhado de pessoas que entre si, criam, dão vida e consolidam relações interpessoais e interdependentes, por seguinte formam a sociedade.

Não há sociedade sem indivíduos e um inexiste sem o outro, tanto que cada ser humano é criado por outros, representando este, um papel social no qual o indivíduo crescerá dentro dos hábitos e crenças de uma família e de uma dada região, portanto, como afirma Elias (1994).

A escola é o primeiro ambiente social fora do círculo familiar que os indivíduos frequentam. Por ser um espaço de todos e para todos deveria valorizar a diversidade nos mais diversos sentidos e expressões. Quando reflito sobre a minha vivência como aluno na educação básica, lembro que gênero e sexualidade nunca foram conceitos integrantes de alguma aula das quais participei. Eram utilizados somente para piadas, ridicularizar algum ato ou uma pessoa, enfim, episódios de violência verbal e psicológica. Cometidos por alunos/colegas e também por professores. De forma a intimidar qualquer ação de expressão homossexual nos indivíduos. Louro (2000) diz que a homofobia é aceita e ensinada dentro da escola, sendo que o isolamento, o desprezo e a “imposição do ridículo” são algumas de suas formas manifestadas.

Relembro aqui outra vivência do período escolar que suscita algumas reflexões. Sempre gostei de cantar e dançar, e escondido dos meus pais, com o apoio de algumas amigas, dançava com pequenos grupos, nas casas de algumas delas. Na escola fui convidado para integrar o coral e o grupo de dança, porém o medo relacionado a, como as expressividades que estas formas de arte pudessem revelar a minha, ainda iniciante, identidade LGBTQIAPN+ para minha família e para o grupo social que eu convivia, sempre me fizeram recusar a estes convites. Se a partir do que eu digo, eu produzo uma imagem pessoal perante ao grupo social que eu vivo, associado ao modelo coletivo deste grupo, conduzo meu corpo a interpretar um personagem, performando para outros que eu imagino que esperam certas atitudes de mim.

Percebo hoje que durante o período da adolescência e ao adentrar a fase adulta, esta performance heteronormativa balizou as minhas escolhas nos espaços por onde perpasssei. A escolha do curso de graduação e a via profissional vieram pela vivência e identificação com a modalidade esportiva que eu praticava, o voleibol. O que me leva a refletir que diversas outras escolhas durante a minha trajetória podem ter sido realizadas com base nas vivências que obtive no período escolar. E como as trajetórias de tantos indivíduos LGBTQIAPN+ seguem este mesmo curso.

Nas modalidades esportivas coletivas, como nos grupos sociais, há de se seguir os padrões de comportamento comuns ao coletivo. A performance de gênero, segundo Butler (2007) está na internalização de práticas sociais dinâmicas que organizam a maneira de ser, portar-se, andar, falar, manter o corpo, entre outros, a fim de reafirmar a masculinidade heterocentrada para a aprovação do grupo que se está inserido.

O esporte tem representado, e assim denunciando, as desigualdades de gênero, visto que é um campo amplamente dominado por homens. E estas têm sido expressas na redoma de um binarismo do masculino para o feminino. Nesse sentido, segundo Goellner (2013), os estudos envolvendo gênero e esporte iniciaram em torno da década de 1970 na Europa e Estados Unidos. No Brasil, ainda de acordo com a autora, foram iniciados a partir da década de 1980 e desenvolvidos, em grande maioria, vinculados à pós-graduação na área da Educação.

Em conjunto com o processo de compreensão sobre a generificação das práticas esportivas, Goellner (2013) nos mostra que o esporte é um ambiente sexuado, pois pessoas de ambos os性os podem participar, visto que são manifestadas identidades femininas e masculinas nas práticas exercidas. Com os estudos de gênero, somados com os do movimento feminista, Goellner (2013) alega que foram identificados que corpos, gestos, representações de beleza, desempenho e saúde foram historicamente construídos, nas mais variadas culturas e tempos, sendo associadas às mulheres e aos homens. Nesse sentido, a autora nos ajuda a compreender que os processos de generificação são contínuos no esporte, pois são reproduzidas, produzidas e sustentadas inúmeras vezes as feminilidades e masculinidades.

O trabalho de Camargo e Kessler (2017) nos mostra que os limites do binarismo masculino/ feminino são aceitos de forma razoável, deixando de fora todo o restante dos corpos que não se encaixam neste contexto. Além disso, os autores evidenciam em suas análises, por exemplo, que sobre as atletas mulheres recai uma necessidade de se esforçar-se mais para se destacarem em meio a determinadas práticas viris. Para Camargo e Kessler (2017) quando se opta por abrir o leque de gêneros, estes são considerados como sub categorias de classes menores e de legitimados comparado ao ambiente de virilidade e eficácia alinhado com a heteronormatividade.

Escolhi o voleibol como modalidade esportiva a ser praticada para me diferenciar dos demais meninos que optavam pela futebol na expressão da masculinidade. Na minha família não havia nenhum atleta, tão pouco alguém que praticasse por lazer ou assistir a jogos de voleibol. Fiz esta escolha para ser diferente, mesmo com pouca idade, já sentindo que viver a diferença seria o meu destino.

Minha trajetória profissional e acadêmica inicia no ano de 2006 com o ingresso no curso de Educação Física Licenciatura na Universidade Feevale. Ali busquei inspiração e conhecimento para atuar como professor deste componente para alunos da educação básica. Ao finalizar esta etapa, no ano de 2012, iniciei a busca pela pós-graduação, incentivado por um professor do curso de graduação em Educação Física, o qual me faz privilegiado em tê-lo, hoje, como orientador nesta pesquisa.

As vivências no campo profissional trouxeram o desejo em compor um projeto de pesquisa para o mestrado a partir de uma temática na área da educação. Projeto este acolhido, no final do ano de 2015, na área de planejamento urbano, juntamente com a oportunidade de bolsa de estudos para o ingresso no curso de mestrado. Iniciado no ano de 2016.

A pesquisa com a temática de educação para as relações étnico raciais como forma de desenvolvimento regional me fez vivenciar o curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara-RS (FACCAT). O aprendizado oportunizado pelas disciplinas cursadas, bem como, as experiências junto ao grupo de pesquisa da linha Territórios e Reordenamento Urbano e Regional, auxiliaram no desenvolvimento do estudo. Destaco aqui uma experiência de grande aprendizado, a oportunidade de intercâmbio internacional realizado no mês de novembro de 2016 na Universidade Trás dos Montes – UTAD, no Vale do Douro, Portugal.

A dissertação apresentada, no dia 06 de abril de 2018, expôs um estudo sobre a aplicação da Lei 10639/2003 junto a uma rede de ensino de um município do Vale do Sinos, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. A normatização federal, citada anteriormente, traz a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica. Através da observação participante acompanhei, no ano de 2017, o curso de formação continuada oferecido pela Secretaria Municipal de

Educação em parceria com as Faculdades EST, objetivava dar subsídios aos docentes sobre a temática educação para as relações étnico raciais. E tinha como contrapartida, por parte de cada docente participante, a aplicação dos conhecimentos adquiridos junto ao curso, em forma de projeto dentro da sua instituição de ensino.

A pesquisa de mestrado acompanhou o desenvolvimento do curso de formação continuada e as oficinas de disseminação da temática. Analisando os projetos desenvolvidos nas instituições de educação básica, por cada um dos docentes participantes do curso. Como sugestão foi apresentado na dissertação um modelo de projeto para a abordagem da referida temática em níveis institucionais individuais e coletivos, tais como redes de ensino da educação básica, como forma de desenvolvimento local e regional. Esta experiência me impactou de forma pessoal. Os conhecimentos absorvidos neste processo, bem como as discussões acerca da temática de história e cultura africana e afro-brasileira, produziram um ressignificar da minha negritude. E potencializaram a minha identificação como um homem preto.

Após a conclusão da etapa do mestrado senti a necessidade de complementar a minha formação de base que é a educação física. Ampliando a atuação no mercado de trabalho. Iniciei, ao final do ano de 2018, o curso de graduação em educação física bacharelado. Concluindo-o no início do ano de 2021.

Em meio aos desafios do período pós-pandemia, mais precisamente no mês de agosto de 2021, retornei ao local de início de minha trajetória acadêmica para vivenciar mais um grande desafio. O ingresso junto ao curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale.

Os conhecimentos desenvolvidos nas disciplinas cursadas nos dois primeiros semestres do curso auxiliaram a contextualização da proposta de pesquisa para a tese em diversos aspectos, de forma a qualificar o pesquisador e o projeto. A disciplina de Processos de Pesquisa auxiliou na identificação do objeto de pesquisa deste projeto de tese, bem como os objetivos que serão apresentados. Na disciplina de Tópicos Especiais em Saúde e Qualidade de Vida realizei um primeiro contato com o campo de pesquisa, utilizando o método de entrevista para captar aspectos de

qualidade de vida sob a ótica de uma atleta transsexual da modalidade de voleibol. Trabalho apresentado no Seminário de Pós-Graduação da Universidade Feevale no ano de 2022.

As disciplinas de Seminários Avançados de Pesquisa, Estudos Avançados em Diversidade Cultural e Leituras Orientadas trouxeram múltiplos aprendizados caracterizando a forma interdisciplinar da pesquisa, para melhor compreensão do objeto e do campo.

O terceiro semestre do curso de doutorado teve início em agosto do ano de 2022. Nesta etapa tive a oportunidade de cursar uma disciplina como aluno especial no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. A disciplina Seminário Avançado Corpo e Gênero discutiu os fundamentos que sustentam corpo como uma produção sócio história e gênero como regulador social e cultural. Ampliando a visão do pesquisador sobre o campo e o objeto da pesquisa. Objeto este que é composto por um grupo de atletas LGBTQIAPN+ da modalidade de voleibol, integrantes de uma equipe poliesportiva para a diversidade da região do Vale do Sinos, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

A escolha do objeto de pesquisa deste projeto de tese vem pela minha participação como atleta da equipe competitiva de voleibol do Thunders, primeira equipe LGBTQIAPN+ da região do Vale do Sinos, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. O primeiro contato com a equipe aconteceu no ano de 2018 através de alguns amigos que também praticavam voleibol e tinham o intuito de competir em nível amador.

O convite para a integrar o grupo do Thunders aconteceu no ano de 2019. Desde então, as vivências junto ao grupo competitivo de atletas LGBTQIAPN+, sejam em treinamentos ou competições, despertaram o interesse em problematizar e discutir alguns conceitos que compõem os discursos e atravessam as trajetórias destes indivíduos.

Esta temática relaciona-se com a linha de pesquisa Saúde e Inclusão Social do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale. As pesquisas desenvolvidas nesta linha buscam investigar as interfaces entre o estado, os movimentos sociais, as linguagens, a economia, as tecnologias da informação, as políticas públicas e a inclusão social, totalmente interligados com as características das sociedades contemporâneas e os processos de homogeneização e hete-

rogeneização culturais (Feevale, 2021). Integrando aspectos de “ordem econômica e social que estão imbricados na forma como os sujeitos [...] constroem representações de si e dos outros, produzem discursividades, afirmam identidades e dão sentido e concretude às suas ações, sejam essas manifestas em nível micro ou macrossocial” (Feevale, 2021).

O desenvolvimento deste estudo traz a oportunidade de registrar, analisar e discutir mais uma etapa desta trajetória acadêmica que também é pessoal. Sendo eu um homem autodeclarado preto LGBTQIAPN+. Compondo assim mais um capítulo deste percurso de existência e resistência.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CAMARGO, Wagner Xavier; KESSLER, Cláudia Samuel. Além do masculino / feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, n. 47, pág. 191-225, abril de 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832017000100191&lng=en&nrm=iso>. acesso em 11 de agosto de 2022. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832017000100007>.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Gênero e esporte na historiografia brasileira:** balanços e potencialidades. **Tempo**, Niterói, v. 19, n. 34, pág. 45-52, junho de 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042013000100005&lng=en&nrm=iso>. acesso em 11 de agosto de 2022. <https://doi.org/10.5533/TEM-1980-542X-2013173405>.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Heteronormatividade e homofobia.** In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009. v. 32. p. 85-93.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos** Organizado por Michael Schröter. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

Feevale. **Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social,** 2021. Disponível em: <https://www.feevale.br/pos-graduacao/strictosensu/programa-de-pos-graduacao-em-diversidade-cultural-e-inclusao-social>. Acesso em: 7 dez. 2021.

23. PESQUISA CIENTÍFICA: O RELATO DE UMA TRAJETÓRIA ACADÉMICA NO UNIVERSO DA INTERDISCIPLINARIDADE

Michele Barth¹

Já ouvi de várias pessoas que na vida nada acontece por acaso. Às vezes as coisas ocorrem por algum motivo especial, sendo acompanhadas de grandes aprendizados que moldam nosso jeito de ser e ver o mundo. Dou início ao relato de minha trajetória acadêmica de pesquisa com estas palavras, pois, ao olhar para trás e observar minha trajetória pessoal, houve um determinado momento em que a vida me oportunizou um novo caminho a percorrer. Esta oportunidade ocorreu nos estágios finais de meu curso de graduação em Design, na Universidade Feevale. Apesar de o curso ter um currículo bem direcionado à formação de profissionais para o mercado de trabalho, não conseguia enxergar-me fora do ambiente acadêmico, pois adoro estudar e sempre fui curiosa.

Certo dia, ao longo do ano de 2013, uma colega de curso informou que em breve estaria deixando de ser bolsista de Iniciação Científica e questionou se eu teria interesse de participar do projeto de pesquisa voltado para usuários de cadeira de rodas. Até então, admito, pouco conhecia sobre bolsas de pesquisa, de extensão e tantas outras oportunidades disponíveis na Universidade para além dos tradicionais cursos. Ademais, mais raros ainda foram meus contatos com pessoas com deficiência e praticamente nada sabia sobre o tema. Esta oportunidade parecia ser um grande desafio e jamais me arrependo de ter aceitado. A partir daquele momento, sucederam-se diversos encontros com os usuários de cadeira de rodas da Associação de Lesados Medulares (LEME), de Novo Hamburgo, parceira nos macroprojetos do Grupo de Pesquisa em Design, da Universidade Feevale. A partir do ingresso

¹ Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Bolsista de Pós-doutorado Júnior (FAPERGS). Email: mibarth@feevale.br

na Iniciação Científica, realizei vários estudos, cujo principal enfoque era a promoção da saúde e qualidade de vida através da ergonomia. Para deixar evidente esta trajetória no universo da ciência transcrevo sucintamente minha caminhada desde a Iniciação Científica até o presente momento.

Iniciação Científica (2013-2014): Durante o período de um ano e meio, como bolsista de Iniciação Científica, dei prosseguimento aos estudos que já vinham sendo realizados no macroprojeto institucional intitulado “Acessibilidade para cadeirantes: da casa ao trabalho”. Em 2014, com o auxílio da manta de pressões CONFORMat^[1], da Tekscan, realizei a primeira avaliação de pressões dos usuários sobre o assento e o encosto da cadeira de rodas. Este estudo^[2] evidenciou a importância do uso de almofada sobre o assento da cadeira de rodas para reduzir o risco de desenvolvimento de lesões por pressão.

Trabalho de Conclusão de Curso em Design (2014): Após as disciplinas de ergonomia do curso de Design, questões ligadas ao trabalho começaram a despertar meu interesse, pois percebi que intervenções ergonômicas nas atividades e nos postos de trabalho poderiam melhorar consideravelmente a saúde e a qualidade de vida dos trabalhadores. No trabalho de conclusão de curso, optei por analisar as condições de trabalho na agricultura familiar em virtude de ser filha de agricultores e já ter vivenciado esta realidade. Graças à inserção na pesquisa científica, acabei investigando questões muito além das áreas que compreendem o design e a ergonomia. Além do trabalho de conclusão de curso, cujo resultado foi o projeto de um produto ergonômico – a enxada (produto inovador com depósito de patente), publiquei outros três artigos^[3] onde abordo as condições do trabalho na agricultura familiar e a interferência na saúde e qualidade de vida dos trabalhadores.

Mestrado (2015-2016): Ao ingressar no mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social, da Universidade Feevale – inclusive com a honra de ser contemplada com bolsa da Capes – dei continuidade ao estudo realizado enquanto bolsista de Iniciação Científica. A dissertação^[4] intitulada “Parâmetros ergonômicos e de conforto para usuários de cadeira de

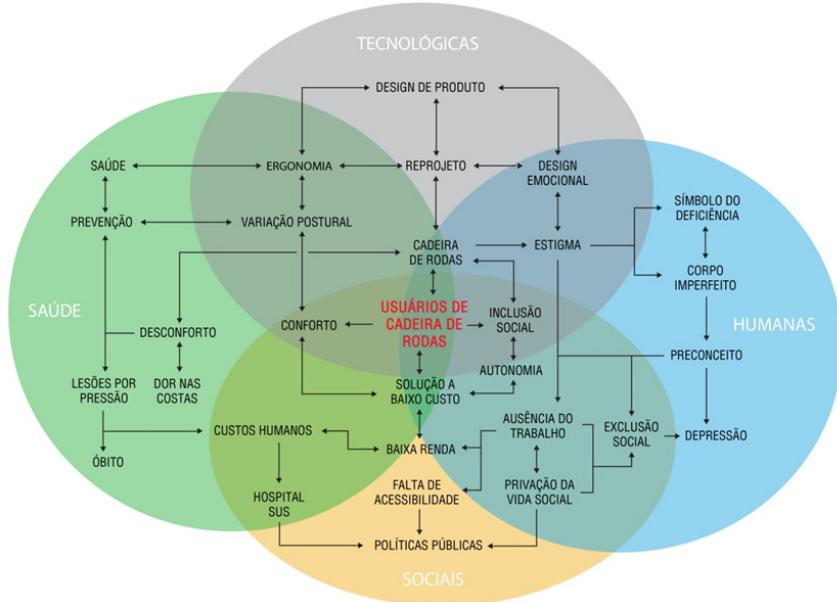
rodas: um enfoque para saúde e inclusão social” integrava o macroprojeto institucional “Desenvolvimento de produtos e adaptações ergonômicas para a cadeira de rodas”. Nessa pesquisa foram estabelecidos diversos parâmetros ergonômicos e de conforto que são requisitos imprescindíveis para o reprojeto de cadeiras de rodas visando reduzir a incidência de lesões por pressão, melhorar a saúde e a qualidade de vida dos usuários.

Doutorado (2017-2021): Ingressei para o doutorado com toda uma bagagem de vivências e experiências junto ao público usuário de cadeira de rodas oportunizado pela convivência e integração do Grupo de Pesquisa em Design com os associados da LEME. Ao longo desses anos frequentando a Associação, tivemos momentos focados em pesquisa e períodos de descontração. Impossível esquecer a tarde em que estávamos descansando durante um intervalo entre coleta de dados e alguns associados procuraram nos ensinar como executar a manobra de empinar a cadeira de rodas, “aula” que rendeu muitas risadas pela nossa falta de habilidade. Houve, inclusive, várias horas de conversa informal durante os almoços no local. Os períodos de coleta de dados se tornaram tão especiais pelas amizades conquistadas no período que, no último dia de pesquisa em campo – que encerrava o ciclo de coleta para um dos macroprojetos do Grupo de Pesquisa em Design, ao final do ano de 2016 – foi promovido um churrasco de encerramento da pesquisa por iniciativa dos usuários de cadeira de rodas. Após este momento passamos a eventualmente retornar a Associação, mas sempre fomos calorosamente recebidos. Os momentos de diálogo casual com os usuários de cadeira de rodas puderam ser retomados com mais frequência somente no início de 2019, durante as coletas de dados do projeto institucional “Tecnologias Assistivas para prevenção de Lesões por Pressão: um enfoque para pessoas acamadas, com mobilidade reduzida e usuários de cadeira de rodas”. Através das experiências em campo, asseguro que os momentos mais importantes e significativos foram aqueles permeados pela simplicidade da conversa informal, que oportunizaram a obtenção de informações que talvez jamais seriam reveladas por instrumentos formais de pesquisa.

A experiência de trilhar o caminho da pesquisa fez despertar não somente meu perfil de pesquisadora – que eu já tinha e não havia me

dado conta – mas também fez com que deixasse de observar os problemas somente pela ótica do design de produtos, direcionando meu olhar para o sujeito usuário de cadeira de rodas, bem como, para a trama interdisciplinar em sua volta, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Fluxograma da interdisciplinaridade do tema de pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Ao longo da Iniciação Científica e do Mestrado o foco esteve voltado para minha área de formação no Design, que compreende as Exatas e Tecnológicas, onde os estudos se concentraram no conforto e bem-estar das pessoas com deficiência física em função do uso da cadeira de rodas. Com enfoque na cadeira de rodas como tecnologia assistiva, transitei principalmente pelas áreas da saúde e humanas. Ao ingressar no doutorado, conjecturei, inicialmente investigar a influência do design emocional das cadeiras de rodas na estigmatização do usuário e em sua exclusão social, que compreenderia as áreas tecnológicas e humanas. No entanto, uma importante área dessa trama ainda não estava sendo abordada, a área das ciências sociais, com enfoque para o trabalho como

sendo uma das principais formas de inclusão social das pessoas com deficiência. Esta mudança de percepção ocorreu em meados do período do doutorado, onde observei que inúmeras demandas relatadas pelos cadeirantes, durante a pesquisa de mestrado e em conversas informais no campo de estudo, não poderiam ser solucionadas unicamente com o redesign da cadeira de rodas.

Ao refletir sobre inclusão desse público no mercado de trabalho, voltaram à memória alguns momentos de inserções em campo, onde constatei que os usuários de cadeira de rodas que mantinham uma ocupação (seja formal ou informal) se mostravam mais participativos e bem-humorados durante as conversas, quando comparados àqueles sem ocupação e que dependiam unicamente da aposentadoria por invalidez garantida pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Enquanto realizava a análise dos dados da dissertação, também já havia chamado atenção que a maioria dos participantes em idade ativa não estava trabalhando. Intrigada, optei por retomar e aprofundar a temática do trabalho como meio de promoção da saúde, bem-estar e inclusão social das pessoas com deficiência motora, onde, nesta tese, o enfoque será especificamente em usuários de cadeira de rodas. Essa abordagem de pesquisa está em consonância com a área de concentração do Programa de Pós-graduação (PPG) em Diversidade Cultural e Inclusão Social, contemplando aspectos de ordem econômica e social na forma como os usuários de cadeira de rodas se representam e afirmam sua identidade perante a sociedade.

Concluo o doutorado em 2021, com a tese^[5] intitulada “A centralidade do trabalho para usuários de cadeira de rodas: a percepção dos que se encontram em condição de exclusão do mercado formal”. No que tange aos resultados deste estudo, evidencia-se que o trabalho é central na vida dos usuários de cadeira de rodas, os quais, mesmo em condição de exclusão do trabalho formal, permanecem atuando em atividades que lhes conferem sentido, autoestima e identidade. A cadeira de rodas se mostrou essencial para a autonomia e a inclusão social das pessoas com deficiência motora, mas que exclui seus usuários pelo descaso com a acessibilidade e pelo capacitismo da sociedade.

Em paralelo surge no Grupo de Pesquisa em Design a ideia de promovermos um evento para oferecer mais identidade e estilo às cadeiras de rodas. Assim, em 2019, 2022 e 2024 tive a oportunidade de integrar a equipe organizadora do Evento “Estilizando sua Cadeira de Rodas”, na Universidade Feevale. A ação conta com oficinas de criatividade onde a comunidade acadêmica, cadeirantes e seus familiares participam na customização das cadeiras de rodas. O evento culmina com um grande desfile representativo das ideias, preferências e características da identidade dos participantes.

Pós-Doutorado Voluntário (2022-2023): Após finalizar o mestrado e o doutorado onde minhas pesquisas até então estiveram vinculadas aos macroprojetos institucionais do Grupo de Pesquisa em Design, optei por realizar uma Estágio Pós-doutoral de forma voluntária, também dentro PPG em Diversidade Cultural e Inclusão Social, na Universidade Feevale. Esta era a oportunidade de retomar os estudos na área da agricultura familiar, que havia iniciado em 2014 no final de minha graduação. Vinculada à linha de pesquisa em saúde e inclusão social, a pesquisa teve o objetivo de analisar o contexto de saúde e trabalho na realidade da agricultura familiar. Os resultados demonstram uma série de fatores que influenciam no trabalho agrícola, desde o significado e a importância desta setor para os trabalhadores, que está relacionado à remuneração financeira, à organização do tempo de trabalho e contato com a natureza; até os fatores de risco para a saúde, que se relacionam às características inerentes ao desempenho das atividades nas pequenas propriedades rurais, envolvendo o manuseio de cargas, adoção de posturas adequadas e o risco de acidentes, os quais estão relacionados ao uso de ferramentas e objetos cortantes, ao uso de máquinas e implementos agrícolas e ao risco de injúrias causadas por animais.

Pós-Doutorado Júnior FAPERGS (2024- 2026): No início do ano de 2024 surgiu a oportunidade de uma bolsa para desempenhar o pós-doutorado no macroprojeto institucional de pesquisa intitulado “Validação de um Jogo Digital para Avaliação das Funções Executivas em Crianças do Ensino Fundamental I”^[6], a qual fui convidada pela minha expertise na área de Design e pesquisa científica. Neste projeto temos a oportunidade de modernizar os tradicionais testes de avaliação neuropsicológica em

papel e caneta para a ludicidade de um jogo digital. A equipe multidisciplinar, é composta por pesquisadores e alunos de iniciação científica da Psicologia, Ciências da Computação, Design e Jogos Digitais trabalham juntos para o desenvolvimento de um produto.

Destaco que em minha trajetória acadêmica estive bastante vinculada ao PPG em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Os participantes de minhas pesquisas (trabalhadores da agricultura familiar, pessoas com deficiência, minorias sociais, crianças...), podem parecer muito diferentes entre si se olharmos por uma ótica disciplinar. Contudo, na interdisciplinaridade, todos pertencem à grande área das ciências sociais e pelo PPG estão interligadas pela diversidade e inclusão social.

De maneira geral, entendo que a pesquisa científica, por si só, possui características que exigem que o pesquisador busque conhecimentos em diversas áreas disciplinares. Contudo, as expertises desenvolvidas dentro desse PPG ultrapassam as áreas disciplinares, exigindo que alunos e pesquisadores exercitem continuamente a trama da interdisciplinaridade. Desenvolver pesquisas de âmbito social requer que façamos conexões com os mais diferentes temas. Por vezes parece desconexo, outras vezes, faz total sentido. Porém, ao olhar a “teia” interdisciplinar de cima, nos damos conta de que tudo está interligado direta e indiretamente. Exercitar a interdisciplinaridade é fazer com vejamos a sociedade com mais clareza em sua complexidade.

NOTAS

^[1] A manta para medição de pressões (CONFORMAT) foi adquirida através de fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), pelo macroprojeto de pesquisa número 46.39.10.1444, intitulado “Acessibilidade para cadeirantes: da casa ao trabalho” aprovado sob o CEP 6.12.01.10.1867.

^[2] O trabalho intitulado “Úlceras de pressão em cadeirantes: uma abordagem para reprojeto de design ergonômico” foi destaque na Feira de Iniciação Científica do Inovamundi 2014, e encontra-se publicado no Livro de Destaques da Feira de Iniciação Científica 2014.

^[3] Artigo intitulado “Características do trabalho na agricultura familiar e sua influência na emigração dos jovens”, publicado na Revista Iluminuras, em 2016; artigo “Agricultura familiar: características ergonômicas das atividades e impactos na saúde dos trabalhadores”, publicado na Revista Estudos Sociedade e Agricultura, em 2016; e artigo “*Work and Successful Aging Process: An Approach to Family Farming*”, publicado na *International Journal of Advanced Engineering Research and Science*, em 2019.

^[4] A dissertação, defendida em fevereiro de 2017, encontra-se disponível online no acervo da biblioteca da Universidade Feevale e no catálogo de dissertações da Capes.

^[5] A tese, defendida em março de 2021, encontra-se em fase de publicação dos artigos referente aos resultados da pesquisa e, por isso, ainda não está disponível na íntegra para consulta.

^[6] O projeto conta com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) sob processo de número 23/2551-0002012-2.

24. NO RIO DAS MINHAS MEMÓRIAS: A CONSTRUÇÃO DE QUEM EU SOU

Mara Nelise Ferreira Corrêa¹

Eu, Mara Nelise Ferreira Corrêa, nasci de bons pais, recebi, portanto, uma boa educação, ao alcance de tudo o que eles podiam me oferecer. Essas instruções me ajudaram na orientação de tomada de decisões, mas confesso que nem sempre acertadas, mas ainda assim um registro de minhas experiências ao longo da minha vida. O registro que faço dos caminhos percorridos e que me trouxeram até aqui são os mais marcantes, assim, vou construir um mosaico de quem eu sou, porque, ao longo dos meus 57 anos de idade ainda sinto que estou em processo de construção, o que me mantém em contínuo movimento em relação à construção da minha narrativa, por isso repito Munduruku, que diz:

gosto muito de histórias. Histórias moram dentro da gente, lá no fundo do coração. Elas ficam quietinhas num canto. Parecem um pouco com areia no fundo do rio: estão lá bem tranquilas, e só deixam sua tranquilidade, quando alguém as revolve. Aí elas se mostram [...] (Munduruku, 2009, p. 7).

Compreender esse processo me permite mergulhar no “rio de memórias passadas” e, ao revolver essas águas, entender o que me faz ser “quem eu sou”. Minhas experiências me ensinaram que mudanças são como o rio e seus saberes, que se materializam em nossas histórias e, portanto, estar atento a esse fluxo que nos revela outras perspectivas, outras possibilidades, é deveras importante. Se elas dão medo, sim com certeza, são desafiadoras e muitas vezes necessárias; o que vai exigir “paciência de seguir o próprio caminho de forma constante, sem nunca apressar o seu curso; perseverança para ultrapassar todos os obstáculos que surgirem no caminho” (Munduruku, 2009, p. 31).

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social.
Email: maranelise@gmail.com

Casei o primeiro e segundo grau, que hoje correspondem ao ensino fundamental e ensino médio, respectivamente, em escolas públicas. Sempre fui uma aluna discreta, observadora e com um desempenho mediano, passava mais tempo analisando o que acontecia ao meu redor do que me destacando na sala de aula. Preferia assim, a ser chamada à frente da turma por uma professora que segurava uma “palmatória” nas mãos (instrumento de punição feito em madeira), para responder a tabuada. E, infelizmente eu errava bastante.

Nesse período, o sistema educacional acabava por condenar o aluno a repetir a mesma série no ano seguinte caso esse ficasse reprovado em apenas uma disciplina. Isso foi mudando aos poucos, até que foi implantado o regime de progressão parcial (RPP) como alternativa para o aluno superar as dificuldades de aprendizagem, evitando assim seu atraso na formação escolar. Só que essa altura eu estava bem encrencada e isso me desestimulou muito em continuar os estudos.

Então, em 1984, casei-me, aos 18 anos, e fui morar em Recife capital de Pernambuco, conhecida como cidade do frevo ou “Veneza brasileira”. Desse relacionamento, tive 2 meninos, mas me divorciei após 5 anos de casamento e voltei para Belém para recomeçar minha vida. Voltei a estudar e finalizei meu ensino médio na Escola Técnica Federal do Pará – ETFPA, em 1994. Casei-me novamente nesse mesmo ano e resolvi continuar meus estudos na universidade. Prestei vestibular em 1995 e fui aprovada no curso de Letras pela Universidade da Amazônia (UNAMA), na 1^a turma de espanhol na região norte do país. Lá atuei como Monitora de Linguística, o que me ajudou a ampliar meus conhecimentos a respeito dessa ciência e como é baseada em observações e teorias sobre o comportamento verbal e não em julgamentos morais ou estéticos.

Em 1999, ano da minha formação, minha filha nasceu. Entre fraldas e livros, recordo-me da determinação necessária para concluir a faculdade, especialmente porque a gravidez trouxe riscos à minha saúde.

Havia dias em que, além dos desafios acadêmicos, era necessário levar minha filha para as aulas, pois precisava amamentá-la.

No ano seguinte, já formada, comecei a atuar como professora de Língua Espanhola para o ensino médio em duas escolas particulares, permanecendo lá por dois anos. O material com conteúdo programático da disciplina deveria ser pensado e elaborado por mim, sem qualquer ajuda por parte da escola ou de outro colega de profissão. Considero esse, um período de amadurecimento, pois precisava compreender as especificidades de cada turma, o que me oportunizou ficar mais próxima dos alunos e saber quais eram seus interesses, para então reunir materiais didáticos que atendessem suas demandas. Nas palavras do pedagogo Paulo Freire, “por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (Freire, 1998, p. 34).

Após esse tempo, passei a trabalhar em uma escola Municipal de Outeiro, Distrito de Belém, no Estado do Pará, onde permaneci por 2 anos na disciplina de Língua Espanhola para o ensino médio e pela primeira vez tive contato com o livro didático de língua espanhola. Isso foi fantástico, pois me possibilitou conhecer a estrutura e organização dos conteúdos nesse livro. Mas percebi que ainda precisava fazer adequações para questões metodológicas vivenciadas em sala. Sem ter claras essas questões, dificilmente o professor alcançará o interesse dos alunos pela matéria. Assim, para preencher essa lacuna dentro da minha formação acadêmica, me inscrevi no curso de Especialização em Língua Portuguesa: uma abordagem textual em 2002, oferecido pelo Departamento de Língua e Literatura Vernáculas do centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará – UFPA.

Seguindo meus caminhos, em meados de 2003, participei do concurso para Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC) para o cargo de professora de espanhol e fui aprovada, mas só fui empossada em 2005. Nessa época, minha segunda filha nasceu. Na SEDUC, atuei durante quatro anos e meio com o mesmo cenário que vivi na escola municipal.

Por volta de 2008, solicitei transferência à SEDUC para o município de Santarém/Pará (interior do Estado), para acompanhar meu marido que fora transferido para ocupar um cargo de Direção na mesma localidade. No ano seguinte, em 2009, foi lançado o edital para concurso de professores e técnicos administrativos para o do Instituto Federal do Pará (IFPA), campus Santarém. Assim, outra perspectiva se revelava agora em âmbito federal e pensei, por que não? No edital só havia uma vaga para a área de Letras/Espanhol. Concurso tenso, pois tinha que cuidar das minhas filhas, da casa, do meu trabalho e estudar para esse concurso depois que todos dormiam.

Depois da dedicação ao processo seletivo, fui aprovada e nomeada ao final de 2009 para carreira de Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT). Foi um momento bem significativo na minha vida profissional. Meu pai foi professor de música nessa instituição, um grande exemplo para mim como pai e profissional. Era um sonho que eu nutria; poder propiciar orgulho por conta de minha conquista no concurso e receber aquele abraço forte que só ele sabia dar, ouvindo suas palavras: “Eu sabia que tu conseguirias, estou tão orgulhoso de ti”. Infelizmente meu pai já havia partido e tudo o que me restou foi conversar com a foto dele na parede da minha casa, tentando compartilhar a alegria daquele momento que ele não pôde estar presente.

Passei 5 anos trabalhando nesse campus e aprendi muito sobre a cultura santarena na festa do Sairé^[1], com Alter do Chão, uma das mais belas praias do mundo, segundo o “The Guardian”. Após esse tempo, fui transferida para a cidade de Belém junto com toda minha família. Atualmente estou no campus Belém, onde sou titular da disciplina de Português/Espanhol. Desde a nomeação até hoje, o IFPA patrocinou e proporcionou-me oportunidades para meu crescimento acadêmico e profissional.

Quando decidi cursar mestrado, entrei novamente nas águas do rio e deixei que elas me conduzissem. Encontrei algumas instituições de ensino, mas a atração pela Universidade Feevale, na cidade de

Novo Hamburgo, no estado do Rio Grande do Sul, foi mais forte e decide que era ali que eu cursaria o Mestrado Profissional em Letras, na linha de pesquisa Língua e Literatura: linguagens em contexto. Participei da seletiva do Programa em junho de 2018 e fui aprovada, imediatamente providenciei nova mudança, agora para bem longe de minha terra.

A motivação que me conduziu ao Mestrado Profissional em Letras deveu-se em função do meu interesse pela análise e produção de materiais didáticos de Língua Espanhola para o ensino médio. Meu projeto de pesquisa, sob o título “Ensino de língua espanhola: um olhar sobre a oralidade no livro *Sentidos en lengua española*”, me possibilitou conhecer quais as estratégias metodológicas adotadas para esse ensino e oferecer aos educandos a perspectiva de um aprendizado mais completo a respeito desse idioma; assim como compor alternativas que possam ajudar a encontrar soluções para preencher as lacunas que porventura pudessem surgir em sala de aula.

O Mestrado Profissional em Letras, da Feevale, possibilitou-me um melhor entendimento em relação ao ensino de línguas, especialmente no que concerne às competências e habilidades a serem desenvolvidas pelo educando ao aprender qualquer idioma. Conhecimentos valiosos obtidos durante o curso que me asseguraram aplicá-los de forma exitosa em sala de aula.

Pude vivenciar isso por ocasião da pandemia de COVID-19 que atingiu o mundo, quando houve a suspensão das aulas presenciais e as dificuldades estruturais dos sistemas de ensino (internet) diante dessa nova realidade. Nós, professores, tínhamos que dar continuidade ao trabalho fazendo adaptações do plano de aula, com o objetivo de priorizar habilidades e conteúdos específicos tivemos que encontrar estratégias metodológicas que coubessem em sala de aula virtual. Foi nesse momento que percebi que tinha em mãos um repertório rico de conhecimentos, o que me permitiu praticar estratégias metodológicas com confiança, tornando meu trabalho mais significativo.

Certa vez, durante o mestrado, ouvi um colega dizer que “quem bebe das águas da Feevale sempre volta”, guardei esse dito comigo na bagagem de volta a minha terra. Após dois anos de conclusão do mestrado, meus pensamentos (águas do rio) me trouxeram de volta à Universidade Feevale. Sim, novamente deixei-me levar rio acima e me inscrevi, em 2022, no processo seletivo do Programa de Pós-graduação Doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade – PPGDIVER – Feevale.

Após aprovação, meu propósito inicial ao ingressar nesse programa foi dar continuidade ao estudo do livro didático de língua espanhola, mas houve uma alteração na rota do rio. Recebi o convite da professora Dr^a Rosemari Lorenz Martins para pesquisar sobre curso superior inclusivo. Que grande desafio pensei, e de novo me indaguei, por que não? Assim, aceitei ser conduzida uma vez mais por ele.

Dessa forma, visando a um referencial inovador no que tange à oferta de curso superior inclusivo, tendo como orientadora a professora Dr^a Rosemari Lorenz Martins, pois o que se constata é que a educação inclusiva no Brasil requer um olhar mais diligente em relação ao currículo de ensino superior, por ainda apresentar conteúdos padronizados e direcionados às competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos aprendizes durante sua formação superior, sem considerar que esse processo ocorre de maneira singular para cada estudante, especialmente aquele com alguma deficiência.

Acredito que essa pesquisa seja importante para mudar essa realidade, o que torna um desafio na busca de estratégias que possam atender especialmente alunos de com deficiência intelectual ou cognitiva. Bauman (2001) aponta que a educação tradicional, baseada em valores estáveis e padrões fixos de conhecimento, estão se tornando obsoleta nessa sociedade fluida. Com o avanço de novas tecnologias digitais na educação, o acesso à informação tornou-se mais democratizado, no entanto, mais superficial e segmentado. As informações são constantemente atualizadas e as habilidades exigidas mudam de forma acelerada, o que requer dos educadores conhecimentos e técnicas para lidar com

as dificuldades de transmitir conhecimentos duradouros em meio a um panorama em constante mudança.

Outro fator importante é a construção de identidades saudáveis e autossoberanas. Hall argumenta que, na pós-modernidade, as identidades são cada vez mais construídas em termos de referências externas, como imagens e estereótipos da mídia. Os educadores devem ajudar os alunos a desenvolver uma consciência crítica das influências externas, incentivando-os a refletir sobre quem realmente são e a buscar identidades baseadas em valores pessoais e confiança. Isso requer um ambiente educacional que valorize o diálogo, a expressão individual e a autoestima do aluno.

De modo que, pretendo analisar os aspectos legais, formação do perfil do docente de ensino superior, o acesso à educação e a inclusão de pessoas com deficiência intelectual ou cognitiva no ensino superior em universidades comunitárias no Rio Grande do Sul, bem como investigar como esses alunos ingressam na universidade, permanecem nela e conseguem aprender para conseguir se inserir no mercado de trabalho, para contribuir com uma proposição de inserção de pessoas com deficiência intelectual ou cognitiva no ensino superior.

Percebo desse modo, que minhas pesquisas nesse campo podem ampliar e trazer novos olhares para que, de alguma forma, esse cenário possa mudar, o que me deixa segura no caminho que ainda estou construindo. É nessa perspectiva que busco fundamentar este construto, a fim de dar ampla divulgação a esse direito, visto que a instituição Feevale ensinou-me, desde o mestrado, que tudo é possível! Basta sonhar e acreditar que pode conquistar!

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

HELMAN, Cecil. **Cultura, Saúde e Doença.** – 5. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

MUNDURUKU, Daniel. **Meu vô Apolinário:** um mergulho no rio da (minha) memória. São Paulo: Studio Nobel, 2009. Disponível em: <https://is.gd/YQK3Fc>.

¹¹¹Sairé – é um evento criado pelos missionários jesuítas, responsáveis pela criação das missões pelo processo de colonização da região amazônica. Era uma forma de cativar os índios, utilizado como instrumento de dominação, de aculturação.

25. RECURSO ORIENTADOR DE COMUNICAÇÃO ACESSÍVEL PARA FRUIÇÃO DE OBRAS DE ARTE BIDIMENSIONAL A CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Lídia Cristina da Silva Agostinho¹

“As mais belas coisas do mundo não podem ser vistas nem tocadas, têm que ser sentidas com o coração”⁴

Eu, Lídia Cristina da Silva Agostinho, de 54 anos, estando a estudar no Mestrado em Comunicação Acessível da Escola Superior de Educação (ESECS) do Instituto Politécnico de Leiria (IPLLeiria), Portugal, em dupla titulação com a Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social na Universidade Feevale, Brasil, fiquei motivada para desenvolver uma dissertação de mestrado que tivesse por base as crianças e a temática da deficiência visual, por motivos pessoais e profissionais.

Concretizei o meu percurso escolar até ao 12ºano (secundário), há 34 anos, fiz formação técnica e artística em cerâmica, trabalhando posteriormente por conta própria pintando azulejos. Retomei os meus estudos em 2019 para realizar a licenciatura em Relações Humanas e Comunicação Organizacional na ESECS, do IPLLeiria, concluindo em 2022.

Por sugestão e incentivo da minha filha Beatriz, ingressei de seguida no mestrado em questão, e foi também ela que me incentivou a “agarrar” a oportunidade de estudar numa instituição fora de Portugal, sem sair do país, ou seja, na Pós-Graduação da Universidade Feevale em Novo Hamburgo, Brasil.

Sou funcionária do Município de Vila Franca de Xira desde 2003, e desde que ingressei trabalhei sempre em Serviços Educativos. Inicialmente no Museu Municipal, e desde 2010 no Serviço Educativo do Museu do Neo-Realismo, museu este cuja temática tem por base valores humanistas. Em Serviços Educativos tenho vindo a desenvolver os mais variados projetos, sempre de acordo com o tema das exposições e dos

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: liago@sapo.pt

públicos que nos visitam. Trabalhei, e trabalho com muitas crianças que nos visitam em grupos organizados, e foi exatamente esta realidade que me fez perceber que as crianças com deficiência visual (DV), cegas e/ou baixa visão, não se encontram nesses grupos, e também não visitam os museus com os seus familiares.

A lacuna comunicacional, relativamente ao que se expõe num museu e os públicos com determinadas características é ainda muito grande, e assim sendo, decidi que deveria fazer algo que aproximasse estas crianças à cultura, futuros adultos e potenciais visitantes dos museus, permitindo-lhes a mesma possibilidade que as crianças normovisuais tem de ver, conhecer, contemplar, questionar e/ou reproduzir um qualquer quadro pendurado nas paredes do museu.

A igualdade e a equidade podem parecer sinónimos, tanto é, que por vezes até se confundem, mas efetivamente não o são. A igualdade tem por base a ideia de que todos somos regidos por regras iguais, tendo por isso os mesmos direitos e deveres consoante a sociedade que habitamos. No entanto, a igualdade pode ser discriminatória porque não tem em conta as diferenças entre indivíduos. A equidade tem por base o fundamento da igualdade, mas aliada ao conceito de justiça social. Quer isto dizer que deverá de existir um equilíbrio entre as diferenças, ou seja, ter em conta que perante determinada situação tem de se reconhecer as características e necessidades individuais dos indivíduos ou grupos. Assim sendo, senti-me motivada a investigar e fomentar a inclusão consumada das crianças DV nos museus, neste caso específico, as crianças com deficiência visual e o seu direito no acesso à fruição efetiva de obras de arte bidimensional, tal como os seus pares normovisuais.

As obras de arte bidimensional poderão ser extraordinários meios de aquisição de conhecimento e de sensações, mas pouco ou nada acessíveis às crianças DV aquando de uma visita ao museu. Isto porque nos museus, onde as obras de arte bidimensional povoam as suas paredes, é recorrente um diálogo invisível entre estas e os visitantes com DV. Daí a necessidade da existência de recursos e estratégias que permitam a sua fruição a todos os públicos. Os visitantes com DV têm que lidar com várias barreiras quando visitam um museu, seja o percurso expositivo com barreiras físicas não assinaladas, os sons vindos de outras salas e que impedem a concentração no discurso do guia, ou, a óbvia inacessibilidade de poder ver uma obra bidimensional.

Tendo em conta que as obras de arte com estas características não podem ser tateadas como as obras de arte tridimensionais, tais como as esculturas, é imperativo que se potencie a disseminação e o uso de recursos acessíveis (tecnologia de apoio/assistivas) para quem deles necessita, mediando, deste modo, a comunicação entre a obra e o visitante DV. A sua ausência, também contribui para que as pessoas DV não tenham interesse em visitar os museus. Para contrariar esta situação é necessário a implementação de estratégias que promovam a acessibilidade às obras de arte, bem como a inclusão para dentro de portas de um espaço ainda considerado, por alguns intelectuais, como espaços exclusivos de elites culturais.

Atualmente, e felizmente, assiste-se a uma, cada vez maior, preocupação em problematizar e debater a questão das acessibilidades em museus, desenvolvendo e aplicando na prática meios e métodos, ou seja, estratégias e recursos que permitam uma fruição plena da experiência museal.

A presente investigação, procura conhecer que recursos de comunicação acessível existem, selecioná-los de acordo com a funcionalidade para a fruição da obra de arte, e conceber um **recurso orientador** que facilite essa fruição, o mais autonomamente possível aos públicos DV, mais especificamente ao público-alvo desta investigação, as crianças. A investigação tem também a intenção de avaliar o impacto que este **recurso orientador** terá na experiência museal destes visitantes DV ao confrontarem-se com obras de arte bidimensional no espaço expositivo de um museu.

O museu do Neo-Realismo é o cenário escolhido para desenvolver a investigação. Este museu é uma organização museológica de gestão municipal (Município de Vila Franca de Xira), mas a sua temática é de caráter internacional, uma vez que se interliga com o realismo social nomeadamente com o regionalismo brasileiro e modernismo .

A partir da função social dos museus, constante na definição de conceito de museu do International Council of Museums (ICOM), poder-se-á alcançar uma maior diversidade de públicos e a sua inclusão. Para tal é necessário que o museu adquira um conceito mais inclusivo, conceito esse que vai ao encontro do que está plasmado no documento Union of Equality – Strategy for the Rights of Persons with Disabilities 2021-2030, em que os governos da União Europeia deverão de cumprir com a

estratégia proposta (mas não vinculativa), para a inclusão das pessoas com deficiência em várias áreas da sociedade, inclusive no lazer onde os museus se inserem. Nesse sentido, e de acordo com Sanavio (2021) o museu é um espaço aberto ao público em geral e por isso não deve ser imposta qualquer restrição a nenhum visitante, ou seja, deverá de ser plenamente inclusivo. No entanto, ainda é notória a dificuldade da aplicabilidade de políticas e de legislação adequadas à temática da acessibilidade. Segundo Sarraf (2022), é importante que as políticas institucionais sejam construídas e legisladas para não haver um retrocesso, ou até mesmo, suspensão das ações de acessibilidade já existentes nos museus e espaços culturais.

É de salientar que a comunicação acessível já apresenta alguns recursos, nomeadamente os tecnológicos que possibilitam a interpretação das imagens estáticas, permitindo uma experiência museal que de outro modo seria um verdadeiro desafio à imaginação para os visitantes com deficiência visual. As tecnologias e os recursos digitais podem possibilitar, não só uma comunicação acessível, mas também uma experiência interativa e sensorial, autónoma, a esses visitantes.

No que respeita à definição do problema, ele reside originalmente na existência de uma cultura visual que predomina na nossa sociedade, o que acarreta inúmeros constrangimentos para quem não tem a capacidade visual necessária para o fazer. O problema da inacessibilidade da fruição de uma obra de arte a crianças DV na área dos museus, persiste, também, pela existência de poucas políticas a nível cultural que incentivem a uma curadoria museológica em que as obras já incluem tecnologias de apoio/assistivas, bem como a pouca disponibilidade dos profissionais de museus para pensarem e trabalharem a diversidade de características dos seus públicos.

A questão que levou à investigação: “Como potencializar a fruição da obra de arte bidimensional a crianças DV?” A resposta a este problema surge sob a forma de um **recurso orientador** que tem uma probabilidade: se o público que mais visita os museus de modo autónomo são os adultos normovisuais ou adultos DV com apoio, que gostam verdadeiramente de arte, é provável que, ao se elaborar um **recurso orientador** de fruição de uma obra de arte bidimensional, a criança DV apreenda esse modo de ver a obra, sendo no futuro um adulto que, mesmo não sendo visitante assíduo de um museu de arte, saiba como fazê-lo, e possa ser um indivíduo culturalmente incluído e com autonomia.

Os recursos pedagógicos no âmbito de um museu, partem do conceito de uma educação não formal e dependem da missão do museu, bem como da intenção dos seus dirigentes. Esta situação levanta, tal como referido, questões de inclusão, uma vez que os museus trabalham quase que exclusivamente para os públicos normovisuais, independentemente da faixa etária.

A investigação propõe a elaboração de um recurso que promova a fruição de obras de arte bidimensionais a crianças DV, revestindo-se de importância urgente, porque a sociedade tem vindo a evoluir a um ritmo alucinante na área das tecnologias, nomeadamente a da inteligência artificial (IA), no entanto a sua aplicação tem um reflexo ainda reduzido nos públicos dos museus. Dentro desta evolução, as crianças DV aprendem habilmente a usar as novas tecnologias, mas são excluídas naturalmente dos museus porque, a estes, à falta do hábito assíduo de serem visitados, acresce a lacuna da não existência de um meio que permita a fruição das suas obras de arte bidimensional. Neste contexto, a investigação pretende mostrar que através de um recurso específico dirigido às crianças DV, é possível a fruição de obras de arte bidimensional, e que se lhes incuta o potencial gosto pela arte e pela cultura.

O recurso orientador que a mestrandona desenvolveu denomina-se *Programa Obra Fruída* (POF), que terá um conjunto de ferramentas que auxiliarão autonomamente a criança DV no acesso à obra de arte bidimensional. O impacto do POF será essencialmente a nível social e cultural, uma vez que as crianças DV terão uma das maiores barreiras de inclusão nos museus, desmistificada, promovendo igualmente hábitos culturais, mostrando que o museu é um espaço de lazer, mas também de aquisição de conhecimento acessível a todos.

Nota 2:



NOTAS

¹ https://www.schoolandcollegelistings.com/PT/Lisbon/124691691033185/Col%_C3%_A9gio-Helen-Keller-Portugal

² <https://blind.se/synskadade-barn>

REFERÊNCIAS

SANAVIO, Ana Luiza. O acesso às artes visuais para pessoas com deficiência visual: estudos sobre o Pepe e o Museu Tátil da Pinacoteca de São Paulo. 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/215014>. Acesso em: 08. jun. 2023.

SARRAF, Viviane Panelli. Museus para a Igualdade – Diversidade e Inclusão Como as Premissas da Acessibilidade Cultural Corroboram com a Função Social dos Museus. 2022. Disponível em: <https://is.gd/IhZb6a>. Acesso em 08 jun. 2023.

26. MEMORIAL

Cármina Geanini Nunes Monteiro de Souza¹

“Aprender é quase tão lindo quanto brincar.”

(Fernández, 2001, p. 27)

Aquele dia da criança, há cerca de 40 anos atrás, foi marcante em minha vida. Ganhei um quadro verde, duas caixas de giz, uma branca e outra colorida. Estava realizada, pois já me sentia “a professora”. A partir daí as brincadeiras se tornaram intensas e eu reproduzia as aulas que havia tido na escola, na minha brincadeira de faz de conta.

Com o passar dos anos, a brincadeira de criança passou a tomar forma. Fiz Magistério e me formei em 1991. Em 1993 já estava dando aula, primeiro no município de Campo Bom e depois em Novo Hamburgo, onde fiquei por 30 anos. Comecei a fazer alguns vestibulares, pois era tempo de cursar a graduação. Passei no vestibular para Odontologia, o que até hoje não sei bem o porquê fiz. Não quis cursar! Depois passei em Letras, mas ainda não estava convicta do que eu queria. Resolvi fazer Pedagogia e iniciei na Feevale em 1994. Este curso foi demorado para concluir, pois no meio do caminho casei e tive minha primeira filha, Fernanda, que é uma das minhas maiores alegrias.

Sempre tive muitos alunos com dificuldades de aprendizagem e, inclusive, deficiências ou dificuldade intelectual, porém naquele período não se falava muito em inclusão. Fiz três estágios dentro do Colégio Santa Catarina e um deles foi com o grupo de Magistério falando da demanda de alunos com dificuldade de aprendizagem e da inserção de alunos numa visão inclusiva no ano de 2000. Concluí a Pedagogia como Orientadora Educacional em 2002 e no ano seguinte iniciei a pós-graduação em Psicopedagogia também na Feevale, pois me sentia incomodada com as questões da não aprendizagem.

¹Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale.
Email: carminageanini@gmail.com

Formada como Psicopedagoga Clínica e Institucional, saí com o desejo de iniciar o trabalho clínico, porém não consegui naquele momento, pois fui convidada a assumir a Coordenação Pedagógica de uma escola, necessitando de 40h dentro deste espaço para realizar este trabalho. Saindo do tempo de coordenação, dois anos depois, assumi a Sala de Recursos na mesma escola, onde realizava um trabalho pedagógico e psicopedagógico com alunos com dificuldades de aprendizagem, transtornos e deficiências. Contudo, em 2010 a Sala de Recursos é reformulada diante da lei da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, de janeiro de 2008, que deu origem a Sala de Recursos Multifuncional atendendo apenas às deficiências e Transtorno Global do Desenvolvimento, sendo separados os serviços oferecidos e direcionados às dificuldades de aprendizagem e transtornos para o Laboratório de Aprendizagem, os quais foram assumidos por mim na escola em que eu estava lotada.

A fim de atender essas especificidades, fiz uma Especialização em Educação Especial – AEE pela UFC e neste momento estava com um novo bebê, minha segunda filha, Giovanna, mais uma das minhas maiores alegrias, com a qual dividi os cuidados para com ela e os estudos. Meu motivador nesta área sempre foram as falas de Mantoan (2003), quando coloca sobre a Inclusão Escolar, tendo como referência quando diz que: “Inclusão é sair da escola dos diferentes e promover a escola das diferenças.”

Em 2015 iniciei uma especialização em Neurocognição e Aprendizagem, pela IENH. Dentre os estudos sobre Funções Executivas, atenção, memória, percepção, pude circular em meio ao conhecimento acerca de transtornos importantes que não estavam sendo percebidos e trabalhados adequadamente nas salas de aula. Dentro do Laboratório de Aprendizagem entrei com um trabalho focado nestas questões, buscando um olhar para a prevenção e para a intervenção. Dentro da clínica este conhecimento também me trouxe um amparo para as propostas psicopedagógicas, até então percebidas apenas pelo viés psicanalítico. E como diz Vianin (2013, p.33-34): “É muito comum, de fato, que a criança pense sem pensar que está pensando, assim como andar sem pensar nos movimentos e nos gestos que realiza quando se desloca.”

Parti para a área da pesquisa, estudando e escrevendo sobre a inclusão, aprendizagens e não aprendizagens , além dos atravessamentos que fazem parte deste processo. Sendo assim publiquei artigos sobre os efeitos das tecnologias na capacidade atencional, além dos direcionados à Educação Inclusiva.

Entendendo que poderia me preparar ainda mais na minha área de pesquisas e estudos, fiz o Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social (Feevale), que acrescentou imensamente na minha vida acadêmica o entendimento acerca da diversidade, da cultura e da inclusão social. Conforme coloca Sodré (2006), a diversidade humana é algo a ser mais sentido do que entendido e, esta percepção vai ao encontro do que vim construindo ao longo deste período acerca deste conceito tão importante, que se conecta com tudo o que defendo. Se for pensar em Inclusão Escolar, é preciso muita sensibilidade para compreender e conscientizar acerca da diversidade.

Com base na pesquisa intitulada “Concepções pedagógicas e epistemológicas de professores da Educação Básica do Vale do Sinos/RS, na perspectiva da Educação Inclusiva”, pude perceber que meus estudos me remeteram as minhas brincadeiras naquele quadro verde, em que eu dava a minha aula conforme havia tido com meus professores da época. Com isto quero dizer que os professores, mesmo diante de suas formações específicas continuam dando suas aulas conforme receberam um dia. Isto merece uma atenção e além disto entendimento acerca das práticas pedagógicas e das concepções epistemológicas, principalmente no que se refere a Educação Especial.

Ao falar de cultura, diversidade e inclusão, associo a minha realidade religiosa, que tem aberto portas em outros países, para que eu possa fazer parte de algumas construções educacionais e inclusivas de Guiné-Bissau, na África Ocidental. Frente ao Projeto João 3.16, que promove uma educação de relevância naquele país, um grupo de missionários, em um trabalho assistencial tem se movido em busca de uma aprendizagem significativa e inclusiva. Para isto fui convidada a participar deste processo, o que vai ao encontro das minhas propostas e de meus estudos. Assim, vejo fortemente as questões culturais tão diversas e, ao mesmo tempo tão únicas, pensando na fala de Lévi-Strauss (1970, p. 233): “Existem muito mais culturas humanas do que raças humanas, pois as primeiras se contam por milhares e as segundas, por unidades [...]”

Trabalhei na Sala de Recursos Multifuncional por 18 anos, trabalho em minha Clínica Psicopedagógica, sou palestrante e dou aula na pós-graduação Lato Sensu de Psicopedagogia no Instituto de Educação Semear. Faço parte de um grupo de Coordenadores de Cursos de Psicopedagogia, pela Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp-RS), o que tem contribuído para as discussões acerca da área e das ações do profissional. Pela mesma associação, coordeno os Projetos Sociais “Cuidar de quem cuida”, cujo trabalho tem tido visibilidade e relevância no campo de atuação psicopedagógica.

No Instituto de Educação Semear, uma instituição sonhada e construída por mim e pelo meu marido Geovane, professor e Teólogo, levantamos a bandeira da inclusão social e buscamos promover ações que conscientizem a sociedade quanto a diversidade. Junto com Geovane sou líder da Capelania Escolar em Novo Hamburgo, modalidade inserida no projeto da ONG – MPC, que resgata, dentro das escolas, crianças e adolescentes cujas vidas necessitam de um olhar atento e que os afete com acolhimento. Lutamos contra o suicídio e a depressão causada por inúmeros fatores ao longo destas vidas.

Frente a estas atribuições, senti a necessidade de, como pesquisadora que sou, buscar estudos mais aprofundados que possam me dar maior base teórica e acadêmica. Assim, estou hoje no doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão Social com o projeto de tese “Discussões em docência e construção de possibilidades na perspectiva inclusiva: uma proposta de mentoria” que se alinha com a educação do Brasil e também de Guiné-Bissau. O doutorado, cujas linhas são Linguagens e Tecnologias (minha linha de base), Inclusão Social e Políticas Públicas, Saúde e Inclusão Social, traz para minha tese um alinhamento teórico que permeia as três linhas.

Ao falar de linguagens, Bakhtin (1975) trata do discurso enquanto relações dialógicas, o que para as ações em um processo de mentoria são potentes. A interação face a face não do diálogo em si, mas com o que ocorre nele.

Conforme Benveniste (1902-1976) a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso e traz este discurso entre *En* e *Tu*, noção importante que aproxima a pesquisa no campo da mentoria desta enunciação e deste diálogo.

Hall (1932-2014), considera a cultura e suas concepções para a linguagem e suas colocações me fazem refletir acerca das contribuições na Guiné-Bissau. Santi & Santi (2008, p. 2), coloca acerca dos estudos de Hall que: “A concepção de cultura como um conjunto de significados partilhados é a origem do raciocínio de Hall (1997) sobre o funcionamento da linguagem como processo de significação”.

Ao pensar em Inclusão Social e Políticas Públicas, percebo meu objeto de investigação, que é a Inclusão Escolar, associado às questões de exclusão, inclusão, diversidade e desigualdade. Castel (1993) fala da discriminação positiva e negativa, sendo que tais reflexões se adequam a minha pesquisa.

Muitas vezes, as pessoas que fazem parte de um processo de inclusão escolar, não são produtivas economicamente, o que as coloca em uma posição de “refúgio humano”, como diz Bauman (2005). Defini-se, assim, como deslocadas, inaptas ou indesejáveis. As cotas de PCDs nas empresas estão, aos poucos, aumentando, o que requer preparo para este trabalho em alguma medida. Assim como a reforma do Ensino Médio tem sua base na concepção social do mundo do trabalho, as ações com os sujeitos classificados, agrupados, incluídos/excluídos (Martins, 2003), coloca a Educação Especial no alvo de uma proposta de aptidão para este mesmo mercado. Assim, “a sociedade que exclui é a mesma sociedade que inclui e integra, que cria formas também desumanas de participação, na medida em que delas faz condição de privilégios e não de direitos.” (Martins, 2003, p. 11)

Segundo Martins (2003, p. 21): “A vivência real da exclusão é constituída por uma multiplicidade de dolorosas experiências cotidianas de privações, de limitações, de anulações, e, também, de inclusões enganadoras. Muitas reformas, leis, decretos acerca da Educação Inclusiva validam direitos, mas sem pensar em como poderá ser alcançado no local de atuação que é a escola. Diante da questão norteadora da construção de possibilidades no trabalho docente na perspectiva inclusiva, foco da minha pesquisa, busca-se pensar em um processo de trabalho por meio de mentorias, aproximando o professor da pesquisadora e tornando as discussões mais confortáveis de serem permeadas e pensadas.

Na visão de Saúde e Inclusão Social, percebo fortemente minha pesquisa, porque dentro da perspectiva inclusiva da Educação Especial a saúde é a base de toda a constituição de pessoas com deficiência e desenvolvimento atípico. Helman (1994, p.30) coloca que: “Para os membros de todas as sociedades, o corpo humano é mais do que um simples organismo físico oscilando entre a saúde e a doença. É também o foco de um conjunto de crenças sobre seu significado social e psicológico, sua estrutura e funcionamento.” Muitos profissionais da área da educação ainda se encontram com dificuldade de acolhimento, conscientização e aceitação das pessoas da Educação Especial em sala de aula regular.

A escola muitas vezes, ainda, tem olhado muito mais para o diagnóstico do que para o sujeito, Helman (1994, p. 127) coloca que

A procura de atendimento médico – uma vez que este seja oferecido pela sociedade e acessível financeiramente – também depende da percepção da etiologia da condição; ou seja, se se acredita que a origem da mesma está no indivíduo ou no mundo natural, social ou sobrenatural.

Frente a esta linha, também, Helman (1994, p.26) destaca que : “Em algumas sociedades, todos os tipos de infortúnios são atribuídos a forças sobrenaturais, à ação maléfica de um “bruxo” ou “feiticeiro”, ou tidos como recompensa divina.” Esta visão chama minha atenção fortemente para o trabalho na Guiné-Bissau, local cuja cultura é voltada à maldição, para explicar as deficiências, aproximando o trabalho a ser realizado por mim neste local, com todo o cuidado quanto a cultura e diversidade da África.

Na caminhada acadêmica, do mestrado ao doutorado, fiz parte do grupo de pesquisa “Aquisição da Leitura e da Escrita de Crianças com Transtornos de Aprendizagem” (projeto que data 01/01/20 à 31/12/21), cujas discussões e propostas têm trazido momentos de muitas trocas e aprendizagens. Também faço parte do grupo de pesquisa em Letras, Letramento, Tecnologias e Inclusão Social – LLETIS (Feevale), cujas discussões estão associadas à Inclusão Social. Ainda no campo da pesquisa, participo do Projeto de Pesquisa intitulado Programa de mentoria para professores da educação básica em contexto de inclusão,

este, inclusive, fomenta a minha tese e meus estudos acerca da mentoria educacional. Todos estes grupos sob a coordenação da Prof. Dra. Rosemari Lorenz Martins.

Ao participar do Projeto de Pesquisa sobre o programa de mentoria, meus conhecimentos acerca da Inclusão intensificaram e, junto a meus parceiros de caminhada neste projeto, muitas discussões enriqueceram a minha pesquisa. Ao olhar para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) – foco principal do meu trabalho -, constitui uma paixão cada vez maior, percebendo as possibilidades e a potencialidade de todos os sujeitos.

Dante de todo este relato que retrata um caminho importante de minha história, retorno a frase inicial de Fernández (2001) e entendo hoje, como nunca, a relação que fiz minha vida inteira com o aprender e o brincar, tornando estas duas ações lindas em minha vida, e, de um presente do dia da criança, fiz minha caminhada profissional e acadêmica serem intensas, marcantes e felizes.

A cada dia busco olhar para minha ação pedagógica como professora que sou, para meu objeto de estudos como pesquisadora e para minha vida em sociedade em prol do humano. Finalizo com um importante versículo bíblico que me motiva ao perceber tudo o que fiz, faço e ainda almejo fazer: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Romanos 8.28).

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro. Zahar, 2005.
- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. NVI. Santo André: Editora Geográfica, 2021.
- BENVENISTE, Émile. **Da subjetividade na linguagem**. Em problemas de linguística geral I. 2^a ed. Campinas. Editora da Unicamp, Pontes, 1998.
- CASTEL, Robert. **A discriminação negativa**: cidadãos ou autóctones? Tradução de Francisco Morás. Editora Vozes. Petrópolis, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERNÁNDEZ, Alícia. **Os idiomas do aprendente**: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre, RS. Artmed, 2001.

FLORES, Valdir do Nascimento; ENDRUWEIT, Magali Lopes. **A noção de discurso na teoria enunciativa de Émile Benveniste**. Revista Moara. Pará, 2012.

HELMAN, Cecil, G. **Cultura, saúde e doença**. Tradução Eliane Mussr. 2^a ed. Artes Médicas. Porto Alegre, 1994.

LÉVI-STRAUSS, C. Raça e História: **Raça e Cultura**. In. COMAS, J. Raça e Ciência. São Paulo, 1970, p. 233-269.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar – O que é? Por quê? Como fazer?** 1 ed. São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Editora Vozes. Petrópolis, 2012.

SANTI, Heloise Chierentin Santi; SANTI, Vilso Junior Chierentin. **Stuart Hall e o trabalho das representações**. Revista Anagrama. São Paulo, 2008.

VIANIN, Pierre. **Estratégias de Ajuda a Alunos com Dificuldade de Aprendizagem**. Aramed. Porto Alegre, 2012.

27. UM OLHAR PARA O MEU VIVER-APRENDER

Lilian Flores¹

A aprendizagem humana está imbricada nas minhas escolhas profissionais desde a adolescência, quando cursava o Ensino Médio no curso técnico Magistério, concluído em 1991, pela Escola Normal Santa Catarina. Minha formação acadêmica superior foi Licenciatura em Pedagogia. Após dez anos de conclusão do curso técnico, iniciei o Ensino Superior em 2001, pela Universidade Feevale, mas somente em 2013 foi possível concluir a graduação. Quando me encontro na universidade pela possibilidade de manter os custos financeiros de meus estudos, a partir de uma condição estável assegurada pela aprovação em concurso público municipal em 1994, rememoro as condições salariais de meus pais que não tiveram a oportunidade de investir nesse direito social à continuidade de suas aprendizagens acadêmicas ou de suas duas filhas. Meus pais sempre incentivaram para que as filhas prosseguissem nos estudos. É oportuno pensar nas “metamorfoses”, na dialética das transformações da questão social a que Castel (2010) se propôs a investigar, especialmente na França, cujas reflexões suscitam leituras importantes sobre as questões sociais e de trabalho no Brasil. As ideias de Castel tiveram um impacto significativo na teoria da exclusão social, que pode ser entendida como uma construção social, isto é, produto histórico de mecanismos sociais.

E é pela aprendizagem de todos, nas singularidades dos diferentes processos que atuo até hoje. A Educação Superior me apresentou importantes autores que contribuíram para minha identidade profissional. Uma formação centrada na educação, nas pessoas e na vida. Assim como Freire (2020, p. 52), “gosto de ser gente porque a história em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades, e não de determinismo.” Dando continuidade aos autores referência, Vygotsky (1896-1924), ao criar o conceito de zona de desen-

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social.
Email: lilianflores.pp@gmail.com

volvimento proximal (ZDP), infere que a constituição do sujeito é um movimento dialético entre a aprendizagem e o desenvolvimento desde o seu nascimento. Ao mesmo tempo em que o homem é determinado historicamente ao produzir o meio em que vive, ele é determinante na história. De acordo com Vygotsky (1998, p. 112), a zona de desenvolvimento proximal

[...] é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Como professora, eu sempre me inquietei com as questões que envolviam os estudantes que não correspondiam às expectativas da escola, das aprendizagens insatisfatórias, do fracasso escolar, do sofrimento pessoal dos estudantes e do quanto as instituições família, escola e sociedade eram afetadas. Pensando sobre isso, após a conclusão da Licenciatura em Pedagogia, iniciei a Pós-Graduação – Especialização em Psicopedagogia: Abordagem Clínica e Institucional, concluída em 2015, também pela Universidade Feevale. Minha monografia teve como tema “Um olhar clínico e ético sobre a aprendizagem”, sob a orientação da professora Dra. Monica Pagel Eidelwein.

Segundo o art. 1º do Código de Ética do Psicopedagogo (2019):

A Psicopedagogia é um campo de conhecimento e ação interdisciplinar em Educação e Saúde com diferentes sujeitos e sistemas, quer sejam pessoas, grupos, instituições e comunidades. Ocupa-se do processo de aprendizagem considerando os sujeitos e sistemas, a família, a escola, a sociedade e o contexto social, histórico e cultural. Utiliza instrumentos e procedimentos próprios fundamentados em referenciais teóricos distintos, que convergem para o entendimento dos sujeitos e sistemas que aprendem e sua forma de aprender.

Acredito nas perguntas como disparadoras de situações de aprendizagem, sendo assim, penso que quando uma professora abre para si espaços de autoria de pensamento, faz com que seus estudantes o

façam por eles. Fernández (1991, p. 47) salienta que “para aprender, necessitam dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos.” O prazer de aprender se situa entre o ensinante e o aprendente, num campo de diferenças que se abre entre o que o ensinante entrega e o aprendente reinventa, apropriando-se do conhecimento. Ressalta-se que esses posicionamentos aprendente-ensinante “podem ser simultâneos e estão presentes em todo vínculo [...], só quem se posiciona como ensinante poderá aprender e quem se posiciona como aprendente poderá ensinar” (2001, p. 54).

Fui professora nas redes pública e privada. Na Escola de Educação Infantil Pingo de Gente atuei como professora entre os anos de 1992 e 1994. No período de 1994-2023, fui professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, atuando em quatro escolas de Educação Básica. Nessas escolas estive como professora na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, atuei no laboratório de aprendizagem e fui coordenadora pedagógica num curto período em uma das escolas. A partir da conclusão do curso de Psicopedagogia, atuei como psicopedagoga no Núcleo de Apoio Pedagógico – NAP, atendendo os estudantes das escolas municipais na área da Psicopedagogia e em propostas interdisciplinares com outras áreas do conhecimento. Nesse espaço também fui coordenadora nos anos de 2017 e 2018.

Compreender a potência da escola inclusiva é qualificar as relações de aprendizagem e as experiências vividas no coletivo. Além de oferecer o acesso aos conhecimentos construídos ao longo do tempo, a escola é um lugar para se aprender e ampliar o olhar em direção às relações que unem os sujeitos e os contextos, quebrar barreiras que impedem o acesso ao conhecimento, acolher os estudantes, reconhecendo-os como sujeitos relacionais, cuja aprendizagem transcorre na relação de quatro níveis: organismo, corpo, inteligência e desejo. Fernández (1991, p. 62) aponta que “o organismo, transversalizado pela inteligência e o desejo, irá se mostrando em um corpo, e é deste modo que intervém na aprendizagem, já corporizado.”

Embora se desenvolvam num contexto coletivo, os processos de aprendizagem são singulares. Saber apreciar a singularidade e potência do outro humaniza as relações e colabora para a construção de uma escola

atenciosa, que oferece um espaço em que cada um se sinta contribuinte e pertencente. Carvalho (2009, p. 35) contribui dizendo que “a palavra de ordem é equidade, o que significa educar de acordo com as diferenças individuais, sem que qualquer manifestação de dificuldades se traduza em impedimento de aprendizagem”.

Em 2018 concluí uma nova pós-graduação em nível de especialização em Neurocognição e Aprendizagem, pela Faculdade IENH, ampliando o olhar e a escuta para os processos de aprendizagem. A pesquisa presente no trabalho de conclusão foi intitulada “Panorama nacional acerca das intervenções em neuropsicologia no contexto da aprendizagem”, orientada pela Dra. Natalie Pereira.

Foi no período de estudante de Psicopedagogia que conheci a Associação Brasileira de Psicopedagogia – Seção Rio Grande do Sul (ABPp-RS). A experiência no estágio institucional (2014) foi compartilhada na “Quintas Científicas” – Encontro de Estudo e Pesquisa sobre temas psicopedagógicos, promovido pela ABPp-RS. O trabalho “O Estágio em Psicopedagogia no âmbito institucional: a construção do profissional psicopedagogo”, de minha autoria e de Carla Andréa Becker Monteiro, sob a orientação da professora Monica Pagel Eidelwein, apresentado na Quintas Científicas, compõe a obra coletiva “A Psicopedagogia entre conhecimentos e saberes: fazer, pensar, escrever”, organizada por Iara Caierão, Neusa Hickel e Gilca Kortmann e lançada pela Editora Wak, em 2016.

A divulgação de produção científica no campo interdisciplinar da Psicopedagogia clínica, institucional e terapêutica, como possibilidade de tornar visível as questões que permeiam o aprender, faz-se relevante nesse tempo em que somos movidos pelas inquietudes das incertezas cotidianas. Em 2022, a ABPp-RS lançou pela Editora Cirkula, o livro Pesquisas e Práticas em Psicopedagogia, organizado por Denise Costa Ceroni e Monica Pagel Eidelwein. Nesta obra, em parceria com Rosanita M. Vargas e Susana Londero, contribuiu com a escrita do artigo “A Psicopedagogia como possibilidade do encontro: as aprendizagens do psicopedagogo”.

Desde 2017 venho contribuindo voluntariamente com a ABPp-RS, integrando as gestões 2017-2019 (Assessoria Cultural e de Ação Social), 2020-2022 (Diretoria Executiva – Segunda Secretaria, e coordenação do Projeto Social Cuidar de Quem Cuida em 2020) e 2023-2025 (Diretoria Executiva – Tesoureira Estadual). Como participante da Assessoria Cultural e de Ação Social, eu contribuí para a organização e desenvolvimento do primeiro Projeto Social da Associação: Cuidar de Quem Cuida, uma parceria da ABPp-RS com o Educandário São João Batista, em Porto Alegre. Uma das finalidades da ABPp-RS é “representar e prestar serviços técnico-científicos, sociais e periciais, remunerados ou gratuitos, junto a órgãos públicos e privados, em assuntos ligados à Psicopedagogia”, conforme o Cap. II, Artigo 4º, inciso V, do Estatuto Associativo, documento que fortalece os Projetos Sociais perante a sociedade e, consequentemente, às pessoas envolvidas: o psicopedagogo, as pessoas atendidas e todos os envolvidos em processos de aprendizagem de diferentes sujeitos, com o objetivo de prevenir dificuldades de aprendizagem, qualificando suas ações.

Nessa perspectiva, com o desejo de seguir aprimorando o conhecimento técnico-científico através de minhas inquietações e promovendo pesquisas em prol do desenvolvimento e da divulgação da Psicopedagogia, iniciei em 2023 a minha participação no Programa de Aperfeiçoamento Científico (PACF) da Universidade Feevale, no Grupo de Pesquisa em Leitura, Letramentos, Tecnologias e Inclusão Social – LLETIS. O grupo está vinculado ao Programa de Pós-graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, coordenado pela professora Dra. Rosemari Lorenz Martins. Ao considerar o caráter interdisciplinar do programa e as possibilidades de integrar-me como pesquisadora à linha de pesquisa Inclusão Social e Políticas Públicas, em julho de 2023, participei da seleção para o mestrado acadêmico em Diversidade Cultural e Inclusão Social, sendo contemplada com uma das vagas. Meu desejo de pesquisar encontra-se na consciência do inacabamento do ser humano que, de acordo com Freire (2020, p. 50), é “próprio da experiência vital”, exigindo um contínuo buscar, indagar e pensar na prática. As palavras de Freire são essenciais para a discussão

da necessidade de pesquisa em Psicopedagogia, cujo objeto de pesquisa é a autoria de pensamento e as relações de aprendizagem dos sujeitos envolvidos nesse processo. Por ora, apresento como tema de pesquisa a Psicopedagogia e as práticas inclusivas no Ensino Superior, sob a orientação da professora Dra. Lovani Volmer.

Considerando que 1) somos sujeitos inseridos em contextos e histórias de aprendizagem singulares, às quais nos constituem subjetivamente frente ao aprender; que 2) as linhas de pesquisa e objetivos do Programa, numa perspectiva interdisciplinar, dialogam na abertura de espaços de discussão na comunidade científica, contemplando a natureza inter e transdisciplinar da Psicopedagogia; que 3) minha pesquisa tem como objetivo investigar sobre as contribuições da Psicopedagogia para a compreensão dos processos singulares de aprendizagem e a inclusão de todas as pessoas no ensino superior, fundamentada nas políticas públicas e em autores, cujas pesquisas convergem com a temática, entende-se a importância de instigar novas formas de produção de conhecimento e de reflexão de vivências no tempo de formação profissional, oferecendo aos estudantes oportunidades de autoria e ações significativas em suas trajetórias acadêmicas. Tal movimento repercute também nas relações institucionais e na própria autoria dos docentes que trabalham com os estudantes e profissionais das equipes que oferecem apoio, ressignificando o seu próprio aprender e possibilitando a inclusão de todos.

No percurso do mestrado, autores bem importantes me foram apresentados. Assim como Castel (2010), já citado anteriormente, a disciplina Fundamentos de Diversidade Cultural e Inclusão Social apresentou Martins (2003) e me reaproximou de Bauman (2009) e seu pensamento contemporâneo. Inseridos numa sociedade moderna de consumidores, líquida e individualizada, somos responsáveis pelas escolhas que fizemos e por nossos projetos de vida. Em 2023, diante da aposentadoria no serviço público e a inquietude das perguntas que impulsionam o encontro com minha própria história e autoria, penso a vida em suas possibilidades como aprendente-ensinante permanente que sou, capaz de lançar para a maturidade um olhar fecundo, de subjetividade. Nesse viés, Bauman (2009, p. 99) diz que:

Praticar a arte da vida, fazer de sua existência uma “obra de arte”, significa, em nosso mundo líquido-moderno, viver num estado de transformação permanente, auto-redefinir-se perpetuamente tornando-se (ou pelo menos tentando se tornar) uma pessoa diferente daquela que se tem sido até então.

As demais disciplinas cursadas ao longo do mestrado foram fundamentais para a imersão e reflexão das questões relativas à diversidade e inclusão, permeadas pelas linhas de pesquisa do programa. Destaco as disciplinas Tópicos Especiais (TE) Redação Científica e Corpo e Diversidade, a primeira, que abordou técnicas científicas de redação, estrutura, aspectos éticos e autorais e, a segunda, que possibilitou olhar as diferentes perspectivas do corpo, do físico ao digital, buscando a relação com o projeto de pesquisa.

Para organizar o processo de construção do conhecimento, a sistematização do projeto de pesquisa e a inter-relação entre Linhas com os projetos de pesquisa, as disciplinas de Seminário de Pesquisa e Seminário Integrador de Linhas foram essenciais. Leituras Orientadas, com o olhar sensível e atencioso da minha orientadora, Lovani Volmer, inspirou minhas buscas, descobertas e trouxe maior fluidez à minha pesquisa.

Penso ser importante destacar a minha participação como voluntária da ABPp-RS e do PPG em Diversidade Cultural e Inclusão Social durante a catástrofe climática que assolou o estado do Rio Grande do Sul recentemente. Muitas famílias foram diretas ou indiretamente impactadas com perdas materiais, bem como com outros níveis de impacto ao bem-estar físico, mental e social. Nesse viés foi fundamental o olhar-escutar psicopedagógico no acolhimento às especificidades que se apresentaram nos abrigos e as reflexões de aprendizagens que sustentam este momento em que a inclusão, a resiliência, os sentidos, a solidariedade e coletividade se mostraram potência nos processos relacionais.

Nessa perspectiva, Martins (2003) corrobora na reflexão, quando se refere à exclusão como um problema social que abrange a todos, seja porque priva alguns cidadãos do básico para viver dignamente ou a outros pelas incertezas quanto ao seu próprio destino e ao destino dos

filhos ou pessoas próximas. O autor também se refere à exclusão como “resultado de uma metamorfose nos conceitos que procuravam explicar a ordenação social que resultou do desenvolvimento capitalista” (p. 27). Assim sendo, seguindo meu compromisso ético e social, permaneço voluntária no acompanhamento a famílias que estavam abrigadas e que hoje estão, de uma forma ou outra, buscando reconstruir sua história. Afinal, a inclusão

É a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas sem exceção. [...] Costumo dizer que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até mesmo na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já a inclusão é estar com, é interagir com o outro (Mantoan, 2005, p. 24).

Nestes anos dedicados à inclusão e ao voluntariado na ABPp-RS, destaco, ainda, a contribuição na organização de eventos em prol da formação continuada dos psicopedagogos, como os encontros estaduais, mostras estaduais de profissionais e estudantes de Psicopedagogia do RS e, recentemente, do III Simpósio de Psicopedagogia da Região Sul. Esse último teve como tema “Explorando fronteiras da Psicopedagogia: interlocuções entre a clínica e a instituição”, cuja arrecadação das inscrições foi destinada às pessoas impactadas pela enchente no nosso Estado.

Diante da educação para todos, considera-se importante discutir sobre a importância de políticas públicas voltadas à educação inclusiva no Ensino Superior, no intuito de impedir que pessoas sejam invisibilizadas e que violências e exclusões vivenciadas por elas sejam combatidas. Lopes (2009, p. 107) colabora destacando a inclusão como um:

Conjunto de práticas que subjetivam os indivíduos de forma que eles passem a olhar para si e para o outro, sem necessariamente ter como referência fronteiras que delimitam o lugar do normal e do anormal, do incluído e do excluído.

As atitudes inclusivas exigem uma nova forma de pensar. Para isso é preciso educar para se atender às singularidades dos processos de

aprendizagem e a garantia de espaço para a diferença enquanto potência e experiência de formação para todos. Elas exigem uma postura ativa de identificação das barreiras que as pessoas encontram no acesso à educação, na busca de estratégias e recursos necessários para ultrapassá-las, consolidando o acesso e desenvolvimento do conhecimento para todos.

Considerando o meu percurso e o “entre” das relações estabelecidas nesse caminho, fui me constituindo como pessoa, pedagoga e psicopedagoga. Agradeço a relação de cada criança, adolescente, adulto e idoso que me ensinou a olhar para o meu sujeito aprendente e ensinante. Ao escrever este texto, aciono memórias afetivas que contribuíram para tornar visível a minha autoria. Assim, ao finalizar o meu memorial, compartilho as palavras de Hickel (2021, p. 40) que diz que “no escrever, as palavras, enquanto criações/recriações, sugerem novos destinos”. Vivemos num constante devir, portanto, inacabados, num contínuo movimento, em construção, eis aí um propósito para seguir a vida desejando.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA ABPp. **Código de Ética do Psicopedagogo**. São Paulo: ABPp, 2019. Disponível em: <https://is.gd/2rdFEx>. Acesso em 04/05/2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA SEÇÃO RS ABPp-RS. **Estatuto Associativo**. Porto Alegre: ABPp-RS, 2022. Disponível em: <https://is.gd/PqqfFc>. Acesso em 04/05/2024.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. [9. ed.]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

_____. **Os idiomas do aprendente:** análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 66. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2020.

HICKEL, Neusa Kern. **Clínica de (um) aprender:** autorias em devir. Curitiba: Appris, 2021.

LOPES, Maura Corcini. Inclusão como prática política de governamentalidade. In: LOPES, Maura Corcini; HATTGE, Morgana Domênica (Orgs.). **Inclusão escolar:** conjunto de práticas que governam. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 107-130.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A integração de pessoas com deficiência:** contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memnon, 2005.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo:** novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2003.

VYGOTSKY, L. S., (Lev Semenovich). **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores . 6. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.

28. INTERCONEXÕES ENTRE O OBJETO DA PESQUISA E A PESQUISADORA: DESAFIOS E MOTIVAÇÕES

Elenise Marks¹

Este memorial tem por objetivo apresentar a minha trajetória acadêmica e profissional, até a presente data, atrelando minhas vivências e experiências, permeadas por questionamentos e inquietações, que levaram à escolha da temática da dissertação no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social desta universidade. A escrita de um memorial acadêmico se justifica, para que haja uma compreensão da relação entre o tema e a trajetória da pesquisadora, onde as vivências pessoais e acadêmicas evidenciam a origem de meu estudo e o nível do envolvimento com o tema.

Comecei na área educacional no ano de 2007, primeiramente no projeto Aprendendo Fazendo (AFA) de Novo Hamburgo (RS), onde desempenhava a função de auxiliar de apoio e, posteriormente, como educadora do programa Aprendiz Legal, no Centro de Integração Empresa Escola (CIEE) de Novo Hamburgo (RS).

No ano de 2010, concluí minha formação no Curso Normal de Aproveitamento de Estudos, na Instituição Evangélica de Novo Hamburgo (IENH). Para dar seguimento aos meus estudos na área da educação, em 2011, ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Feevale. A partir de janeiro de 2012, assumi concurso público, com o cargo de professora de Educação Infantil, no município de Campo Bom (RS), em uma escola na qual estou até o presente momento, sendo bem aceita por todas as famílias, onde conseguimos estabelecer uma ótima parceria e desenvolver projetos, proporcionando uma aprendizagem significativa às crianças. Porém, muitos pais se dirigiam a mim como “tia” e, à escola, como a “creche”. Neste período, comecei a fazer algumas indagações sobre como a escola de educação infantil era vista pela sociedade, qual conceito as pessoas tinham sobre a mesma e sobre a profissão do docente; isso me trazia certas inquietações e essas continuaram a se suceder nos anos seguintes.

No curso de licenciatura em Pedagogia, tive estudos de cunho histórico, legal, epistemológico e pedagógico da educação infantil, o

¹ Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Email: isemarks@gmail.com

que trouxe uma compreensão muito maior da função social das escolas. Com isso, meu conhecimento foi se ampliando e minha paixão por atuar nesta etapa do sistema educacional só aumentava; contudo, minhas inquietações também cresciam.

Devo salientar que diversas professoras foram fundamentais para ampliarem meus conceitos sobre a educação, mas duas, em especial, a professora Denise Francisco Arina e a professora Moana Meinhardt, que, na época, faziam parte do corpo docente da Universidade Feevale e, com seus conhecimentos e experiências, me inspiraram a voltar meu olhar cada vez mais para a educação infantil.

Com isso, o tema do meu trabalho de conclusão de curso foi “Protagonismo na educação infantil: professores e alunos como sujeitos ativos do processo ensino-aprendizagem”, onde busquei trazer a importância de professores e crianças serem protagonistas do processo do desenvolvimento e aprendizagem em um contexto escolar que promova experiências significativas para as crianças, deixando os tradicionais moldes de educação e trazendo uma pedagogia relacional, baseada na concepção epistemológica construtivista, a qual preconiza que educadores e crianças aprendam juntos, a partir das trocas e experiências que estabelecem.

Para tanto, realizei a leitura de materiais da temática em questão e me identifiquei, em especial, com o livro “Professora sim, tia não”, de Paulo Freire, que traz reflexões deste papel do docente contracenando com o papel da tia. Este considero meu livro de cabeceira, onde minhas inquietações estão explanadas pelo mestre da educação brasileira. Dentre outros referenciais bibliográficas, destaco ainda: Maria Carmen Silveira Barbosa e Maria da Graça Souza Horn, que têm suas escritas focadas nos projetos pedagógicos, organização do espaço e avaliação na educação infantil; Jussara Hoffmann, sobre a avaliação na educação infantil; Zilma Ramos de Oliveira e Gabriel de Andrade Junqueira Filho, que focalizam no olhar do professor da educação infantil e, ainda, descrevem sobre protagonismo infantil, desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Concluí minha graduação no ano de 2016, como licenciada em Pedagogia pela Universidade Feevale, de Novo Hamburgo. Em 2018, finalizei minha primeira pós-graduação em Gestão Escolar: Supervisão e Orientação, pela Faculdade de Educação São Luís (SP) e, em 2020, pela

mesma instituição, a pós-graduação em Psicopedagogia. No mesmo ano, concluí a pós-graduação em Gestão e Tutoria, na Uniasselvi (SC). As três especializações colaboraram na ampliação de meus conhecimentos educacionais, considerando o estudo de alguns referenciais teóricos de autores, como Freire (2019), Linhares e Enuno (2020) e Melo (2015), além de alguns documentos emitidos pelo Ministério da Educação, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017).

As especializações trouxeram novos conhecimentos, mas sentia a necessidade de realizar uma pesquisa mais densa, a fim de compreender as indagações que andei fazendo nestes anos. Com o período pandêmico, que se iniciou no ano de 2020, algumas questões se tornaram de maior reflexão, bem como, de alguns questionamentos:

- c. Qual a função social, educacional e pedagógica da escola e da família na formação dos sujeitos e que função a instituição assumiu no período pandêmico?
- d. Como o desenvolvimento e a aprendizagem na educação infantil tem ocorrido em tempos de pandemia e isolamento?
- e. Como interagem a escola e a família no processo de construção do conhecimento das crianças em tempos de pandemia?

Em 2020, optei por me inscrever no mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social, para que assim pudesse realizar minha pesquisa, aliando ao sonho de cursar o mestrado. Antes de realizar a inscrição, contatei a professora Dr.^a Dinora Tereza Zucchetti, a fim de verificar sua disponibilidade e interesse de ser minha orientadora, pois, após realizar algumas pesquisas dos professores do curso, verifiquei que a mesma tinha relação com meus interesses de pesquisa.

Desta forma, em 2021, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, tendo como proposta inicial dissertar sobre a função social da escola de educação infantil, visto que esta é minha área de atuação docente. Porém, no ano de 2020, os espaços escolares separaram-se com uma situação atípica, diferente do habitual, onde tiveram que interromper o formato presencial de desenvolvimento e aprendizagem, de uma forma rápida, devido à pandemia da Covid-19. Com a proliferação da doença, as escolas não tiveram tempo hábil para organizar-se, logo tiveram que planejar estratégias e meios para uma

educação remota. Pais, educadores e crianças encontraram-se em um novo formato do processo educativo, a educação remota. Com isso, meu foco do estudo alinhou-se com a pandemia.

Após algumas orientações, optamos por seguir minha dissertação dentro da linha de pesquisa “Inclusão Social e Políticas Públicas”, que tem por objeto de investigação os processos de inclusão social decorrentes de ações afirmativas, propostas por políticas públicas, estudando as práticas sociais mediadas pela educação, com o estudo da temática “desempenho institucional e políticas”, visto que a pesquisa tem como objeto de investigação as escolas de camadas populares de ambos os países.

Definiu-se o tema como “a escola pública de educação infantil na pandemia”, pois a pandemia trouxe diversas questões de reflexão e mudança na vida de todos, onde a comunicação família-escola se tornou cada vez mais essencial. Além disso, foi necessário os educadores se adentrarem às necessidades individuais de cada criança, elaborando estratégias para auxiliar no pleno desenvolvimento infantil, pois, a função social, educacional e pedagógica da escola é proporcionar, às crianças, o desenvolvimento das suas potencialidades físicas, cognitivas e afetivas, de forma integralizada, para que possam construir suas experiências e conhecimentos, tornando-as cidadãos críticos e reflexivos.

As disciplinas cursadas no mestrado corroboraram meus estudos e processo formativo: “Políticas públicas, desigualdade social e inclusão”, “Fundamentos de diversidade cultural e inclusão social”, “Seminário de pesquisa”, “Processos de pesquisa”, “Seminário integrador de linhas”, “Teoria e prática em educação não escolar”, “Redação científica” e “Leituras orientadas 1 e 2”, de modo que, durante as aulas, através de debates, discussões e leituras, era possível refletir acerca do campo da educação, seus avanços e, por vezes, retrocessos. Ainda, foi possível refletir acerca do contexto histórico da educação, as desigualdades sociais, a educação integral, a dificuldade ao acesso e permanência nas escolas para muitos brasileiros, o processo de educação durante o período pandêmico e a forma como este foi conduzido. Dessa forma, as disciplinas, em conjunção com as reflexões, vigoraram meu olhar para as políticas públicas, para a educação no campo social, para as camadas populares e para a integralização das crianças.

Aliando algumas leituras das disciplinas citadas, estudos e discussões nas orientações, optei, juntamente com a minha orientadora, em

expandir a pesquisa e realizar um estudo comparado entre os países Brasil e Portugal, pautado na metodologia de educação comparada, baseada nos estudos de Nóvoa (2017) e Zucchetti (2019).

Adjacente ao período pandêmico, as escolas de ambos os países tiveram que interromper as atividades escolares presenciais, pois iniciou-se o isolamento social, a nível mundial. Desta forma, passei a contar com a coorientação da professora Dr.^a Maria Antónia Ferreira Barreto, do Instituto Politécnico de Leiria (IPL), de Portugal.

Neste sentido, estudo buscou compreender as diferenças existentes nas escolas públicas infantis de camadas populares do Brasil e Portugal, no período pandêmico. Os espaços educacionais escolhidos em ambos os países, Brasil e Portugal, atendem crianças das camadas populares, encontrando-se em territórios marcados pela vulnerabilidade social, mas que visam garantir a universalização da educação básica integral, promovendo um processo educativo de qualidade, para todas as crianças. Enquanto professora da rede pública, meu olhar estava voltado para o público atendido nestes espaços, onde os sujeitos da pesquisa serão os pais e os educadores de ambas as comunidades escolares.

Cabe referir, que tenho publicados os artigos “A função social da escola infantil: uma aproximação inicial”, apresentado no III Congresso Internacional de Diálogos Interdisciplinares (CIDI) e “A escola de educação infantil em tempos de pandemia: um estudo inicial comparativo entre Brasil e Portugal”, apresentado no evento Inovamundi 2021, além de artigos escritos para compor os estudos das disciplinas citadas anteriormente, intitulados de “Diversidade e inclusão social em tempos de pandemia: métodos e estratégias da escola de educação infantil”, “A desigualdade brasileira: o contraste entre os diferentes grupos sociais” e “Os espaços de aprendizagens infantis: as interfaces com a educação de tempo integral”.

Também, o artigo publicado na Revista Educação em Debate, da Universidade Federal do Ceará, “A educação infantil durante o período da pandemia da Covid-19, no Brasil e em Portugal: adequações às legislações e normativas educacionais” e, em fase de finalização, encontra-se o artigo “A educação pré-escolar de tempo integral: aproximações entre a função social, educacional e pedagógica – um estudo entre Brasil e Portugal”. Ainda, foram apresentados dois resumos expandidos no evento

Inovamundi 2022, intitulados “A educação infantil diante da pandemia da Covid-19: comparando os contextos educacionais dos países Brasil e Portugal” e “Espaços de aprendizagens infantis: interfaces com a educação integral”.

Em dezembro de 2022 defendi minha dissertação com o título: “**A EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE ESCOLAS DE CAMADAS POPULARES – BRASIL E PORTUGAL**”, concluindo com êxito e orgulho essa etapa importante de minha vida profissional e acadêmica.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não:** cartas a quem ousa ensinar. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação na Educação Infantil:** um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas:** a organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Compartilhar e não transferir a educação das crianças:** distância de conviver na pandemia. Leiria, Portugal: Politécnico de Leiria, 2021.
- JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens geradoras:** seleção e articulação de conteúdos em educação infantil. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- LINHARES, Maria Beatriz Martins; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. **Reflexões baseadas na psicologia sobre efeitos da pandemia Covid-19 no desenvolvimento infantil.** Estudos de Psicologia, Campinas, SP, v. 37, p. 110-123, jun. 2020. Disponível em: <https://is.gd/U70RkZ>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- MELO, Rozana Machado Bandeira. **É brincando que se aprende:** a experiência TeArte na educação infantil. Curitiba: Appris, 2015
- NÓVOA, Antônio. **Ilusões e desilusões da educação comparada:** política e conhecimento. Educação, Sociedade e Culturas, v. 51, n. 1, p. 13-31, 2017. Disponível em: <https://is.gd/jcuIfc>. Acesso em: 23 jun. 2021.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2020.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.
- ZUCCHETTI, Dinora Tereza. **Pesquisa em educação:** educação comparada a partir de estudos de Nóvoa e Ferreira. Revista Contrapontos Eletrônica, Itajaí, SC, v. 19, n. 1, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://is.gd/FDOMvp>. Acesso em: 17 abr. 2022.

29. TEAR DA EXISTÊNCIA: UM MEMORIAL SOBRE TECER VIDA NA PESQUISA

Fabiane Castilho Oliveira¹

Viver é partir, voltar e repartir. Partir, voltar e repartir²

Escrever o memorial para compor a dissertação foi um trabalho sensível e desafiador que me fez dar mais significado a este momento acadêmico, foi também a oportunidade de refletir o que me constitui e tem se constituído em tudo que sou: Mulher, Mãe, Professora, Companheira, Filha, irmã. Tecelã de mim e da vida que me rodeia e se entrelaça. Conversei comigo mesma, dentro de pensamentos sobre quantas vivências já tinham acontecido no ano de 2023, que sem nenhuma dúvida, já ficou entrelaçado em minhas memórias, pelo mestrado, com certeza, mas também, pela grandiosidade que a educação tem em minha trajetória.

Para contar como cheguei até aqui, escolhi alguns momentos sensíveis para mim, mas ao contrário de quando escrevi para o processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, escolhi tentar ser sucinta, pois como professora que sou, por vezes, esse é um enorme desafio. Começo contando que quando estava finalizando a graduação de pedagogia, assisti um vídeo de Eduardo Galeano em que, entre outras coisas, ele questionava “Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.” e desde então é o que tenho feito: eu caminho e caminho na fluidez que a vida me oferece e possibilita ir.

Nasci em Porto Alegre no dia 18 do mês de dezembro no ano de 1990, minha mãe era funcionária pública, não quis fazer faculdade, meu pai trabalhava com carros, sabia muito sobre os carros, mas nunca considerou seu conhecimento importante. Ele dizia: “Não faz como eu, o certo é ser concursada como a tua mãe!”. A educação sempre foi algo de valor na minha casa. Dos 17 aos 21 anos caminhei, caminhei, caminhei e sentia não sair do lugar, mas aí descobri que era o tempo. Precisei andar, amadurecer, olhar para mim e para o mundo. Descobri

¹Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. Email: casoli.fabi@gmail.com

²Trecho da música ”É tudo pra ontem” de Emicida e Gilberto Gil.

um foguinho guardado que só agora, justamente enquanto escrevia esse memorial, entendi: “a pedagogia é o que me permite ser a adulta que a minha criança merece”. Sendo assim, fui uma criança que quis viver tudo que fosse possível, minha mãe fazia a escola parecer um lugar mágico, ela sempre arrumava meu cabelo de um jeito especial, fazia lanche especial, se desdobrava para que eu pudesse fazer cada uma das oficinas ofertadas. Cada gesto dela fazia com que eu entendesse o quanto estar naquele lugar era especial, mesmo que nem sempre fosse. Ser criança na escola nem sempre é garantia de acolhimento, conheci inúmeras maneiras de nomear meu corpo quando eu nem sabia que o corpo podia ser um problema.

Fiz curso pré-vestibular popular, pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estágio na Educação de Jovens e Adultos. Me formei na sexta e na segunda eu abri a primeira aula do curso pré-vestibular popular que ajudei a fundar: Território Popular. “As Universidades vão ser cada vez mais Território Popular”. Caminhei durante esses anos e me vi emaranhada do início ao fim na educação popular, como estudante, graduanda e finalmente, professora, mas em todas as vezes Fabiane.

Pois então, eu sou a professora Fabiane, sou a mãe do Luís Roberto, a companheira do Tiago, a filha da Luana e do Paulo, a irmã do Gustavo, sou artesã, sou mestrande, sou mulher. E antes eu fui menina. Assim como a escola, a Universidade me deixou com um sentimento diferente, essa empolgante parecia que a gente podia levantar voo, mas às vezes parecia que minhas asas batiam em outro ritmo. Era meritocrático o tempo todo, mas nesse tempo eu nem entendia assim. Do outro lado do paradoxo, estavam a professora Carmem Machado e o professor Paulo Peixoto que talvez nem façam ideia do quanto guardo as aulas deles na memória do coração, e de quanto contribuíram para essa “chaminha” aumentar. Recitaram o poema que dizia que quando o estudante dorme, o professora fala mais baixo e me percebi procurando essa referência de professores em minhas memórias, pensei também o quanto era essa possibilidade de “ser professora” que queria para mim.

Vivi o Território Popular, em Porto Alegre, minha cidade natal. O território foi um sonho utópico da vida real, que me possibilitou, entre tantas, a oportunidade de ser pedagoga do TransEnem por um semestre. O poeta Sérgio Vaz tem um poema chamado “A vida é loka”,

em que faz versos brincando com as relações da periferia, o estudo, a leitura e como isso pode mudar a vida. E a vida é louca mesmo, minha vida mudou por causa da educação, é a mais pura verdade, e ainda que isso não seja regra, se antes eu desejava e lutava para as universidades serem cada vez mais território popular, hoje eu torço para que o mundo seja assim, apenas resolvi começar pela sala de aula.

Em julho de 2017, fui lotada na Escola Municipal de Educação Básica Samuel Dietschi, em Novo Hamburgo. Conseguí seguir o maior conselho do meu pai. Ele viu minha posse e logo em seguida teve um AVC. Não foi fácil começar a vida em outra cidade, mesmo que só o trem nos separasse. O fio parou de tecer essa parte da minha história, mas essa trama nunca vai sair de mim. Na escola Samuel escola fui professora de alfabetização e da coordenação. Caminhei muito mais do que eu imaginei, a vista durante a caminhada era linda! A Samuel foi meu encontro comigo mesma, descobri que podia ser uma boa professora, fiz boas amizades, aprendi, amadureci, gerei uma criança enquanto trabalhava lá. Luís Roberto, o tecer mais lindo e de maior responsabilidade que vivi, mas o que mais me faz transbordar de ser quem sou. Nessa escola também conheci o grupo de pesquisa Criança na Mídia por meio do Convênio Educação Antidiscriminatória entre a Prefeitura de NH e a Universidade Feevale. E foi assim, dentro da escola que o mestrado me encontrou.

O Criança na Mídia é uma trama bonita deste trabalho artesanal que é a vida. Realizar as formações enquanto professora e coordenadora, aprender sobre a educação antidiscriminatória e colocar em prática era como fugir da realidade meritocrática que a escola pode ser. Era como estar com pessoas que acreditavam em caminho diferente, era tecer uma educação de possibilidades na tentativa de contribuir para um território escolar mais diverso e inclusivo. E que difícil! Entrei no mestrado achando que descobriria um jeito de deixar mais fácil, não foi bem assim. Ainda assim, eu ficava feliz de tomar um café com o Paulo Freire e outras educadoras críticas através dos livros.

A educação antidiscriminatória foi minha forma de retribuir a minha mãe e fazer a escola especial, assim como ela fez ser pra mim, para todas as crianças que eu pudesse. Me entreguei. Quando eu vi,

por conta dos encontros das caminhadas da vida, eu estava inscrita no processo de seleção para o mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Rompi uma barreira dentro de mim, que depois de 7 anos dizendo que eu era da escola pública, não da academia, estava lá híbrida e camaleoa nos dois territórios. Meu desejo de ingressar no mestrado era encontrar possibilidades para refletir, fortalecer e ressignificar a educação a partir também do olhar acadêmico para ter o privilégio de seguir escrevendo com quem me afetou através do amor e das revoluções de cada esquina da vida. No memorial da inscrição escrevi assim: “ingressar no mestrado é também afetar e ser afetada nessa rima encantada que é mudar o mundo através da educação, como professora alfabetizadora da educação pública desejo me engajar na pesquisa sobre a alfabetização crítica e para os direitos humanos”. Recebi afeto e educação crítica de qualidade, como é que nunca ninguém tinha me dito como era bom fazer mestrado?! Pode não ser simples, mas não posso deixar de reconhecer as boas lembranças e oportunidades que foram criadas neste processo.

Desconfio que a música que mais ouvi durante este ano foi “É tudo pra ontem” de Gilberto Gil e Emicida, em que entre tantos versos eles cantam que viver é partir, voltar e repartir, partir, voltar e repartir. Escrevi este refrão na parede da sala em que dou aula. E mais uma vez estou no mesmo lugar, só que diferente e tudo emaranhado, vivendo tudo que há para viver como a criança das oficinas. Dentro de um programa interdisciplinar percebi o quando a vida é isso, partir e repartir em todos esses sentidos possíveis, é também somar, unir forças, olhar nos diversos lados possíveis, refletir, propor mudanças, virar de lado ou de cabeça para baixo. “Uma criança diz: – Afetar é quando aciona um ponto fraco na gente” (Lazzarotto; Carvalho, 2012, p. 23). Foi assim que me senti por todas as aulas de fundamento logo no início dessa intensa caminhada que é o mestrado.

Afetada desde antes pela educação, segui essa caminhada sendo avisada que seria tocada em meu ponto fraco, deveria olhar para a pesquisa e para mim simultaneamente, e com esse pensamento que encontrei no caminho a professora Magali, pude ouvir sobre ser pesquisadora por inteira, não pela metade ou fatiada. E desta forma partir, voltar e repartir, mas também estar, ser e sentir em campo e com os sujeitos de forma

integral. Parece que faz sentido eu estar aqui me qualificando para cada vez mais contribuir para o sonho que divido com Sérgio Vaz e ver a periferia e o mundo mudar com a contribuição da educação.

A Professora Dinorá seguiu nos fazendo olhar para os “partir, voltar e repartir” da sociedade junto de José Martins e Robert Castel. Perceber a sociedade estruturada contribuindo para a exclusão sobre a lógica de mercado, contribuindo para que “sobrantes” fiquem à margem alimentados pela exclusão naturalizada remexo dentro de mim e em todo emaranhado que eu sou, mexe com o meu ser professora, mãe e mulher agora consciente da interseccionalidade que constrói. A interseccionalidade me parece estar presente neste componente também, principalmente quando penso nos professores que o conduziram. Educação, saúde, tecnologia e inclusão e comunicação. As noites em aula foram aquecidas por longos debates que contribuíram para nos tornarmos um pouco mais conscientes do quanto as estruturas, além de ligadas e interseccionais, são também, responsáveis pelas desigualdades.

Os conceitos amarrados de inclusão e exclusão seguiam nos acompanhando, e pudemos refletir nos corpos não padronizados, que são identidade também, ainda que muitas vezes marginalizados por não terem a garantia do bem viver no território social. E na caminhada com toda essa linha que costurou, amarrou e emaranhou esse semestre, em meio a ambivalência da sociedade, para mim, este programa de mestrado contribui para eu siga caminhando na busca de um trajeto escapante e de resistência, como mulher, mãe, professora e mestrandona. Seguindo mais sensível, atenta e responsável às entrelinhas do cotidiano. Pois, já que é tudo para ontem, vou partir, voltar, repartir e agradecer a quem veio andando junto neste começo amarrado pelo laço do conhecimento compartilhado. E agora, como corpo marcado e marcante, atravessado pela ambivalência que é viver, observo a vida, os corpos e as marcas, todas diferentes e desiguais com olhos de quem se permitiu e aventurou a estudar sobre a diversidade cultural e a inclusão social. Perceber que tudo que tecí até aqui, com incentivo e participação de pessoas queridas, mas também enquanto estudante protagonista, me fez reconhecer a importância de uma práxis crítica e que considera a interseccionalidade

enquanto ferramenta de engajamento na escola na busca de uma mudança social, ainda que pequena, com os sujeitos das turmas em questão, como “microrrevoluções do cotidiano”.

Precisei ingressar em um curso de mestrado para olhar a minha história pessoal entrelaçada com a profissional e ver as possibilidades da sala de aula que se unem com a universidade. A educação me alimenta em todos os sentidos, a pesquisa é minha forma de buscar retribuir, passar adiante, multiplicar o “quentinho no coração” que sinto ao descobrir uma coisa nova, mas também é fortalecer a *educação* que muitas vezes foi o que manteve minha fogueirinha brilhando!

REFERÊNCIAS

LAZZAROTTO, Gislei Domingas Romanzini; CARVALHO, Julia Dutra de. **Afetar**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

30. PRINCIPIA

Muriel Haupenthal¹

Não podemos pensar que chegamos a uma pesquisa como um ‘saco vazio’. Não! Temos vida, temos história, temos emoção!
(Maria Lúcia Martinelli).

ANDEJO: MEMORIAL

Esta pesquisa reemergue ao longo do caminho como mestrandona do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Na ocasião da redação do memorial, com as intenções de ingressar na linha de pesquisa Inclusão Social e Políticas Públicas, o desejo de pensar a escola já estava presente, bem como o objetivo de olhar para esta instituição, com vistas a problematizar sua possível relação enquanto agente promotora de transformações sociais e/ou mantenedora de estagnações sociais.

Ainda antes disso, ao longo da minha trajetória acadêmica, indagações sobre a razão de ser da escola, seus propósitos expressos e, também, os tácitos, sempre me desacomodaram e provocaram reflexões. Este interesse certamente relaciona-se com a minha história de vida, onde minhas experiências, desde o ingresso na escola, constituem significantes que ressoam nesta busca por pensar este espaço.

A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperança o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação (Boff, 1997, p. 9).

Aos seis anos de idade, fui matriculada na pré-escola, em uma escola estadual. Chorei por um mês inteiro, todos os dias, para não ir, me escondi em todos os lugares possíveis para evitar meu encontro com a escola, eu

¹ Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Email: muriel_haupenthal@hotmail.com

tinha aversão àquela ideia de frequentar um novo lugar, distante do meu ambiente familiar. Resisti tanto, que minha mãe acabou desistindo da ideia; então, passei um longo ano ouvindo que, com sete anos, mesmo chorando, se escondendo e resistindo, eu seria obrigada a frequentar a escola, ou seja, não teria alternativa a não ser aceitar este temido encontro.

Contava os dias que faltavam para esta data fatídica, até que, certo dia, ela chegou e foi um caos. Minha saudosa tia Rosinha precisava ficar durante toda tarde em frente à sala de aula, me esperando, do contrário, eu chorava compulsivamente. Foi aí que uma pessoa fez todo esse medo e essa insegurança irem desaparecendo, dia após dia, sem deslegitimar meus sentimentos: minha professora da primeira série foi me acolhendo, me mostrando que a escola poderia ser um lugar de descobertas incríveis, um lugar de partilha e de aprendizagens, um lugar que eu não precisava temer.

A partir daí, a escola não me assustava mais e aprender sempre foi algo desejado. A professora Débora Luckmann me alfabetizou na linguagem mais importante que uma criança pode aprender, a linguagem do afeto, da potência, das infinitas possibilidades que as relações de ensino-aprendizagem evocam.

Deste modo, pronta para ler o mundo e escrever minha história, segui estudando até a quarta série, na mesma escola pública municipal. Foi então que, ao se aproximar o término do ano letivo, comecei a perceber a angústia dos meus pais em relação ao próximo ano de estudos, pois diziam que as escolas estaduais sofriam com a falta de professores e com as greves por melhores condições de trabalho, algo que jamais condenaram, mas esse cenário lhes preocupava, pois comprometeria minha formação.

Frente a isso, optaram por me matricular em uma escola privada, de confissão religiosa, algo que impactou muito o orçamento familiar de dois industriários. Foi vendo meus pais abdicarem de muitas coisas para investirem nos meus estudos (tenho plena consciência que esta possibilidade também só foi possível em um lugar de privilégio) e, frequentando uma escola onde os alunos, majoritariamente, possuíam condições socioeconômicas muito distintas das minhas, que esses questionamentos sobre a escola e as desigualdades começaram a habitar meu imaginário.

Não tinha dificuldades para responder ao sistema de ensino da escola privada, mesmo sendo egressa de escola pública, o que, para alguns colegas e professores, já causava certo espanto. Estudava muito, me cobrava de forma exacerbada para ter um bom desempenho e ter boas notas, afinal sabia quanto trabalho árduo dos meus pais custava àquela mensalidade. E fui percebendo, com o passar dos meses, que muitas coisas que eu tinha acesso lá na escola particular não chegavam à escola pública, como laboratórios bem equipados, complexo esportivo de ponta, materiais diversos, etc.

Lembro, com exatidão, da confecção de um cartaz proposta pela professora de Geografia para trabalhar o mapa da cidade de Novo Hamburgo, onde cada aluno deveria marcar seu bairro e depois falar sobre o que havia nele. Eu era a única residente em um bairro de periferia, e o bairro Canudos, onde vivi dos 3 aos 28 anos, causava certo temor nos meus colegas. Este dado, de certa forma, mudou o olhar deles em relação a mim. Recordo, também, que, da minha turma, apenas eu e uma colega utilizávamos transporte público para ir até a escola, dentre tantas outras “diferenças” que eu poderia narrar.

Essa desigualdade, dia após dia, me incomodava; eu não pertencia àquele lugar. Mas, sob o discurso da importância dos estudos para um futuro com mais oportunidades, meus pais mantiveram seus sacrifícios e finalizei o Ensino Médio estudando sempre na rede privada de ensino.

Escrevo tudo isso para dizer que a minha experiência na Educação Básica me fez defensora da Educação Pública e que acredito que os abismos sociais que vivenciamos só podem ser transpostos se pensarmos em escolas públicas de qualidade e em políticas públicas de acesso e permanência na escola.

Mas, qual escola? É sobre minhas percepções e inquietações sobre esta pergunta e muitas outras (porque adoro as perguntas) que ousarei escrever/pesquisar.

PONTO E VÍRGULA: JUSTIFICATIVA

Nesse exercício de acessar as memórias do meu percurso formativo, há sempre um excerto que emerge em meu pensar:

Por muitos caminhos diferentes e de múltiplos modos, cheguei eu à minha verdade; não por uma única escada subi até a altura onde meus olhos percorrem o mundo. E nunca gostei de perguntar por caminhos, – isso, a meu ver, sempre repugna! Preferiria perguntar e submeter à prova os próprios caminhos. Um ensaiar e perguntar foi todo o meu caminhar – e, na verdade, também tem-se de aprender a responder a tal perguntar! Este é o meu gosto: não um bom gosto, não um mau gosto, mas meu gosto, do qual já não me envergonho nem o escondo. ‘Este é meu caminho, – onde está o vosso?’, assim respondia eu ao que me perguntavam ‘pelo caminho’. O caminho, na verdade, não existe! (Nietzsche, 2002, p. 152).

Nesse caminhar, desde muito pequena, recordo o gosto pela leitura e pela escrita; o acesso a livros, autores e histórias sempre me inspiraram e, deste gosto, a escolha pela formação em educação foi se constituindo. E, a partir desta escolha, fui me fazendo autora da minha história.

Desde o ingresso na universidade, aos dezessete anos, para cursar Psicologia, eu desejava aprender, aprender sobre as pessoas, sobre as relações entre elas e sobre as possibilidades destas relações. Passado um semestre, decidi que precisava trabalhar, crescer, me gerir. Tranquei a faculdade e consegui um emprego como Auxiliar de Departamento Pessoal, que me permitiu aprender sobre as pessoas, sobre as relações entre as pessoas e sobre a relação das pessoas com o trabalho. E aí, mais uma vez, ficou evidente o papel da educação como possibilidade de desenvolvimento pessoal, de inserção social e de acesso às oportunidades de emprego e renda.

Segui trabalhando, voltei a estudar e mudei de curso e de instituição. Fui estudar Letras no, então, Centro Universitário Feevale e, até hoje, lembro com carinho do professor Daniel Conte e de toda potência criativa das suas aulas. Em um processo de autoconhecimento, mais uma vez repensei a minha escolha e me matriculei no curso de Bacharelado em Psicopedagogia, onde me aproximei das relações que envolvem o processo dialético de ensino-aprendizagem, tendo especial interesse pela abordagem institucional.

Concluí a graduação no então Centro Universitário Feevale e segui estudando. Fui aluna PEC do PPG de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde, na linha de pesquisa de Estudos Culturais em Educação, cursei três seminários avançados e, através dos

ensinamentos do mestre Alfredo Veiga-Neto, me aproximei de Foucault, das relações de poder que permeiam a Educação (dispositivos de poder/saber) e da Filosofia.

Com dificuldades de conciliar os estudos em Porto Alegre e o trabalho em tempo integral em Novo Hamburgo, o desejo de ingressar no mestrado precisou ser adiado. Porém, o desejo de aprender se manteve vivo e busquei uma especialização em Gestão Pública, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde pesquisei a possível relação entre a evasão escolar nas instituições públicas e o envolvimento juvenil com a criminalidade, um estudo sobre os adolescentes que cumpriam medidas socioeducativas no Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE), em Novo Hamburgo.

Após a especialização, assumi um desafio que, sem dúvidas, me exigiu, e exige cotidianamente, muitas aprendizagens. Me tornei mãe de uma menina incrível, a Alice, que me inspira todos os dias a pensar como posso contribuir para que ela tenha um mundo mais bacana para viver, menos desigual, mais inclusivo, com pessoas mais tolerantes, onde todos sejam tratados com respeito e tenham acesso a condições dignas para se desenvolverem. E, para isso, as alternativas que vislumbro, todas elas, passam pela educação.

Em 2017, quando minha filha estava com quatro anos, ingressei no curso de Licenciatura em Filosofia, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), onde consegui aliar muitas coisas que me movem: a paixão pela educação, o interesse pela docência e pelas perguntas... e, novamente, as pessoas, as relações entre as pessoas e as infinitas possibilidades destas relações. Realizei meus estágios em uma escola pública de periferia e, nesse interim, realizei um voluntariado com população em situação de rua, buscando ressignificações a partir das relações de ensino-aprendizagem.

No final de 2020, me formei nesta segunda graduação, vivenciando os desafios impostos pela pandemia, pensando sobre eles, como aluna de uma instituição pública federal, atuando com estudantes da rede pública estadual. Esta situação evidenciou aspectos importantes, dentre eles, o papel da escola, por vezes, como instituição de resgate social, as desigualdades e as somas dos esforços de discentes e docentes para seguirem aprendendo e ensinando.

As vivências deste período, como estagiária do curso de Licenciatura em Filosofia, despertaram o desejo de continuar pesquisando, no mestrado, sobre o tema que me debrucei na especialização. Deste modo, quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale, na Linha de Pesquisa Inclusão Social e Políticas Públicas, a primeira ideia para a dissertação seria investigar as possíveis relações entre a evasão escolar e a exclusão de alunos matriculados no Instituto Estadual Seno Frederico Ludwig (CIEP Canudos, em Novo Hamburgo), escola onde realizei o estágio de Filosofia, durante o período de aulas remotas, em virtude da pandemia de Covid-19, tendo especial interesse pela discussão da função social da escola, a partir de um recorte deste tempo de pandemia, que evidenciou a exclusão digital de crianças e jovens residentes na periferia, corroborando para o aumento da evasão escolar e, por conseguinte, da desigualdade social.

[...], porém...

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que
no meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra
(Carlos Drummond de Andrade).

E, na dinamicidade da vida, tudo muda.

Ingressei como orientanda da Prof.^a Ana Luiza Carvalho da Rocha; passado um semestre, diante do seu desligamento da instituição, passei a ser orientada pela Prof.^a Margarete Fagundes Nunes, que também foi desvinculada da universidade. Dois lutos, em um ano de curso. Ideias, propósitos, investimentos, diários de campo descontinuados... Sentimento de incredulidade e de solidariedade pelas docentes que atravessaram meu caminho e foram sacadas, sem aviso prévio. E, a necessidade de reflexão sobre estas perdas, sobre este processo, sobre esses fins.

Toda pesquisa pode ser tida como um aventurar-se por caminhos ainda não percorridos. Para que o pesquisador possa descobrir, faz-se necessário, essencialmente, que ele se descubra, no sentido de permitir-se reavaliar as verdades que o sustentaram até este momento, podendo então reafirmá-las ou refutá-las, transformando e sendo transformado pela realidade que se apresenta, invariavelmente, controversa.

Um ano se passa e, ao fim deste hiato, um desejo de recomeço... ainda um pouco desconcertada com os ocorridos, mas ciente de que as incertezas são a única certeza da vida.

Na retomada, encontro a Prof.^a Dinora Tereza Zucchetti que, assim como a Prof.^a Débora, lá da primeira série do Ensino Fundamental, me acolhe. E, para além disso, me devolve a possibilidade de reconstruir meus desejos enquanto pesquisadora e, com uma escuta atenta, se aproxima destes meus interesses, orientando essa reconstrução.

Acho importante desenhar essa trajetória, pois comprehendo a pesquisa deste modo, inacabado, reinventivo, que se constitui ao longo do tempo/espaço. Haja vista que se entende por pesquisa o conjunto de ações que visam encontrar respostas para diferentes inquietações inerentes à condição humana, pois, sendo o homem um ser sócio-histórico imergido na cultura, sua trajetória encontra-se repleta de dúvidas e questionamentos acerca da sua existência e das suas experiências.

Frente às indagações impostas ao sujeito, associadas à sua potência criativa, eis que surge o desejo curioso de tornar-se um pesquisador, que lança mão de um método para se aproximar de hipóteses que o conduzam à compreensão desses problemas.

“A compreensão [...] é uma atividade que sempre envolverá risco. Isso se explica não só no campo teórico, mas também à dimensão existencial de nossas vidas. A situação de alguém que tem as suas melhores certezas abaladas é, antes de mais nada, uma situação de fragilidade existencial” (Grün; Costa, 2002, p. 101).

E, muda... Muda o tema, muda o problema, muda a metodologia, muda tanta coisa; mas, nesse movimento de recalcular a rota, permanece o desejo de pensar a escola.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. A águia e a galinha, a metáfora da condição humana. 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. São Paulo: Martins Claret, 2002.
- GRÜN, Mauro; COSTA, Marisa Vorraber. A aventura de retomar a conversação: hermenêutica e pesquisa social. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

31. MEMORIAL ACADÊMICO

Djuli Margô Naissinger Sidekum¹

Estudante de escola pública desde a infância, concluí o Ensino Médio com certificado de Láurea acadêmica em 2011. No ano seguinte, iniciei a graduação na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), cursando Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia. O curso constituía uma visão biológica de processos tecnológicos, voltado para a área da sustentabilidade, formando engenheiros que buscam estratégias menos invasivas e poluentes para problemas de poluição em larga escala, bem como alterações moleculares, entre outros, foi esse contexto que despertou meu interesse por inteiro. Estive envolvida com o diretório acadêmico do curso, na época havia demanda política de encerrar as atividades de diversos polos da UERGS, então foram meses turbulentos de conflitos e assembleias, felizmente com a união dos estudantes obtivemos vitória nos decretos. Fui contemplada com uma bolsa da Fapergs de iniciação científica, para estagiar na Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária (Embrapa), no laboratório de virologia, aos dois anos de graduação. A experiência foi enriquecedora, porém, o dia a dia em laboratório, realizando pesquisas rodeada de máquinas e microscópios foi frustrante, percebi que a rotina profissional que eu havia vislumbrado, não correspondia a rotina do profissional de fato. Decidi, então, mudar de área e acolher o que almejava desde a infância – o carinho pela área da saúde. Sem recursos para universidade privada, realizei a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) com intuito de adquirir bolsa de estudos.

Em 2014, obtive, então, a bolsa integral do Prouni (Programa Universidade Para Todos) e iniciei o curso de Quiropraxia na Universidade Feevale. A escolha do curso se deu em razão de que seria possível intervir na melhora da saúde das pessoas, através de meios não invasivos, de forma preventiva e resolutiva. Conforme Arouca (1986) salientou na 8^a Conferência Nacional de Saúde, sobre a necessidade de se pensar na saúde com uma visão ampla e humana, “saúde não é simplesmente

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Email: djuli@feevale.br

ausência de doenças, é muito mais que isso. É o bem-estar mental, social, político”.

Durante a graduação, as áreas de maior afinidade foram anatomia, neurologia e cinesiologia, fui aprovada na prova de monitoria de anatomia, porém a demanda de tempo foi um empecilho. É imprescindível destacar aqui que os professores dessas disciplinas despertaram um desejo implacável de dar continuidade e aprofundar os estudos, a ponto de querer me tornar professora.

Envolvida diretamente com o Diretório Central dos Estudantes, vice-presidente do Diretório Acadêmico, participei do grupo de alunos que representaram a universidade no Encontro de Mulheres Estudantes na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2016. Neste mesmo ano, entrei em dois projetos de extensão, Saúde do Idoso no Contexto Familiar e Atenção Interdisciplinar à Saúde do Idoso.

Em ambos permaneci por dois anos, em que realizamos atividades com idosos em grupos comunitários, bem como visitas a domicílio em regiões vulneráveis. A experiência de conhecer in loco a realidade de outrem que está oculta no dia a dia, ampliou uma visão de mundo, que enquanto sociedade, precisamos usufruir de benefícios enquanto universidade privada, para intervir em regiões e pessoas que realmente carecem de cuidado e atenção. Conforme Arouca (1986), “As sociedades criam ciclos que, ou são ciclos de miséria, ou são ciclos de desenvolvimento [...] saúde é o resultado do desenvolvimento econômico-social justo”. Neste projeto, as visitas se davam com idosos cadastrados na secretaria municipal, alguns moravam sozinhos e outros com alguns familiares, mas todos em situação de extremo abandono, desprovidos de alimentos, roupas, camas, alguns sem piso na residência, onde as políticas públicas só se faziam presentes no papel. “A discriminação é escandalosa porque ela se constitui numa negação do direito, os direitos inscritos na Constituição e em princípio substanciais ao exercício da cidadania”, Castel (2007), ao adentrar na formação da discriminação francesa, na questão social e na exclusão dos indivíduos vulneráveis, reflete a realidade brasileira.

Enquanto voluntária do projeto, redigi o artigo “Estudo comparativo da capacidade de realização das atividades de vida diária de idosos moradores de uma Instituição de Longa Permanência e nos seus

domicílios” e “Avaliação do nível de independência na realização das atividades de vida diária e na deambulação, relacionando o TUG com o risco de quedas em idosos participantes de um projeto de extensão”, ambos submetidos a Feira de Iniciação científica da Universidade Feevale (FIC), evento em que o primeiro recebeu o prêmio de melhor artigo da FIC em 2016 o segundo, em contrapartida, foi apresentado também no II Encontro Científico de Pós-Graduação em Saúde Coletiva e Pública da Unisinos em 2017.

No mesmo ano, desenvolvemos um artigo para o capítulo do livro Direitos Humanos em Perspectiva, denominado “Envelhecimento bem sucedido sob um olhar multidisciplinar” com enfoque no tema direitos humanos e idosos, com intuito de demonstrar nossos resultados enquanto atuantes na comunidade local de maneira multidisciplinar.

Consciência social que não resulte da crítica social é apenas alienação [...] e pede também, às ciências sociais o desvendamento dos conteúdos do projeto potencial que encerra, coisa que o senso comum não tem tido condição de fazer. (Martins, 2003, p. 12, 13).

Participei da turma piloto do projeto Integração Fisiológica, que focava em processos fisiológicos corporais que podiam ser reproduzidos de maneira mecânica. Analisamos respostas cerebrais a diversos estímulos externos, com uso de eletroencefalografia.

Realizei cursos de extensão relacionados a minha área de atuação, como disfunções do ombro, técnicas específicas e atividade física (2018), de seminários nacionais e internacionais de Quiopraxia, bem como do curso de extensão de Neurociência da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, organizado pelo Programa de Pós Graduação em Neurociência.

Em 2018, representei os estudantes de Quiopraxia do Brasil no *World Congress of Chiropractic Students* na África do Sul, sob apoio da Associação Brasileira de Quiopraxia, em que ministrei uma palestra sobre a Quiopraxia no Brasil, sendo essa, a primeira vez em que o Brasil esteve representante no congresso. Logo após, fui palestrante no Seminário Internacional de Quiopraxia da Universidade Feevale, debatendo com os alunos os aprendizados e as linhas de pesquisa em Quiopraxia demonstrados no congresso. Em meio ao congresso, realizamos uma

visita a um lar de idosos público, é notável como a exclusão social, as margens de um sistema falho, remete os desvios da dignidade humana, ultrapassando fronteiras e só mudando de endereço, pois o olhar daqueles idosos, tinha a mesma profundidade dos olhares próximos.

A exclusão se dava aí: excluídos eram aqueles os quais, pelo berço em que nasceram, não se reconhecia direito ao respeito, à dignidade, ao decoro, ao tratamento digno próprio das pessoas de condição, como se dizia. A pobreza não suprimia o direito de trato e tratamento em relação àqueles que o tivessem por origem social. (Martins, 2003, p. 15).

A oportunidade de participar dos projetos transformou imensamente minha prática clínica, a proximidade e o tato com o sentimento dos outros, uma vez que é nítido que o material, o concreto, não apresenta tanta relevância quanto a demonstração de afeto, a atenção, a doação de tempo para ouvir, o que permeia minha rotina profissional até hoje.

Me formei em 2018, fui oradora da turma e recebi o prêmio de mérito acadêmico como melhor aluna da turma. Em meu trabalho de conclusão, intitulado “Efeitos imediatos do tratamento quiroprático na região cervico torácica sobre os parâmetros espirométricos em indivíduos saudáveis” abordei as alterações na capacidade respiratória após ajuste quiroprático, em relação aos parâmetros espirométricos, utilizando o índice de Tiffeneau, o qual teve um aumento significativo. Foi a primeira vez que foi estudado os aspectos pulmonares em relação ao ajuste quiroprático no Brasil.

Desde o Ensino Médio, ambas as graduações eram em turnos diurnos, implicando em uma jornada de trabalho noturna. Estive por oito anos trabalhando em ambientes como restaurantes e bares, o que me proporcionou contato direto com alto fluxo de pessoas diferentes todos os dias, agregando muito na minha construção pessoal.

Iniciei a trajetória profissional como quiropraxista um dia após a formatura em uma clínica de Quiopraxia no Peru, onde tive a oportunidade de morar fora do país e imergir em uma cultura totalmente distinta. Desenvolvi, na comunidade da clínica, palestras semanais sobre

saúde e bem estar, uma vez que o acesso à informação e a educação em saúde são precárias na região.

Recebi o convite do tenente do Comando de Tanques do Exército Peruano para realizar uma palestra aos militares, semanas depois, recebi o foi solicitada minha participação na rádio municipal para discorrer sobre saúde e quiropraxia. Após um ano, retorno ao Brasil, inicialmente, trabalhei na clínica de quiropraxia da minha professora da graduação, em seguida, inaugurei meu próprio consultório, no qual trabalho integralmente todos os dias na cidade de Sapiranga.

Na Universidade Feevale fui convidada para participar da Semana Acadêmica (2020), do Seminário Internacional de Quiropraxia (2020) e da disciplina de Saúde do Trabalhador (2021) debatendo sobre a profissão de Quiropraxista e a experiência profissional fora do Brasil. Além disso, ministrei aula de Fisiologia e Fisiopatologia para os alunos em formação de massoterapia da escola Otago na cidade de Novo Hamburgo (2022).

A pós-graduação teve início em meio a pandemia, em formato de educação a distância, me especializei em Gerontologia e Atividade Física pela Faculdade Prominas, áreas das quais mais tenho afinidade desde a graduação. Tenho publicado, em revistas locais, textos sobre quiropraxia e cuidados com a saúde, estive em empresas, escolas e eventos debatendo sobre temas posturais e ergonomia no ambiente de trabalho.

Em 2022 participei do Seminário Sul Brasileiro de Atividade Física e Saúde, promovido pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), nesse mesmo ano, pretendia iniciar o mestrado, porém, algumas demandas profissionais ainda estavam em aberto e não permitiriam uma dedicação tal qual almejava para o mestrado.

A luta pela igualdade social, a tentativa diária de minimizar retalhos de preconceitos e o incentivo à diversidade, são presentes nos meus valores e princípios pessoais, assim como na prática profissional. Atribuir isso aos meus estudos, está sendo uma oportunidade ímpar de crescimento pessoal, profissional e acadêmico. Quando decidi por tal curso, alguns critérios burocráticos e de afinidade curricular pesaram muito, porém, por além das expectativas, não somente os conteúdos acadêmicos quanto a riqueza em forma de pessoas que este mestrado tem superado todas as expectativas.

REFERÊNCIAS

AROUCA, Sérgio. **8ª Conferência Nacional de Saúde**, 1986.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo:** novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2003

CASTEL, Robert. **Metamorfose da questão social.** Petrópolis, Editora Vozes, 1998.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

ROSEMARI LORENZ MARTINS



Graduada em Letras - Português/Alemão (1993), Pedagogia (2021) e Gestão de RH (2024) e especialista em Linguística do Texto, Psicopedagogia e Mentoría Docente. Mestre em Ciências da Comunicação (1999) e Doutora em Letras (2013). Coordena o PPG em Diversidade Cultural e Inclusão Social. É professora na Universidade Feevale. É líder do grupo LLETIS e pesquisa nas áreas de leitura, letramento, inclusão escolar, autismo, variação linguística e ensino.

Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 - CNPq.

JULIANA BOHN



Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social (Feevale), bolsista CAPES. Mestra e graduada em Letras (2006) pela Feevale. Especialista em Gestão do Cuidado para uma escola que protege (UFSC-2012) e Psicopedagogia Clínica e Institucional (Feevale-2015). Com mais de 20 anos de experiência docente, já atuou em todos os níveis de ensino, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Atualmente, suas pesquisas versam sobre formação de professores e aprendizagem socioemocional.

SUZANA SCHUQUEL DE MOURA



Graduada em Letras (Português-Inglês) - Universidade Feevale. Autora de “O Mundo Interior de Bilbo Baggins” (NEA Edições). Pós-graduada em Mentoría Docente pela Feevale/Instituto Tampere, Finlândia. Mestranda e Bolsista CAPES no PPG em Diversidade Cultural e Inclusão Social (Feevale). Autora do poema “Gira mundo e tudo voa” (Antologia Prêmio Poetize, 2023), do conto “A insanidade rola solta no Centro Psiquiatrico Vila Sul” (Offflip, 2023) e do microconto “A vagalumear por aí” (Revista Ponto de Vista, 2024).

GABRIELA GOMES MAKEWITZ



Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social (Universidade Feevale), focando em Inclusão Social e Políticas Públicas. Graduada em Pedagogia (2022) e cursando Especialização em Atendimento Educacional Especializado (AEE) na FURG. Professora na Rede Municipal de Novo Hamburgo-RS e voluntária no CEDUCA DH (Feevale). Pesquisadora do Grupo de Estudos em Educação não Escolar (Feevale/CNPQ) e ex-bolsista em projeto sobre Trabalho e Saúde.

Atuou no PIBID e foi voluntária em Musicoterapia para autistas. Interessada em Educação, Inclusão e Direitos Humanos.

ÍNDICE REMISSIVO

- A**
Afeto 34, 91, 113, 166, 172–173, 245, 249, 259
Aprendizagem 15, 41–42, 48, 50, 59–60, 73–75, 77, 79, 81, 89, 96–97, 113–115, 120, 136, 161–162, 164, 167, 175, 206, 218–220, 223, 226–231, 233, 235–238, 249, 251–252, 261
Autoria 50, 69, 98, 123, 174, 227, 229–231, 234
- B**
Brasil 25–26, 28, 34, 52, 54, 77–78, 107, 109, 141, 143, 146, 161, 171, 193–194, 196, 210, 212, 221, 226, 237, 239–240, 258–260
- C**
Comunidade 9, 22, 24, 46, 48, 58, 60, 65–66, 71, 76, 83, 89–90, 95, 99, 102, 113, 130, 144, 146–147, 154, 158, 164, 176, 178, 184, 202, 231, 258–259
Consciência de classe 189
Constituição 15, 23, 37, 51, 69, 88, 107, 132, 136, 191, 223, 226, 257
Contextos sociais 89
Crítica 117, 172
- D**
Desenvolvimento 24, 38, 40–41, 43, 47, 49, 67–68, 70, 72, 74–75, 78, 82, 84–85, 88, 90–92, 98, 101, 103–104, 114, 117–118, 120, 137, 146–148, 162–163, 167, 174, 187, 194–195, 197, 199, 203, 219, 223, 226–227, 230, 232–233, 236–238, 251, 257
Desenvolvimento pessoal 70, 91, 251
Desigualdade 25, 40, 48, 222, 238–239, 250, 253
Diferença 54, 72, 123, 136, 140, 194, 233
Direitos Humanos 33, 132, 135, 137, 245, 258, 262
Discursos 102–103, 131, 135, 196
Diversidade 12, 16, 24, 35, 42–43, 45, 51, 53–55, 58, 60, 66, 68, 70, 77, 82–85, 89, 98, 101–110, 115, 118, 120–121, 124, 127, 137, 140–141, 148–149, 151, 157, 161, 165–169, 172, 179, 182, 185–187, 189, 192, 195–196, 199, 202–203, 210, 212, 214–215, 220–223, 230–232, 235, 237–239, 242, 245–246, 248, 253, 260–262
- Docência 18, 33, 58, 60, 115, 134, 153, 157–158, 183–185, 221, 252
- E**
Economia 196
Educação 9, 11, 21–22, 28, 31–35, 38, 40–43, 47–48, 50–52, 54–55, 57, 59–60, 63, 65, 70, 73–79, 81, 83–84, 97, 107, 110, 116, 129–136, 143–149, 152–158, 161–162, 166, 169, 171–173, 176–180, 182–190, 192–195, 205, 207, 210–212, 216, 219–223, 226–228, 233, 235–240, 242–247, 250–252, 259–262
Educação ambiental 21–22, 51, 59, 73–77, 79
Enfermagem 112–113, 115
Ensino 31–33, 38, 43, 50, 59, 61, 63, 73–82, 112–115, 118, 124–125, 130–131, 134, 136–137, 145, 147, 149, 152, 160–161, 163, 165, 172, 179, 182–186, 188, 194–195, 203, 206–211, 222, 226, 228, 230–231, 233, 236, 249–252, 254, 256, 259, 261
Envelhecimento 66–68, 97–99, 116, 119–121, 141, 187, 258
Envelhecimento da Pessoa com deficiência 67
Equidade 68, 108, 213, 229
Escola 10–11, 31–33, 38, 40, 42–43, 46–48, 50–53, 58–61, 63, 70, 73, 78, 81, 84, 101, 115, 129, 131, 133–134, 136–137, 143–146, 149, 152–153, 157, 163, 165, 173, 177–179, 182–184, 188–190, 192, 206–207, 212, 218–219, 222–223, 226–228, 235, 237–239, 243–245, 247–250, 252–253, 255–256, 260–261
Escrita Criativa 15, 17, 49, 51–52
Experiências 33–34, 39, 41–43, 49–50, 53, 58, 60, 65, 80, 86, 88, 90, 106–107, 115, 119, 121, 125, 144–145, 147, 149, 157, 160, 162–163, 169, 172, 176–177, 179–180, 183, 187, 194, 200, 205, 222, 228, 235–236, 238, 248, 254
- F**
Formação continuada 74, 173, 194–195, 233
Futuro 10, 18, 28, 41, 82, 103, 135, 149, 156, 165, 169, 172, 180, 215, 250
- H**
Heterogeneidade 89–90, 131
História de vida 37, 85, 248
- I**
Identidade 31, 50, 58, 88–89, 102, 108, 172, 175, 177, 192, 202, 226, 246
Inclusão social 12, 16, 24, 26, 35, 42–43, 53–54, 58, 60, 66, 68–70, 75, 82–84, 86, 96, 98, 101, 105, 110, 115, 118, 120–121, 124, 137, 140–141, 148, 151, 158, 161, 165, 167–169, 172, 179–180, 185–187, 195–196, 199, 201–203, 210, 212, 220–223, 230–232, 235, 237–239, 242, 245–246, 248, 253, 261–262
Interdisciplinaridade 114, 120, 198, 201, 203–204
Interseccionalidade 246
- J**
Jogos 71–72, 74–76, 87, 90–91, 101–105, 110, 165, 168, 173, 194, 203
Justiça 21–25, 27–28, 34, 213
- L**
Lazer 64–65, 83–84, 86, 183, 194, 215–216
Leis 222
Língua 11, 15, 82, 88, 95, 163, 165, 207–210, 221
Linguagem 14–15, 43, 88–91, 95, 126, 129, 134, 180, 222, 249
Literatura infantil 49, 179
Luta 13, 31, 34–36, 45, 66, 103, 107, 129, 260
- M**
Memórias 9, 37, 69, 101, 106, 124, 137, 143, 160, 172, 174, 205, 234, 242–243, 250
Mídia 15, 103, 129–135, 137, 186, 210, 244
Movimentos sociais 43, 196
Mulher 68, 109, 121, 147, 151, 175, 182, 187–189, 242–243, 246
- N**
Narrativa 14, 52, 123, 128, 174, 177, 205
- O**
Obras de Arte Bidimensional 212–214, 216
- P**
Pessoa com deficiência 52, 65, 67, 71, 85–86
Pluralidade 166

Pobreza 137, 259
Política Pública 23, 25–28, 134, 146–147

Q
Qualidade de vida 86, 96, 99, 109–110, 112–116, 119–121, 162, 195–196, 199–200
Quiropraxia 140–142, 256, 258–260

R
Ressignificar 66, 137, 195, 245

S
Saúde 33–34, 65–67, 84–86, 97,

107–110, 112–116, 119–121, 140–141, 153, 166, 171, 176, 178, 193, 195–196, 199–203, 206, 221, 223, 227, 246, 256–260, 262
Saúde Pública 107–110, 112
Sociedade 11, 25, 27, 35, 37–38, 43, 45, 48, 50–51, 66, 68–71, 73, 83, 87, 89, 92, 96–97, 99, 103, 108, 110, 117, 120, 127–129, 134, 136–137, 142, 148, 152, 154–155, 184, 192, 202, 204, 210, 213, 215–216, 221–224, 227, 230–231, 235, 246, 257
Sustentabilidade 69, 75, 83–85, 87, 256

T
Transformação 24, 26, 34, 36, 71, 87, 108, 152, 157, 166, 231

V
Vivência 41, 49, 73, 101, 112, 125, 174, 177, 192, 222
Vulnerabilidade 34, 39, 64, 66, 96, 108, 116, 119, 121, 154, 157, 239



Este livro foi composto pela Editora Bagai.

www.editorabagai.com.br [@editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)

[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai) [contato@editorabagai.com.br](mailto: contato@editorabagai.com.br)